



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

JACIMARA SARGES ABREU



“COM VOCÊ EM TODO LUGAR”:
Assembleia de Deus e Mídia no Maranhão (1990-2017)

São Luís

2018

JACIMARA SARGES ABREU

“COM VOCÊ EM TODO LUGAR”:

Assembleia de Deus e Mídia no Maranhão (1990-2017)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais, do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão.

Linha de Pesquisa: Sociabilidades e sistemas simbólicos: cidade, religião e cultura popular.

Orientador: Prof. Dr. José Benevides Queiroz
Coorientador: Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos

São Luís

2018

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo (a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

ABREU, Jacimara Sarges.

"COM VOCÊ EM TODO LUGAR": Assembleia de Deus e Mídia no Maranhão 1990-2017 / Jacimara Sarges Abreu. - 2018.
180p.

Coorientador(a): Lyndon de Araújo Santos.

Orientador(a): Jose Benevides Queiroz.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais/CCH, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018.

1. Assembleia de Deus. 2. Ilha de São Luís - MA. 3. Mídia. 4. Pentecostalismo. 5. Rádio Esperança. I. QUEIROZ, Jose Benevides. II. SANTOS, Lyndon de Araújo. III. Título.

JACIMARA SARGES ABREU

“COM VOCÊ EM TODO LUGAR”:

Assembleia de Deus e Mídia no Maranhão (1990-2017)

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências Sociais, do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão.

Linha de Pesquisa: Sociabilidades e sistemas simbólicos: cidade, religião e cultura popular.

Aprovada em: ____/____/____.

BANCA EXAMINADORA

Professor José Benevides Queiroz (orientador)
Doutor em Ciências Sociais
Universidade Federal do Maranhão

Professor Lyndon de Araújo Santos (coorientador)
Doutor em História
Universidade Federal do Maranhão

Professora Camila Alves Machado Sampaio
Doutora em Ciências Sociais
Universidade Federal do Maranhão

Professor Juarez Lopes de Carvalho Filho
Doutor em *Sciences Sociales et Économiques*
Universidade Federal do Maranhão

*À Gildete e José Benedito, meus pais,
Por serem a minha certeza e segurança em todos os momentos...*

AGRADECIMENTOS

Ao *El Shaddai*... porque Ele vive!

Aos meus pais, por todos os esforços, as renúncias e os sacrifícios diários; por serem fundamentais na minha vida, por me ajudarem a realizar meus sonhos... Por tudo que fizeram/fazem por mim continuamente. As minhas irmãs, Gilmara e Gleicy, pela preocupação e generosidade comigo, sempre. Alicinha, minha sobrinha, que chegou trazendo toda alegria e pureza no coração.

Ao professor José Benevides por tudo que fez/faz por mim. Pelas ajudas simples e complexas infinitas. Por toda generosidade, orientação, disponibilidade... atenção oferecidas, bem como por todo empenho, dedicação na construção deste trabalho e na minha formação pessoal e acadêmica. Um agradecimento infinito de coração por tudo e com desculpas...

Ao professor Lyndon Santos pelas considerações, orientações e perspectivas amplas e preciosas, pelos encaminhamentos na pesquisa, sobretudo por toda disposição e atenção nas ajudas solicitadas. Pela oportunidade também de poder participar do REHCULT, e por ter sido membro da minha banca de monografia. Agradeço de coração por tudo...

Às *teachers* Mariana Barreto e Cristiane Thiago por serem sempre prestativas e atenciosas comigo. Por todos os infinitos incentivos, conselhos, ajudas... e orientações que foram fundamentais na minha vida e formação, bem como por ter chegado à pós-graduação. Um agradecimento de coração por tudo... Não tenho palavras para agradecer vocês.

Aos examinadores da dissertação: professor Juarez Lopes pelas ajudas, considerações e comentários imprescindíveis e valiosos durante o exame de qualificação e defesa. Igualmente, sou grata à professora Camila Sampaio por ter aceitado prontamente o convite de participar da banca e por todas suas observações pertinentes e cuidadosas.

Aos meus ex-professores da UFMA-*Campus* de Pinheiro, sobretudo ao professor Adriano Farias Rios pelos incentivos e nortes seguros, sobretudo nas questões da sociologia. Ao professor Ítalo Santirocchi pelos apoios na área da religião e ao professor Dimas Ribeiro por ser tão encorajador.

À professora Elba Mota pelos auxílios com livros e sugestões de pesquisa.

Ao professor Agnaldo Libório pelos diálogos e conselhos na sala do REHCULT.

Ao bondoso *irmão* Istândio Rodrigues pela preocupação e carinho com que me recebia na secretária da *Assembleia de Deus - Campo São Luís*, bem como por ter me ajudado na intermediação dos contatos com pastores-presidentes e secretários da ADISL. Não tenho palavras para agradecer toda sua gentileza. Às *irmãs* Zaíra e Malcivia Macedo e ao *irmão*

Nivaldo Ortiz pela disposição em conversarem comigo. Muito obrigada por me ajudarem de infinitas formas, com informações e dados difíceis de conseguir.

Ao pastor Benjamin Lima de Souza por toda gentileza, solicitude, generosidade e atenção. Não tenho palavras para agradecer, também.

Ao pastor Gildenemyr Sousa, secretário executivo da CEADEMA, e ao seu secretário, Paulo Monteiro e seu auxiliar Matheus Vaz por toda presteza. À Mara Gomes (gerente administrativa) e à Eliane Batista (auxiliar administrativa) da Rádio Esperança por serem tão gentis e atenciosas. Ao pastor Jackson Douglas (diretor da Rádio Esperança). Aos ex-apresentadores, especialmente ao Jonas Vianna pela visão crítica e toda solicitude. Também, ao Rubem Mukama, Kim Lopes, Marcos D'Eça, Irma Hellen e André Martins.

Aos pastores-presidentes e aos secretários dos dez *campos* da ADISL, especialmente ao secretário e pastor Thiago Fonseca do *Campo* Tirirical. Igualmente, sou grata aos fiéis da ADISL que responderam ao questionário com muita atenção e entusiasmo.

À querida Clarissa Carramilo por ser solidária comigo, sobretudo com as ajudas na língua inglesa. Obrigada por tudo, de coração...

Aos meus professores e colegas da pós-graduação.

À Joelma Santos pelos auxílios antes da entrada no mestrado.

À Fernanda Gomes, estatística e professora do IFMA. Ao Hailton e Kaíque pelas ajudas na aplicação do *survey*.

Ao professor Gamaliel Carreiro por ter permitido assistir as aulas sobre o Weber.

Ao Antoniano Azevedo, Daniele do *Campo* Mata Grande (e por extensão ao seu pai) e Marcos Japi pelas diferentes ajudas e informações.

À Dona Conceição e sua filha Nayara - vizinhas de quartos - por toda preocupação comigo, enquanto eu estive em São Luís.

À Maria Almeida pelas conversas e pelo carinho.

Aos motoristas, cobradores e passageiros de ônibus, bem como todas as pessoas bondosas e atenciosas que encontrei no meu caminho, por todas as informações nas localizações de ruas e dos bairros da Ilha de São Luís desconhecidos por mim.

A CAPES pelo financiamento da pesquisa.

No mais, a todos que, de um ou de outro modo, me ajudaram.

As tecnologias de comunicação, frutos da modernidade, vêm se tornando garantia da visibilidade midiática da religião no espaço público, do qual a mesma modernidade buscou afastá-la.

(Luís Mauro Sá Martino)

RESUMO

Esta dissertação analisa a relação entre pentecostalismo e mídia no Maranhão, mais especificamente, tem por objeto de estudo o uso da Rádio Esperança pela Assembleia de Deus na Ilha de São Luís (ADISL) e sua influência no seu crescimento institucional e, sobretudo, no seu número de fiéis entre 1990 e 2017. A ADISL, coadunada ou separada, constitui-se como a maior igreja dentre as protestantes históricas e pentecostais na Ilha de São Luís. Já a Rádio Esperança foi não só a primeira concessão, permissão e autorização de radiodifusão sonora a uma igreja no Brasil, em 1988, como igualmente, em 1990, ano do início de seu funcionamento, foi notabilizada e inaugurada no mercado radiofônico em São Luís como a única emissora evangélica do estado do Maranhão. Atualmente, em sua grade, a Rádio Esperança retransmite parte das programações religiosas da região Sudeste do Brasil: da Rádio Trans Mundial, de São Paulo, e da Rádio Melodia, do Rio de Janeiro; e possui também uma programação que se desenrola ao longo de 24 horas, todos os dias, com transmissão na internet. A partir destes aspectos da emissora e levando em consideração os diversos estudos acadêmicos e a crença compartilhada de que, na sociedade moderna, o uso da mídia pelas igrejas pentecostais tem influenciado na manutenção e crescimento dos números de fiéis, definimos como fio condutor de nosso trabalho a seguinte questão: *Qual a relação entre a Rádio Esperança e o crescimento da ADISL?* Como toda a pesquisa desenvolvida, que abrangeu levantamentos de dados, entrevistas e aplicação de questionários, e, em seguida, a análise pormenorizada dos resultados dali obtidos, verificamos que não existe uma relação direta entre o crescimento do número de fiéis da ADISL e os meios de comunicação, sobretudo com a Rádio Esperança. Além desta conclusão, apesar de termos partido da hipótese que a criação da Rádio Esperança teve como objetivo não só propagar o discurso religioso, mas principalmente fazer crescer a ADISL, foi constatado que as práticas religiosas da Igreja ali desenvolvidas, alinhadas nacional e localmente com grupos de comunicação, não tiveram influência decisiva na conversão dos fiéis. Quer dizer, embora a ADISL tenha um instrumento como a Rádio Esperança, uma genuína *mídia evangélica*, o que torna seu raio de ação mais amplo, as conversões dos fiéis aconteceram por outras vias.

Palavras-chave: Pentecostalismo. Mídia. Assembleia de Deus. Rádio Esperança. Ilha de São Luís - MA.

ABSTRACT

This dissertation analyzes the relationship between Pentecostalism and media in Maranhão, specifically, its purpose is to study the use of radio Esperança by the Assembly of God on the Island of São Luís (ADISL) and its influence on its institutional growth and, above all, its the number of believers between 1990 and 2017. ADISL, which is a joint or separate entity, is the largest church among the historical and Pentecostal Protestants on the island of São Luís. Radio Esperança was not only the first concession, permission and authorization of radio broadcasting to a church in 1988, as well as in 1990, the year of its beginning, was notable and inaugurated in the radio market in São Luís as the only evangelical station in the state of Maranhão. Currently, in its grid, Radio Esperança relays part of the religious programming of the Southeast region of Brazil: Radio Trans Mundial, São Paulo, and Radio Melodia, Rio de Janeiro; and also has a schedule that unfolds throughout 24 hours, every day, with transmission on the Internet. From these aspects of the broadcaster and considering the diverse academic studies and the shared belief that in modern society the use of the media by the Pentecostal churches has influenced the maintenance and growth of the numbers of the faithful, we have defined as the guiding thread of our work the following question: What is the relationship between Radio Esperança and the growth of ADISL? Like all the research developed, which included data surveys, interviews and the application of questionnaires, and then the detailed analysis of the results obtained, we verified that there is no direct relation between the growth in the number of ADISL faithful and the means of communication, especially with Radio Esperança. In addition to this conclusion, although we hypothesized that the creation of Radio Esperança had as its objective not only to propagate the religious discourse but mainly to grow ADISL, it was verified that the religious practices of the Church developed there, aligned nationally and locally with groups of communication, had no decisive influence on the conversion of the faithful. That is, although ADISL has an instrument like Radio Esperança, a genuine evangelical medium, which makes its range of action broader, the conversions of the faithful happened by other means.

Keywords: Pentecostalism. Media. Assembly of God. Esperança Radio. Island of São Luís - MA.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AD	Assembleia de Deus
ADISL	Assembleia de Deus na Ilha de São Luís
CCB	Congregação Cristão do Brasil
CEADEMA	Convenção Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Maranhão
CGADB	Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil
CPAD	Casa Publicadora das Assembleias de Deus
EBD	Escola Bíblica Dominical
REHCULT	Grupo de Pesquisa História, Religião e Cultura Material
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IEADP	Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pinheiro
IMPD	Igreja Mundial do Poder de Deus
IURD	Igreja Universal do Reino de Deus
IIGD	Igreja Internacional da Graça de Deus
SIDRA	Sistema IBGE de Recuperação Automática

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
1.1	Tema e problema de pesquisa	16
1.2	Importância e justificativa da pesquisa	20
1.3	Metodologia e procedimentos de pesquisa	28
1.4	Estrutura e apresentação dos capítulos	34
2	BREVE INCURSÃO SOCIOLOGICA SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO	36
2.1	As contribuições dos clássicos para os estudos da religião	36
2.2	Algumas questões sobre o estudo da sociologia da religião no Brasil	49
2.3	Origem, características e transformações do pentecostalismo	52
3	RELIGIÃO E MÍDIA NO BRASIL	60
3.1	A mídia na sociedade moderna	60
3.2	A consolidação da mídia na sociedade brasileira	62
3.3	Os conceitos da relação entre religião e mídia no Brasil	63
3.4	A formação da mídia evangélica	68
3.5	Entrada da Assembleia da Deus na mídia	74
4	A INTRODUÇÃO DA MÍDIA EVANGÉLICA NO MARANHÃO: Origem e trajetória da <i>Rádio Esperança</i>	77
4.1	O processo de concessão da rádio	78
4.2	A construção e o funcionamento da rádio (em caráter experimental e caráter permanente)	85
4.3	Os enfoques e objetivos das programações (em dois momentos diferentes)	90
4.4	As relações entre as produções das programações e o financiamento da rádio	100
4.5	Discursos e mecanismos para manutenção e conversão de novos sujeitos	104
4.6	A Rádio Esperança e o atual contexto radiofônico na Ilha de São Luís	107
5	“COM VOCÊ EM TODO LUGAR”: Assembleia de Deus e Mídia na Ilha de São Luís	112
5.1	Informações sobre o perfil do universo estudado	112
5.1.1	<i>Perfil socioeconômico</i>	112
5.1.2	<i>Perfil religioso</i>	118
5.2	Comportamento midiático	130

5.2.1	<i>A relação geral dos fiéis com a mídia</i>	130
5.2.2	<i>Alcances e limites da Rádio Esperança</i>	145
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	155
	REFERÊNCIAS	159
	APÊNDICES	172

1 INTRODUÇÃO

Este estudo situa-se numa questão de fundo maior que é a relação entre religião, mídia e modernidade no estado do Maranhão, na região do Nordeste do Brasil. O objetivo é partir de um estudo específico para problematizar a dimensão da presença da religião na sociedade. Especificamente, pretendemos examinar o uso que faz a Assembleia de Deus na Ilha de São Luís (ADISL) da mídia eletrônica, sobretudo da Rádio Esperança.

Antes de avançarmos, cumpre esclarecer que a Assembleia de Deus (AD) no Brasil constitui-se como uma igreja *híbrida*. Seu universo é extremamente fragmentado. São “diversas, distintas, plurais, contraditórias e concorrentes” (ALENCAR, 2012, p. 15). Existem vários ministérios, além do Ministério Missão e do Ministério Madureira – os dois grandes e mais expressivos de administração nacional –, ainda “existem inúmeros Ministérios independentes, com estatuto e administração própria, com as suas próprias convenções, tanto no âmbito Nacional quanto Estadual” (CORREA, 2012, p. 158-159).

No estado do Maranhão, a AD também não é homogênea. Tanto que, para este estudo, priorizamos somente a ADISL composta apenas pelas ADs da capital São Luís e dos municípios Paço do Lumiar, Raposa e São José de Ribamar, que são filiadas ao Ministério Missão. Basicamente, em nível nacional, a filiação acontece através do presidente da Convenção Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Maranhão (CEADEMA)¹, que é vinculado à Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB). No âmbito estadual, se dá pela filiação dos pastores-presidentes da ADISL à CEADEMA.

Inicialmente, a ideia era estudar somente a capital, São Luís. Isto porque, até aquele momento, desconhecíamos o modo pelo qual a Igreja se organizava. A dificuldade foi que, ao conversar com alguns pastores-presidentes e secretários da AD na Ilha de São Luís, bem como o secretário executivo da CEADEMA e o acesso aos escritos institucionais ou história oficial da AD no Maranhão ou São Luís por meio de um dos diáconos² e também responsável pelo setor de literatura, compreendemos que, basicamente, após o falecimento, em 1996, do pastor Estevam Ângelo de Souza – principal líder evangélico no estado do Maranhão durante o século XX –, a CEADEMA oficializou uma reorganização da AD na

¹ A convenção estadual é um “tipo de associação de pastores e evangelistas das Assembleias de Deus em âmbito estadual ou regional, cadastrada e registrada na Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB)” (ARAUJO, 2014, p. 206).

² O diácono é uma pessoa que serve e ajuda a igreja.

Ilha, o que resultou na formação dos seguintes *campos*³: Calhau, Cohatrac, Jardim Tropical, Mata Grande, Paço do Lumiar, Raposa, São Luís, São José de Ribamar, Tirirical e Vila Brasil. Nestes dez *campos* que classificamos de ADISL, cada um tem sua própria lógica administrativa e vincula-se tão somente a CEADEMA por meio dos respectivos pastores-presidentes: Misael Mendes da Rocha, Joás Albuquerque Santos, Luís Rabelo da Conceição, Josias Pereira da Silva, Raimundo Amâncio da Luz, Francisco de Assis Vieira dos Santos, José Guimarães Coutinho, Moacir Luís dos Santos, Osiel Gomes da Silva e Luís Rios dos Santos. Esses pastores têm como liderança maior, dentro da Ilha, somente o pastor Pedro Aldi Damasceno, presidente da CEADEMA desde 2003.

Na verdade, o problema foi que a forma pelo qual foram divididos os *campos* não corresponde a uma separação de congregações precisamente por municípios e capital dentro da Ilha, embora alguns nomes dos *campos* deem a entender. Alguns *campos* têm os nomes dos municípios e da capital, mas não reúnem todos os fiéis das localidades; possuem o mesmo nome do município, mas agrega congregações somente da área urbana; adotam nomes diferentes, embora estejam centrados num mesmo município; e abarcam congregações dos três municípios, ainda que sejam localizados na capital.

Melhor explicando: a *Assembleia de Deus - Campo São Luís* possui a maior quantidade de fiéis, mas é um equívoco crer que esse *campo* abranja todas as congregações da capital: primeiro, ele agrega fiéis dos municípios Paço do Lumiar, Raposa e São José de Ribamar; segundo, não compreende toda a capital, pois há ainda quatro *campos*, com seus pastores-presidentes. Também, caso semelhante é a *Assembleia de Deus - Campo São José de Ribamar*, visto que não abrange todas as congregações desse município; somente, reúne as congregações do espaço urbano, dado que a área rural tem outros dois *campos* e com nomes diferentes.

Assim, se até 1996 existia uma unidade, na qual todas as congregações da Ilha estavam sob a liderança somente de um pastor-presidente e concentravam-se administrativamente na *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís – Igreja-Mãe*, fundada em 15 de janeiro de 1922, por Clímaco Bueno Aza⁴, localizada no Centro, na Rua do Passeio; a partir de 1997, esse modo de administração mudou e estruturou-se de uma forma descentralizada, pois as congregações foram divididas por *campos* (sedes) e por áreas

³ Na ADISL, o “campo”, basicamente, caracteriza o Templo Sede ou Igreja Central com inúmeras congregações organizadas em áreas de trabalhos pastorais, bem como filiações e dependentes da administração e liderança do pastor-presidente.

⁴ A *Igreja-Mãe* caracteriza-se como sendo a igreja pioneira dentre todas as ADs na Ilha de São Luís e no estado do Maranhão.

(subsedes) lideradas por pastores-presidentes e pastores-auxiliares, simultaneamente. Além da sede que possui sua área central, cada subsele também possui entre duas a seis congregações. Nessa descentralização, somente dois *campos* não trabalham com o sistema de áreas. A criação de alguns *campos* também originaram-se pela reorganização de outros *campos* desvinculados da Igreja-Mãe⁵. Noutras palavras, a Igreja-Mãe de São Luís se fragmentou totalmente. Antes de 1997, as congregações da Ilha de São Luís eram dependentes da Igreja-Mãe, regidas somente por único estatuto e pastor-presidente. Atualmente, com as cisões internas ocorridas, cada campo possui seu próprio estatuto e regimento, bem como seu próprio pastor-presidente.

Contudo, ao que tudo indica, a CEADEMA apenas oficializou e ampliou a divisão dos *campos*, depois de 1996; dado que a reorganização da AD na Ilha começou com o então pastor-presidente da Igreja, Estevam Ângelo de Souza, ainda que os pastores fossem dependentes de sua administração ou prestassem “obediência” a ele. Segundo seu filho, a criação de campos ministeriais tinham finalidades evangelísticas, como podemos conferir no relato seguinte:

Enquanto Estevam Ângelo [de Souza] foi pastor-presidente da Assembleia de Deus [em São Luís] e da Convenção [Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Maranhão] por 42 anos, não houve divisão, houve sim uma, vamos dizer assim, criação de campos ministeriais [São José de Ribamar e São Cristóvão, com pastores subordinados ao ministério do Estevam] por necessidade de evangelização na Ilha de São Luís.⁶

Por todos esses aspectos, resolvemos estudar a Ilha de São Luís como um todo, pois, assim, avaliamos oferecer resultados confiáveis dentro do que nos propomos aqui. Não só. A escolha ajuda e possibilita termos um panorama sobre a relação da ADISL com a mídia, sem nos limitarmos à capital.

1.1 Tema e problema de pesquisa

No século XXI, os evangélicos⁷ constituem-se no segundo maior grupo religioso em relação aos católicos⁸, que continuam majoritários no Brasil. Isso pode ser demonstrado

⁵ Ver o **Fluxograma 1** – Sedes dos *campos* da ADISL, p. 30.

⁶ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 14 dez. 2017.

⁷ “Evangélico” é um termo genérico que abarca as igrejas do *protestantismo histórico* (luteranos, presbiterianos, anglicanos, batistas, metodistas, adventistas, menonitas etc.), das igrejas do *pentecostalismo clássico* e do *deuteropentecostalismo* (Congregação Cristã do Brasil, Assembleia de Deus, Evangelho Quadrangular, Deus é Amor, O Brasil para Cristo etc.) e das igrejas do *neopentecostalismo* (Universal do Reino de Deus, Internacional da Graça, Mundial do Poder de Deus, Renascer, Sara Nossa Terra etc.) (PIERUCCI, 2011).

pelos dados da **Tabela 1**, indicando que os evangélicos dobraram de tamanho entre 1991-2010. E, ainda, em todo esse período, os pentecostais são mais da metade dos evangélicos, sendo a AD a igreja pentecostal com maior número de fiéis no Brasil. Eis os dados:

Tabela1-Dados da população, dos católicos e dos evangélicos no Brasil⁹

Brasil	1991	2000	2010	A	B
População	146.815.793	169.872.856	190.755.799	15,70%	12,29%
Católica Apostólica Romana	121.812.761	124.980.132	123.280.172	2,60%	-1,36%
Evangélicos	12.567.987	26.184.941	42.275.440	108,35%	61,45%
Protestantes históricos	4.388.281	6.939.765	7.686.827	58,14%	10,76%
Igreja Adventista	706.409	1 209 842	1.561.071	71,27%	29,03%
Igreja Luterana	1.029.691	1.062.145	999.498	3,15%	-5,89%
Igreja Presbiteriana	498.204	981.064	921.209	96,92%	-6,10%
Igreja Metodista	138.888	340.963	340.938	145,49%	-0,01%
Igreja Batista	1.532.676	3.162.691	3.723.853	106,35%	17,74%
Igreja Congregacional	-	148.836	109.591	-	-26,37%
Protestantes históricos - outros	107.811	34.224	30.666	-68,26%	-10,39%
Pentecostais	8.179.706	17.617.307	25.370.484	115,38%	44,01%
Igreja Assembleia de Deus	2.439.763	8.418.140	12.314.410	245,04%	46,28%
Igreja Congregação Cristã do Brasil	1.635.977	2.489.113	2.289.634	52,15%	-8,01%
Igreja O Brasil para Cristo	-	175.618	196.665	-	11,98%
Igreja Evangelho Quadrangular	303.268	1.318.805	1.808.389	334,86%	37,12%
Igreja Universal do Reino de Deus	268.954	2.101.887	1.873.243	681,50%	-10,88%
Igreja Casa da Bênção	-	128.676	125.550	-	-2,43%
Igreja Deus é Amor	169.340	774.830	845.383	357,56%	9,11%
Igreja Maranata	-	277.342	356.021	-	28,37%
Igreja Nova Vida	-	92.315	90.568	-	-1,89%
Igreja Comunidade Evangélica	-	-	180.130	-	-
Pentecostais – outros	558.806	1.840.581	5.267.029	229,38%	186,16%

Fonte: SIDRA - Censo Demográfico 1991, 2000, 2010. (Os dados podem estar defasados).

A - Taxa de crescimento: 1991-2000. B - Taxa de crescimento: 2000-2010. Tabela elaborada pela autora.

Assim, salientamos que o tema deste trabalho é o pentecostalismo, um movimento religioso protestante, classificado em três ondas por Freston (1993) como forma de ressaltar sua versatilidade e evolução, bem como as diferentes marcas que as igrejas pentecostais carregam desde que nasceram. Todavia, adotamos a reinterpretação que Mariano (2005) fez dessas classificações, com a divisão do pentecostalismo em três grupos: (1) *pentecostalismo clássico*, constituído pelas igrejas pioneiras do pentecostalismo brasileiro: a Assembleia de

⁸ O termo “católico” é aplicado no sentido de pertença à Igreja Católica; é católico quem ou o que tem a ver com o catolicismo (SCHWIKART, 2001).

⁹ Esta pesquisa não segue à letra a classificação do IBGE sobre a religião, pois substituímos “evangélicas de missão” por *protestantes históricos*, segundo Pierucci (2011). Os dados dos *evangélicos*, de 1991, é resultado da soma de “evangélica tradicional” e “evangélica pentecostal”; dos *protestantes históricos* retiramos da “evangélica tradicional”; e dos *pentecostais* da “evangélica pentecostal”. Já os dados dos católicos são da “católica romana”, de 1991, e da “católica apostólica romana”, de 2000 e 2010. Por último, vale dizer que, tivemos acesso aos dados da religião, de 1991, pelo Sistema IBGE de Recuperação Automática (SIDRA), que permite a consulta de dados armazenados no banco de tabelas estatísticas.

Deus e a Congregação Cristã do Brasil (CCB); (2) *deuteropentecostalismo*, formado pelas igrejas que surgiram no início dos anos 1950, a exemplo da Igreja Evangelho Quadrangular, Igreja O Brasil para Cristo, Igreja Deus é Amor, Igreja Casa da Bênção etc. e (3) *neopentecostalismo*, composto pela Igreja Universal do Reino de Deus (IURD), Igreja Internacional da Graça de Deus (IIGD), Igreja Cristo Vive, Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Igreja Renascer em Cristo, Igreja Nacional do Senhor Jesus Cristo. Além dessas, as fundadas recentemente, a Igreja Mundial do Poder de Deus (IMPD) e Bola de Neve Church

Diversos estudos que analisam as religiões evangélicas, principalmente do pentecostalismo no Brasil, apontam para uma vinculação entre o aumento do número de fiéis e o envolvimento dos pentecostais com a mídia eletrônica a partir de 1980 (BELLOTTI, 2004; CAMPOS, 2008; FONSECA, Alexandre, 2003; FONTELES, 2010; MARIANO, 2004; MARTINO, 2016; PIERUCCI, 2011). Com o desenvolvimento do sistema de telecomunicações no Brasil, nos anos de 1970, bem como as mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais operadas na sociedade brasileira (ORTIZ, 1994; RIDENTI, 2011), as igrejas pentecostais passaram a utilizar frequentemente os meios de comunicação, sobretudo o rádio e a televisão, objetivando a conquista de posições dentro do campo religioso, cada vez mais complexo, plural e competitivo.

Paralelamente a essa situação e, ainda, com base na “crença compartilhada” de que na sociedade moderna o uso da mídia pelas igrejas pentecostais tem influenciado na manutenção e crescimento dos números de fiéis, definimos e delimitamos o nosso problema de pesquisa a partir do seguinte questionamento: *Qual a relação da Rádio Esperança no crescimento da Assembleia de Deus na Ilha de São Luís?*

Na capital maranhense, a *Assembleia de Deus - Campo São Luís*, liderada pelo pastor-presidente José Guimarães Coutinho, é proprietária da Rádio Esperança. A Esperança foi não só a primeira concessão, permissão e autorização de radiodifusão sonora a uma igreja no Brasil, em 1988, como igualmente, em 1990, ano do início de seu funcionamento, foi notabilizada e inaugurada no mercado radiofônico em São Luís, como a única emissora evangélica do estado do Maranhão. A Rádio Esperança foi concedida pelo Poder Executivo Federal, isto é, pelo então presidente da República, José Sarney, que realizou uma das aspirações do então pastor-presidente da Igreja, Estevam Ângelo de Souza.

Atualmente, em sua grade, a Rádio Esperança retransmite parte das programações religiosas da região Sudeste do Brasil: da Rádio Trans Mundial, de São Paulo, e da Rádio Melódia, do Rio de Janeiro. A rádio possui uma programação que se desenrola ao longo de 24 horas, todos os dias, com transmissão na rede mundial de computadores e, inclusive, tem seu

próprio aplicativo disponível para telefones celulares com sistemas operacionais *android* e *iOS*, bem como está presente nos *sites* de redes sociais.

Após o falecimento do pastor Estevam, o pastor José Guimarães Coutinho assumiu a presidência da Igreja-Mãe e, automaticamente, passou a ser o responsável pela Rádio Esperança, como bem explica o pastor Benjamin Lima de Souza:

No caso, o pastor [José Guimarães] Coutinho só ficou responsável pela [Rádio] FM Esperança por uma questão regimental ou estatutária, porque ele era o pastor-presidente da Assembleia de Deus de São Luís, que era impulsora ou mantenedora da Fundação Cultural [Pastor José Romão de Souza], que era proprietária da Rádio. Então, isso tem a ver com ordenamento jurídico. Certo? Então, ele continua sendo. Isso não tem nada a ver com os outros *campos*, porque a mantenedora da Fundação Cultural continua sendo a Assembleia de Deus de São Luís, [...]. Os outros *campos* não tem nada a ver com isso. *Isso não é parte de, de, de nenhuma partilha de poder eclesiástico, simplesmente é uma questão jurídica.*¹⁰ (grifo nosso).

Sendo assim, a partir do objetivo geral, que é analisar o uso da Rádio Esperança pela Assembleia de Deus na Ilha de São Luís e sua influência no crescimento institucional e, principalmente, no seu número de fiéis, entre 1990 e 2017, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: (a) Discutir como a Igreja aciona discursos e mecanismos para manutenção e conversão¹¹ de novos sujeitos através da Rádio Esperança; (b) Buscar saber a partir de que parâmetros, pontos de vista e objetivos as programações são concebidas, construídas e organizadas; (c) Explicar a relação entre as produções das programações e financiamentos da Rádio Esperança, ou seja, como a Igreja se situa dentro do mercado radiofônico, como age e planeja financeiramente a sua atuação numa mídia eletrônica que ela mesma é proprietária; (d) Verificar se há relação entre o papel da Rádio Esperança e o crescimento da Assembleia de Deus na Ilha de São Luís, a partir de seus agentes e ouvintes.

Dito isso e partindo da hipótese que a criação da Rádio Esperança teve como objetivo, não só propagar o discurso religioso, mas principalmente fazer crescer a Assembleia de Deus na Ilha São Luís, aqui se pretende analisar se as práticas religiosas dessa igreja pentecostal, alinhadas nacional e localmente com grupos de comunicação, alcançaram o seu intento no Maranhão.

¹⁰ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 14 dez. 2017.

¹¹ A “conversão é um dos conceitos tomados à teologia e explorados nas ciências sociais sem a preocupação de melhor defini-los. As mudanças nos sistemas religiosos tornaram esse conceito bastante genérico”. Porém, define-se como “o encontro com o sagrado que transforma radicalmente a vida do convertido. A pessoa, convencida e constrangida por situação de pecado, passa por uma experiência marcada por fortes emoções e que determina o início de uma vida distinta, formando parte da igreja. Esta é a comunidade dos convertidos” (RIVERA, 2001, p. 230-231).

1.2 Importância e justificativa da pesquisa

O interesse em estudar este tema começou na graduação, quando desenvolvemos pesquisas para elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso com o estudo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pinheiro (IEADP) e sua relação com a mídia radiofônica e televisiva local, cujo tema coincide ou converge com a linha de pesquisa: *Sociabilidades e sistemas simbólicos: cidade, religião e cultura popular* do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCSoc), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Nesse estudo monográfico, intitulado *O crescimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Pinheiro e sua relação com a mídia radiofônica e televisiva local (1990-2014)*, defendido em dezembro de 2014, na UFMA, do *Campus* Universitário de Pinheiro, tentamos analisar se as mídias ajudaram no processo de crescimento da Igreja. Os resultados da pesquisa indicaram que o crescimento numérico da igreja não foi expressivo com a introdução da mídia, entre 1990 e 2014, mas foi fundamental para manter a IEADP com maior visibilidade pública e reconhecimento social. As mídias serviram para a manutenção dos fiéis. Contudo, não excluiu o objetivo da ampliação institucional e numérica, pois almejou atingir também aos não evangélicos com suas programações. Assim, o rádio e a televisão tiveram um papel importante na trajetória da IEADP, pois seu público evangélico foi mantido e os líderes religiosos usaram aqueles meios como estratégias de reprodução, divulgação e publicização da Igreja. Atualmente, a Igreja permanece na condição de compradora de horários na programação local no rádio e na televisão, sem, contudo, manter uma regularidade, uma vez que periodicamente os programas são suspensos (ABREU, 2014).

Agora, temos a pretensão de dar continuidade e ampliar os horizontes desse estudo, analisando a Assembleia de Deus na Ilha de São Luís, trabalhando numa dimensão regional, pois, durante a escrita da monografia foi percebido que outras questões poderiam ser exploradas nesse campo de análise. Salientamos ainda a participação no *Colóquio Estudos das Religiões e Religiosidades*, de 2014, ligado ao Grupo de Pesquisa História, Religião e Cultura Material (REHCULT), coordenado pelo Professor Dr. Lyndon de Araújo Santos, que comentou sobre a existência da Rádio Esperança, uma rádio oficial da *Assembleia de Deus – Campo São Luís*, pois, até então, desconhecíamos. A partir disso, para a construção de um novo objeto de estudo, começamos a nos indagar sobre o uso e a relação que essa igreja tem e estabelece com um meio de comunicação próprio, a Rádio Esperança. Pois, como antecipado acima, já havíamos realizado uma pesquisa em que analisou a relação com a mídia a partir da

compra e aluguel de horários nas emissoras de rádio e televisão locais, no município de Pinheiro.

A imagem que foi incluída na capa da presente dissertação (**Figura 1 – “c”**) é resultado da junção dos logotipos da *Assembleia de Deus - Campo São Luís* e da Rádio Esperança. Na última figura, os elementos presentes têm as seguintes representações: o livro aberto → Bíblia Sagrada; a mão segurando a tocha → líder religioso; a tocha acesa → Pentecostes (presença e santidade de Deus); a pomba → Espírito Santo; e o globo → mundo.

Figura 1 – Logotipos que originaram a imagem da capa da dissertação
 a) *AD - Campo São Luís*¹² b) Rádio Esperança¹³ c) Junção dos logotipos



O título do trabalho “com você em todo lugar” - *slogan* atual da rádio - é uma analogia e metáfora para exemplificar nosso objeto, no que diz respeito à Igreja e a Rádio Esperança, de como buscam e se fazem presentes em praticamente todos os lugares, embora não tenha nenhuma emissora de rádio que retransmita sua programação. Ademais, o nosso recorte (1990-2017) foi feito, basicamente, porque, a partir de 1990, algumas ADs alteram suas formas tradicionais de ação e interação com fiéis que eram marcadas pela “presença”, emergindo de forma efetiva na mídia, no sentido de ter seus próprios meios de comunicação e divulgação, como é o caso da AD no Amazonas e da AD no Maranhão; enquanto o ano de 2017 foi escolhido com a intenção de saber a maneira pela qual essa Rádio vem estruturando-se no período mais recente, período em que completa 27 anos.

Assim, a relevância acadêmica deste trabalho justifica-se pela crescente visibilidade dos pentecostais no rádio, televisão e rede mundial de computadores. Por esta razão, a relação entre o pentecostalismo e a mídia, no Brasil, tem chamado a atenção dos pesquisadores (CAMPOS, 2008). O crescimento dos programas religiosos, principalmente

¹² Disponível em: <<https://plus.google.com/photos/photo/107282300421250148247/6216570153753629666>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

¹³ Disponível em: <<http://esperanca.fm.br/images/Logotipo/logo.png>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

televisivos, tanto pela compra de espaços em canais abertos, como pela obtenção de concessões de canais próprios de rádio e televisão, é acompanhado como um dos importantes fenômenos religiosos do século XX e XXI (FONTELES, 2010).

Em virtude dos fatos mencionados, “isso acaba sendo um convite para que ao menos se questionem as análises convergentes da maior parte dos “fundadores” da sociologia que, ao longo do século XIX, anunciava o declínio da religião, [...]” (RIUTORT, 2008, p. 632). Por outras palavras, ao contrário do que previam as tradições clássicas da sociologia (Max Weber, Émile Durkheim e Karl Marx) sobre o declínio e perda de influência social da religião na sociedade moderna, o pentecostalismo vem conquistando crescente “visibilidade pública, legitimidade e reconhecimento social” (MARIANO, 2004, p. 121), pois não atua exclusivamente entre as classes populares, mas se expande e se insere nas classes médias. Sua presença na sociedade e seu avanço expressivo não se dá somente nos planos religioso e demográfico, mas estende-se pelos campos midiático, político partidário, editorial e musical, assim como a realização de shows, passeatas públicas, etc. (MARIANO, 2004; SANTOS, 2011).

Ou seja, em pleno século XXI, esta perenidade do fenômeno e do sentimento religioso – com o constante crescimento do pentecostalismo – é um fato. De certo modo as palavras de Durkheim (2008, p. 31), um dos primeiros sociólogos a se preocupar com a religião, ratificam ainda a presente realidade; segundo ele:

[...] Não há, pois, no fundo, religiões que sejam falsas. Todas são verdadeiras à sua maneira: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a determinadas condições da vida humana. [...] Umhas podem ser ditas superiores às outras, pelo fato de colocarem em jogo funções mentais mais elevadas; são mais ricas de idéias e sentimentos, integram mais conceitos, menos sensações e imagens, e sua sistematização é mais erudita.

Ademais, o cenário das regiões brasileiras caracteriza-se pela presença e expansão de inúmeras igrejas evangélicas. A presença na paisagem urbana e rural de templos e congregações permanentes e de prédios alugados representaram mudanças estéticas nessas paisagens no desenrolar-se dos anos.

No estado do Maranhão, onde se localiza regionalmente a pesquisa, as igrejas estão estabelecidas nas diferentes avenidas e ruas de bairros, com os números de fiéis em diferentes dimensões. Mais detalhadamente, os dados do IBGE, entre 1991-2010, revelam a quantidade de evangélicos distribuídos no Maranhão (**Tabela 2**) e na Ilha de São Luís (**Tabela 3, Tabela 4, Tabela 5 e Tabela 6**). Interessante notar que durante as duas décadas, a AD, coadunada ou separada, constituiu-se numericamente como a maior igreja dentre as

protestantes históricas e pentecostais. E, ainda, metade dos evangélicos do estado pertence à AD, de algum de seus variados ministérios, tendo em vista que o IBGE não detalha de quais os fiéis fazem parte. Eis os dados das tabelas abaixo:

Tabela 2 – Dados da população, dos católicos e dos evangélicos no Maranhão

Maranhão	1991	2000	2010	A	B
População	4.929.680	5.657.552	6.574.789	14,77%	16,21%
Católica Apostólica Romana	4.471.269	4.648.480	4.899.250	3,96%	5,39%
Evangélicos	304.782	649.970	1.130.399	113,26%	73,92%
Protestantes históricos	76.238	159.825	259.625	109,64%	62,44%
Igreja Adventista	28.672	64.916	104.488	126,41%	60,96%
Igreja Luterana	1.589	593	1.723	-62,68%	190,56%
Igreja Presbiteriana	4.276	12.423	13.288	190,53%	6,96%
Igreja Metodista	31	129	405	316,13%	213,95%
Igreja Batista	27.212	81.499	138.976	199,49%	70,52%
Igreja Congregacional	-	223	576	-	158,29%
Protestantes históricos - outros	163	42	169	-74,23%	302,38%
Pentecostais	228.544	470.445	753.363	105,84%	60,14%
Igreja Assembleia de Deus	37.308	400.017	587.423	972,20%	46,85%
Igreja Congregação Cristã do Brasil	6.226	13.594	13.826	118,34%	1,71%
Igreja O Brasil para Cristo	-	281	2.122	-	655,16%
Igreja Evangelho Quadrangular	1.216	7.506	14.919	517,27%	98,76%
Igreja Universal do Reino de Deus	2.527	29.525	37.706	1068,38%	27,71%
Igreja Casa da Bênção	-	583	503	-	-13,72%
Igreja Deus é Amor	203	3.850	4.448	1796,55%	15,53%
Igreja Maranata	-	2.214	3.515	-	58,76%
Igreja Nova Vida	-	18	2.109	-	11616,67%
Igreja Comunidade Evangélica	-	-	2.304	-	-
Pentecostais - outros	1.446	19.803	84.451	1269,50%	326,46%

Fonte: SIDRA - Censo Demográfico 1991, 2000, 2010. Tabela elaborada pela autora.

A - Taxa de crescimento: 1991-2000. B - Taxa de crescimento: 2000-2010.

Tabela 3 – Dados da população, dos católicos e dos evangélicos em São Luís¹⁴

São Luís	1991	2000	2010	A	B
População	696.372	870.028	1.014.837	24,94%	16,64%
Católica Apostólica Romana	617.999	650.368	668.817	5,24%	2,84%
Evangélicos	48.434	142.238	239.636	193,67%	68,47%
Protestantes históricos	21.592	52.064	69.247	141,13%	33%
Igreja Adventista	-	16.958	20.824	-	22,79%
Igreja Luterana	-	27	458	-	1596,29%
Igreja Presbiteriana	-	4.114	3.449	-	-16,16%
Igreja Metodista	-	-	58	-	-
Igreja Batista	-	30.311	44.094	-	45,47%
Igreja Congregacional	-	-	364	-	-
Protestantes históricos - outros	-	655	-	-	-
Pentecostais	26.842	84.655	129.345	215,38%	52,79%
Igreja Assembleia de Deus	-	57.819	78.826	-	36,33%
Igreja Congregação Cristã do Brasil	-	882	938	-	6,35%

¹⁴ Importa destacar que o Censo Demográfico de 1991, detalha o total de fiéis de cada igreja apenas do Brasil, das regiões e dos estados, enquanto que das capitais e dos municípios não pormenoriza, como faz nas décadas seguintes de 2000 e 2010.

Igreja O Brasil para Cristo	-	-	225	-	-
Igreja Evangelho Quadrangular	-	2.960	5.204	-	75,81%
Igreja Universal do Reino de Deus	-	15.139	13.298	-	-12,16%
Igreja Casa da Bênção	-	-	222	-	-
Igreja Deus é Amor	-	-	513	-	-
Igreja Maranata	-	-	1.442	-	-
Igreja Nova Vida	-	-	45	-	-
Igreja Comunidade Evangélica	-	-	1.029	-	-
Pentecostais - outros	-	7.855	27.602	-	251,39%

Fonte: SIDRA - Censo Demográfico 1991, 2000, 2010. Tabela elaborada pela autora.

A - Taxa de crescimento: 1991-2000. B - Taxa de crescimento: 2000-2010.

Tabela 4 – Dados da população, dos católicos e dos evangélicos em São José de Ribamar

São José de Ribamar	1991	2000	2010	A	B
População	70.572	107.384	163.045	52,16%	51,83%
Católica Apostólica Romana	63.791	83.206	102.288	30,43%	23,93%
Evangélicos	4.643	19.574	41.649	321,58%	112,78%
Protestantes históricos	1.816	6.691	10.748	268,44%	60,63%
Igreja Adventista	-	2.531	3.545	-	40,06%
Igreja Luterana	-	14	35	-	150%
Igreja Presbiteriana	-	573	537	-	-6,28%
Igreja Metodista	-	-	29	-	-
Igreja Batista	-	3.455	6.592	-	90,79%
Igreja Congregacional	-	-	10	-	-
Protestantes históricos - outros	-	120	-	-	-
Pentecostais	2.827	12.834	24.449	353,98%	90,50%
Igreja Assembleia de Deus	-	9.816	14.732	-	50,08%
Igreja Congregação Cristã do Brasil	-	179	271	-	51,39%
Igreja O Brasil para Cristo	-	-	128	-	-
Igreja Evangelho Quadrangular	-	642	1.108	-	72,58%
Igreja Universal do Reino de Deus	-	1.090	1.870	-	71,56%
Igreja Casa da Bênção	-	-	35	-	-
Igreja Deus é Amor	-	-	136	-	-
Igreja Maranata	-	-	483	-	-
Igreja Nova Vida	-	-	-	-	-
Igreja Comunidade Evangélica	-	-	316	-	-
Pentecostais - outros	-	1.107	5.351	-	383,38%

Fonte: SIDRA - Censo Demográfico 1991, 2000, 2010. Tabela elaborada pela autora.

A - Taxa de crescimento: 1991-2000. B - Taxa de crescimento: 2000-2010.

Tabela 5 – Dados da população, dos católicos e dos evangélicos em Paço do Lumiar

Paço do Lumiar	1991	2000	2010	A	B
População	53.195	76.188	105.121	43,22%	37,97%
Católica Apostólica Romana	45.529	56.888	66.898	24,95%	17,59%
Evangélicos	5.206	13.448	27.475	158,32%	104,30%
Protestantes históricos	1.907	4.598	9.996	141,11%	117,39%
Igreja Adventista	-	1.303	2.797	-	114,66%
Igreja Luterana	-	-	-	-	-
Igreja Presbiteriana	-	564	1.299	-	130,32%
Igreja Metodista	-	-	-	-	-
Igreja Batista	-	2.730	5.900	-	116,12%
Igreja Congregacional	-	-	-	-	-
Protestantes históricos - outros	-	-	-	-	-
Pentecostais	3.299	8.205	13.462	148,71%	64,07%
Igreja Assembleia de Deus	-	6.640	8.509	-	28,15%
Igreja Congregação Cristã do Brasil	-	64	12	-	-81,25%

Igreja O Brasil para Cristo	-	-	81	-	-
Igreja Evangelho Quadrangular	-	161	468	-	190,68%
Igreja Universal do Reino de Deus	-	918	872	-	-5,01%
Igreja Casa da Bênção	-	-	48	-	-
Igreja Deus é Amor	-	-	94	-	-
Igreja Maranata	-	-	146	-	-
Igreja Nova Vida	-	-	18	-	-
Igreja Comunidade Evangélica	-	-	48	-	-
Pentecostais - outros	-	422	3.168	-	650,71%

Fonte: SIDRA - Censo Demográfico 1991, 2000, 2010. Tabela elaborada pela autora.

A - Taxa de crescimento: 1991-2000. B - Taxa de crescimento: 2000-2010.

Tabela 6 – Dados da população, dos católicos e dos evangélicos em Raposa¹⁵

Raposa	1991	2000	2010	A	B
População	-	17.088	26.327	-	54,07%
Católica Apostólica Romana	-	9.598	13.965	-	45,49%
Evangélicos	-	2.929	7.286	-	148,75%
Protestantes históricos	-	730	1.153	-	57,95%
Igreja Adventista	-	291	647	-	122,34%
Igreja Luterana	-	-	-	-	-
Igreja Presbiteriana	-	50	51	-	2%
Igreja Metodista	-	-	-	-	-
Igreja Batista	-	389	455	-	16,97%
Igreja Congregacional	-	-	-	-	-
Protestantes históricos – outros	-	-	-	-	-
Pentecostais	-	2.199	5.513	-	150,70%
Igreja Assembleia de Deus	-	1.856	4.348	-	134,27%
Igreja Congregação Cristã do Brasil	-	-	13	-	-
Igreja O Brasil para Cristo	-	-	58	-	-
Igreja Evangelho Quadrangular	-	-	281	-	-
Igreja Universal do Reino de Deus	-	169	289	-	71%
Igreja Casa da Bênção	-	-	78	-	-
Igreja Deus é Amor	-	-	-	-	-
Igreja Maranata	-	-	-	-	-
Igreja Nova Vida	-	-	-	-	-
Igreja Comunidade Evangélica	-	-	-	-	-
Pentecostais – outros	-	174	403	-	131,61%

Fonte: SIDRA - Censo Demográfico 1991, 2000, 2010. Tabela elaborada pela autora.

A - Taxa de crescimento: 1991-2000. B - Taxa de crescimento: 2000-2010.

Apesar do significativo crescimento da AD, as pesquisas e estudos científicos, geralmente, gravitam em torno das igrejas neopentecostais, com destaque para a IURD e seu envolvimento com a mídia no Brasil (BORELLI, 2010, 2012; CAMPOS, 1997, 2004; CUNHA, 2012; FONTELES, 2012; MARIANO, 1996, 2004; MORAES, 2008; ORO, 2006; SANTOS, CARPELLI, 2004). Acrescentando-se que no Brasil, onde se estabeleceu em 1977, há uma estratégia intencional de visibilidade da IURD, na qual suas “catedrais” são espalhadas por lugares de intensa circulação de pessoas.

¹⁵ Na década de 1990, não há dados sobre a população e os evangélicos de Raposa, porque nessa época ainda era povoado de Paço do Lumiar. Foi elevado à categoria de município e distrito, com a denominação de Raposa, pela Lei Estadual n.º 6.132, de 10 de dezembro de 1994. (IBGE - Cidades. **Raposa: História & fotos.** Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/raposa/historico>. Acesso em: 11 dez. 2017).

Neste sentido, ela constrói seus locais de cultos impondo uma concepção própria e singular, na qual mantém suas características principais: ocupando lugares centrais, de fácil acesso, em avenidas, ruas principais, próximo aos terminais de transporte público e praças, bem como “mantendo a padronização, mas em formato diferente – remetendo ao estilo classificado como ‘ecletismo com referência ao neoclássico’” (GOMES, 2009, p. 117). Por outro lado, por mais que a IURD ocupe com maior destaque a paisagem urbana das grandes cidades brasileiras devido aos seus enormes templos, a quantidade de templos (e consequentemente de fiéis) da AD ainda é superior (ALMEIDA, R., 2009). No entanto, essa visibilidade da IURD, bem como igual e principalmente na mídia eletrônica, oferece uma ideia equivocada de que ela é a maior igreja pentecostal no Brasil.

Com relação a isso, este estudo enseja contribuir e delinear elementos que permitam abrir outras possibilidades de análise e novas questões sobre a religião evangélica no Maranhão, a partir da particularidade e singularidade da Assembleia de Deus na Ilha de São Luís e sua relação com a mídia radiofônica, pois não identificamos discussões teóricas e análises sociológicas regionais e nacionais sobre o objeto desta pesquisa, especificamente.

No âmbito regional, por exemplo, principalmente a partir do acervo do REHCULT, encontramos os seguintes estudos: Collins (2009) e Mota (2013) tratam da trajetória, produção literária e ação do pastor Estevam Ângelo de Souza, que colaboraram para o crescimento, implantação de inúmeras igrejas no estado, entre 1957-1996. Vaz (2008) realiza uma análise biográfica de Manuel da Conceição, um fiel da AD que teve destaque na história da luta camponesa na década de 1960. Mota (2009) discute a participação feminina como presença majoritária na AD, entre 1940-1990.

Além desses estudos, Pekelman Silva (2006) deteve sua atenção nas primeiras décadas da AD em São Luís, entre 1921-1957, e Borges Junior (2010) numa análise da atuação político-eleitoral da AD, de sua estrutura eclesiástica e de seu desempenho eleitoral no contexto da competição político partidária nas eleições de 1998, 2002 e 2006, nas quais identificou a lógica da participação política eleitoral da igreja. Mais recentemente, localizamos os trabalhos de Alves (2016), que aborda a regência dos grupos vocais da AD e os métodos que contribuem para a *performance* musical, bem como de Conceição (2018) acerca da transição de liderança da AD ocorrida em 1996, quando o pastor Estevam Ângelo de Souza falece e o pastor José Guimarães Coutinho assume a presidência da Igreja.

No âmbito nacional, Alencar (2000) discute o nascimento da AD, sua construção e seus fiéis a partir de três pontos básicos: origem, implantação e militância. Correa (2012) trata da lógica de funcionamento e do surgimento de inúmeros ministérios da AD. Maxwell

Fajardo (2015) analisa a dinâmica de expansão da AD no século XX, com destaque para os processos de formação interna da Igreja, dentro de um contexto marcado pelas transformações sociais e econômicas no país.

Igualmente, Alencar (2012) estuda a trajetória da AD, entre 1911 e 2011, e estabelece uma *Matriz Pentecostal Assembleiana Brasileira*. Cláudio Silva (2003), Correa (2006) e Delgado (2008), de modo geral, discutem as mudanças na identidade da AD, sobretudo da doutrina dos “usos e costumes” e relacionam com os fatores socioculturais.

Por seu turno, Mina (2004) analisa os discursos oficiais da AD e IURD na década de 1990. D’Avila (2006) trata de como a AD articulou os discursos políticos que se empenharam em legitimar seu envolvimento no cenário político partidário. Baptista (2007) discute as práticas políticas de parlamentares da AD e IURD no Congresso Nacional do Brasil, entre 1999- 2006. Carreiro (2007) preocupou-se com as transformações das igrejas evangélicas no Brasil, sobretudo dos modelos de organização da AD e IURD. Adroaldo Almeida (2016) aborda a relação entre as igrejas evangélicas e a ditadura militar entre 1964 a 1985, problematizando as posições políticas assumidas pela Igreja Presbiteriana Independente, AD, Igreja Metodista e Igreja Batista.

Por fim, Fernandes (2006) discute a experiência da educação formal no Movimento Pentecostal no Brasil, sobretudo na AD. Majewski (2010) tenta apresentar o discurso teológico da AD transmitido pela literatura teológica publicada pela Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD). Já Pereira (2011) realiza uma análise hermenêutica da teologia pentecostal da AD a partir dos temas bíblicos mais estudados na *Escola Bíblica Dominical*, entre 2000-2009, e Vinicius Rodrigues (2012) analisa os discursos institucionais acerca do tempo dentro da AD e do medo milenarista que dominou uma parcela da sociedade ocidental cristã na virada do século XX para o XXI.

Além disso, um estudioso como Alexander Fajardo (2011) analisa as maneiras e as formas como os evangélicos brasileiros, protestantes tradicionais e pentecostais, usaram o rádio como principal mídia na comunicação de sua mensagem no Brasil a partir da década de 1930. Enquanto Tomáz (2015) discute os caminhos da mídia televisiva na AD, chamando a atenção para a proibição do uso da televisão e a discreta aceitabilidade da televisão diante das novas concepções teológicas da AD no transcorrer dos anos.

Levando em consideração essas monografias, dissertações e teses, que têm como objeto a AD em suas variadas análises, nenhuma contemplou de forma específica a questão que nos propomos aqui. Muitos trabalhos detêm suas atenções nas transformações que a igreja passou nas últimas décadas, principalmente nos usos e costumes, sem, contudo, priorizar um

estudo sobre a relação dessa igreja com a mídia, principalmente depois dos anos de 1990. A AD é, principalmente, objeto de historiadores ou de cientistas da religião. Poucas são as análises do ponto de vista sociológico.

Desse modo, a compreensão da dimensão regional da Assembleia de Deus na Ilha de São Luís, a partir do uso de um meio de comunicação como rádio, ajudará a entendê-la na sua totalidade, visto que é “através das questões específicas observadas por um olhar particular que a totalidade dos universos religiosos poderá ser apreendida” (WILLAIME, 2012, p.10). Pois, como ressalta Santos (2003, p. 145), o “pentecostalismo no Maranhão segue de perto os traços do fenômeno no resto do País. [...] E apresenta] peculiaridades que devem ser postas em realce e que têm relevância histórica e social”.

1.3 Metodologia e procedimentos de pesquisa

Quando se chega à secretaria do *Templo Central da Assembleia de Deus – Campo São Luís* dizendo que estamos pesquisando a Igreja, é comum indicarem as duas obras oficiais da Igreja escritas, a partir “de dentro”, pelo pastor Rayfran Batista da Silva. São dois livros onde ele narra brevemente a história oficial da AD no Maranhão e São Luís. Este material, apesar de expressar a versão aceita pela Igreja, não foi desconsiderado, deixado de lado. Contudo, em razão de sua natureza, coube-nos,

conectá-los, problematizá-los não seguindo, tão somente, as indicações e a ordem de acontecimento apontadas no livro, que, como é de se esperar de uma publicação desse caráter, não tem preocupação em debater de forma aprofundada os fatos, mas somente narrá-los (FONSECA, André, 2009, p.16).

Esses livros institucionais foram escritos após o falecimento do pastor Estevam Ângelo de Souza. Não é de “domínio público”, acessível a qualquer pessoa, devido à rara disponibilidade dos impressos nas livrarias evangélicas e na *Assembleia de Deus - Campo São Luís*. Segundo os fiéis da AD de São Luís, “muitos ouviram falar, alguns não conseguiram encontrá-lo, outros nem tiveram interesse” (SILVA, P., 2006, p. 31-32) e poucos tiveram acesso. As obras simbolizam “a mobilização por parte dos setores mais intelectualizados da

igreja em função de construir uma certa memória e de escolher seus “heróis”[...] (Ibidem, p. 33).¹⁶

Tendo em vista que esses livros foram escritos por um agente da própria Igreja, eles requereram um tratamento adequado, de modo que seus conteúdos sobre a trajetória da AD no Maranhão tiveram que ser problematizados e questionados.

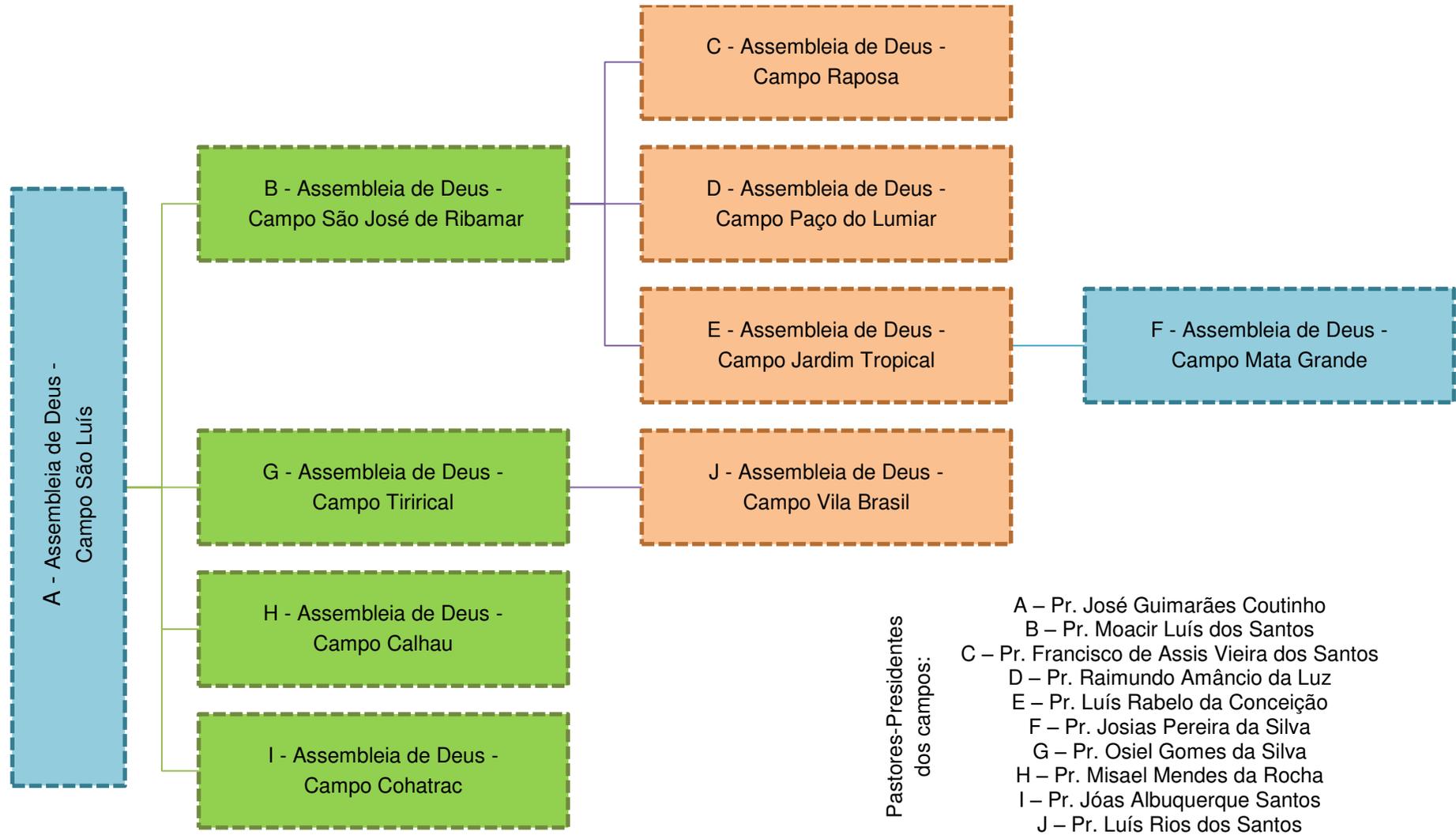
Além desses dois livros que foram úteis como ponto de partida, para atingir os objetivos acima traçados, utilizamos tantos métodos quantitativos quanto qualitativos. Isto porque “as duas abordagens são complementares e aportam um duplo esclarecimento ao objeto de pesquisa, permitindo compreender melhor a complexidade dos fenômenos estudados” (DIETRICH, LOISON, ROUPNEL, 2015, p. 182).

Nos métodos quantitativos, desenvolvemos um levantamento de dados estatísticos do IBGE - Censo Demográfico de 1991, 2000 e 2010 (sobre o universo numérico de fiéis dos evangélicos, principalmente da AD no Brasil, Maranhão e Ilha de São Luís); de números de congregações, áreas e de fiéis nos *campos* (sedes) que coordenam as atividades das congregações da ADISL; e da audiência da Rádio Esperança na internet pelo portal da *RadioNet*¹⁷. Além disto, cabe ressaltar, a coleta de informações de todos os *campos* (conforme o **Fluxograma 1**) da Ilha de São Luís foi possível através da autorização do secretário executivo da CEADEMA e pastor Gildenemyr Lima Sousa, e da intermediação do seu secretário Paulo Monteiro. Depois disso, entramos em contato com todos os secretários e pastores-presidentes da ADISL, visto que a CEADEMA não possuía os dados específicos e relativos aos números de congregações e fiéis.

¹⁶ É importante dizer que conseguimos ter acesso às obras na *Assembleia de Deus - Campo São Luís* por meio do diácono e responsável pelo setor de literatura, Istândio Pereira Rodrigues. Ele disponibilizou para cópias. O acesso a essas obras é difícil. Talvez por dois motivos: primeiro, por ter somente um exemplar de cada livro e, segundo, pela “desconfiança” do público pesquisador utilizar de má fé ou fazer uso pejorativo dos dados publicados.

¹⁷ A *RadiosNet* agrega diferentes estações de rádios do Brasil e do mundo, e oferece a possibilidade das rádios serem ouvidas na internet pelo portal <<https://www.radios.com.br/>> e pelo aplicativo *RadiosNet* para celulares e *tabletes* com sistemas *android* e *iOS*. Mensalmente, a *RadiosNet* divulga a posição das rádios mais acessadas/ouvidas pela internet, sendo que as estatísticas de visitas (ou audiência) das rádios são geradas, isto é, mensuradas através dos acessos do portal e do aplicativo *RadioNet*.

Fluxograma 1 – Sedes dos *campos* da ADISL



Fonte: SILVA, R., 2001, 2012; Dados da pesquisa. Elaborado pela autora.

Também, utilizamos os métodos de pesquisa *survey* para conhecer os fiéis da ADISL e suas relações com a Rádio Esperança. Como a ADISL é dividida por dez *campos*, em toda a Ilha de São Luís, a aplicação do questionário¹⁸ foi definida para uma *amostra estratificada* que, inclusive, se caracteriza como o método para “obter maior grau de representatividade, reduzindo provável erro amostral” (BABBIE, 1999, p. 137). Ou ainda,

O efeito da estratificação é garantir a representação adequada das variáveis de estratificação para aumentar a representação de outras variáveis relacionadas a elas. Portanto, tomada como um todo, uma amostra estratificada tem possibilidade de ser mais representativa num certo número de variáveis do que no caso de uma amostra aleatória simples (Ibidem, p. 137).

Assim, inicialmente, as amostras estratificadas foram delimitadas para 299 fiéis, mas, como se trata de uma *amostragem probabilística*, a estatística Fernanda Cristina Silva Gomes Vieira fez a sugestão de que se escolhêssemos apenas um *campo* já seria representativo. Com isso, priorizamos os *campos* São Luís, Tirirical e São José de Ribamar, porque são os maiores *campos* da ADISL e, conseqüentemente, mais representativo. Também, para o tempo disponível para a elaboração de uma dissertação, seria difícil entrevistar os 299 fiéis inicialmente previstos.

É importante dizer que o cálculo da amostragem contemplou os dez *campos* que formam a ADISL. Os números de fiéis e congregações foram informações disponibilizadas pelos secretários e pastores-presidentes da Igreja, isto é, foram dados internos da própria ADISL. Contudo, embora o número de congregações seja exato, há uma possibilidade de que a quantidade de fiéis não seja precisamente tal como exposta na **Tabela 7**, uma vez que eles superestimam o número de fiéis. Mesmo assim, o cálculo da amostragem foi feito com base nesses dados internos, e considerando o erro amostral de 5%, com nível de confiança em 95% e percentual máximo de 2%.

Tabela 7 – Quantidade de campos, fiéis e congregações da ADISL

Campos	Fiéis	Congregações	Amostras Estratificadas*
Calhau	350	3	28
Cohatrac	1.200	11	30
Jardim Tropical	800	16	30
Mata Grande	700	10	29
Paço de Lumiar	2.500	28	30
Raposa	4.167	41	30

¹⁸ O questionário que foi aplicado com os fiéis encontra-se no **Apêndice D**, p. 177.

São José de Ribamar	5.000	59	30
São Luís	54.950	381	31
Tirirical	15.000	217	31
Vila Brasil	1.260	16	30
Total	10	85.927	782

Fonte: Dados da pesquisa. Elaborada pela autora.

*Amostras calculadas pela estatística Fernanda Cristina Silva Gomes Vieira.

Cabe ainda destacar que, antes da coleta de dados propriamente dita, realizamos o pré-teste no Templo Central da *Assembleia de Deus - Campo São Luís*, a Igreja-Mãe. A aplicação desse questionário foi realizada em julho de 2017, no horário do ensaio do *Coral Geral* da Igreja – recentemente oficializado como *Coral de Louvores de Sião* –, que reúne fiéis de parte das congregações do *campo* São Luís. Nesse primeiro momento, entrevistamos dez integrantes, entre homens e mulheres. Este teste inicial do questionário com os fiéis foi importante, pois, como afirma Barbetta (2002, p. 34),

Antes de iniciar a coleta de dados através de um questionário, precisamos verificar se o instrumento está bom. Nesse contexto, torna-se fundamental a realização de um *pré-teste*, aplicando o questionário em alguns indivíduos com características similares aos indivíduos da população em estudo. Somente pela aplicação efetiva do questionário é que podemos detectar algumas falhas que tenham passado despercebidas em sua elaboração, tais como: ambiguidade de alguma pergunta, resposta que não havia sido prevista, não variabilidade de respostas em alguma pergunta, etc. O pré-teste também pode ser usado para estimar o tempo de aplicação do questionário.

Assim, a realização do pré-teste do *survey* permitiu avaliar as dificuldades e os problemas escondidos na estruturação do questionário, bem como foi fundamental para uma reformulação e reorganização das perguntas, visto que sua finalidade era melhorar o instrumento de pesquisa.

Como centralizamos nos maiores *campos* da ADISL – Campo São Luís, Campo Tirirical e Campo São José de Ribamar –, aplicamos o questionário numa amostra estratificada formada por 92 fiéis. Esse questionário compreendeu uma série ordenada de 34 perguntas fechadas e abertas, que foram respondidas por nossos entrevistados durante a *Escola Bíblica Dominical (EBD)* e *assembleia geral/culto administrativo*¹⁹, no Templo Sede dos três *campos*, entre fevereiro e abril de 2018. A aplicação do questionário só foi possível mediante a autorização dos pastores-presidentes.

Além disso, estivemos presentes durante todas as aplicações dos questionários. Isso foi uma forma de evitar confusões com os itens do questionário, pois, caso, os nossos

¹⁹ Para saber como funcionam os cultos da EBD e da assembleia geral/culto administrativo ver: p. 128.

entrevistados não entendessem as perguntas ou indicassem que não estavam entendendo, seria possível esclarecê-las e, assim, conseguir respostas sem equívocos.

Assim, a partir da aplicação dos questionários, reunimos informações factuais e subjetivas dos ouvintes com vistas a conhecer a opinião deles (PARIZOT, 2015), isto é, compreender as atitudes, percepções dos fiéis sobre suas condições socioeconômicas e práticas religiosas e midiáticas. Mais especificamente, esse *survey* foi também importante para sabermos como a Rádio Esperança alcança os fiéis (ouvintes) e qual a leitura que eles fazem da programação.

Nos métodos qualitativos, realizamos entrevistas com diferentes agentes ligados à Rádio Esperança: o pastor Benjamim Lima de Souza, o primeiro diretor da Rádio Esperança, para sabermos o projeto inicial da rádio e como ela surgiu. Ele teve importância na história dessa rádio, pois assumiu a direção em dois momentos e foi o idealizador das primeiras programações e responsável por toda a pesquisa operacional de como instalar a emissora. Foi o único diretor com formação em Comunicação Social – Jornalismo. Entrevistamos também o pastor José Guimarães Coutinho, presidente da *Assembleia de Deus - Campo São Luís*, que ficou responsável pela administração da Rádio Esperança a partir de 1996, pois representa a visão institucional do que significa ou não significa a emissora para a Igreja. A entrevista não foi pessoalmente, e as respostas das nossas perguntas deram-se a partir de um questionário deixado na secretaria do *Templo Sede*. Fizemos também entrevistas com alguns ex-apresentadores da Rádio Esperança, dentre eles:

- André Martins foi apresentador durante cinco do programa “Clube da Notícia”.

- Irma Helenn foi apresentadora do programa “Ponto 100”, um programa de entrevista, onde levava autoridades, secretários de Estado e especialistas em algum assunto para falar na emissora. Também atuou no Departamento de Jornalismo, onde escrevia as notícias que eram divulgadas na programação diária da rádio. Ela ficou três anos na rádio.

- Jonas Vianna foi apresentador do “Brasil gospel”, “Esperança Internacional”, “As melhores da semana”, “As melhores do dia”, “Conexão jovem” e o jornal “15 minutos”. Foi coordenador artístico, redator e produtor técnico. Ficou entre sete anos e/ou nove anos na rádio. A entrevista não foi pessoalmente, e as respostas das perguntas deram-se pelo envio de áudios por *e-mail*.

- Kim Lopes exerceu a função de locutor e operador. Apresentou o programa “Expresso romântico”. Ficou quase três anos na rádio.

- Marcos Aurélio D’Eça foi diretor de jornalismo e apresentador do “Repórter Esperança” e do “Redator 100”, um noticiário de segunda a sexta. Ficou na rádio por três anos.

- Rubén Mukama foi apresentador dos programas “Super Gospel”, “Brasil Gospel”, “Esperança Internacional” e “Estação 100”. Ficou na rádio durante três anos.

As nove entrevistas foram semiestruturadas, com um roteiro sobre o tema, porque permitiu e, às vezes, incentivou que os entrevistados falassem livremente sobre assuntos que iam surgindo como desdobramentos do tema principal (GERHARDT et al., 2009). Todas as entrevistas foram gravadas e transcritas, com exceção do questionário do pastor-presidente do *campo São Luís*. Ademais, a escolha desses entrevistados deu-se pelo fato de fazerem parte da história da Rádio Esperança, em diferentes momentos, bem como por terem mostrado maior disposição e interesse na realização das entrevistas. Além destas, tentamos entrevistar o atual diretor da Rádio Esperança, bem como outros ex-diretores, apresentadores e ex-apresentadores, mas não tivemos êxito.

Vale lembrar ainda que para nenhum dos apresentadores que entrevistamos e, principalmente, o ex-diretor da Rádio Esperança, foi preciso apresentar “carta de apresentação” disponibilizada pelo orientador. Foi suficiente falar que estávamos pesquisando a Rádio Esperança. Eles demonstraram muito interesse na elaboração da pesquisa e que estavam disponíveis para quaisquer informações, chegando a oferecer seus contatos e e-mails. Pelo pioneirismo deles na rádio, foi comum ouvir que não faziam parte da memória da rádio, após a emissora ter tomado outras direções e administrações.

Além disso, tivemos acesso aos estatutos e atas de fundação, com a autorização do pastor e atual presidente da rádio, Jackson Douglas Pires Martins, intermediado pela gerente administrativa da emissora, Mara Gomes, funcionária há 27 anos. No primeiro momento, os estatutos não foram disponibilizados para cópias, somente para pesquisa local. Mais tarde, conseguimos as cópias dos estatutos e da escritura pública por meio do pastor Benjamin Lima de Souza, primeiro diretor da Rádio Esperança e filho do pastor Estevam Ângelo de Souza.

1.4 Estrutura e apresentação dos capítulos

A presente dissertação está estruturada em quatro capítulos, que apresentam os resultados produzidos através de procedimentos metodológicos diversos, como explicamos acima.

No primeiro capítulo, discutimos a religião na sociedade moderna, destacando as contribuições de alguns dos autores clássicos da Sociologia – Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel – para o estudo dos fenômenos religiosos. Além disso, tratamos do início da pesquisa em ciências sociais da religião no Brasil, bem como da relação entre ciência e religião. Discorreremos também sobre a origem, características e transformações do pentecostalismo brasileiro.

No segundo capítulo, abordamos as relações entre mídia e religião na sociedade contemporânea, principalmente acerca do momento em que os pentecostais brasileiros se inserem na mídia.

O terceiro capítulo trata da origem e trajetória da Rádio Esperança, na qual discutimos o contexto histórico que surge a Rádio Esperança em São Luís e algumas características sobre a construção e o funcionamento da emissora em caráter experimental e permanente, bem como sobre os enfoques das programações da Rádio Esperança entre as lideranças do pastor Estevam Ângelo de Souza e do pastor José Guimarães Coutinho. Buscamos também explicar a relação dentre as produções das programações e financiamentos da Rádio Esperança e o atual cenário radiofônico na Ilha de São Luís que a emissora se insere.

O quarto e último capítulo, baseado nos dados obtidos pela aplicação do *survey*, tratamos da relação dos fiéis da ADISL com a mídia, sobretudo com a Rádio Esperança. Nesse capítulo ainda apresentamos as atitudes, percepções e opiniões dos fiéis sobre suas condições socioeconômicas e práticas religiosas e midiáticas e, de modo geral, verificamos se existe alguma relação entre a Rádio Esperança e o crescimento da ADISL.

2 BREVE INCURSÃO SOCIOLÓGICA SOBRE O FENÔMENO RELIGIOSO

Este capítulo é dividido em dois momentos. No primeiro, discutimos a religião na sociedade moderna, destacando as contribuições de alguns dos autores clássicos da Sociologia – Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel – para o estudo dos fenômenos religiosos. Tratamos do fato religioso como objeto importante da sociologia desde os autores clássicos, isto é, desde a origem do pensamento sociológico. No segundo momento, abordamos o início da pesquisa em ciências sociais da religião no Brasil, bem como da relação entre ciência e religião, isto é, dos pesquisadores que estudam sua própria religião. Também discorreremos sobre a origem, características e transformações do pentecostalismo brasileiro.

A religião é um universo complexo e diversificado que se manifesta e desenvolve no tempo e no espaço. A sociologia das religiões, campo de estudo particular, se construiu, progressivamente, através de uma pluralidade de olhares, pois nasceu no âmago das questões sociológicas sobre a modernidade. Émile Durkheim, Max Weber e Georg Simmel se confrontaram com a análise do fenômeno religioso, visto que o surgimento da sociologia como disciplina científica encontrou-se fortemente ligado a uma interrogação sobre o futuro religioso nas sociedades modernas (HERVIEU-LÉGER, WILLAIME, 2009; WILLAIME, 2012). Não por acaso, como bem pondera Rivera (2001, p. 15), “a preocupação da pesquisa científica pelos fenômenos religiosos nasce com a sociologia. Desde sua origem, essa ciência procurou explicar a religião, fenômeno social que a antecede e que é, desde tempos remotos, parte importante das sociedades humanas”.

2.1 As contribuições dos clássicos para os estudos da religião

No final do século XIX e início do século XX, a sociologia pretendia estabelecer-se como uma disciplina autônoma e diferente da economia política, filosofia e teologia, sem, contudo, deixar a conexão fundamental com as questões políticas, filosóficas e morais de seu tempo e, por esses aspectos,

A sociologia clássica continuava a grande tradição da filosofia moral e política. [...] Essa conexão com a filosofia explica por que os clássicos não praticaram a sociologia da religião como uma categoria especial, e sim no interior da sociologia geral. Se alguém conseguisse demonstrar cientificamente que Deus é uma construção social e analisar empiricamente as implicações das crenças coletivas para a vida em sociedade, então estaria assegurada a viabilidade da abordagem sociológica. Ao se negar a estudar a religião isoladamente, mas apenas em sua relação com a ação social nas sociedades em processo de secularização, a sociologia

da religião não se tornava uma sociologia religiosa, mas secular - e, como tal, um produto de sua época (VANDENBERGHE, 2010, p. v-vi, grifos nosso).

Dentro dessa perspectiva, os autores clássicos da sociologia, cada um ao seu modo, com orientações metodológicas e teóricas diferentes, construíram paulatinamente uma maneira particular de tratar os fenômenos religiosos, visto que foram transformando-os em objeto de observação e análise (HERVIEU-LÉGER, WILLAIME, 2009). Durkheim, Weber e Simmel, de modo geral, analisaram a religião no contexto de uma sociedade que refletia a transição para a modernidade e as patologias das sociedades industriais e capitalistas (VANDENBERGHE, 2010). De modo que suas obras foram desenvolvidas num período histórico de profundas transformações sociais e, mais tarde, tornando-se fundamentais e seminais para a sociologia e a antropologia da religião, visto que permitem compreender como esses primeiros sociólogos abordaram os fatos religiosos e como se elaboraram o olhar sociológico sobre as religiões.

- A sociologia da religião de Durkheim

A questão da religião é abordada desde os primeiros estudos sociológicos de Durkheim e tornou-se progressivamente, o fundamento de sua problemática da ligação social e coesão social; e, ainda que a religião não esteja como objeto principal de discussão em seus diversos escritos²⁰ antes da sua última obra, *As Formas Elementares da Vida Religiosa*, é inequívoco que Durkheim conhecia o significado da religião no interior da vida social, caso contrário não a teria tratado mesmo que de forma pontual (HERVIEU-LÉGER, 2009; QUEIROZ, 2017). A propósito dessas afirmações:

A abordagem da religião desenvolvida por Durkheim se inscreve plenamente no quadro de seu projeto de edificação de uma sociologia moral. [...] Durkheim estabeleceu uma estreita relação entre o fato religioso e a dimensão coletiva da vida social. Ao se interrogar sobre as crenças e as práticas religiosas, ele se pôs a estudar o fundamento moral das relações sociais. Ele analisou prioritariamente as religiões primitivas a fim de encontrar as próprias fontes de ligação social, e, em uma perspectiva comparativa, apreender o que aconteceria em uma sociedade laicizada (RIUTORT, 2008, p. 633-634, grifos do autor).

²⁰ A citação seguinte exemplifica esses diversos escritos: “[...] Passando em revista toda sua trajetória intelectual, é possível verificar que esse fenômeno é levado em consideração tanto na *Divisão do Trabalho Social*, de 1893, pois a explicação que estabelece da preponderância do direito repressivo nas sociedades pré-modernas está vinculada à importância da religião como principal fundamento moral, quanto em *O Suicídio*, de 1897, no qual relaciona as taxas de suicídio, dentre outros fatores, às diferentes religiões, e em artigos e debates, como *O individualismo e os intelectuais*, de 1898, ou a *Determinação do fato moral*, de 1906” (QUEIROZ, 2017, p. 74-75).

Inicialmente, na definição proposta por Durkheim, algumas noções recorrentes sobre religião, fundamentadas nas concepções de divindade e de sobrenatural, são analisadas detalhada e criticamente deixadas de lado porque são consideradas insuficientes. Na sua concepção, a religião ultrapassa a ideia de deuses e espíritos, pois essas características não estão presentes em todas as religiões ou muitas delas não fazem nenhuma referência a essas noções: “há ritos sem deuses e, inclusive, há ritos dos quais derivam os deuses. Todas as virtudes religiosas não emanam de personalidades divinas e há relações culturais que têm objetivo diferente do unir o homem a uma divindade” (DURKHEIM, 2008, p. 67).

Na visão de Durkheim, os fenômenos religiosos classificam-se naturalmente em duas categorias fundamentais: as *crenças* e os *ritos*. Também os ritos só podem ser explicados e distinguidos de outras práticas humanas, sobretudo das práticas morais, pela natureza específica do seu objeto. Ele acredita que as crenças religiosas (onde a natureza do objeto dos ritos está expressa) apresentam um caráter comum, pois supõe a divisão do mundo em dois domínios: o *sagrado* e o *profano*. Mais especificamente, ele explica que,

[...] as crenças, os mitos, os gnomos, as lendas são ou representações ou sistemas de representações que exprimem a natureza das coisas sagradas, as virtudes e os poderes que lhes são atribuídos, sua história, suas relações entre si e com as coisas profanas. Mas, por coisas sagradas, não se devem entender simplesmente seres pessoais que chamamos deuses ou espíritos; um rochedo, um árvore, uma fonte, uma pedra, uma peça de madeira, uma casa, enfim, qualquer coisa pode ser sagrada (DURKHEIM, 2008, p. 68).

Dito de outro modo, o aspecto característico do fenômeno religioso é a divisão bipartida do universo em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente: as coisas sagradas e as coisas profanas. A coisa sagrada é aquela que o profano não deve e não pode tocar, isto é, os dois gêneros não podem se aproximar e conservar juntamente uma única e só natureza. Nesse sentido, os ritos caracterizam-se como regras de comportamento ou maneiras de agir que prescrevem como o ser humano deve se comportar diante das coisas sagradas.

Nessa sequência, Durkheim considera a religião como um fenômeno de ordem coletiva que necessita da existência de uma *igreja*. Neste sentido é que ele estabelece uma distinção entre a *magia* e a *religião*. Se, por um lado, as crenças religiosas são comuns a uma determinada coletividade, na qual os indivíduos aderem e praticam os ritos ligados a elas, bem como se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum; por outro, as crenças mágicas não ligam uns aos outros seus adeptos e nem unem num mesmo grupo, vivendo uma mesma vida.

[...] Entre o mago e os indivíduos que o consultam, como entre esses próprios indivíduos, *não existem laços duradouros que façam deles membros de um mesmo corpo moral, comparável ao formado pelos fiéis de um mesmo deus, pelos praticantes de um mesmo culto*. O mago tem clientela, não igreja, e seus clientes podem muito bem não ter entre si nenhuma relação, a ponto de se ignorarem uns aos outros; até as relações que têm com o mago são geralmente acidentais e passageiras; são em tudo semelhantes às de doente com o médico (DURKHEIM, 2008, p. 76-77, grifos nosso).

Por isso, as crenças mágicas não produzem os mesmos efeitos que as crenças religiosas, pois estas últimas unem, no contexto de um mesmo grupo, os indivíduos que aderem às crenças. Isso porque, o pertencimento a uma religião exige a partilha de maneiras comuns de pensar e de representar o mundo (RIUTORT, 2008). Nesse sentido, Durkheim estabelece a ideia de igreja, que representa uma sociedade cujos membros estão unidos por se expressarem da mesma maneira o mundo sagrado e por traduzirem essa representação comum em práticas idênticas. Isto é, uma igreja é uma comunidade moral formada por todos os crentes de uma mesma fé, fiéis e sacerdotes.

Assim, tomando essas concepções como fundamento, Durkheim chega a seguinte definição: “*uma religião é um sistema solidário de crenças segundas e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a ela aderem*” (DURKHEIM, 2008, p. 79, grifo do autor). Quer dizer, como a ideia de religião é inseparável da ideia de igreja, Durkheim afirma que a religião é uma coisa iminentemente coletiva, ou seja, socialmente organizada. Hervieu-Léger sintetiza esta perspectiva durkheimiana nos seguintes termos:

[...] O deus que os homens adoram e ao qual prestam um culto é, na realidade, a própria sociedade. Todas as religiões, para além da diversidade das crenças e das práticas que elas põem em ação, têm como realidade própria o fato de suscitar em seus adeptos o sentimento unânime e intenso de sua comum pertença a um mesmo corpo. É a sociedade que suscita a comunhão das consciências que nasce do sentimento da dependência partilhada; é a própria sociedade que os indivíduos honram quando celebram seus deuses (HERVIEU-LÉGER, 2009, p. 189-190).

Por outras palavras, Durkheim acredita que a fonte da religião não é Deus, mas a sociedade. Isto porque, assim como os seres humanos têm necessidade de deuses para existir em sociedade, os deuses também dependem dos seres humanos, que se dedicam, por meio do culto que lhes prestam, a preservar sua existência, pois sem as oferendas e os sacrifícios eles morreriam. Isto é, há uma dependente relação mútua entre os deuses e os seus fiéis.

Outro interesse da abordagem durkheimiana é sua ênfase sobre o aspecto dinâmico do sentimento religioso, pois os crentes, ou os seres humanos que vivem a vida religiosa sentem que a religião é uma força que impulsiona a agir e ajuda a viver. Isto porque, segundo Durkheim,

O fiel que comungou com o seu deus não é apenas homem que vê verdades novas que o incrédulo ignora: é homem que *pode* mais. Ele sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas, porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, aliás, sob qualquer forma que se conceba o mal. O primeiro artigo de qualquer fé é a crença na salvação pela fé (DURKHEIM, 2008, p. 493).

Além disso, a afirmação de Durkheim que “a religião é fato social, emerge do social, é signo do social” é a mais reproduzida pelos comentadores de sua obra, “mas sublinha-se menos o oposto dialético, também fortemente afirmado por nosso sociólogo: à gênese societária da religião corresponde a gênese religiosa da sociedade” (SANCHIS, 2011, p. 47). Há ligações entre as representações coletivas emanadas da religião e as representações próprias às sociedades modernas e, por isso, Durkheim abre a via para a sociologia do conhecimento, que ele integra à sociologia do fato religioso. Ou seja,

[...] Para Durkheim, efetivamente, uma continuidade inegável se estabelece entre as categorias de pensamento primitivas, que têm como fundamento a religião, e as categorias científicas, que fazem uso da razão. [...] As categorias lógicas e cognitivas, que podem servir de fundamento para a ciência, também são consequentemente categorias sociais, no sentido de que elas ganham seus significados a partir do contexto espaço-temporal em que emergem. Elas não possuem, portanto, uma característica universal *a priori* (RIUTORT, 2008, p. 638).

Além disso, Durkheim acredita que a religião não surge após a formação do intelecto humano, mas, sim, ajuda a formá-lo. O homem aprendeu a pensar a partir de categorias religiosas, dado que “são a fonte do conhecimento, a primeira forma de conhecimento. As categorias [religiosas] permitem pensar o social, porém elas são fruto da representação coletiva que é síntese das representações individuais” (GUERRIERO, 2012, p. 19). Ou ainda: a religião foi a primeira forma de que o ser humano dispôs para explicar e entender o mundo e os acontecimentos da vida de ordem natural e ordem social (PINEZI, JORGE, 2012).

Essa análise sociológica da religião proposta por Durkheim foi objeto de inúmeros comentários críticos e abriu perspectivas para muitos trabalhos sociológicos e antropológicos referentes ao lugar das instituições sociais e as crenças coletivas. Também,

continua sendo seminal, pois “fornece importantes chaves interpretativas para a dinâmica do fenômeno religioso e seu contínuo processo de ressemantização” (RODRIGUES, E., 2012, p. 170). Além disso, as definições de Durkheim, tanto em relação à “igreja” como no que diz respeito à dicotomia “sagrado/profano”, são atuais, mas dependem dos grupos e das articulações entre os sistemas de crenças. Sob esse ponto de vista, Pinezi e Jorge (2012, p. 95-96) esclarecem melhor:

As categorias apresentadas por Durkheim foram, durante décadas, aplicáveis nas ciências sociais, mas algumas delas já não podem mais ser utilizadas “puramente”, tendo em vista a modificação do atual campo religioso e de novas abordagens introduzidas que, não necessariamente, se opõem às da teoria durkheimiana, mas as amplia e as discute. O sagrado e o profano deixam de ser vistos como duas formas de ser no mundo e configuram-se como duas formas intercambiáveis. Isto porque há um trânsito claro entre a vivência do que é considerado profano para o que é considerado sagrado, e vice-versa. Há certa penetração e invasão de espaços que Durkheim não enxergou. [...]
Entretanto, os conceitos de “sagrado e profano” e “religião e magia”, definidos por Durkheim, podem claramente ser aplicáveis hoje numa visão amplificada e que leve em conta o híbrido em meio ao plural.

Neste sentido é que a noção de “representação coletiva”, por exemplo, pode oferecer contribuições para pesquisas sobre o pentecostalismo no Brasil. Conforme Maxwell Fajardo (2012, p. 181):

A aplicação da ideia de representação coletiva no estudo do pentecostalismo brasileiro contribui para uma compreensão do movimento a partir das práticas cotidianas que configuram a identidade de cada denominação em particular. No caso da igreja Assembleia de Deus, [...], é possível identificar a força das representações coletivas na formulação de um padrão comportamental de seus membros, principalmente no que diz respeito às suas vestimentas e proibição do uso de adereços, os chamados “usos e costumes” da denominação. [...] Neste padrão de conduta, toda a forma de vestir do fiel é justificada a partir da ideia de separação do crente do mundo pecaminoso por meio de uma vida recatada, em que os costumes mundanos devem ser repelidos.[...] Tais construções de pensamento são constituídas coletivamente e confirmadas sob o discurso da pureza e obediência aos princípios da denominação.

Maxwell Fajardo exemplifica ainda que o lugar da mulher na hierarquia da Assembleia de Deus aponta para a força da representação coletiva, pois na maioria das igrejas - mesmo que a função de missionária já tenha se institucionalizado -, não é permitido que a mulher exerça a função pastoral.

Já no “neopentecostalismo, diferentes concepções e práticas organizam-se e estruturam-se com base nas oposições entre sagrado e profano. Na realidade, o neopentecostalismo só existe em virtude dessa relação” (BITUN, SOUZA NETO, 2012, p.

70), principalmente nas disputas entre as igrejas evangélicas em busca de legitimidade e pelo nome de religião sagrada ou verdadeira. Mas, por outro lado,

Com a multiplicidade de religiões, cabe, talvez, apresentar um limite na obra de Durkheim. Ele sempre buscou mostrar que a religião tem o papel de integração social, mas, às vezes, percebemos a religião como uma força desintegradora da sociedade, sobretudo quando ela ganha um caráter fundamentalista (BITUN, SOUZA NETO, 2012, p. 67).

Em síntese: há uma contemporaneidade e relevância das ideias de Durkheim que, atualizadas, revisadas e reelaboradas podem continuar contribuindo para a compreensão do fenômeno religioso que se faz sempre presente e renovado (GUERRIERO, 2012). Sob esse ponto de vista, Riutort (2008, p. 645) finaliza assegurando que:

Apesar dos seus limites inegáveis, a abordagem durkheimiana permitiu e permite sempre, a partir justamente de seu questionamento sobre as formas de ligação social em uma sociedade individualista, interrogar o papel exercido doravante pela religião em um mundo marcado pela dessacralização, como também possibilita refletir sobre a renovação das formas de experiência religiosa.

- A sociologia da religião de Weber

Por sua vez, Max Weber foi outro autor que também se ocupou com o estudo do fenômeno religioso e, por consequência, influenciou e ainda é um importante referencial da sociologia da religião. A maior parte dos sociólogos que estudam, a religião está em diálogo com Weber, a exemplo de Peter Berger e Pierre Bourdieu. Por outro lado, há pouco diálogo da antropologia da religião com Weber, que pode ser explicado pelo fato de sua preocupação não voltar-se para as sociedades pré-modernas ou ágrafas (MARIZ, 2011).

A sociologia weberiana da religião não buscava “apreender a essência do fenômeno religioso nem, portanto, suas formas elementares, como foi o caso do empreendimento *durkheimiano*”, pois seu principal interesse “era entender o comportamento produzido por tal fenômeno, ou seja, sua influência sobre a ação humana” (WEISS, 2005, p. 2). Também, sua sociologia emerge do interesse sobre o surgimento do capitalismo, pois o centro de sua preocupação era a sociedade moderna e o peculiar processo de racionalização que a constituiu. Além de crítico dessa sociedade em que vivia, Weber reconhecia diferentes tipos de racionalidades. Por isso que o conceito de racionalização é fundamental na sua sociologia da religião (MARIZ, 2011).

Weber, também inscreve sua sociologia das religiões nos parâmetros de uma sociologia da dominação, o que leva a dar grande atenção aos diversos modos de exercício do poder religioso. Sua sociologia se preocupa em definir os tipos de organização religiosa e os tipos de autoridade religiosa (WILLAIME, 2009, 2012).

Isto permite Weber estabelecer uma distinção entre *igreja* e *seita* como dois modos de existência social da religião. No entanto, é importante alertar, que tais conceitos são tipos ideais, ou seja, modelos elaborados para pesquisa e que não existem em seu estado puro na realidade. Ou ainda, são polos úteis de referência para o estudo da realidade empírica. Assim, por um lado, a Igreja é definida como uma instituição que administra “uma espécie de fideicomisso dos bens de salvação eternos, oferecidos a cada um. Na Igreja não se entra, em regra, voluntariamente, como se fosse um clube, mas se nasce dentro dela [...]” (WEBER, 1999b, p. 368). Por outro, a seita é considerada como uma comunidade religiosa que,

conforme seu *sentido* e sua *natureza*, necessariamente tem que renunciar à universalidade e fundamentar-se no livre acordo de seus membros. Tem que fazê-lo porque pretende ser uma organização aristocrática, uma associação de religiosamente qualificados, e somente destes, *e não, como as igrejas, uma instituição dispensadora de graça, que deixa sua luz brilhar sobre justos e injustos e quer conduzir precisamente os pecadores à observação dos mandamentos divinos* (WEBER, 1999b, p. 402-403, grifos nosso).

Por outras palavras, a seita pode ser definida como uma associação voluntária de crentes no contexto de uma ruptura com seu ambiente social, na qual prevalece uma autoridade religiosa carismática; a igreja, por seu turno, seria uma instituição burocrática de salvação aberta a todos, na qual as pessoas já nascem como parte e dependem dela para constituírem uma relação com a divindade. Isto é, o pertencimento a uma seita é o resultado de um ato voluntário, enquanto que a pertença a uma Igreja frequentemente é o efeito de uma perpetuação das ligações sociais.

No que está relacionado aos tipos de autoridade religiosa, Weber os elaborou a partir da observação de três diferentes formas de legitimação do poder na vida social. Na perspectiva weberiana, a vigência da legitimidade pode ser:

1. *de caráter racional*: baseada na crença na legitimidade das ordens estatuídas e do direito de mando daqueles que, em virtude dessas ordens, estão nomeados para exercer a dominação (dominação legal), ou
2. *de caráter tradicional*: baseada na crença cotidiana na santidade das tradições vigentes desde sempre e na legitimidade daqueles que, em virtude dessas tradições, representam a autoridade (dominação tradicional), ou, por fim,

3. *de caráter carismático*: baseada na veneração extracotidiana da santidade, do poder heroico ou do caráter exemplar de uma pessoa e das ordens por esta reveladas ou criadas (dominação carismática) (WEBER, 1999a, p. 141).

No domínio religioso, esses três modos de legitimação do poder definiram os seguintes tipos ideais: *sacerdote*, *mago* e *profeta*. Os sacerdotes podem ser denominados como “funcionários de uma empresa permanente, regular e organizada, visando à influência sobre os deuses, em oposição à utilização individual e ocasional dos serviços dos magos” (WEBER, 1999a, p. 294); e, o profeta é definido como “portador de um carisma puramente *pessoal*, o qual, em virtude de sua missão anuncia uma *doutrina* religiosa ou mandamento divino” (p. 303). Ainda, segundo Weber:

[...] Em oposição ao profeta, o sacerdote distribui bens de salvação em virtude de seu cargo. É possível, no entanto, que a função sacerdotal esteja vinculada a um carisma pessoal. Mas mesmo neste caso, *o sacerdote, como membro de um empreendimento de salvação com caráter de relação associativa, permanece legitimado por seu cargo, enquanto que o profeta, bem como o mago carismático, atua somente em virtude de seu dom pessoal*. Este se distingue do mago pelo fato de que anuncia revelações substanciais e que a substância de sua missão não consiste em magia mas em doutrina ou mandamento (WEBER, 1999a, p. 303, grifos nosso).

A partir desta perspectiva, Mariz (2011) garante que os três tipos de motivação para ação social, e também legitimação do poder - *tradicional, carismática e racional* -, correspondem aos três tipos ideais de profissionais religiosos especializados. Mais detalhadamente: o *magos* tem seu poder legitimado pela tradição, o *sacerdote* pela instituição e por doutrinas/teologias racionalmente construídas e o *profeta* por suas qualidades extraordinárias, que é o seu carisma pessoal. Por isso, segundo a autora, existe uma coerência lógica que releva a abrangência do projeto teórico de Weber.

Além disso, ressalta-se que uma das principais contribuições de Weber consistiu em mostrar que existem diferentes tipos de racionalidade e que a própria racionalização da religião desempenhou um papel essencial no surgimento da modernidade (WILLAIME, 2012). De modo que, ao buscar compreender a motivação para a racionalização da vida econômica, Weber (1987) se depara inicialmente com o protestantismo. Este último criou um *ethos*, pois, ao levar seus fiéis a se dedicar de forma ascética ao trabalho secular, motivou a produção de riquezas e poupança antes mesmo do avanço e a difusão do sistema capitalista. Por isso, Weber argumenta que a ascese e a disciplina para o trabalho eram sanções psicológicas originadas da crença religiosa e da prática da vida religiosa que orientavam a conduta e a ela prendiam o indivíduo; ou seja, a conduta ascética significou um planejamento racional de toda vida do indivíduo, de acordo com a crença na vontade de Deus.

A ascese e a disciplina para o trabalho em si não eram inovações protestantes. Em razão disso, Weber acredita que a novidade na reorientação do protestantismo foi quando Martinho Lutero, uma das figuras centrais da Reforma Protestante do século XVI, traduziu a Bíblia e adotou a palavra alemã *Beruf*, para se referir tanto à vocação quanto ao trabalho secular. Assim, a missão para a qual Deus chamava os homens era desenvolver suas atividades produtivas cotidianas e, como Ele não pedia mais nem imagens, nem templos ornados de ouro, a riqueza obtida deveria ser reempregada na vocação. Willaime (2012, p. 57-58) acrescenta que:

A prioridade de Weber não consiste em mostrar que o protestantismo engendrou o capitalismo, mas demonstrar as afinidades existentes entre um certo tipo de protestantismo - essencialmente o calvinismo puritano dos séculos XVII e XVIII - e o espírito empresarial. Convencido de que a redenção não é alcançada através de esforços humanos (pelas suas “obras”), mas que Deus é o único, em seu insondável julgamento, capaz de trazer a salvação, tendo rejeitado a mediação dos padres da Igreja, o puritano seria um ser eternamente preocupado com a possibilidade da sua salvação. [...]. Trabalhar regular e metodicamente para aumentar suas riquezas seria uma vocação [*Beruf*]. Não se trata de desfrutar as riquezas acumuladas e descansar na luxúria, mas de levar uma vida despojada dedicada ao trabalho. [...] Considerar o trabalho com um dever religioso, praticar o despojamento intramundos e se comportar racionalmente, esses constituem os elementos do *éthos* puritano que teriam proporcionado, juntamente com outros fatores, o desenvolvimento do capitalismo ocidental (WILLAIME, 2012, p. 57-58).

Por outras palavras, a racionalização da conduta da vida no mundo, motivada por representações religiosas está no centro dessa concepção vocacional da profissão do protestantismo ascético. Ou ainda, “os protestantes puritanos agiam asceticamente procurando a salvação de suas almas e não o desenvolvimento do capitalismo. Esse último foi uma mera consequência não intencional” (MARIZ, 2011, p. 95).

Deste modo, ainda que Weber tenha ficado conhecido, principalmente pelo seu estudo *A ética protestante e espírito capitalismo*, sua sociologia da religião não se reduz a análise e a essa construção de tipos ideais, nem a relacionar o protestantismo e o capitalismo (WILLAIME, 2012). Na verdade, esta parte de sua obra muito ainda contribui para os estudos de vários aspectos que envolvem o fenômeno religioso na atual fase e no presente momento da modernidade.

- A sociologia da religião de Simmel

Simmel foi um pensador rigoroso e original sobre o fenômeno religioso. Sua sociologia da religião é enquadrada dentro dos parâmetros de estudos das formas típicas de

ação recíproca, objeto central da sociologia que considera a inexistência da sociedade propriamente dita, pois acredita que a sociedade é fluxo contínuo de interações conscientes entre indivíduos. Isto é, as interações são fios com que as sociedades são tecidas e que quando os fios são entrelaçados, surgem microssociedades efêmeras. Simmel denominou isto de “sociações”, pois essas relações entre indivíduos, que agem com, para ou contra os outros, estão em toda parte. De modo que “a sociedade é a rede complexa e variável das associações transitórias entre indivíduos que interagem” (VANDENBERGHE, 2010, p. xv).

Na realidade, Simmel entende as associações como fulcro da sociedade. Sua “sociologia formal” é definida pelos temas (interações e associações que compõem a sociedade) e pelo método específico de abstração usado para distinguir entre as formas de associação e os seus conteúdos. Ou melhor, a sociologia se concentra na análise das formas de associação que estruturam a vida social e as separa analiticamente de seus conteúdos, descrevendo como as formas estruturam as interações. Em vista disso:

Conteúdos são as pulsões, interesses, objetivos, tendências e movimentos psíquicos que se tornam sociais quando se inscrevem concretamente no Estado, em comunidades religiosas, grupos econômicos, famílias e outros. *Formas* são categorias *a priori* da experiência histórica que permitem estruturar o real numa multiplicidade de perspectivas - ora artística, religiosa, científica, ética ou lúdica. As formas são aplicáveis a todo e qualquer conteúdo, o que explica a diversidade, mas também a unidade de mundos que modelam. Cada forma recorta a totalidade da vida, um mundo inteiro dotado de leis próprias, em concorrência com outros mundos (RIBEIRO, 2006, p. 116).

Desse modo, considerando que a sociologia se caracteriza pela extração de formas sociais dos conteúdos da vida social,

[...] *A religião surge, em sua análise, como um modo possível de interação social que, na realidade, pode-se aplicar qualquer tipo de conteúdo.* Como a arte, a ciência, a política ou a economia, o religioso constitui uma forma específica de interação social *sui generis*, que, ao longo da história, pode adotar diferentes facetas. Diferentemente de Durkheim, a vida na sociedade é apenas uma das origens da religião no pensamento de Simmel: a relação estabelecida com a natureza e atitude do homem diante de seu “destino” são outras fontes imanentes que alimentam a religião (WILLAIME, 2012, p. 44, grifo nosso).

Simmel não emite julgamentos existenciais ou ontológicos sobre a existência de Deus, mas mudou da ontologia para a epistemologia, do transcendente para o transcendental, isto é, a religião se tornou um estado mental ou uma expressão da alma. Sua sociologia da religião privilegia uma descrição das formas de religiosidade em detrimento de uma busca da

origem histórica da religião (VANDENBERGHE, 2010; WILLAIME, 2012). Não só. Ainda de acordo com Hervieu-Léger,

Simmel não se interessa muito pelo religioso institucional, pelas organizações religiosas e pelas relações que os indivíduos mantêm com elas. Tanto no domínio da religião como em outros, ele desenvolve uma abordagem individualista, analisando o modo como os homens tecem relações no quadro de uma formalização religiosa da vida. [...] Para Simmel, tudo é suscetível de se tornar religioso, e nada é religioso em si mesmo [...]. (HERVIEU-LÉGER, 2009, p. 137).

Segundo Simmel, as diversas relações humanas abrigam elemento religioso. Isso porque a religião é uma relação de participação entre um todo e uma parte, a transcendência e a imanência, Deus e a alma; e, também, a religião realiza o que sociedade não consegue, pois integra a parte ao todo enquanto permite que a parte seja um todo. Na verdade, Simmel acredita que a origem da religião está na vida social, pois, para além das interações sociais entre os indivíduos, emerge um senso de unidade que passa a ser idealizado, projetado no céu e simbolizado pelo Deus que representa e realiza a unidade do grupo. De tal modo que a religião consiste em formas de relações sociais, ou seja, uma atitude subjetiva dos seres humanos em virtude da qual eles representam um aspecto desse conjunto de relações, ou melhor, um modo inteiramente humano de sentir, crer e agir (VANDENBERGHE, 2010; SIMMEL, 2011).

Levando em consideração esses aspectos, entende-se porque em Simmel,

[...] Como forma das formas, a religião é matriz a partir da qual todas as outras formas simbólicas emergirão. [...] Como qualquer outra forma simbólica, a religião reúne numa unidade todos os conteúdos deste mundo ao estabelecer relações entre eles; mas, diferentemente das outras formas simbólicas, a religião constrói um conjunto harmonioso e pacífico. A forma religiosa transporta os elementos para uma outra dimensão e os relaciona com o transcendente. Cada elemento, seja uma pedra no caminho seja uma ave no trabalho, tornar-se um símbolo do além; nele, o crente vê o dedo de Deus. Consequentemente, tudo é como deveria ser. Este é um mundo perfeito: o reino de Deus, que de fato está presente nos recantos e fendas do universo (VANDENBERGHE, 2010, p. xx-xxi).

Efetivamente, a categoria central da sociologia de Simmel sobre religião não é Deus, mas a religiosidade. Simmel acredita que a religião não está mais apoiada em Deus, e sim nas atividades realizadas pelo sujeito que experimenta intimamente o divino, isto é, a ênfase se desloca da religião para a religiosidade, da qual a piedade e a religião fazem parte. Essa migração da religião para a religiosidade acompanha a virada em direção à subjetividade que marca o advento da modernidade. A partir de então, a religião passou a ser

individualizada, mas não desapareceu, pois a pessoa religiosa ainda conseguia comunicar-se com o divino, porém essa comunhão passou a ser pessoal e ocorrer no mais íntimo do seu coração. Vandenberghe (2010, p. viii-ix) complementa que:

A religiosidade é categoria central de toda a sociologia da religião de Simmel; ela remete a uma disposição fundamental, predisposição ou inclinação da pessoa religiosa, exprime sua decisiva atitude espiritual diante do mundo e colore todas as suas emoções, desejos, pensamentos e percepções - em suma, suas ações e paixões - de tal forma que a totalidade dos seres aparece, em última instância, como fundada no ser transcendente que sustenta o mundo e lhe confere unidade.

E ainda,

[...] Na época do desencanto, a religião se torna puramente subjetiva – algo que acontece no santuário íntimo da pessoa e não estrutura mais a sociedade como um todo. Enquanto disposição subjetiva, a religiosidade é uma expressão da alma que busca a unidade e reencanta o mundo. A religiosidade é um patrimônio pessoal que muda a perspectiva sobre o mundo, transformando a pessoa religiosa (por exemplo, através da conversão). (VANDENBERGHE, 2010, p. xxiv).

Deste modo, a sociologia da religião de Simmel não é voltada para a realidade dos objetos religiosos, pois ele apreende os fatos religiosos apenas como fatos de consciência, representações que fazem sentido para as pessoas que deles são portadoras e que são fontes de energia para elas. Assim, “a reflexão simmeliana articula a religiosidade às “sociedades”, nas quais distingue formas e conteúdos, inseparavelmente unidos na realidade” (RIBEIRO, 2006, p. 116).

* * *

Mesmo que sucinta a apresentação dos três autores acima tratados, depreende-se que os estudos sociológicos do fenômeno religioso ajudam na compreensão dos fenômenos sociais, pois colocam em evidência as crenças, as práticas e seus efeitos sobre os comportamentos das pessoas. Ou seja, mesmo que fundadoras, formuladas ao fim do século XIX e início do seguinte, as três reflexões ajudam também a entender a permanência do sentimento religioso nas sociedades contemporâneas, já que ele continua exercendo forte influência na formação de identidades sociais, individuais e coletivas, bem como a multiplicidade das formas que este fenômeno adquiriu no tempo e espaço (RIUTORT, 2008).

2.2 Algumas questões sobre o estudo da sociologia da religião no Brasil

A pesquisa em ciências sociais da religião constituiu-se no Brasil, entre os anos 1950 e 1960, como campo disciplinar específico. O declínio do catolicismo – religião majoritária e hegemônica – propiciou a emergência e formação de uma postura favorável ao estudo do fenômeno religioso. No primeiro momento, a produção da sociologia da religião se caracterizou majoritariamente como uma “sociologia do catolicismo, não porque o catolicismo seja a religião majoritária, mas porque nesse momento suas elites têm necessidade pastoral de sociologia” (PIERUCCI, 1999a, p. 257). Esse início da pesquisa científica em sociologia da religião na academia também abriu espaço para os cientistas sociais no estudo dos grupos minoritários, como os protestantes (e pentecostais), espíritas e afro-brasileiros. Todavia, foi a partir de 1970 que se consolidou uma sociologia *das religiões* entre nós.²¹

O principal estudo acadêmico sobre o pentecostalismo divulgado no país, em 1969, e que se tornou um marco pioneiro foi escrito por Beatriz Muniz de Souza. A obra intitulada *A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo*, baseada na sua tese de doutorado e defendida na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro - São Paulo, foi orientada por Cândido Procópio Ferreira de Camargo, um dos fundadores da sociologia da religião no Brasil.

Inclusive, a obra *Católicos, protestantes, espíritas*, de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, publicada em 1973, desenvolveu um quadro teórico dos estudos de religião no país. Essa produção acadêmica buscava compreender a influência da religião nos processos de mudança social. Segundo Souza e Martino (2004, p. 8-9),

o livro [de Camargo] estabeleceu pela primeira vez uma tipologia das diversas manifestações religiosas no Brasil, atentando, sobretudo, às condições de sobrevivência da religião em uma sociedade em processo de modernização.

²¹ “[...] Cabe destacar que os anos 70 assistiram à implantação em terras brasileiras e mais especificamente paulistas de uma institucionalidade física sem precedentes para a pesquisa em ciências sociais da religião. Os anos 70 foram pródigos de novidades para a área. Essa institucionalidade de que falo tomou corpo: 1) na criação de 1970, sob a liderança de Cândido Procópio Ferreira de Camargo, do chamado Setor de Religião no recém-nascido CEBRAP (Centro Brasileiro de Análise de Planejamento); 2) com a fundação do ISER na UNICAMP no início da década de 1970, sob a liderança de Rubem Alves; e 3) do CER, na USP, sob a liderança de Duglas Teixeira Monteiro, estas duas últimas organizações desembocando gloriosamente 4) na criação, em 1977, da revista *Religião & Sociedade*, ligada institucionalmente tanto ao ISER quanto ao CER já abriria nos anos antes com os chamados *Cadernos do ISER*, cujo n. 1 saiu em 1974, espaço que antes deles não existia. Graças aos *Cadernos do ISER* e à revista *Religião & Sociedade* aumenta enormemente a produção da área em número de publicações, divulgam-se os nomes e os achados dos pesquisadores especializados em religião para um público maior (se bem que sempre restrito, mesmo com o passar dos anos, a algumas centenas de envolvidos em todo o país) e, efeito ainda mais alentador, diversificam-se as temáticas e os enfoques” (PIERUCCI, 1999a, p. 265).

Esse livro [também] foi o primeiro a fazer reflexões sobre o inexorável processo de transformação da religião para se adequar às novas realidades do país – um país urbano, industrializado e com um índice progressivo de desigualdade social. Se isso abalou todas as estruturas agrárias e industriais do país, afetou igualmente a hegemonia católica, abrindo espaços para novos participantes do campo religioso – sobretudo evangélicos e espíritas.

Noutras palavras, Cândido Camargo procurou explicar o paradoxo entre modernidade e religião, que tomou como referencial Max Weber. Com essa obra, ainda, legitimou pelo uso do método sociológico, “os campos de estudos da religião e da sociedade”, visto que “foi apenas com *Católicos, Protestantes, Espíritas* que a religião ganhou o *status* de objeto de estudo” (Ibidem, p. 9).

No entanto, segundo Pierucci (1999a, 1999b) a sociologia da religião também se constituiu como “impuramente acadêmica” e carente de credibilidade científica perante as ciências sociais devido à presença de pesquisadores que professam ou praticam crenças religiosas, bem como por seus trabalhos intelectuais fazerem elogio da religião e aplaudirem o retorno do sagrado. Na sua visão ainda, o envolvimento entre ciência e religião é uma “ligação perigosa” que afeta os resultados, objetivos e pretensões da pesquisa científica. O fato de a religião ser estudada pelos cientistas sociais que tem uma formação religiosa impossibilita que as ciências sociais da religião sejam “verdadeiramente científicas”, pois “nunca foram, nem jamais chegaram a ser, uma área *puramente acadêmica*” (PIERUCCI, 1999a, p. 245, grifo do autor).

Mas, tal como Camurça (2000), não concordamos com a argumentação de Pierucci (1999a, 1999b), de que a sociologia da religião se constituiu como “impuramente acadêmica” ou “academicamente impura” devido à presença de sociólogos que participam em graus diversos do campo religioso. Isso porque, o estudo dos fenômenos sociais, exige de qualquer cientista social um intenso trabalho de distanciamento. Além disso,

para manter uma coerência acadêmica, esta cobrança epistemológica [de Pierucci], feita aos cientistas sociais com confissão religiosa, no limite, deveria ser estendida a pesquisadores com outras pertencas: uma militante feminista que faça uma antropologia do gênero, um ativista negro ou *gay* que realizem pesquisas sobre comportamento étnico e sexualidade, todos possíveis de suspeição metodológica e suas áreas sob o risco de se tornarem “impuras” academicamente (CAMURÇA, 2000, p. 73).

Noutras palavras, a postura de rigor e distanciamento científico não deve ser exigida exclusivamente dos cientistas sociais com pertença religiosa que estudam sua própria religião, pois quaisquer pesquisadores que tenham outros pertencimentos devem se afastar das pré-noções e convicções pessoais. Inclusive, segundo Bourdieu (2004), há outras dificuldades de

fazer sociologia do campo religioso, não pelo fato do campo religioso ser difícil de ser analisado,

mas porque, quando se faz parte dele [do campo religioso], participa-se da crença inerente ao fato de se pertencer a um campo, qualquer que seja ele (religioso, universitário, etc.), e porque, quando não se faz parte dele, corre-se em primeiro lugar o risco de deixar de inscrever a crença no modelo, etc. [...], e, em segundo lugar, de ser privado de uma parte da informação útil (BOURDIEU, 2004, p. 108)

Mais detalhadamente, ao fazer parte do campo religioso, os pesquisadores que estudam religião têm dificuldades de objetivarem as experiências autóctones ou “olhares autóctones”, isto é, a familiaridade com seus objetos de pesquisa, bem como as convicções religiosas podem impedir uma “objetivação participante”. Mas, também, os pesquisadores da religião que estão fora do campo, em suas análises, podem ignorar pequenos detalhes ou excluir informações importantes para o entendimento científico da religião. Ou ainda, ao acreditarem que os obstáculos epistemológicos irão “saltar aos olhos” ao pesquisarem determinada religião, acabam tendo dificuldades na coleta de informações para o desenvolvimento da pesquisa, pois os dados não são disponibilizados pelas instituições religiosas pelo fato deles não terem pertencimento religioso.

Aproveitando essa discussão, destacamos ainda que a construção do objeto desta dissertação foi guiada pelas pré-noções, ou melhor, pelo vínculo estreito que existe em relação ao objeto e a pesquisadora²². Por isso que, na compreensão dos fatos sociais da qual a religião se faz presente, é importante considerar que “os fenômenos sociais são coisas e devem ser tratados como coisas” (DURKHEIM, 2013, p. 203), tratando-os de fora, distanciando-se de determinadas representações elaboradas e cristalizadas que são comuns. No entanto, Durkheim (2013, p. 208) afirma:

O que torna essa libertação particularmente difícil em sociologia é que o sentimento com frequência se intromete. Apaixonamo-nos, com efeito, por nossas próprias crenças políticas e religiosas, por nossas práticas morais, muito mais do que pelas coisas do mundo físico; em consequência, esse caráter passional transmite-se à maneira como concebemos e como nós explicamos as primeiras. [...] Toda opinião que as perturba é tratada como inimiga.

Ou ainda, “todo indício de valorização é mau sinal para o conhecimento que busca a objetividade. [...] desde que intervém um valor, haverá oposições a esse valor. O valor

²² Durante a construção do objeto de estudo desta pesquisa, interessou-se pela Assembleia de Deus na Ilha de São Luís, pois, para além de ser uma igreja com representatividade no estado do Maranhão, faz parte de um processo para entender o grupo evangélico que eu sou vinculada há mais de dez anos.

produz automaticamente atração ou repulsão” (BACHELARD, 1996, p. 81). Por outras palavras, a libertação das pré-noções na compreensão dos fenômenos sociais é um exercício difícil, porque o sentimento é formado historicamente, um produto da experiência humana, que pode ser objeto de estudo da ciência, mas não um critério da verdade científica, o que dificulta uma análise objetiva dos fenômenos. A realidade social apresenta a particularidade de ser capaz de cristalizar-se, pois a força do pré-construído se mostra com as aparências da evidência que passa despercebida porque se naturaliza. Isto posto,

A ruptura [com o pré-construído] é, com efeito, uma *conversão do olhar* e pode-se dizer do ensino da pesquisa em sociologia que ele deve em primeiro lugar, “dar novos olhos” [...]. Trata-se de produzir, senão “um homem novo”, pelo menos, “um novo olhar”, um *olhar sociológico* (BOURDIEU, 2011, p. 49).

Durante um trabalho científico, é importante “olhar sociologicamente”, sem que as influências religiosas arraigadas, ideias adquiridas e convicções morais interfiram nas análises. Ou ainda, afastar-se das pré-noções, isto é, dos preconceitos, sensações, paixões e emoções, além do emprego de conceitos formados fora da ciência, assim como das falsas evidências que dominam as pressuposições do senso comum. Por outro lado, “aproveitar” a inserção no campo religioso para “retirar daí experiências e informações necessárias para produzir uma objetivação não redutora, capaz de superar a alternativa do interior e do exterior, da vinculação cega e da lucidez parcial” (BOURDIEU, 2004, p. 112).

2.3 Origem, características e transformações do pentecostalismo

Desde as últimas décadas, o pentecostalismo constitui o fenômeno religioso mais estudado no Brasil pelas ciências sociais da religião (MARIANO, 2011b). Herdeiro do protestantismo, esse movimento religioso estabeleceu-se no início do século XX nos Estados Unidos, onde ganhou muitos adeptos dos segmentos mais pobres da população, bem como se difundiu para outras nações. Teologicamente, o pentecostalismo distingue-se do protestantismo histórico ao difundir que “Deus continua a agir hoje tal como no passado bíblico, curando enfermos, expulsando demônios, concedendo bênçãos e dons espirituais, fazendo milagres, intervindo na história e na vida cotidiana de seus servos” (MARIANO, 1996, p. 123).

O Movimento Pentecostal – que se iniciou em Los Angeles, Califórnia, em 1906, como “centro irradiador” – chegou ao Brasil trazendo uma nova concepção da experiência

religiosa dentro do campo protestante. A princípio, a inserção do *pentecostalismo clássico* ocorreu no Sudeste do país pelo italiano Luigi Francescon, em 1910, momento em que estabeleceu, em São Paulo, a Congregação Cristã do Brasil; depois, no Norte pelos jovens missionários suecos Daniel Berg e Gunnar Vingrer, em 1911, quando eles fundaram, em Belém, a Assembleia de Deus. Inicialmente, na condição de grupos minoritários, a CCB e AD,

compostas majoritariamente por pessoas pobres e de pouca escolaridade, discriminadas por protestantes históricos e perseguidas pela Igreja Católica, ambas caracterizaram-se por um ferrenho anticatolicismo, por enfatizar o dom de línguas, a crença na volta eminente de Cristo e na salvação paradisíaca e pelo comportamento de radical sectarismo e ascetismo de rejeição do mundo exterior (MARIANO, 2005, p. 29).

A mensagem pentecostal diferenciava-se da pregação protestante pela ênfase no batismo com o Espírito Santo (glossolalia), seguindo a ênfase doutrinária primitiva desse movimento. Também, pelo “ascetismo místico” – para falar como Durkheim (2008, p. 71) – na qual tentavam afastar-se totalmente do “apego ao mundo profano” para levar totalmente uma vida religiosa.

De modo específico, a AD não teve um planejamento missionário por parte de seus fundadores e uma instituição-mãe que os amparassem no Brasil nos primeiros anos de implantação das congregações pelo país, como ocorreu no protestantismo histórico, onde os projetos missionários abrangiam o envio de recursos humanos e financeiros para a fundação de igrejas. Ela dependia apenas dos recursos financeiros e humanos dos seus fiéis, na qual “acreditavam terem sido chamados por Deus para fundar uma nova igreja, um novo ministério” (CARREIRO, 2012, p. 231), de modo que os fiéis da AD foram responsáveis pelo seu processo de difusão e transmissão por todo o país, pois eles pregavam a mensagem pentecostal em toda e qualquer parte.

A teologia da AD é conversionista, isto é, tem ênfase na conversão de indivíduos. Além desta característica, os anos 1930 a 1950 foram uma época caracterizada por “muito trabalho”, “pioneirismo”, “perseguições” e, sobretudo, “consolidação” (CONDE, 2009, p. 45). A rápida expansão da AD trouxe considerável incremento ao crescimento do pentecostalismo. Mais especificamente, nos anos 1950, a igreja já tinha avançado para todo país, regiões, estados e capitais brasileiras, disseminando e atuando majoritariamente entre os segmentos sociais mais pobres e menos escolarizados da população através de pregadores itinerantes.

No estado do Maranhão, a AD foi fundada, de acordo com estatuto da entidade, em 15 de janeiro de 1922, pelo colombiano Clímaco Bueno Aza. Este, no centro da cidade de

São Luís, iniciou as atividades evangelísticas com a distribuição de folhetos de casa em casa, vendas de livros e Bíblias. Em seus percursos diários, conheceu Propécio Lázaro Lobato e depois de várias reuniões fazendo proselitismo, o casal Propécio Lázaro Lobato e Ana Almeida Lobato tornaram-se os primeiros maranhenses convertidos ao pentecostalismo.

Além disso, Carreiro (2007) mostra que em todo o país os números de fiéis da AD e a CCB dobraram de tamanho, entre as décadas de 1940-1950 e 1950-1965, mas com crescimento majoritário da AD:

No início da década de 1940, os principais representantes do Pentecostalismo, como a Assembleia de Deus e a Congregação Cristã, possuíam cerca de cinquenta mil membros, cada uma. Dez anos depois, esse número havia, praticamente, dobrado. Entre os anos de 1950 e 1960, a Assembleia de Deus chegou a quase um milhão de membros. Em 1965 teria cerca de um milhão e quatrocentos mil membros, contra quinhentos mil da Congregação Cristã (CARREIRO, 2007, p.116).

Até 1970, em relação ao perfil de seus fiéis, a AD era uma igreja majoritariamente composta por segmentos sociais pobres e por difusores da mensagem pentecostal que não tinham preparo teológico. Também o crescimento do pentecostalismo, sobretudo da AD, acontece primeiro no meio rural e, posteriormente, dentro dos espaços urbanos, seguindo o êxodo rural no Brasil do século XX decorrentes da intensa migração campo-cidade e da região Nordeste para o Sudeste do país. Todavia, conforme Mendonça (2002, p. 50-51):

[...] Apesar de serem, à semelhança das demais Igrejas pentecostais, tipicamente urbanas compostas de operários e pequenos servidores de baixa renda, elas já ganham corpo em áreas rurais de posseiros e trabalhadores assalariados. Só nas mediações dos seus grandes templos-sedes, nas cidades maiores, é que essa composição se altera rumo aos setores sociais intermediários.

Já o *deuteropentecostalismo* teve início com a chegada de Harold Edwim Williams e Raymond Boatright – missionários estadunidenses – da *International Church of The Foursquare Gospel*, igreja-mãe da Evangelho Quadrangular do Brasil. Juntos lideraram e criaram um dos maiores movimento de evangelização, denominado Cruzada Nacional de Evangelização, no qual se iniciou na cidade de São Paulo e, em seguida, difundiu-se para todo o país.

Os missionários norte-americanos, impossibilitados de continuar utilizando as igrejas protestantes históricas para suas campanhas de milagres, notabilizaram-se pelo intenso uso do rádio como estratégia de apoio às concentrações e pela pregação itinerante com o emprego de tendas de lona, dando ênfase teológica, sobretudo à cura divina. Além disso, esse movimento evangelístico resultou na fundação da Igreja do Evangelho Quadrangular. Na

sequência, originaram outras igrejas, tais como O Brasil Para Cristo, Deus é Amor, Casa da Bênção etc. (CAMPOS, 2004; FRESTON, 1993; MARIANO, 2004; MENDONÇA, 2002).

Nesse contexto, os deuteropentecostais “tinham a liberdade de adaptar-se à sociedade urbana porque não carregavam 40 anos de tradição. [E, ainda], puderam inovar com técnicas modernas e uma nova relação com a sociedade” (FRESTON, 1993, p. 82).

Basicamente, segundo Mariano (2008), a partir de 1950, o pentecostalismo cresceu muito no Brasil, ganhando força e impulso com a chegada dos deuteropentecostais. No entanto, Pierucci (2011) e Mariano (2004) assinalam que a aceleração do crescimento do pentecostalismo no país ocorreu a partir de 1980, com o processo de redemocratização, com fim do Regime Militar (1964-1985), quando o mesmo (este movimento religioso) conquistou cada vez mais visibilidade pública através dos espaços no rádio e televisão, poder político partidário e representação parlamentar. Realidade reforçada pelo surgimento do neopentecostalismo, em 1977, representado principalmente pela IURD, tal como a IIGD, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, Renascer em Cristo, IMPD etc.

Assim, diversamente das igrejas do protestantismo histórico, do pentecostalismo clássico e do deuteropentecostalismo, uma das principais características que distingue o neopentecostalismo refere-se à forma de instalação e expansão de seus templos nas áreas urbanas (GOMES, 2009). Isso porque, as igrejas neopentecostais constituíram-se no espaço urbano e foram formadas por pastores brasileiros, bem como pregam a Teologia da Prosperidade. Também, elas são mais flexíveis e adaptadas à sociedade moderna no sentido que diminuíram as exigências éticas e comportamentais, com as quais eram reconhecidos e estigmatizados os fiéis da CCB e AD e, também, pelo uso intenso que fazem da mídia eletrônica (MARIANO, 1996).

Mais especificamente, a IURD é conhecida e se autorreconhece pela rapidez de sua expansão, tanto em número de membros quanto de templos. Desde sua fundação, em 1977, seus templos apresentam, como característica principal, o diálogo com a cidade, principalmente no sentido da intervenção na paisagem urbana com a instalação de suas igrejas e as grandes concentrações em locais públicos (GOMES, 2009).

Mariano (2008) não desconsidera que os problemas socioeconômicos atuais no Brasil (os altos índices de pobreza, desemprego, desigualdade social, criminalidade, violência, precariedade e informalidade no mercado de trabalho) ampliam a possibilidade de crescimento do pentecostalismo, mas não é fator responsável. Isto é, “não depende da existência de tais problemas em si mesmos e, sim, justamente de sua elevada capacidade de

explorá-los, oferecendo recursos simbólicos e comunitários para seus fiéis e potenciais adeptos lidarem com eles” (MARIANO, 2008, p.71).

Além disso, outro aspecto importante que merece ser ressaltado diz respeito à migração religiosa que faz parte da dinâmica atual do campo religioso. (RIVERA, 2001). A partir do momento que os evangélicos cresceram no Brasil, tornaram-se o principal agente acelerador do decréscimo dos católicos. Isso porque há um movimento de “transição demográfica-religiosa” que assumiu a forma de progressiva migração de contingentes católicos para outras religiões ou para nenhuma (PIERUCCI, 2004, 2011). Isso significa dizer que:

Se, por um lado, há diversidade do número das alternativas, por outro, vê-se a mobilidade de pessoas entre as diferentes religiões. Esses dois fenômenos estão articulados em um mesmo macroprocesso de transformação da religião no Brasil contemporâneo. Acrescente-se ainda que eles ocorreram de forma mais intensa nos grandes centros, onde a quantidade de pessoas associada a um alto grau de diferenciação interna forma o espaço social no qual a proliferação das religiões é um dos aspectos do dinamismo urbano. Para ser mais preciso, a perda da hegemonia católica foi mais acentuada em contextos urbanos e em frentes de expansão territorial por meio da migração; nestes, os evangélicos (em especial os pentecostais) foram os que mais proliferaram (ALMEIDA, R., 2009, p. 30).

Na realidade, houve uma “destraditionalização religiosa”, processo em que a adesão, a filiação, as crenças e as práticas religiosas tornaram-se uma questão de opção pessoal consciente, voluntária e deliberada. Isso contribuiu para legitimar e dinamizar o trânsito religioso no país (MARIANO, 2011a), pois a experiência cotidiana de transitar pelas grandes cidades revela diversos locais de participação religiosa, sejam templos, terreiros, festas, lugares abertos e/ou tornados sagrados em um determinado período de tempo (ALMEIDA, R., 2009).

A separação Estado-Igreja, estabelecida com o advento da República, rompeu “o monopólio católico, abrindo caminho para que outros grupos religiosos pudessem ingressar e se formar no país, disputar e conquistar novos espaços na sociedade, adquirir legitimidade social e consolidar sua presença institucional” (MARIANO, 2003, p. 112). Essa separação e a moderna secularização do Estado (redução da presença e influência das organizações, crenças e práticas religiosas) propiciaram profundas mudanças no campo religioso, pois passou a haver garantia jurídica à liberdade dos indivíduos para escolherem voluntariamente que fé professar e o livre exercício de grupos religiosos. Inclusive, a atual “situação pluralista” faz com que as adesões às religiões ocorram de forma voluntária, dependendo da escolha e preferência do indivíduo. Disso resulta que:

[...] A tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser *colocada no mercado*. Ela tem que ser vendida para uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma *situação de mercado*. Nela, as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo. [...] grande parte da atividade religiosa nessa situação vem a ser dominada pela lógica da economia de mercado (BERGER, 1985, p.149).

A lógica no campo religioso, como em qualquer campo, é pautada pela concorrência entre seus agentes – no caso, as instituições religiosas. Para essa realidade descrita, a reflexão de Bourdieu (2007, p. 50) reforça quando afirma:

As relações de transação que se estabelecem, com base em interesses diferentes, entre os especialistas e os leigos, e as relações de concorrência que opõem os diferentes especialistas no interior do campo religioso, constituem o princípio da dinâmica do campo religioso e também das transformações da ideologia religiosa.

O pluralismo religioso fez das opções religiosas e não religiosas uma questão de escolha livre e pessoal (WILLAIME, 2012). Esse processo suscitou a concorrência entre as religiões na qual lideranças de diversas igrejas se mobilizam e utilizam estratégias diversificadas, buscando hegemonia dentro do campo religioso. Outro aspecto que merece atenção quando se discute este fenômeno é que:

O crescimento pentecostal passou a exercer uma influência decisiva sobre o modo de ser das demais igrejas cristãs. Para os evangélicos, ele provocou incômodo em relação a um aspecto que marcou as igrejas históricas – a estagnação e o não-crescimento numérico significativo – e promoveu uma espécie de motivação para a concorrência e busca do aumento do número de adeptos. Para os católico-romanos representou uma ameaça, já que os seus fiéis são alvo do proselitismo pentecostal, o que se manifestou na forma de um declínio numérico. A influência se concretizou de maneira especial no reforço aos grupos chamados “avivalistas” ou “de renovação carismática”, que possuem similaridade de propostas e posturas com os pentecostalismos e passaram a conquistar espaços importantes na prática religiosa das igrejas chamadas históricas para que elas recuperassem ou alcançassem algum crescimento numérico (CUNHA, 2008, p. 50).

De acordo com Campos (2004) e Mariano (2011a), a expansão dos evangélicos, mais precisamente dos pentecostais, contribuiu para transformar o campo religioso, consolidou o pluralismo e constituiu um mercado competitivo no país, pois reforçou a liberdade religiosa de crença e culto, assim como rompeu com a hegemonia do catolicismo, dilatando a competição entre as religiões. Desde quando o catolicismo deixou de ser a religião oficial do Estado, em 1891, com a vigência da primeira Constituição republicana,

[...] Nunca se viu tanta liberdade religiosa no Brasil como se vê agora. Nunca os profissionais das diferentes religiões se sentiram tão livres, tão à vontade como agora para lutar entre si por todos os meios e a todo momento, a fim de assegurar a reprodução ampliada de suas respectivas igrejas ou comunidades congregacionais. O objetivo de quase todos eles parece ser um só: suas igrejas precisam crescer (PIERUCCI, 2011, p. 472).

De modo mais específico, desde os anos de 1980, o Brasil vivencia o pluralismo religioso, no qual a dinâmica das religiões organiza-se numa disputa pelas pessoas e pelo espaço público. O pluralismo religioso ultrapassou a esfera das religiões e articulou-se com outros setores da sociedade, como a política e a cultura (MARTINO, 2016). A perda do aparato estatal que garantia a reprodução social e exclusividade do catolicismo, como religião oficial, introduziu uma transformação estrutural que redefiniu o papel da religião na modernidade. O campo religioso foi transformado e reordenado, onde diferentes formas de expressão religiosa passaram a conviver no contexto do pluralismo (STEIL, 2001).

Conforme Santos (2011, p. 24):

Neste re-ordenamento, a religião passou a comportar-se pela necessidade de atuar no espaço público demarcando sua visibilidade, seu discurso, suas estratégias e suas práticas. A religião passou a ser representada na política e na cultura enquanto esferas agora laicizadas. O surgimento de uma sociedade plural nas suas manifestações ideológicas, culturais e religiosas, levou a *religião* a se adaptar a um cenário mais complexo e dinâmico, a fim de garantir sua sobrevivência por meio da tradição, da memória, dos seus rituais e suas representações sociais. As instituições religiosas procuram situar-se construindo seus próprios discursos e visibilidade social, em disputas pelas posições e hegemonias no campo religioso.

A religião para atingir a esfera pública precisou se relacionar com a mídia, ou seja, o processo de midiáticação permitiu uma maior exposição da religião no espaço público, mas também exigiu das instituições religiosas uma adaptação a uma lógica midiática e às práticas laicas e seculares do jogo democrático. Esta reflexão é corroborada pelas palavras de Martino (2016, p. 95), que afirma:

A visibilidade contemporânea da religião no espaço público, assim como sua possibilidade de participar das discussões políticas, parece estar vinculada, de alguma maneira, ao uso dos meios de comunicação por parte das instituições religiosas. O processo de midiáticação da religião parece estar cada vez mais se articulando com a participação de igrejas e religiosos nos assuntos públicos, com particular presença nos processos eleitorais e nos espaços legislativos.

Em face disso, o vínculo das igrejas e denominações religiosas com a mídia, além de auxiliar a divulgação de seus valores e crenças no espaço público, também converte sua presença em tomada de decisões políticas. Ou seja, a visibilidade pública das instituições

religiosas, obtida a partir do uso da mídia, pode significar um aumento na sua força política (MARTINO, 2016). Uma discussão mais específica sobre religião e mídia foi realizada no próximo capítulo. Por enquanto, vimos que o pentecostalismo é um movimento religioso protestante plural, complexo e diversificado que tem procurado visibilidade e reconhecimento na sociedade através de diferentes estratégias de difusão ou comunicação.

3 RELIGIÃO E MÍDIA NO BRASIL

Neste capítulo, discutimos a relação entre religião e mídia na sociedade contemporânea. Basicamente, tratamos sobre o advento da modernidade e mídia a partir de autores como Giddens, Thompson e Castelles. Abordamos ainda o processo de consolidação dos meios de comunicação na sociedade brasileira, bem como o momento em que os evangélicos brasileiros, principalmente os pentecostais se inserem na mídia.

3.1 A mídia na sociedade moderna

A modernidade provocou profundas mudanças sociais, principalmente quando leva-se em conta as influenciadas pelo progresso tecnológico, pois os modos de vida produzidos afastaram de todos os tipos tradicionais de ordem social, visto que estabeleceu novas formas de interconexão social, assim como alterou algumas das mais íntimas e pessoais características da existência cotidiana dos indivíduos (GIDDENS, 1991).

Nas sociedades pré-modernas, espaço e tempo coincidiam, porque as dimensões espaciais da vida social eram dominadas pela “presença” ou atividades localizadas, mas “o advento da modernidade arranca crescentemente o espaço do tempo fomentando relações entre outros “ausentes”, localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face” (GIDDENS, 1991, p. 27). O desenvolvimento da mídia eletrônica – o rádio, a televisão e os novos meios associados com a internet –, por exemplo, permitiram que a informação e o conteúdo simbólico fossem transmitidos por longas distâncias simultaneamente. Esse desenvolvimento transformou a natureza da produção e do intercâmbio simbólicos no mundo moderno. Para Thompson (2012, p. 119-120):

[...] O desenvolvimento dos meios de comunicação cria *novas* formas de ação e interação e *novos* tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastante diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana. [...] a interação se dissocia do ambiente físico, de tal maneira que os indivíduos podem interagir uns com os outros ainda que não compartilhem do mesmo ambiente espaço temporal. O uso dos meios de comunicação proporciona assim novas formas de interação que estendem no espaço (e talvez no tempo), e que oferecem um leque de características que diferenciam das interações face a face. O uso dos meios de comunicação proporciona também novas formas de “ação à distância” que permitem que indivíduos dirijam suas ações para outros, dispersos no espaço e no tempo, como também responderem a ações e acontecimentos ocorridos em ambientes distantes.

Na modernidade, a alteração da condição espaço-temporal da comunicação, bem como o uso dos meios técnicos alterou “as condições de espaço e tempo sob as quais os indivíduos exercem poder: tornam-se capazes de agir e interagir à distância; podem intervir e influenciar no curso dos acontecimentos mais distantes no espaço e no tempo” (THOMPSON, 2012, p. 49), diferentemente do que aconteciam nas sociedades pré-modernas, onde a grande maioria das interações sociais era face a face, cujos indivíduos se relacionavam entre si na aproximação e no intercâmbio de formas simbólicas dentro de um ambiente físico compartilhado.

Mais recentemente, a passagem dos meios de comunicação tradicionais (jornal, rádio e televisão) para um sistema de redes horizontais de comunicação, organizadas em torno da internet e da comunicação sem fio pelos telefones celulares, introduziu uma multiplicidade de padrões de comunicação na base de uma transformação cultural fundamental à medida que a virtualidade se tornou uma dimensão essencial da realidade dos indivíduos. Segundo Castells (1999, p. 418-419, grifo nosso):

[...] O padrão comportamental mundial predominante parece ser que, nas sociedades urbanas, o consumo da mídia é a segunda maior categoria de atividade depois do trabalho e, certamente, a atividade predominante nas casas. [...] Ser espectador/ouvinte da mídia absolutamente não se constitui uma atividade exclusiva. Em geral é combinada com o desempenho de tarefas domésticas, refeições familiares e interação social. É a presença de fundo quase constante, o tecido de nossas vidas. *Vivemos com a mídia e pela mídia.*

Ademais, a principal característica espacial da “sociedade em rede” é a conexão em rede entre o local e o global. Não só. A internet é base de comunicação dos indivíduos, pois propicia uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras: trabalho, entretenimento, educação, compras etc. É usada também cada vez mais para acessar jornal, rádio e televisão, bem como filmes, músicas, revistas, livros, artigos de jornais e bases de dados. Com a interação entre as redes verticais e horizontais de comunicação, existe um processo de convergência gerando uma nova realidade midiática, na qual “comunicação de massa no sentido tradicional agora também é comunicação baseada na internet, tanto em sua produção quanto em sua difusão” (CASTELLS, 1999, p. xii).

Diante de tal realidade é necessário evidenciar que, de acordo com Thompson (2012), a interação face a face não desapareceu, pois ela ainda é um componente importante da vida cotidiana dos indivíduos; mas foi complementada por outras formas de interação que assumiram um papel cada vez maior. Isso significa que a visibilidade de indivíduos, ações e eventos não necessita do compartilhamento de um lugar comum, pois não precisa estar

presentes no mesmo ambiente espacial-temporal para ver o “outro” ou presenciar ação ou evento.

3.2 A consolidação da mídia na sociedade brasileira

A sociedade brasileira, particularmente após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), se modernizou em diferentes setores. Mas foi nas grandes cidades que floresceu o mundo moderno ou sociedade urbano-industrial. Os anos que vão de 1950 a 1970, por exemplo, marcaram o momento do processo de urbanização, industrialização e modernização que deram as bases para a efetivação de uma indústria cultural consolidada no Brasil (RIDENTE. 2011; ORTIZ, 1994).

Tendo surgido no Brasil em 1922, o rádio, entre as décadas de 1930 e 1950, tinha características marcadamente locais, pautando-se segundo um padrão regional. Além disso, a exploração comercial dos mercados se fazia regionalmente, faltando ao rádio uma “dimensão integradora” ou um “caráter integrador”. Já a introdução da televisão na cidade de São Paulo, em 1950, conservou durante toda a década uma estrutura pouco compatível com a lógica comercial. Existiam somente alguns canais, e a produção e a distribuição televisiva possuía um caráter marcadamente regional e enfrentava problemas técnicos consideráveis, pois não havia também um sistema de redes; isto, no entanto, logo foi superado. Segundo Ortiz (1994, p. 128):

[...] O que melhor caracteriza o advento e a consolidação da indústria cultural no Brasil é o desenvolvimento da televisão. [...] Com o investimento do Estado na área da telecomunicação, os grupos privados tiveram pela primeira vez a oportunidade de concretizarem seus objetivos de integração do mercado. [...] Para isso foi necessário um incremento na produção de aparelhos, na sua distribuição, e a melhoria das condições técnicas.

De modo geral, nos anos 40 e 50, faltava às emissoras de rádio e de televisão o traço integrador para caracterizá-lo como uma indústria cultural. Mais precisamente, a consolidação de um mercado de bens culturais na sociedade brasileira, necessário ao pleno estabelecimento da indústria cultural, deu-se a partir de meados da década de 1960, no momento em que se instaurou a ditadura militar. Ridente (2011, p. 297-298) afirma que:

Durante a ditadura, [...], foi criada uma indústria cultural merecedora desse nome, beneficiando-se de políticas de Estado. [...] As agências de publicidade cresciam em ritmo acelerado e sofisticavam suas técnicas a partir dos anos 1960. O governo também passou a ser um dos principais anunciantes no florescente negócio dos

meios de comunicação de massa, geridos cada vez mais conforme padrões internacionais de racionalidade empresarial.

Dito isso, vale dizer que o rádio foi o “ícone da modernidade” até na década de 1950. Criou modas, inovou estilos, inventou práticas cotidianas e estimulou novos tipos de sociabilidade. Também transformou-se em parte integrante do cotidiano como um meio fundamental de informação e entretenimento, tornando-se acessível a grande maioria da população (CALABRE, 2004).

Já no século XXI, o rádio “pode ser classificado – ao lado da televisão e da internet – como um meio de comunicação de utilidade híbrida, voltando tanto para o lazer quanto para o conhecimento sobre assuntos importantes do dia a dia das pessoas” (BRASIL, 2015, p. 31). Os ouvintes podem também ser alcançados em casa, carro e trabalho, assim como pelos equipamentos de rádios convencionais, celulares e computadores. Ou ainda, os programas de rádio preencheram o tempo de passageiros nos meios de transporte e de trabalhadores em horários flexíveis. Se comparado também com outros veículos da mídia eletrônica, o rádio é simples e acessível, com características próprias: proximidade, presença diária, audiência, eficiência, alcance, penetração, exposição, mobilidade, credibilidade, baixo custo, caráter imediato e instantaneidade (CÉSAR, 2009).

Mas, mesmo assim, Brasil (2015) ressalta que, atualmente, a televisão é o meio de comunicação predominante na vida dos brasileiros. E ainda o rádio, que permite as pessoas realizarem outras atividades enquanto ouvem, é a segunda mídia mais utilizada no país. Em terceiro lugar, a internet, onde o hábito do uso aumentou. Além disso, a utilização de aparelhos celulares como forma de acesso à internet compete com o uso de computadores ou *notebooks*; neste caso, são utilizados para os *sites* de redes sociais, sobretudo *Facebook*, *WhatsApp* e *Youtube*.

Pela importância que tomaram, os meios de comunicação tornaram-se o ambiente audiovisual com os quais os indivíduos interagem constante e automaticamente. Isto é, as mídias formam um ambiente no qual eles circulam suas ideias, conceitos, ações e interações, pois fazem parte de suas relações sociais e práticas cotidianas (MARTINO, 2016).

3.3 Os conceitos da relação entre religião e mídia no Brasil

A transformação da religião tem ocorrido em ritmo cada vez mais acelerado. A novidade está na velocidade das mudanças e, por consequência, da necessidade que toda

religião tem de se adaptar à cultura e às exigências contemporâneas do grupo no qual pretende se reproduzir (RIVERA, 2001).

Contemporaneamente, a nova dimensão dos fenômenos religiosos no Brasil é a utilização dos meios de comunicação. A luta pelo domínio do campo religioso é uma realidade. O uso da mídia é considerado não apenas como uma forma de divulgação das igrejas, mas igualmente um instrumento importante na concorrência pelos fiéis e para sua sobrevivência. Tornou-se também uma condição fundamental para a existência e a manutenção das atividades religiosas na sociedade contemporânea. São inúmeros grupos religiosos que compram espaços nos canais de televisão e, quando conseguem, transformam-se em proprietárias de emissoras de rádio, televisão, jornais e revistas (MARTINO, 2003).

Para dar conta desse fenômeno, alguns conceitos foram criados, entre eles destacam-se:

Evangelismo midiático, evangelismo eletrônico ou proselitismo eletrônico, mostram que não há um conceito único e fixo, por assim dizer. Eles relacionam-se com o uso, sobretudo das mídias radiofônicas e televisivas utilizadas pelas igrejas pentecostais, especialmente as neopentecostais.

O evangelismo midiático em rádio e tevê constitui o mais poderoso meio para atrair e recrutar rapidamente elevado número de adeptos. Por sua inigualável capacidade de introduzir-se diariamente nos lares, o evangelismo eletrônico apresenta a vantagem de alcançar aqueles que, antes de serem atraídos e recrutados por determinada igreja, não possuíam relação de confiança, amizade e parentesco com crentes pentecostais, laços de sociabilidade tradicionalmente importantes para o recrutamento de novos adeptos.

Apesar da eficácia do evangelismo midiático, deve-se atentar para o fato de que *seu papel não é a conversão. Sua principal função é atrair, em maior ou menor número, indivíduos aos templos e auxiliar na implantação de novas congregações* (MARIANO, 2008, p. 76-77, grifo nosso).

De outra maneira:

[...] O proselitismo eletrônico produz melhores resultados quando procura atrair ouvintes e telespectadores para os templos, locais onde eles efetivamente podem ser persuadidos, por exemplo, de que precisam ser libertos dos poderes demoníacos, de que necessitam ter um encontro com Cristo e de que devem obedecer a Deus e permanecer na igreja como condição para obter bênçãos materiais e assegurar sua salvação (MARIANO, 2008, p. 77).

Para que o evangelismo midiático tenha eficácia, a mensagem deve despertar o interesse dos ouvintes e telespectadores e, também, depender da potência dos transmissores das emissoras de rádio e televisão utilizadas para que os programas religiosos possam ser

veiculados por longas distâncias. Se de um lado, os programas religiosos que mais atraem receptores às igrejas são os que “destacam o poder transformador de Deus na vida dos homens, centrados na exibição de testemunhos de curas, milagres, intervenções e bênçãos divinas de toda espécie”, por outro, “mostram-se pouco eficazes os que enfatizam o ensino doutrinário, transmitem sermões e discussões teológicas” (MARIANO, 2008, p. 77).

Já a *mídia evangélica* é um conceito utilizado para caracterizar o uso da mídia eletrônica pelos evangélicos que se voltam principalmente para o uso da televisão. Paralelo a isso, a *TV evangélica* pode ser dividida entre programas patrocinados por uma denominação inteira, outros ligados a iniciativas eclesiais locais, e outros produzidos por entidades independentes. A finalidade principal da *TV evangélica* é o proselitismo, mas também reforça a autoimagem de uma comunidade em expansão e fortalece lideranças transdenominacionais (FREESTON, 1993). Neste sentido, a mídia tem importantes funções internas:

[...] A mídia evangélica não é somente um negócio (embora também o seja); é orgânica com as características principais do segmento religioso. A primeira dessas características é a ênfase na crença correta resultante do ato de “ouvir a Palavra”. Ao contrário de confissões sacramentais, o protestantismo teologicamente conservador nunca teve restrições ao uso de meios impessoais de comunicação. A segunda característica é o proselitismo. O imperativo de doutrinação ampla levou o protestantismo teologicamente conservador a simplificar sua mensagem para poder usar os meios de comunicação de massas. A terceira característica é a socialização *sectária*, o impulso de criar atividades culturais paralelas às “mundanas” com o intuito de proteger e reforçar a fé (FREESTON, 1993, p. 135-136).

Além do que:

A mídia evangélica é, também, meio de projetar-se na política, e a política é caminho para a posse dos meios de comunicação. A mídia facilmente se associa a atividade política: pela visibilização dos autores; pelo poder que dá aos detentores diante de líderes evangélicos que, por várias razões (proselitismo, *status* ou negócios) desejam acesso a ela; e pela necessidade de respaldo político para os donos de concessões (FREESTON, 1993, p.146).

O fenômeno da mídia evangélica é amplo, não se reduz ao disfarce político e se justifica para os evangélicos pela atividade religiosa desenvolvida. Isso porque, “a mídia evangélica não é uniformemente politizada nem politicamente uniforme” (FREESTON, 1993, p. 147). Se, por um lado, nem todos os segmentos conservadores e da mídia secular desejam a presença evangélica na mídia e na política, por outro, a maioria dos apresentadores evangélicos não tem atuação eleitoral (FREESTON, 1993).

Outro conceito é *mídia empresarial-religiosa* que pode ser caracterizada como grupos empresariais desvinculados de qualquer denominação que entram na *mídia evangélica* para concorrer com as outras empresas de mídia. Seu objetivo não é fazer proselitismo.

[...] São empresas de comunicação com estruturas bem definidas, com quadros de profissionais em marketing, comunicação, contabilidade, evidenciando uma racionalidade administrativa. Nas MER's [Mídias Empresarial-Religiosas] não há o compromisso de um discurso legitimado por alguma igreja, liderança carismática ou de qualquer denominação. O direcionamento dessas MER's é para o indivíduo, para o cliente. [...] Essas MER's não se interessam pelo proselitismo, mas pela audiência, divulgação e venda de seus produtos, seus cantores, seus CDs (SANTANA, 2005, p. 59-60).

Além disso, para que essas mídias sejam reconhecidas como religiosas elas fazem circular linguagens e símbolos comuns aos evangélicos. Como exemplo, podem ser mencionadas duas rádios (Melodia e El Shadai) do Rio de Janeiro que atuam no campo midiático com a dinâmica de uma MER, pois são rádios orientadas para o público evangélico. Nessas rádios não há um interesse evangelista, mas uma livre concorrência no segmento evangélico, na qual disputam com outras rádios seculares, por assim dizer.

A *mídia denominacional*, por sua vez, compreende os meios de comunicação que pertencem a uma igreja específica, por exemplo, a IURD e a IIGD que são proprietárias da Rede Record de Televisão e da Rede Internacional de Televisão, respectivamente; *mídia de igrejas autônomas* vincula-se aos programas de igrejas autônomas, ou seja, igrejas que têm se notabilizado por um grande aparato administrativo-empresarial e que investem muito em sua marca para conquistar fiéis; e *mídia de lideranças evangélicas* caracteriza-se pelas investidas de lideranças evangélicas nas emissoras comerciais com programas próprios, alguns autossustentáveis e outros que vivem de mantenedores alcançados pelo próprio programa, onde os pastores e apresentadores fazem divulgação de si mesmos e de suas igrejas (SANTANA, 2005).

Por seu turno, *mídia institucional religiosa*, *mídia institucional* e/ou *mídia religiosa* são expressões com o mesmo significado. Nesse sentido, a mídia religiosa pode ser definida do seguinte modo:

[...] É um instrumento por excelência de difusão de doutrinas religiosas. É um canal privilegiado de comunicação entre os fiéis e os representantes da instituição, onde temas podem ser abordados com mais abrangência, opiniões e idéias são expostas com clareza e as informações podem ser direcionadas para transmitir ao fiel exatamente o que quer (MARTINO, 2003, p. 85).

As ideias desse autor sugerem que as instituições adaptam suas estratégias de representação às exigências da modernidade, pois colocam os complexos mecanismos dos meios de comunicação para estabelecer e manter sua posição dentro do campo religioso, bem como expandir-se em outras instâncias. Chama também atenção o fato de que:

A mídia religiosa, aliando dois discursos legitimantes, o religioso e o da mídia – um por sua condição de dogma revelado, outro por sua pretensão a uma impossível e indesejável objetividade –, procura reforçar esta ou aquela posição, com cuidado que tais questões possam ter aparência e relevância doutrinária que justifique sua presença em veículo religioso (MARTINO, 2003, p. 56)

Além disso, a mídia institucional religiosa hierarquiza temas e agentes institucionais. Outro aspecto identificado é que:

A maior parte dos assuntos da mídia religiosa refere-se a temas e acontecimentos relativos à instituição religiosa à qual pertence a mídia. Os vetores que orientam a definição da temática institucional podem ser subdivididos em três grupos principais: em primeiro lugar, as atividades da instituição, de rotina e extraordinárias. Os cultos, os ritos de iniciação, as atividades pedagógicas de difusão da doutrina, as obras, as realizações – não somente espirituais, mas também materiais – da instituição são divulgadas como prova da legitimidade de suas ações. Em segundo lugar, as normas de conduta. O comportamento sugerido, requisitado ou até exigido pela instituição é apresentado através de casos concretos (de mais fácil percepção) ou de regras abstratas aplicáveis a todos os casos por elas previstos. Os editoriais, via de regra escritos pelos profissionais da religião, são o espaço mais usual para explicitação das normas religiosas. Em terceiro lugar, as explicitações doutrinárias e o desenvolvimento de questões referentes à teologia desta ou daquela instituição tem na mídia impressa um espaço privilegiado de divulgação. Conceitos religiosos, abstratos e mesmo científicos podem ser explicados com calma e vagar, auxiliando a compreensão dos adeptos (MARTINO, 2003, p. 98).

Por último, a *mediatização da religião*, que é uma característica de igrejas e grupos religiosos em que as práticas e modos de vivência da religião são alterados, repensados no ambiente midiático que garantem sua visibilidade no espaço social.

A mediatização da religião pode ser entendida como a articulação de características dos meios de comunicação, com sua linguagem, seus códigos, seus limites e possibilidades de construção de mensagem nas práticas, formações e instituições religiosas. A mediatização não é uma relação passageira ou ocasional, mas um processo no qual tanto a mídia quanto a religião se articulam em práticas e ações comuns (MARTINO, 2016, p. 38-39).

E mais:

A mediatização aumenta potencialmente o alcance público das ideias de determinada instituição, de onde resulta, no índice de pessoas articuladas com a mensagem, a possibilidade não apenas de angariar novos fiéis, mas, com isso, aumentar sua

participação enquanto ator no âmbito político – na medida em que, na democracia, o debate público e a perspectiva da conquista da opinião majoritária é um fator relevante, a visibilidade pública de ideias e a expansão, para além dos limites institucionais, de práticas e valores pode assumir uma condição fundamental para a implementação de ações políticas (MARTINO, 2016, p. 114).

A midiaticização da religião é um dos fatores que permite às denominações atuarem também no campo político. Ou seja, parece ter permitido sua participação em uma esfera de visibilidade midiática que se transformou em uma nova forma de participação nos negócios públicos. Mas vale lembrar que:

A transmissão de um culto religioso pela televisão, sem nenhum tipo de alteração nas práticas litúrgicas, é a “mediação” do culto; quando, no entanto, o próprio é planejado e adaptado para ficar mais parecido com o estilo de programas de televisão, ou quando algumas lideranças religiosas adotam práticas semelhantes à de figuras midiáticas, seja no modo de vestir, seja na maneira de lidar com o público, seja em um estilo apropriado para transmissão via TV ou internet, então estamos na lógica da midiaticização (MARTINO, 2016, p. 37).

Por outras palavras, a transmissão de uma mensagem pelas igrejas na mídia, sem que nenhuma prática religiosa seja alterada, não significa midiaticização da religião, mas “mediação”. Pode-se falar em midiaticização quando as práticas de produção e divulgação da mensagem religiosa se organizam na própria igreja em termos de uma lógica vinculada ao ambiente midiático. Ou seja, quando tanto a igreja, seus fiéis e suas práticas adequam-se ao ambiente midiático.

3.4 A formação da mídia evangélica

A história do uso da comunicação para a transmissão da mensagem religiosa pelos grupos cristãos-, surge na Europa, desde o início do século XVI, com a Reforma Protestante, quando estabeleceu uma ruptura com o monopólio da Igreja Católica, e os cristãos ocidentais se depararam com a competição por fiéis e a busca de legitimidade dentro espaço religioso (BELLOTTI, 2011). No entender de Campos (2004, p. 148):

[...] Surgindo uma força majoritária dentro campo religioso católico romano, e aliados à modernidade, os evangélicos [protestantes históricos] precisaram criar, desde cedo, estratégias para ganhar adeptos e aumentar o seu rebanho na guerra contra outras modalidades de cristianismo, particularmente a católica. O resultado foi a criação de uma cultura peculiar, agressiva nas relações com quaisquer outros tipos de concorrência religiosa, portanto, mais dependente que as demais formas de religiosidade dos meios de comunicação para se legitimar no espaço religioso.

A imprensa foi uma das formas de comunicação escolhidas para a divulgação do protestantismo, bem como reprodução de documentos escritos, sobretudo distribuição e publicação da Bíblia. Isso porque, Martinho Lutero defendeu a ideia de que os indivíduos deveriam “ter contato com o único testemunho infalível de Deus para a Humanidade – a Bíblia. Por isso, traduziu a Bíblia do hebraico/grego para o alemão, compondo a primeira obra em língua alemã vernácula da História” (BELLOTTI, 2011, p. 432).

Tal perspectiva leva em consideração que, ao surgir e permanecer como grupo minoritário, os protestantes históricos empenharam-se na forma mais adequada de transmitir sua mensagem religiosa, utilizando os meios disponíveis para alcançar reconhecimento social, dentro do campo religioso, onde catolicismo predominava. Dentro dessa ótica ainda, a imprensa ofereceu condições para o alcance de resultados positivos da Reforma Protestante, visto que foi por efeito da imprensa e/ou pela ampla distribuição dos livros que os escritos de Martinho Lutero e João Calvino – reformadores religiosos – difundiram-se e propagaram-se pela Europa.

Nesse sentido, ainda convém considerar que, “talvez, por causa desse complexo anticatólico, os evangélicos saúdam cada descoberta ou implementação de novas tecnologias comunicacionais como uma ‘oportunidade dada por Deus’ para a expansão de seu reino na face da terra por meio da pregação” (CAMPOS, 2004, p. 148) e “instrumentos a serem colocados ‘a serviço de Deus’, para a ‘propagação de seu Evangelho’, antes que chegasse o tempo do fim” (Ibidem, p. 150).

Dado o exposto, o cenário da comunicação protestante no Brasil, desde o início, era marcado pela literalidade e oralidade, pois essa comunicação privilegiava e dependia dos textos escritos, isto é, os emissores (pregadores) conciliavam a oralidade com a literalidade, atualizando-o e contextualizando-o ao estilo de vida dos receptores (fiéis). Ou ainda, a crise contemporânea da pregação protestante – decorrente do processo de urbanização, industrialização e modernização na sociedade – fez com que as relações entre a pregação e o texto escrito encontrassem dificuldades de ajustarem-se ao cenário cultural mediado pelas novas tecnologias.

Diante de tal realidade, Rivera (2001) explica que “a crise do protestantismo é a crise da transmissão religiosa, a qual não se restringe a essa religião, pois se origina da dificuldade de reprodução de todo sistema religioso que se legitima na tradição de origem” (p. 217), visto que “toda mudança social tem implicações na transmissão religiosa. [Pois], quanto maior é a velocidade da transformação social, maior deve ser a capacidade de adaptação da religião” (p. 136).

No Brasil, a mídia vem sendo usada pelos evangélicos desde a década de 1940. As igrejas pioneiras foram as protestantes históricas. A Igreja Adventista, por exemplo, foi precursora em usar o rádio e a televisão para comunicar o Evangelho. Em 1943, estreou no rádio o programa a *Voz da profecia*, com apresentação de Roberto Rabello. Na televisão, em 1951, com a produção do programa *Fé para hoje* (FONSECA, Alexandre, 2003).

Mais especificamente, o pentecostalismo incorporou a oralidade, a literalidade e a visualidade nos meios de comunicação no Brasil, no momento em que se expandia pelo país, principalmente pelas camadas pobres, urbanas e operárias. O contexto social marcado pelo acelerado processo de urbanização, industrialização e modernização na década de 1980, fez com que os pentecostais encontrassem no rádio e na televisão a principal forma de estar presente no cotidiano das pessoas (CAMPOS, 2008).

De igual modo, a multiplicação de rádios no país, entre os anos 60 e 80, bem como a programação religiosa nas rádios, passou a atrair as pequenas e médias igrejas evangélicas, que não necessitavam de grandes recursos para manter os seus programas locais, pois, às vezes, bastava um voluntário ou a própria liderança da igreja e um pacote de discos evangélicos para os evangélicos se inserirem no rádio (CAMPOS, 2004).

A intensa presença de evangelistas norte-americanos na televisão foi experimentada no Brasil a partir do final da década de 1970 e início da seguinte. Eram diversos programas de televisão evangélicos norte-americanos nesse período. Independente de denominações, tais programas se apoiavam no carisma de seus líderes que possuíam várias tendências teológicas e ideológicas. Os programas como *Alguém ama você*, de Rex Humbard, *Clube 700*, de Pat Robertson, e os cultos de Jimmy Swaggart, exerceram forte influência sobre os empresários da televisão e os pregadores pentecostais que aspiravam ter um espaço mais amplo na mídia, pois eram transmitidos para todo país. Esses programas duraram até meados da década de 1980, quando a produção nacional de televisão cresceu e tornou-se independente da produção estrangeira (CAMPOS, 2008; CUNHA, 2004; FONTELES, 2010).

Na verdade, nos anos de 1980, os pentecostais começaram a se fazer presentes no meios de comunicação com mais frequência, comprando e alugando horários nas rádios e horários decadentes ou nas madrugadas de televisão, isto é, “horas mortas” e, posteriormente, comprando emissoras e a ocupando “horários nobres”. Todavia, diferente dos grupos norte-americanos, a presença dos evangélicos brasileiros foi mais intensa no rádio. Embora já possuíssem emissoras de rádio, diversas igrejas tinham uma divulgação extremamente pequena, pois usavam rádios e poucos programas de televisão sem uma maior adaptação de sua mensagem. Na verdade, o campo midiático foi marcado pela chegada de instituições

religiosas interessadas em apresentar seus programas e, na medida do possível, obter a concessão pública de canais de rádio e televisão (CAMPOS, 2008; CUNHA, 2004; MARTINO, 2016).

A inserção dos evangélicos na televisão demandava alto custo. No final da década de 1960, somente um pequeno número de programas conseguiram manter uma regularidade de tempo no ar. A falta de caixa de suas mantenedoras e o desinteresse dos empresários da mídia televisiva na abertura de espaço para as religiões evangélicas eram problemas que dificultavam a introdução efetiva nos meios de comunicação. Até mesmo para a Igreja Católica, durante décadas, os espaços cedidos nas emissoras de televisão para as missas se limitaram a uma pequena apresentação nas manhãs de domingo. Tanto que a solução para a participação dos evangélicos na televisão foi à aquisição de seus próprios meios de comunicação, onde os programas deixaram de ser artesanais para se tornarem mais profissionais (CAMPOS, 2004).

Em síntese, a partir de 1990 há um amplo empreendimento da presença cristã na mídia eletrônica pelo avanço da presença católico-romana na televisão, dos evangélicos e, principal e intensamente, dos pentecostais. Tal avanço não pode ser avaliado de forma desconectada das transformações vivenciadas no contexto sociopolítico e religioso do país e do mundo (CUNHA, 2008).

Ao levar em consideração essa perspectiva, Fonteles (2010) acredita que os programas televisivos tiveram maior exposição, com o fim da ditadura militar, seguido do processo de redemocratização no Brasil, quando redefiniram seu modelo de participação nos campos religioso, político e midiático. Segundo ele,

As mudanças advindas deste período influenciaram diretamente na expansão e na visibilidade da fé evangélica na televisão, uma vez que este grupo social pôde inserir-se politicamente no contexto social de forma mais visível e ganhando reconhecimento, sendo facilitadas, então, as referidas expansão e visibilidade por meio da obtenção de rádio e TV por parte de seus representantes no Congresso Nacional e por meio da compra de horários na mídia televisiva. O fato que beneficiou diretamente esse cenário foi *o sistema de concessão de Rádio e TV no País, que, sendo uma atribuição exclusiva da Presidência da República, utiliza-se dos critérios de “amizade” para conceder e distribuir canais de TV e Rádio*. O contexto político da época caminhou junto com o fator econômico e tecnológico, favorecendo o desenvolvimento da mídia como todo (FONTELES, 2010, p. 4, grifo nosso).

Como acrescenta Freston (1993, p. 136):

No Brasil, há uma mistura de forças econômicas e políticas. A concessão, renovação e autorização de transferência de emissoras é prerrogativa do Presidente: na nova

Constituição, as concessões e renovações devem ser apreciadas pelo Congresso. Embora haja requisitos técnicos e financeiros, a posse depende, em última análise de fatores políticos. Por outro lado, a programação é entregue ao mercado: há liberdade para compor redes, e há pouca regulamentação da programação.

Em outras palavras, o cenário, político, econômico e tecnológico favoreceu a divulgação de opiniões, onde os evangélicos encontraram um novo ambiente para a propagação de princípios, fornecendo os rituais praticados na igreja, como o culto, dentro das próprias casas dos fiéis. Além disso, os programas procuravam atingir não só o público evangélico, mas as demais audiências da população brasileira, isto é, dos não evangélicos. Os discursos dos programas religiosos enalteciam o espírito cívico, da ordem, da família e do serviço religioso, necessário para formar uma característica comportamental nos indivíduos: a passividade. As ações da nascente mídia evangélica atendiam aos critérios político-ideológicos do regime militar e também às exigências da indústria cultural.

É interessante ressaltar ainda que:

Assim, um dos principais momentos de mediação das instituições religiosas no Brasil é a partir dos anos 1980, quando igrejas evangélicas neopentecostais se valem de todos os recursos de mídia disponíveis, como é o caso, naquela época, da Igreja Internacional da Graça e a Igreja Universal do Reino de Deus. Nesta última, a mediação foi desde o início um dos pontos principais da denominação, com a presença constante de elementos fortemente midiáticos em vários dos aspectos de suas práticas (MARTINO, 2016, p. 41-42).

Ou seja, essas igrejas neopentecostais faziam dos meios de comunicação, especialmente da televisão, mais do que um acessório, um elemento central de suas atividades. Edir Macedo, líder principal da IURD, por exemplo, adquiriu a Rede Record, em novembro de 1989, quando várias denominações detinham concessões de rádios, tornando-se a primeira igreja evangélica a ser proprietária de uma televisão com cobertura nacional e em funcionamento. Ela não foi adquirida por concessão, mas por compra. Inclusive essa compra “abriu um espaço aos evangélicos – em especial aos pentecostais – para ocuparem a mídia e se fazerem ouvir na sociedade” (BELLOTTI, 2003, p. 12).

De modo geral, as igrejas pentecostais, segundo Mariano (2011a, p. 122-123):

[...] Não se limitam a investir na mídia e a pregar com afinco a mensagem redentora. Procuram também “falar a língua” desse público-alvo. [...] além de maximizarem a provisão de compensações concretas e imediatas neste mundo, procuram adaptar sua mensagem religiosa (conteúdo, forma e meios de transmissão) à vida material e cultural dos estratos pobres, a fim de provê-los de sentido, significação do porquê se encontram vivendo como vivem e justificação de sua existência numa dada posição social, fornecendo-lhes recursos simbólicos e rituais para mudar subjetivamente de vida e vivas esperanças de habitar o paraíso celestial.

Isso porque também, nas relações e usos que estabelecem com os meios de comunicação, geralmente, os grupos pentecostais preferem o rádio à televisão, em razão do menor preço de aluguel ou de compra das emissoras, seu baixo custo de manutenção e sua elevada audiência entre os estratos mais pobres da população.

Na inserção dos evangélicos na programação da mídia eletrônica, Cunha (2008) afirma que os cristãos se tornaram um segmento de mercado. Acrescente-se a esse aspecto o fato de que,

Ao comprar o CD, ao ouvir a parada de sucessos de uma rádio cristã, ao participar do espetáculo de determinado artista *gospel*, o público cristão está inserido, sim, na lógica e na cultura do consumo. Entretanto, a esse consumo é atribuído sentido emocional, religioso. Ouvir os artistas que são “instrumentos de Deus”, veículos de sua mensagem, ouvir os “ministros de louvor e adoração” que são “levitas separados por Deus” para adorá-lo e guerrear contra as forças do mal (inseridas na própria música profana) e apoiar o que eles fazem é o mesmo que ouvir e apoiar a Deus. Além de proporcionar “acesso direto a Deus”, a indústria da música *gospel* coloca os evangélicos mais próximos do que há de mais moderno no campo da mídia. CDs e DVDs de qualidade, programações de rádio e TV que seguem o modelo secular, espetáculos com produção de alta tecnologia são alguns dos aspectos que provam às igrejas e à sociedade em geral que é possível ser religioso e ser moderno, sintonizado com os recursos disponíveis no mundo contemporâneo (CUNHA, 2008, p. 63).

Além disso, a concorrência entre católicos e evangélicos migrou para as esferas midiática e política. A Igreja Católica reviu seus conceitos sobre a comunicação, investindo igualmente na mídia para a divulgação de suas ideias. Com João Paulo II, de acordo com Mariano (2011a, p. 249):

Seu longo pontificado e a expansão dos carismáticos impulsionaram a reação católica para enfrentar a expansão pentecostal. Nos anos 1990, setores da Igreja Católica passaram a investir pesadamente na televisão para enfrentar a supremacia pentecostal nesse meio de comunicação. [...] Em 1995, por exemplo, possuía apenas uma emissora de televisão. Daí em diante, deu-se o milagre da multiplicação de emissoras e redes de tevê católicas, sustentadas e dirigidas por grupos próximos ou ligados à Renovação Católica Carismática: Rede Canção Nova (fundada em 1989), Rede Vida (1995), TV Horizonte (1999), TV Século 21 (2000), TV Nazaré (2002), TV Educar (2003), TV Imaculada Conceição (2004) e TV Aparecida (2005).

A inserção católica na mídia e na política foi uma reação ao crescimento numérico dos pentecostais e de seu crescente poder na mídia eletrônica e na política partidária. Na verdade, os católicos e evangélicos aumentaram sua atuação religiosa, política e midiática para ampliar a ocupação religiosa do espaço público.

3.5 Entrada da Assembleia da Deus na mídia

Desde o final do ano de 1930, o órgão oficial de divulgação da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil (CGADB) é o *Mensageiro da Paz*- jornal único, mensal e de circulação nacional - que adveio pela unificação dos jornais *Boa Semente* e *O Som Alegre*, por decisão da CGADB, em setembro daquele ano, realizada na cidade de Natal. Todavia, o primeiro jornal pentecostal publicado no Brasil foi *A Voz da Verdade*, em novembro de 1917, em Belém do Pará. Esse jornal foi dirigido pelo pastor Almeida Sobrinho e João Trigueiro da Silva. Não era órgão oficial da AD e deixou de circular em janeiro de 1918.

[Ele] apresentava variado informe noticioso dando cobertura às atividades das Assembleias de Deus, não só na capital, mas também no interior do Estado do Pará. Como doutrinador, articulistas não lhe faltaram para esse fim. Dava destaque à programação de cultos que se realizavam na cidade, fornecendo endereços e horários de funcionamento. Também publicava notas sociais (ARAUJO, 2014, p. 907).

Em dezembro 1919, surge *Boa Semente* no Pará, o primeiro jornal oficial da Assembleia de Deus no Brasil, fundado pelo missionário Gunnar Vingren e entre seus colaboradores estavam Samuel Nystrom. Sua esposa, Frida Vingren, foi a principal redatora do jornal. O jornal divulgava as doutrinas apostólicas da AD em todo o país. Ele era distribuído gratuitamente e circulou de janeiro de 1919 até dezembro de 1930. Em 1929, quando Gunnar pastoreava a Assembleia de Deus no Rio de Janeiro, também fundou o jornal *O Som Alegre* circulando até outubro de 1930. Conde (2008, p. 208-209) explica que:

Reconhecendo o valor da literatura na evangelização, e constatando que a pouca quantidade que existia não atendia às necessidades, e nem sempre era recebida no tempo oportuno, o pastor [Gunnar] Vingren e seus auxiliares no Rio de Janeiro resolveram fundar um jornal de caráter evangélico noticioso.
[...] O aparecimento do jornal foi uma inspiração para a igreja, pois viram no *Som Alegre* um arauto, uma força evangelizadora. Esse jornal, colocando nas mãos de um homem sem Deus, podia tornar-se um instrumento para a salvação, como de fato aconteceu. Todos os membros se muniam de certa quantidade de jornais e saíam pelas ruas e praças evangelizando as pessoas, e os resultados eram surpreendentes. Além do jornal, distribuíam folhetos aos milhares.

Basicamente, no Norte e Nordeste circulavam o *Boa Semente*, e no Sudeste do país, *O Som Alegre*. Em 1930, o surgimento do *Mensageiro da Paz* solucionou um problema que os dois jornais pentecostais em circulação haviam criado em relação aos seus objetivos principais. Araujo (2014, p. 457) argumenta que:

[...] O *Boa Semente* atendia às regiões Norte, Nordeste e, em alguns casos, à do Sul. Ele acentuava aspectos doutrinários e informativos, enquanto *O Som Alegre*, circulando na região da antiga capital do país e Estados limítrofes, destacou-se mais como órgão evangelístico, além de noticioso.

Logo, os dois jornais assumiram posições antagônicas e regionalistas, sem que houvesse interferência mútua em suas áreas de atuação. Tornaram-se dois órgãos oficiais distintos, do Norte e do Sul. Isso resultou em certos constrangimentos entre lideranças da época, e o problema culminou com a fusão de ambos em um só jornal, que passou a circular em todo país.

De todo modo, o meio de comunicação principal da AD é a mídia impressa. A propósito dessas informações, é importante destacar que o rádio e a televisão foram utilizados frequentemente apenas nas últimas décadas do século XX, pois, antes de 1950, as igrejas do pentecostalismo clássico estabelecidas no Brasil, resistiam de forma sectária ao uso do rádio. A AD, no Brasil, somente em 1990, mostrou-se maior disposição para acompanhar as profundas transformações da sociedade, do pentecostalismo e do campo religioso brasileiro.

Até a década de 1970, era muito comum e sabido por muitos que os assembleianos eram proibidos do acesso à televisão, ainda em fase experimental em alguns estados brasileiros; ao uso do rádio, para determinados objetivos como, por exemplo, ouvir as narrativas esportivas e, quanto às mulheres, estas eram proibidas de cortar os cabelos, de realizar depilação e de usar maquiagem. As músicas permitidas eram, exclusivamente, as consideradas sacras; os ornamentos femininos eram também vetados (pulseiras, anéis e brincos), como de resto tudo que tivesse qualquer relação com as coisas consideradas «MUNDANAS». Essas interdições colocavam os assembleianos em estado permanente de reclusão na relação com a sociedade brasileira, tornando-os um grupo sectário, à semelhança dos fiéis da Igreja Congregação Cristã no Brasil, que não participavam dos eventos culturais regionais, tratados como blasfêmia a Deus e também não casavam fora do grupo de fé, por considerarem comportamento perigoso à preservação do estado de pureza da denominação (MENESES, 2013, p. 160).

Essas transformações na transmissão e reprodução do pentecostalismo fez com que a AD do Amazonas instituísse a Rede Boas Novas - Rádio e TV, adquirida pelo pastor Samuel Câmara. Iniciada em 1993, apresenta-se como uma rede de comunicação totalmente dedicada ao mundo evangélico e tornou-se a maior rede voltada para esse segmento. A esse respeito encontramos a seguinte afirmação:

A Rede Boas Novas é uma poderosa arma de comunicação, com programas especiais para toda família brasileira. Os canais de TV da RBN têm como objetivo alcançar a família brasileira e edifica-la nos princípios do evangelho de Cristo. Sua programação é gerada em três núcleos de produção: Manaus, Belém e Rio de Janeiro. A mesma visa alcançar as classes sociais e faixas etárias com sua programação.

A Rede Boas Novas tem sua programação voltada de algum modo para informar e entreter, mas principalmente evangelizar e edificar a família. Sua programação tornar-se relevante na medida em que visa à veiculação dos ensinamentos da Palavra de Deus, inclusive para combater os danos maléficos que mídia secular tem causado. Além disso, ela propugna em seus objetivos ajudar a família a desfrutar de uma

programação sadia e edificante, cujos valores e princípios são partes integrantes do evangelho de Jesus Cristo (SOUZA, B., 2007, p. 210-211).

Por outras palavras, a Assembleia de Deus vem procurando se adaptar às pressões e vicissitudes do mercado religioso, fazendo algumas concessões, alterando práticas tradicionais. Dito isto, é bem verdade que os grupos evangélicos buscaram adaptar-se à sociedade em que pretendia agir, acompanhando o ritmo de mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais que ocorreram no Brasil, criando uma nova realidade no campo religioso que impôs transformações profundas em termos organizacionais das igrejas evangélicas que queriam continuar no mercado religioso competindo por fiéis (CARREIRO, 2007; RIVERA, 2001; MARIANO, 2003). Assim, os usos e suas relações nas mídias através de seus programas evangélicos parecem cumprir papel de extrema importância para a sobrevivência e crescimento do pentecostalismo dentro do campo religioso brasileiro, que se tornou plural, diversificado e competitivo.

4 A INTRODUÇÃO DA *MÍDIA EVANGÉLICA NO MARANHÃO*: Origem e trajetória da *Rádio Esperança*

Este capítulo trata da origem e trajetória da Rádio Esperança. Aqui, basicamente, discutiremos o contexto histórico que surge a Rádio Esperança em São Luís e algumas características sobre a construção e o funcionamento da emissora em caráter experimental e permanente; depois, trataremos da trajetória da Rádio, explicando a partir de que parâmetros, pontos de vista e objetivos as programações foram concebidas, construídas e organizadas, e como a Igreja acionou discursos e mecanismos para manutenção e conversão de novos sujeitos através da Rádio Esperança. Ademais, explicaremos a relação entre as produções das programações e financiamentos da Rádio Esperança e o atual cenário radiofônico na Ilha de São Luís que a emissora se insere.

As discussões e problematizações foram realizadas a partir duma abordagem qualitativa e quantitativa com base nas entrevistas com o primeiro diretor da Rádio Esperança, Benjamin Lima de Souza, filho do Estevam Ângelo de Souza, bem como os primeiros apresentadores e o atual pastor-presidente da *Assembleia de Deus - Campo São Luís*, José Guimarães Coutinho, responsável estatutariamente pela Rádio. Utilizamos os documentos oficiais (estatutos e escritura pública) da emissora e, ainda, um discurso – disponível no *Portal da Câmara dos Deputados* – do Antônio da Conceição Costa Ferreira, publicamente conhecido como Costa Ferreira, que contrasta com a narrativa do Benjamin de Souza sobre o processo de concessão da Rádio Esperança. Além do mais, tomaremos como apoio os dados obtidos sobre a audiência das Rádios na Ilha de São Luís, particularmente na rede mundial de computadores, pois, também, dará base para o próximo capítulo.

Antes de começarmos a discussão sobre a origem e trajetória da Rádio Esperança, cabe mencionar que a utilização dos meios de comunicação pela *Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em São Luís*, começou, em dezembro de 1955, quando o então pastor da Igreja – Alcebíades Pereira Vasconcelos – utilizou a Rádio Ribamar (hoje Rádio Capital) para divulgação do Evangelho, quando apresentou dois programas. No ano seguinte, com o apoio e aceitação da Igreja, ele assinou um contrato com a Rádio Timbira – do Governo do Estado do Maranhão – para a realização de um programa todos os sábados, na qual tinha a participação e transmissão em tempo real do coral da Igreja (CONDE, 2008; SOUZA, B., 2007).

Mais tarde – no dia 15 de maio de 1959 – o pastor Estevam Ângelo de Souza pregou pela vez numa emissora de radiodifusão, a Rádio Timbira. Sua mensagem foi intitulada o *Ide de Jesus* que, basicamente, significa que o Evangelho deve ser pregado para as

peçoas em todo mundo; em 1968, a Igreja realizou programas na Rádio Difusora que eram transmitidos nas terças e sextas-feiras. Na televisão e com a Igreja na liderança do pastor José Guimarães Coutinho, o primeiro programa – *AD em Ação* – foi ao ar, no dia 11 de dezembro de 2007, no canal 31, pela Rede Boas Novas de Televisão (SILVA, R., 2012).

Os investimentos da Igreja-Mãe nos meios de comunicação de São Luís, com relação à compra e aluguel de espaços no rádio e televisão foram poucos; e quando financiados, a Igreja ocupava principalmente as rádios AM, que eram emissoras com custo relativamente barato para a realização de seus programas. Contudo, esse modo de fazer e financiar programas mudou com a fundação da Rádio Esperança, que colocou definitivamente a Igreja na mídia, como a proprietária de seu próprio veículo de comunicação.

4.1 O processo de concessão da rádio

Uma rádio evangélica em São Luís, mesmo que fosse AM (Amplitude Modulada), era um dos planos do pastor Estevam Ângelo de Souza – presidente da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís*, entre 1957-1996 e da *Convenção Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Maranhão*, entre 1958-1996 –, e a maioria dos fiéis da Igreja era conhecedora desse “desejo do seu coração”, pois, frequentemente, durante a realização dos cultos explicitava-o. Além de ter sido o pastor que mais tempo ficou à frente da Igreja,

Estevam representou a geração de lideranças eclesiásticas pentecostais baseadas no carisma pessoal e familiar construído pelos anos, pela simplicidade do modo de vida e pela forma centralizadora de conduzir a instituição eclesiástica. [...] *O crescimento das Assembleias de Deus durante a sua gestão foi muito significativo, implantando congregações e se tornando a maior igreja pentecostal maranhense* (SANTOS, 2011, p. 33, grifo nosso):

A liderança do pastor Estevam tinha como “prioridade a evangelização”, dado que a considerava como “o projeto de curto prazo para reformar a sociedade, não importando a condição moral ou social do indivíduo” (SILVA, R., 2001, 91-92). Com seu “amor e tino evangelizador”, o pastor Estevam de Souza aproveitava as diferentes localidades, ocasiões e oportunidades para construção de templos e conversão de alguma ou inúmeras pessoas que desconheciam o Evangelho. Além de ter sido autodidata, ele era atento às transformações sociais, econômicas, políticas e culturais que passava a sociedade brasileira, sobretudo a maranhense. Tanto que “o projeto de uma rádio correspondia ao momento em que as grandes

igrejas evangélicas do país se lançavam na utilização mais intensiva da mídia [eletrônica], sobretudo a televisiva” (MOTA, 2013, p. 92), pois pretendia, com a criação da Rádio Esperança, alcançar um público maior e adaptar ao mundo moderno a comunicação da Igreja. Naquela época, também, a compra de uma rádio pela Igreja (lideranças e fiéis) era praticamente impossível devido à realidade socioeconômica, dado que, por muito tempo, a AD, em todo o país, era marcadamente composta de pessoas muito pobres e humildes.

No entanto, basicamente, o contexto político no Brasil dos anos 1980 foi marcado pela eleição de 1986, na qual elegeu 32 deputados evangélicos como titulares e dois suplentes para Assembleia Nacional Constituinte, sendo 13 da Assembleia de Deus, incluindo Costa Ferreira, deputado do Maranhão, ligado à Igreja e ao grupo Sarney (BAPTISTA, 2007; FRESTON, 1993; MOTA, 2013). Na constituinte, essa frente parlamentar teve participação nas discussões e negociações da nova Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, atual Carta Magna, bem como marcaram “a inserção definitiva de um segmento religioso outrora reduzido e marginal no cenário político nacional, com uma postura definida de defesa dos interesses de suas igrejas” (SANTOS, 2011, p. 23).

Nesse contexto, também da Assembleia Nacional Constituinte, as relações e práticas clientelistas foram frequentes no governo de José Sarney, que buscava a prorrogação de seu mandato de presidente de quatro para cinco anos consecutivos. Naquele momento, houve negociação de votos de parlamentares evangélicos em troca de privilégios, favorecimentos e recursos, principalmente de concessões de emissoras de rádio e televisão, na qual “Sarney utilizou estes veículos como moedas de troca para os constituintes votarem conforme sua orientação” (BAPTISTA, 2007, p. 213).

É nesse contexto que, em 1988, é noticiado que a *Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em São Luís*, a Igreja-Mãe, ganharia uma concessão de rádio FM (Frequência Modulada); aqui expressa em duas narrativas que buscam explicar esse processo de concessão. De um lado, que a rádio foi dada ao pastor Estevam pelo deputado Costa Ferreira, que conseguiu a concessão junto ao então presidente José Sarney. Tal narrativa é externada por um discurso, em comemoração aos 22 anos da Rádio Esperança, na qual o deputado Costa Ferreira fez questão de destacar que:

O caminho até aqui foi longo e árduo. Além do difícil período de tramitação do processo de aquisição da rádio, através do Ministério das Comunicações e Câmara dos Deputados, que iniciei em 1987, o outro trecho do caminho também apresentou grandes dificuldades, agora com vistas à aquisição do terreno para a construção da sede da rádio e dos equipamentos de transmissão.

Das dificuldades que tivemos de percorrer, lembro, até com certa nostalgia, dos laboriosos e gratificantes mutirões que mobilizaram centenas de membros da igreja, oriundos de todos os bairros de São Luís com o objetivo de construir o prédio que hospedaria a rádio.

Homens e mulheres, jovens e idosos, lideranças e membros. Uns cuidavam da água e alimentos para os que trabalhavam na construção e transporte de materiais. Assim, tijolo a tijolo, o prédio da Rádio Esperança foi se delineando premido por um ardor missionário.

Foi uma das maiores conquistas da minha vida. O teste de fogo foi a concorrência que mobilizou os gigantes da comunicação. Se vencessem, a rádio teria destinação meramente secular. Mas o favor do Senhor deu-me essa vitória. *Depois de adquirir a concessão da rádio, a cedi gratuitamente, em 12/05/1988, à Convenção da Assembleia de Deus em São Luís [sic].*

Mesmo sendo novidade à época, era patente o interesse da grande comunidade evangélica maranhense por um canal de comunicação, conforme já ocorria com outras vertentes religiosas e políticas, para que pudesse expressar sua vivificante mensagem de fé.

Por isso, mereci o título inestimável de “Sócio Honorário e Benemérito” da Fundação Cultural Pastor José Romão de Souza, mantenedora da Rádio. A honraria foi-me dada num “pleito de imorredoura gratidão”, conforme consta no documento da Fundação. Ressalto ainda que uma rádio a serviço do evangelho era um sonho antigo, e alvo de muita oração do Pastor Estevam Ângelo de Souza, convicto de que *a abrangência das ondas radiofônicas ampliaria o alcance da divulgação do evangelho, levando a palavra de Deus confortavelmente ao recôndito dos lares [...].*

É satisfatório lembrar cada passo do processo que envolveu tanta gente. Nesse particular cabe ressaltar que pessoas do interior do Estado e de outras denominações evangélicas também fazem parte dessa história de sucesso. Creio que todos fazem coro comigo nesse ato singelo de gratidão a Deus. E que a emissora continue na missão que o nome lhe confere: um canal de esperança²³. (grifos nosso)

Antes de voltarmos à questão principal, é importante retificar que, na citação acima, há um equívoco por parte do deputado Costa Ferreira, quando fala de “*Convenção da Assembleia de Deus em São Luís*”. Todavia, acreditamos que fez referência ao pastor Estevam de Souza que era pastor-presidente da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís* e da *Convenção Estadual das Igrejas Evangélicas Assembleias de Deus no Maranhão*. Também, ressalte-se que o momento que Costa Ferreira cede a rádio à Igreja-Mãe não está em conformidade com a data da elaboração do primeiro *Estatuto da Fundação Cultural Pastor José Romão de Souza*, de 6 de maio de 1988, bem como com a *Escritura Pública de Constituição de Fundação*, de 9 de maio de 1988. Quer dizer, a data da doação feita pelo deputado sucede a criação dos meios jurídicos que regularizava e legitimava a Igreja ter a rádio, por assim dizer. Nesses documentos oficiais, a titular da rádio é a Igreja-Mãe, localizada no Centro, na Rua do Passeio.

Por outro lado, o momento que Costa Ferreira inicia o processo de aquisição da Rádio, em 1987, corresponde ao início do seu mandato como deputado federal. Outro aspecto

²³ DISCURSO do deputado Costa Ferreira (PSC/MA). **Portal da Câmara dos Deputados**. Disponível em: <www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=979793>. Acesso em: 09 set. 2017.

que se destaca na sua fala é este: “se vencessem, a rádio teria destinação meramente secular”. Isto, de certa maneira, reflete o momento histórico em que as concessões de emissoras foram distribuídas “a torto e a direita”, e dá a entender que Costa Ferreira aproveita o momento para conseguir uma concessão de rádio, cuja finalidade era específica e direcionada, pois ele, inclusive, “relacionou sua atividade parlamentar aos interesses da AD maranhense, ao fazer menção, em plenário, das reuniões de pastores realizadas pela Convenção Estadual da AD no Maranhão” (BORGES JUNIOR, 2010, p. 54).

Outro aspecto relevante é que o deputado Costa Ferreira, de fato, recebeu o “título de sócio honorário e benemérito” do pastor Estevam de Souza, presidente da Fundação que seria mantenedora da Rádio Esperança, conforme sua narrativa acima. Isso é enfatizado na *Escritura Pública da Fundação* do seguinte modo:

[...] Desse mais o Sr. presidente [da Fundação] em nome do Conselho Diretor confere o título de sócio honorário e benemérito ao Dr. Antonio da Conceição Costa Ferreira, Deputado Federal, constituinte no pleito de emorredura [sic] gratidão disseram do que dou fé.²⁴

Também, o artigo 13, do primeiro *Estatuto da Fundação*, de 1988, mostra que:

§1º - São sócios honorários ou beneméritos aqueles que contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento da Fundação ou lhes prestarem serviços relevantes. §2º - Aos sócios honoráveis ou beneméritos serão conferidos diplomas de distinção ou mérito, na forma em que for regulamentada.²⁵

Levando em consideração esses artigos e parágrafos legais, fica evidente que Costa Ferreira contribuiu para o processo de concessão da Rádio que gerou a existência da Fundação, mas não são explícitas quais foram suas principais cooperações ou participações colaborativas no que diz respeito à Rádio, e o que fez por merecer e receber tal título.

Contudo, ainda em conformidade com discurso do deputado Costa Ferreira, um outro entrevistado, ex-apresentador da Rádio Esperança, complementa que:

Ele [o deputado Costa Ferreira] recebe das mãos do presidente José Sarney uma concessão de rádio FM para São Luís. E olha que fazia muitos anos que não saía, nessa época, uma concessão para o espectro de FM em São Luís. [...] Uma coisa rara, um fato inédito. O deputado nessa época fez o quê? De posse dessa concessão, trouxe essa concessão para as mãos do pastor Estevam Ângelo de Souza. Ninguém, ninguém duvidava nessa época que o pastor Estevam Ângelo de Souza, um dos grandes sonhos, um dos grandes projetos dele era de ter uma rádio [evangélica]. [...]

²⁴ ESCRITURA Pública da Constituição da Fundação [Cultural Pastor José Romão de Souza]. São Luís, 09 maio 1998.

²⁵ ESTATUTO da Fundação Cultural Pastor José Romão de Souza. São Luís, 06 maio 1988.

E aí, vem o senhor Costa Ferreira ou por a gratidão pelo fato de a igreja tê-lo apoiado em sua eleição ou por um investimento já pensando numa próxima eleição, tipo, vou dar concessão, vou trazer apoio para mim na igreja e contínuo sendo eleito. Talvez tenha sido isso. Não sei. Enfim. Mais doou aquela concessão que era dele, particular, particular dele. O senhor Costa Ferreira doa para Igreja Assembleia de Deus, em São Luís, na pessoa do pastor Estevam Ângelo de Souza, que naquela época era vivo.²⁶ (grifos nosso)

A doação da rádio por Costa Ferreira, segundo Jonas Vianna, foi um ato que mostrou uma simbiose entre a Igreja e a política. Mesmo que conjecturando os motivos dessa atitude do deputado, como uma “gratidão pelo apoio” que ganhou da Igreja e por pensar numa “próxima eleição”, seus pressupostos tem uma lógica, no sentido de que “95% de seus votos [no caso de Costa Ferreira] procedem do meio evangélico” (BORGES JUNIOR, 2010, p. 75); e, também, porque nas eleições gerais de 1986, quando foi eleito deputado federal, Costa Ferreira “contou com a indicação e apoio do então presidente da Convenção maranhense, Estevam Ângelo de Souza” (MOTA, 2013, p. 98).

Nesse sentido, o termo pejorativo, “carral eleitoral”, discutido por Baptista (2007, p. 328), exemplifica o modo como alguns líderes religiosos conseguem fazer com que os votos dos seus fiéis sejam votos cativos para eleger os candidatos sugeridos pelas igrejas. Ainda no que concerne a relação entre a Igreja e a política, parece, portanto, oportuno reproduzir que o pastor Estevam:

Foi um mediador dos interesses da igreja com os poderes públicos, com os governantes, principalmente depois da constituinte de 1986-1988. Políticos assembleianos, como Costa Ferreira, tiveram longa atividade na esfera da política oficial, intercedendo pelos interesses da igreja. Sua trajetória política revela as alianças não formais ou explícitas feitas pela Assembleia de Deus com os governantes (SANTOS, 2011, p. 34, grifo nosso).

Em contrapartida, conforme Benjamin Lima de Souza, a concessão da rádio foi “um presente” pela “amizade” que o pastor Estevam de Souza e o presidente José Sarney tinham, de longa data. Podemos conferi isto neste longo depoimento:

Em 1988, o pastor Estevam Ângelo de Souza recebeu a informação de que a Assembleia de Deus em São Luís iria receber uma rádio como um presente do presidente José Sarney. Por que isso? Porque, veja bem: um dos planos do pastor Estevam Ângelo de Souza, que era um dos desejos do seu coração... é que ele queria deixar uma rádio para a Igreja em São Luís. Seria um legado do ministério dele, mas a rádio era muito caro, não tinha como. Então, ele era muito amigo do presidente Sarney. Isso é uma amizade que remonta ao tempo em que Sarney era deputado e quando foi senador essa amizade começou a ampliar-se. [...] E, sempre, dia 31 de dezembro, a Igreja fazia um culto da virada, um culto de final de ano, e o pastor Estevam fazia o seguinte: ele deixava a pessoa que estava lá com ele dirigindo o

²⁶ VIANNA, Jonas. Entrevista concedida à autora [por e-mail]. Austrália, 08 set. 2017.

culto e ia para casa do presidente Sarney. Quando o presidente Sarney já era presidente, ele vinha passar o final de ano aqui em São Luís... ele ia para residência do presidente Sarney. Lá, ele abria a Bíblia, o presidente Sarney reunia todo mundo que estava lá na festança deles. Paravam tudo, e o pastor Estevam ministrava a Palavra [de Deus] e orava por eles e voltava para o culto. Ele fazia regulamente e ele era muito respeitado. *Numa dessas coisas, numa dessas conversas [em 1986], o presidente Sarney perguntou para ele o que podia fazer pela Igreja, mas assim por ele, pelo pastor Estevam. Ele disse: “Por mim nada, não quero nada para mim. Eu quero para Igreja, quero uma rádio para Igreja. Eu sei que o senhor é homem que pode fazer isso”*. Porque pela Constituição Federal, na época que Sarney era presidente, a concessão de emissoras era uma prerrogativa do presidente. [...] Então, o presidente não prometeu, mas ficou em aberto a solicitação e avaliação de uma situação posterior. Isso aconteceu. [...] Em 88, portanto, em março, houve essa notícia de que a Igreja ia ganhar uma rádio, uma concessão de rádio FM.²⁷ (grifos nosso)

Segundo Benjamin de Souza, a concessão da rádio não foi uma “moeda de troca” pelos cinco anos de Sarney, como as primeiras narrativas dão a entender. Inclusive, ao comentar especificamente sobre isso, Benjamin fez questão de descrever que ao ser convidado para participar de evento acadêmico,

[...] O Márcio Jerry, que hoje é secretário do estado do governo Flávio Dino, ele fez uma acusação de que a rádio tinha sido doada para a Igreja por causa do cinco anos de Sarney. Eu achei estranho aquilo. Deixei-o falar. Na hora, eu questionei... Admiro-me que no Simpósio de Jornalismo, de Comunicação, numa Universidade que pretende ensinar corretamente os meandros do bom jornalismo, busque a verdade, eu ouvi uma acusação leviana desse porte. Eu digo leviana, porque um dos princípios do jornalismo é checar, checar a notícia com as fontes disponíveis. Quem quer ser bom juiz ouve o que cada um diz. Não existe juiz que seja justo sem ouvir acusação e defesa. E me estranha o fato que o Márcio está dizendo essa asneira... que faz jornalismo. Estou dizendo que faz um péssimo jornalismo, porque nunca veio falar comigo para me perguntar se isso procedia. Eu teria mostrado os documentos. A Rádio, eu expliquei, ela é da Assembleia de Deus mediante a gestão pública, de uma fundação, porque rádio, a Igreja não pode ter rádio. Eu pergunto aqui e eu lanço para o debate: *Que tipo de ação a Igreja poderia dar cinco anos para Sarney, perguntei. [...] E outra: a razão da Igreja ter a rádio tem a ver da amizade do pastor da Igreja com o presidente Sarney, que remonta há uma época que ele era governador do estado do Maranhão, tinha recém-saído de ser deputado estadual. Falei um pouco da história. [...] E aí, questionei e lancei o desafio. Eu lanço desafio a vocês aqui, que vocês procurem provar isso que estão dizendo. Está errado. Eu posso provar, eu posso mostrar todos os documentos. Existe uma Fundação [Cultural José Romão de Souza]. A fundação é legal. A impulsora desta Fundação é a Igreja Assembleia de Deus, em São Luís, tem personalidade jurídica, tem um presidente que é presidente por força estatutária desta Fundação. [...]. Eu expliquei tudo direitinho. Mas o circo estava montado para me constranger, né, mas não conseguiram não, porque eu não me calo nessas horas não, eu falo o que tenho que falar. [...] Então, Márcio Jerry me deve essa. [...] Na hora disse lá: olha, a Igreja tem um deputado que é chamado Costa Ferreira que é aliado histórico de Sarney. Por que razão Sarney daria uma rádio a um deputado histórico aliado a ele? Não tem sentido. Ele compraria outro inimigo dele, que fosse alguém do grupo contrário para poder votar nele, mas não o voto certo que já tinha, já era dado. Agora, eu posso falar para vocês que a amizade entre pastor Estevam de Souza e o presidente Sarney foi que gerou para Igreja a rádio, o que aconteceu no mesmo período, disse*

²⁷ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 28 jun. 2017.

lá. [...] Se tem um problema errado, o problema é o que aconteceu de errado, não com isso aqui [no caso, a Rádio Esperança]. *Isso aqui foi mediante a uma concessão que uma amizade próxima gerou. Nunca, em nenhum momento, isso aqui é ponto adicional, nenhuma igreja recebera, até aquele momento, nenhuma concessão de rádio no Brasil. A primeira igreja no Brasil, a receber uma concessão de radiodifusão foi Assembleia de Deus em São Luís, por causa do pastor Estevam Ângelo de Souza.*²⁸ (grifos nosso)

Noutras palavras, Benjamin de Souza garante que existe uma “coincidência” entre o período da concessão da Rádio Esperança doada à Igreja e as concessões públicas de rádio e televisão

Figura 2 – Pastor Estevam e José Sarney



Fonte: PASTOR Estevam: 10 anos de despedida. **O Estado do Maranhão**. São Luís, 14 fev. 2006. Edição Especial, p. 3.

dadas para grupos políticos para que votassem em apoio aos cinco anos de José Sarney. Quer dizer, a associação feita entre esses dois momentos históricos “não tem sentido, não tem lógica”. Seu argumento justifica-se pelo fato de que como as concessões eram concedidas aos grupos antagônicos ao presidente Sarney, como “moedas de troca” para obter o apoio, uma concessão de rádio à Igreja e ao próprio Costa Ferreira, deputado da Igreja, ligado ao grupo Sarney desde os anos 1950, não faria sentido, pois o voto para a prorrogação do mandato como

presidente já era garantido pelo deputado federal maranhense. Tais comentários que corroboram com,

*o fato de que a amizade deles [entre o pastor Estevam e o presidente Sarney] é que permitiu isso, porque não fez isso para mais ninguém. No Brasil inteiro, não teve nenhuma igreja que recebeu, e havia várias igrejas que tinham seus deputados federais e outras que tinham até senador. Por que, então, que essas igrejas não ganharam, também, rádio? [...] Porque se fosse o caso de uma rádio ser dada para Assembleia de Deus de São Luís por causa dos cinco anos para Sarney, também seria verdade que ele daria para outros grupos antagônicos a ele, inclusive. Correto? E por que isso não aconteceu? Não era isso que estava ocorrendo. A amizade dele com o pastor Estevam foi que favoreceu.*²⁹ (grifos nosso)

²⁸ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 28 jun. 2017.

²⁹ Ibidem.

Aqui, cabe destacar que existia um vínculo de amizade entre o pastor Estevam e José Sarney. Não era uma relação partidária, mas de afinidade. Ele teve diversos encontros informais ou formais com José Sarney, principalmente nos finais de anos, como narrado pelo seu filho Benjamin. Mas, ainda que mantivesse uma amizade com Sarney, Estevam de Souza não permitia propagando política no púlpito da Igreja; e, embora tenha apoiado “indiretamente Sarney”, não transformou essa “aliança numa dependência de favores da Igreja” (MOTA, 2013, p. 97).

Ainda em relação a esse aspecto, Mota (2013, p. 92) assegura que a Rádio Esperança não foi uma “moeda de troca”, visto que “conseguiu a concessão para funcionamento, com a intercessão direta do então deputado federal Costa Ferreira, junto ao presidente José Sarney, o que foi outorgado nos últimos momentos de seu mandato”. O argumento da autora conforma-se, em parte, com o Benjamin de Souza, quando diz que a concessão não foi uma “moeda de troca”, mas, também, está de acordo, com as primeiras narrativas que dizem que foi uma mediação direta do Costa Ferreira e não um presente dado exatamente ao pastor Estevam pelo presidente José Sarney.

As narrativas explicitadas acima apresentam informações com certa coerência e fundamento, ainda que contraditórias, mas, aqui, não nos cabe dizer qual a “falsa” e a “verdadeira”. Contudo, acreditamos que a divergência entre os discursos deve ser entendida dentro de uma lógica de disputa pela história da concessão da Rádio Esperança em São Luís. Nessas narrativas, “entre o ‘falso’ e o ‘verdadeiro’, entre aquilo que o relato tem de mais solidificado e de mais variável, podemos encontrar aquilo que é mais importante para a pessoa” (POLLAK, 1992, p. 209). Por isso que, essa divergência é compreensível dentro da lógica de disputa histórico pessoal-familiar de quem é o “dono” da história.

4.2 A construção e o funcionamento da rádio (em caráter experimental e caráter permanente)

A *Rádio FM Esperança*, como ficaria conhecida entre o público, é nome fantasia. Oficial e juridicamente, existe como *Departamento de Radiodifusão* dentro da *Fundação Cultural Pastor José Romão Souza*, que foi instituída, em 1988, para administrar a Rádio, visto que a Constituição Federal não permitia que igrejas fossem beneficiadas com concessões públicas de rádio e televisão no Brasil. Porém, a fundação não existe como estrutura física, embora na *Escritura Pública de Constituição da Fundação*, de 1988, essa fundação esteja com o endereço da Igreja; e, já no seu segundo Estatuto reformulado, de 2010, é mencionada

a localização, onde foi instalada a Rádio Esperança. Por esses meios e cumprindo as exigências legais estabelecidas, por assim dizer, a Igreja seria a beneficiária, mantenedora e dona da Fundação que, na época, foi fundada somente por causa da concessão da rádio, conforme apresenta o artigo 15, do primeiro Estatuto da Fundação, de 1988: “Na data da sua constituição faz parte integrante da **Fundação Cultural Pastor José Romão de Souza** o Departamento de Radiodifusão, simplesmente chamado ‘Rádio FM Esperança’”.

Para isso, aconteceram várias reuniões, com convocações extraordinárias, com pastores e dirigentes de congregações para discutir a formação e nome da fundação, que é uma homenagem ao pai do pastor Estevam, ideia do deputado Costa Ferreira. O mesmo ocorreu para a escolha do nome da Rádio, que foi sugerida por Ezequias Lima de Souza, filho do pastor Estevam. Interessante que o *FM* vem antes do *Esperança*, ou seja, acreditamos que teve uma preocupação que consistiu em destacar qual seria a faixa que a Rádio entraria em operação. Também, além da Fundação e de uma ata que gerou o movimento de criação da Esperança, foi necessário resolver o processo burocrático da concessão da rádio, pois envolvia o Ministério das Comunicações e o Departamento Nacional de Telecomunicações, que se tornou a Agência Nacional de Telecomunicações; bem como as documentações jurídicas e os aportes financeiros.

Sobre esse momento, Estevam Ângelo de Souza (na sua autobiografia inacabada e não publicada devido ao seu falecimento) fez questão de lembrar e explica que:

Começou a luta quando fui despertado no espírito a sonhar com o rádio, cobrindo a cidade de São Luís e arredores com a Palavra de Deus. Com a esperança da concessão, os trabalhos com a documentação para concorrer, à campanha para aquisição do fundo de um milhão de cruzados indispensável à concorrência, a compra do terreno adequado para a instalação da emissora, o esforço para a conclusão do prédio no tempo hábil, os 20 mutirões de que participamos de sol a sol, a compra de todos os equipamentos, com grande parte importados, etc. Mas isso foi o menor. O mais pesado foram os choques. O mais agradável foram as providências de Deus, que se mostrou interessado no projeto.

*Quando soube da previsão dos custos de tudo, vi que era humanamente impossível, pois tudo tinha que ser feito dentro do prazo estipulado no edital de concorrência. Na minha apreensão, orei a Deus, e Ele respondeu-me assim: *Eu estava morto e ouvia, a toda hora a rádio anunciando a minha morte. A revelação iluminou todos os meus temores. Entendi tudo: A rádio iria ao ar antes de eu morrer* (SOUZA, E., 1994, p. 26, grifos nosso).*

Destaca-se ainda nessa fala que, como líder carismático, a questão da “revelação divina” é algo que marca a trajetória do pastor Estevam, na qual tem a convicção de que seus projetos e sonhos se realizarão; no caso aqui, mesmo diante dos desafios e dificuldades financeiras que a Igreja enfrentava para a construção e consolidação da Rádio Esperança, a manifestação em

nome de Deus, segundo o pastor Estevam, demonstrava que a Rádio Esperança que tanto sonhava entraria no ar.

Mas voltando à questão central, foi dada à Igreja dois anos para a instalação de toda estrutura da rádio. Na composição da Fundação, Benjamin tornou-se o primeiro diretor do *Departamento de Radiodifusão* ou simplesmente da *Rádio FM Esperança*, indicado pelo seu pai, o pastor Estevam. Foi escolhido para a direção da rádio, dentre um dos motivos, porque era o único com formação em Comunicação Social – Jornalismo. Como diretor, começou sua pesquisa sobre toda a disposição da emissora. Um desses momentos foi quando ele juntamente com seu irmão, Samuel Batista de Souza, em 1989, durante um mês, viajaram para Curitiba, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo. Essas cidades tinham emissoras evangélicas estabelecidas, a exemplo da Rádio Marumby, Rádio FM Evangélica, Rádio Melodia, Rádio Boas Novas e Rádio Trans Mundial.

Na verdade, a ideia de percorrer essas quatro diferentes cidades do Brasil foi obter informações sobre os aspectos de programação, produção, direção, locução e técnica, bem como os custos do funcionamento de rádio e dos equipamentos para montá-la, pois não se tinha conhecimento de como gerenciar e estruturar uma emissora. Ou ainda, a Igreja não tinha nenhuma experiência empresarial e produção profissional no ramo da comunicação; somente aquela adquirida na produção dos poucos programas quando eram comprados ou alugados espaços nas emissoras AM locais, geralmente, com horários curtos.

De volta a São Luís, foi montado grupos de trabalho coordenado por Benjamin. Um grupo discutiu toda a programação que seria transmitida pela emissora; outro tratou do processo de recrutamento e seleção do pessoal que culminaria numa contratação de profissionais e funcionários ideais para trabalharem na Rádio Esperança. Embora a prioridade fosse dada aos evangélicos, não foi fechada a quem não fazia parte do grupo. Porém, somente os diretores dos departamentos comercial, administrativo-financeiro e programação foram escolhidos pelo diretor geral Benjamin de Souza, pois, segundo ele, eram “cargos de confiança”.

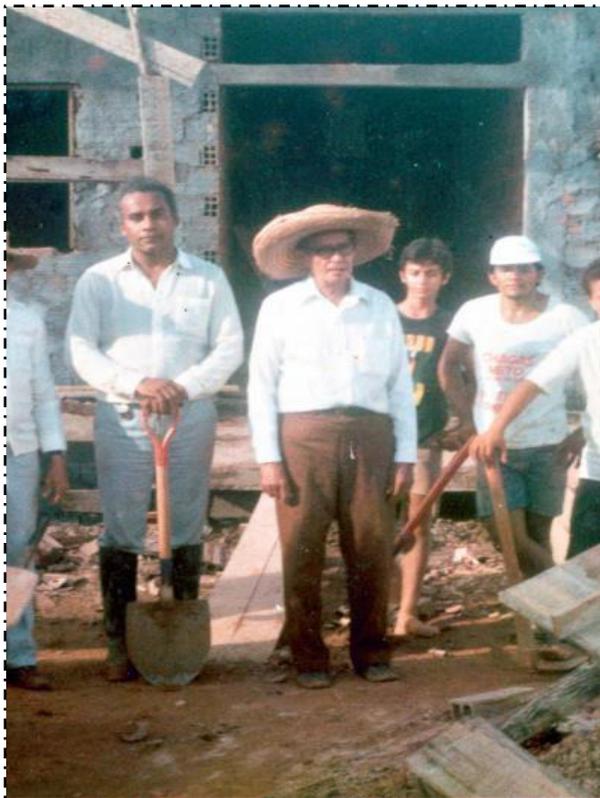
Além disso, Benjamin, como diretor da Rádio, fez toda a pesquisa operacional de como instalar uma rádio, comprou alguns equipamentos de estúdio no Brasil, outros importou dos Estados Unidos. No mesmo período, também, prepararam um acervo de discos evangélicos, na qual houve várias doações dos fiéis da Igreja, dos funcionários contratados, como do próprio diretor e do pastor Estevam.

Sobre os trabalhos divididos para o andamento da instalação da Rádio Esperança, Nivaldo Ortiz, fiel da Igreja, ficou responsável pelos equipamentos pesados, a exemplo da

torre de transmissão, da antena, da parte elétrica e do transformador. Este último equipamento foi doado pela Companhia Energética do Maranhão, pois, nessa época, Nivaldo Ortiz, era engenheiro elétrico e possibilitou essa benesse, pois a Igreja não tinha condição financeira para comprá-lo.

Quanto ao pastor Estevam de Souza, então presidente da *Fundação Cultural*

Figura 3 – O pastor Estevam e os fiéis na construção do prédio da Esperança



Fonte: PASTOR Estevam: 10 anos de despedida. **O Estado do Maranhão**. São Luís, 14 fev. 2006. Edição Especial, p. 2.

Pastor José Romão de Souza, encarregou-se da compra do terreno e da construção do prédio. De modo estratégico, o ponto mais alto de São Luís, que é o Parque Pindorama, foi o local escolhido para a disposição da rádio. O terreno fica 36 metros acima do nível do mar. Nessa época, era uma região praticamente desabitada, com poucas casas construídas no local.

Para o levantamento da obra, utilizaram-se do mesmo procedimento ou meio que as igrejas da Ilha de São Luís, que consistia em mobilizações coletivas, ou mutirões, liderados pelo pastor Estevam, com pedreiros, engenheiros de obras, que eram fiéis da Igreja. A movimentação desses mutirões se alternava, por vezes, eram realizados durante toda semana, outras vezes, a cada 15 dias; de modo que, a

estrutura foi concluída, em menos de um ano. Geralmente, o grupo formado por praticamente 300 fiéis das diferentes congregações da Ilha, dividiam-se numa equipe que se dedicava na construção do prédio, e outra, na preparação da alimentação e lanches desses trabalhadores.

Todo o trabalho dos fiéis para a construção, montagem e organização da Rádio Esperança pode ser definido como trabalho voluntário, que tem por base a crença, a fé. As atividades realizadas pelos fiéis com dedicação e boa vontade, sem qualquer remuneração é uma das marcas do corpo de fiéis da Igreja, que se estende até mesmo na recepção deles quando são procurados para saber informações sobre a Igreja e a Rádio.

De modo geral, havia um esforço, um entusiasmo, um comprometimento e uma expectativa de toda a Igreja para com o cumprimento dos prazos de dois anos que foram

determinados para colocar em funcionamento a emissora. Como decorrência disso, a Rádio Esperança entrou no ar, em caráter experimental, no dia 09 de fevereiro de 1990, às 18h, antes do programa a *Voz do Brasil*. Sobre esse período da Rádio Esperança, Benjamin de Souza destaca que:

[...] Assim, às 18h, a gente estava na Rádio, às 18h mexendo. Aí, bota, não bota. O sinal já estava disponível na frequência. Os irmãos da Igreja todos esperavam lá. Estava lá o pontinho vermelho só o chiado. E, então, no dia 09 de fevereiro 1990, às 19h. Perdão, às 19h era a “Voz do Brasil”. Às 18h, às 18h, no dia 9 de fevereiro de 1990, às 18h, nós começamos. O sinal da Rádio começou em caráter experimental. E aí, a primeira pessoa que falou na emissora fui eu. Eu saudei os irmãos com a paz do Senhor e disse: está no ar a partir de agora, em caráter experimental, a Rádio FM Esperança na frequência 100,9 mega-hertz; e a partir de hoje ela é sua companhia e a voz de Deus na sua vida. Vamos abençoar sua vida. Eu falei um discurso breve. E, o primeiro hino que tocou na Rádio, nesse dia, foi o hino “Graças dou”, de Luiz Carvalho. [...] E aí, nós ficamos mais ou menos uns 15 minutos tentando ajustar quando terminou esse hino de Luiz de Carvalho, nós tentamos colocar outro, mas a Rádio entrou com problema de RF (rádio frequência), muita zoada. E aí, nós tiramos do ar. Voltamos outra vez no dia seguinte, no sábado dia 10 de fevereiro de 1990. Nós entramos às 17h da tarde. E aí, quem estava comigo nesse momento era Gisele Carvalho e, depois que, eu saudei de novo a cidade, aí Gisele entrou, falou alguma coisa e colocou um outro hino que eu não me lembro agora qual foi esse hino, mas eu lembro do primeiro. [...] Ficamos assim, 09, 10, 11, 11 ficamos um pouquinho mais, 12. [...] Aí, quando foi no dia 15 de fevereiro de fato ela entrou no ar definitivamente em caráter experimental. Ela não estava mais entrando e saindo do ar toda hora, já havíamos corrigido essas situações de RF, ficou um pouco, mas dava para manter no ar [...].³⁰

Benjamin de Souza foi a figura central na estruturação da Rádio Esperança e o responsável por colocá-la em funcionamento, nesse período experimental. Embora na história oficial da Igreja não seja explicitado, pois além de não citá-lo como primeiro diretor, pouco se fala de sua administração e direção. Sua contribuição se restringe a uma “boa administração como os demais diretores, permanecendo por três anos” (SILVA, R., 2012, p. 73), sendo isto, na segunda vez que assume a direção da emissora. Ao que parece, houve um trabalho para “apagar a memória”, pois é esquecido todo o trabalho e planejamento, no primeiro momento, que realizou com suas equipes de trabalho para colocá-la no ar.

Depois do seu funcionamento, em período experimental, a Rádio Esperança entrou no ar, em caráter permanente, no dia 11 de abril de 1990, com a direção do Sérgio Fernando Campos Lima. Isso porque, depois ter colocado na fase experimental, Benjamin de Souza renunciou o cargo de diretor para assumir um novo ministério na cidade de Fortaleza. Mais tarde, ele retorna e assume a direção da Rádio Esperança pela segunda vez.

³⁰ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 28 jun. 2017.

Na época, o funcionamento da Esperança foi o “assunto” da cidade e uma novidade que despertava a atenção e o interesse de inúmeras pessoas que desejavam ver e conhecer como funcionava. Isso porque, “nunca tinha tido nada igual para os evangélicos. [...] Naquela época não tinha nenhuma [emissora evangélica], nem AM, nem FM. Então, foi um *boom*”.³¹ Esse momento é ressaltado pelo Jonas Vianna, da seguinte forma:

Uma coisa que acontece nesse primeiro momento de efervescência é uma, uma explosão geral, quando a gente fala assim na aceitação da emissora por parte do público, sobretudo o público assembleiano e o público não assembleiano, porque se via representado naquela categoria de programação, [...]. Mas o que eu quero dizer é que a empolgação foi geral e audiência da emissora foi assim retumbante para os padrões da época e por uma emissora que havia acabado de chegar.³²

A recepção da Rádio Esperança foi efusiva, manifestada pelo sentimento de entusiasmo e alegria das pessoas. Sua introdução no mercado radiofônico, como única emissora evangélica, fez com que tivesse vantagem frente às demais emissoras seculares existentes. Também, havia um incentivo da liderança da Igreja para as pessoas ouvir a Rádio e os fiéis acolhiam esses estímulos com “obediência”. Essa realidade fez com quem a emissora, que começou somente com os equipamentos mínimos, apresentasse um “público cativo” e uma “audiência cativa” na Ilha de São Luís. Hoje, no prédio que foi construído, a Rádio Esperança continua instalada no mesmo local.

4.3 Os enfoques e objetivos das programações (em dois momentos diferentes)

Até em 2017, a Rádio Esperança teve oito diretores (conforme a **Quadro 1**), dentre os quais se destaca o pastor Benedito Reinaldo Gama, pois que passou mais tempo à frente da administração da emissora. Nas quase três décadas de funcionamento, no entanto, o único com formação em Comunicação Social foi o Benjamin Lima de Souza. Os demais têm formação acadêmica em Direito, Pedagogia, Teologia, Administração e Química. Inclusive, a falta de formação dos diretores para puderem gerenciar a Rádio foi vista como um problema, conforme a seguinte colocação:

As pessoas que eram colocadas lá [na Esperança] não entendiam absolutamente nada de rádio. Esse era o primeiro problema. Então, elas tratavam a Rádio [Esperança] como se fosse uma igreja e alguns não sabiam administrar nenhuma igreja quanto

³¹ MUKAMA, Ruben. Entrevista concedida à autora. São Luís, 10 jul. 2017

³² VIANNA, Jonas. Entrevista concedida à autora [por e-mail]. Austrália, 11 set. 2017.

mais uma rádio. [...] A Rádio ficou vários anos, muitos anos administrada por gente que não entendia de rádio.³³

Quadro 1 – Diretores que conduziram a Rádio Esperança

Diretores	Formação	Período
Benjamin Lima de Souza	Comunicação Social - Jornalismo	Maior 1988 - Fev.1990
Sérgio Fernando Campos Lima	Teologia	Fev. 1990 - Maio 1991
José Amaro Andrade	Teologia e Química	Maior 1991 - Out. 1991
Ezequias Lima de Souza (preposto de José Amaro Andrade)	Teologia	Nov. 1991 - Mar. 1992
Benjamin Lima de Souza	Comunicação Social - Jornalismo	Mar. 1992 - Jun. 1995
Helena Souza de Oliveira	Pedagogia	Jun. 1995 - Maio 1996
Benedito Reinaldo Meireles Gama	Administração	Jun. 1996 - Jun. 2008
José Henrique Cardoso de Macedo Neto	Direito	Jun. 2008 - Ago. 2016
Jackson Douglas Pires Martins	Direito e Teologia	Ago. 2016 (em diante)

Fonte: Elaborado pela autora.

Dividimos os enfoques e os objetivos das programações da Rádio em dois grandes momentos, porque o nosso recorte temporal compreende parte das lideranças do pastor Estevam e do pastor Coutinho. No primeiro momento (1990-1996), faremos referência ao período em que a Rádio Esperança entra em funcionamento até o período em que o pastor Estevam falece; no segundo (1996-2017), aludimos sobre o momento em que o pastor Coutinho assume a presidência da Igreja (e, por consequência da Rádio) dando novos direcionamentos e comandos, após o falecimento do pastor Estevam.

Em termos gerais, falamos desse primeiro momento da Rádio Esperança, que compreende as direções do Benjamin, do Sergio Fernando, do José Andrade, do Ezequias Lima e da Helena de Oliveira, porque avaliamos que esses diretores compartilhavam das mesmas perspectivas, pois eles foram indicados pelo pastor Estevam. No segundo, tratamos da direção do Benedito Reinaldo Gama, do José Henrique Macedo e do Jackson Douglas Martins, que já abrange a administração do pastor Coutinho e, por consequência, esses diretores foram indicados por ele. Estabelecemos esses dois momentos porque nosso estudo identificou diferentes modos de administrar a Rádio.

- As programações na liderança do pastor Estevam

³³ MUKAMA, Ruben. Entrevista concedida à autora. São Luís, 10 jul. 2017.

O Departamento de Radiodifusão, da Fundação Cultural Pastor José Romão de Souza tinha como presidente o pastor Estevam, dado que o Estatuto da fundação determinava que o pastor-presidente da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, em São Luís, automaticamente, seria o presidente da Rádio Esperança. Porém, o projeto inicial da Rádio Esperança – em termos de concepção e função – foi articulado pelo Benjamin Lima de Souza, seu filho. Benjamin estruturou a concepção da Rádio Esperança, dentro de uma visão cidadã e ecumênica, com formação de opinião e entretenimento e para além da Igreja. Segundo ele,

[A Rádio Esperança] era a voz mais marcante da Assembleia de Deus na cidade e para a cidade. Era a mensagem principalmente da Igreja para a cidade. Então, para o pastor Estevam Ângelo de Souza, ela tinha esse papel de poder levar para Igreja, para cidade de São Luís e cidades adjacentes, a mensagem de Deus, segundo o Evangelho que era pregado pela Assembleia de Deus. [...] Ela era a voz da Assembleia de Deus para a cidade de São Luís. Ela era o canal, onde a Igreja ministrava para cidade tanto no que diz respeito a um certo entretenimento, porque tinha umas programações que eram mero entretenimento; como também, um jornalismo diferenciado sem nenhum vínculo político, com nenhum grupo político de São Luís e do Maranhão. Embora, eu não posso dizer que, que fosse uma coisa imparcial, porque imparcialidade não existe. Ele, ele tinha uma dimensão, e eu lembro bem que a dimensão do jornalismo da Rádio tinha a ver assim: “você pode falar o que você quiser, mas pode até ouvir o que também não quer”. De modo que todo mundo tinha vez e voz na Rádio. Então, a Rádio era um elemento de credibilidade para cidade no que diz respeito a própria noticição dos eventos da cidade pelas suas ondas. Então, era insuspeita, porque todo mundo podia dizer o que quisesse e todo mundo tinha vez e voz na rádio; e tinha a própria pregação do Evangelho que era feita. Inclusive, pastor Estevam tinha um programa especial todos os dias às 10h30 da noite. Ele ministrava e ministrou durante vários anos, desde o início até quando faleceu; e depois que ele faleceu ainda passaram-se dois anos sendo transmitidas as mensagens dele. Então, para a Assembleia de Deus ela foi muito marcante, porque ela era essa expressão desse Evangelho, essa dimensão do Reino de Deus para cidade de São Luís.³⁴ (grifos nosso)

Mais especificamente, a Rádio Esperança tinha uma programação diversificada direcionada para a Igreja e a cidade, com faixa de horário e faixa etária diferentes, inspirada na Rádio Melodia³⁵, do Rio de Janeiro. No início da Rádio, a programação foi elaborada por pessoas que estudavam jornalismo, por locutores profissionais e por pessoas de origem religiosa, que eram, sobretudo, batistas. Inclusive foi uma “grande porta” para quem estava saindo da universidade.

³⁴ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 09 nov. 2017.

³⁵ A Rádio Melodia pertence ao ex-deputado federal Francisco Silva. “Sua inserção no universo das igrejas evangélicas deu-se a partir de uma opção comercial. Adquiriu a Rádio Melodia em 1986 e se tornou conhecido do grande público evangélico” (SANTANA, 2005, p. 61). Além disso, “na Melodia as inserções com pregações são mais constantes e as músicas seguem os padrões adotados na Assembléia de Deus, em ritmos populares (baião, forró, lambada) que sempre falam em ‘fogo’ e ‘poder’, geralmente associados ao ‘novo céu’ e à ‘nova terra’ – características constantes na Assembléia de Deus” (FONSECA, Alexandre, 2003, p. 125).

Na Rádio Esperança, dentre as programações, o *Palavra da Vida* – programa apresentado todos os dias pelo pastor Estevam – era considerado o “carro-chefe”, em que ministrava mensagens de ensinamento,

doutrinação e evangelização. Alguns cultos da Igreja foram transmitidos em tempo real pela Esperança. Também, tinha programas de entretenimento que consistiam basicamente numa programação musical, até mesmo de músicas clássicas ou instrumentais com Ludwig Van Beethoven, Wolfgang Amadeus Mozart, Richard Cleidman e Ennio Morricone; bem como num jornalismo opinativo que além de atender as exigências legais, ainda oferecia uma perspectiva de

Figura 4 – Pastor Estevam na Rádio Esperança



Fonte: PASTOR Estevam: 10 anos de despedida. **O Estado do Maranhão.** São Luís, 14 fev. 2006. Edição Especial, p. 2.

orientação do que seria importante o público interno ou externo da Igreja saber.

A programação jornalística da Rádio Esperança era popular. Além das notícias internacionais, nacionais e locais que informavam os ouvintes, ainda era uma oportunidade onde as pessoas tinham espaços para falarem dos problemas de seus bairros e da sua cidade, assim como de realização de entrevistas com autoridades da sociedade civil, religiosa e militar, secretários de governo do estado e município, políticos (vereadores, prefeitos e governadores) do Maranhão, e de debates com especialistas sobre algum assunto em vigor naquele determinado momento.

Um momento que marca a programação jornalística da Rádio Esperança, segundo Benjamin de Souza, quando nas eleições de 1992, Conceição de Maria Carvalho de Andrade, publicamente conhecida como Conceição de Andrade, foi eleita prefeita de São Luís, depois de ter sido apresentada na Rádio Esperança para o público da Igreja e ter dado inúmeras entrevistas na emissora. Segundo ele,

[...] Na época de campanha política, aconteceu um fenômeno interessante. [...] Quando em 92, já no mês de agosto, parece-me que a campanha política começou, a Conceição Andrade tinha menos de 1%, nem apareciam às vezes os tracinhos lá nas pesquisas de intenção de voto. João Alberto que era candidato do grupo Sarney tinha 69% de preferência do eleitorado nas pesquisas digitais. [...] E aí, eu chamei todos os candidatos. Nós fizemos uma reunião na Rádio e disse: olha, nós somos uma

rádio pequena talvez ninguém tenha muito interesse na gente, mas vamos, vamos dar oportunidades iguais a todos. Até aquele momento, quem tinha sua rádio dava chance para seu candidato, então, havia essas polarizações aqui em São Luís. Então, o candidato A, do grupo X, na rádio desse grupo X falava o que queria. [...] Eu chamei e disse assim: aqui não, vão ter chances iguais. Eu chamei João Alberto, ele não foi; chamei o Saboya, ele não apareceu; chamei um outro homem também não veio, e chamei Conceição de Andrade, ela foi. *Eu disse a ela: Conceição Andrade, você não está aparecendo nem nas pesquisas, as pesquisas dava a ela 1%. Eu vou lhe apresentar ao público dos evangélicos aqui em São Luís que correspondem desta cidade a 25% da população desta cidade. Se você acha que vale a pena, apareça aqui.* Ela disse: Não, eu vou sim. E foi. [...] Fizemos a entrevista com ela e alcançou assim índices de audiências imensos. O pessoal achou maravilhoso e tal. Ela voltou e os outros não voltaram. Nunca vieram. Aí, na pesquisa seguinte, ela apareceu com 13%, de 1% apareceu com 13%. *E aí, ninguém mais segurou Conceição Andrade que foi eleita prefeita de São Luís. Ela chegou a dizer isso a mim que ela devia a FM Esperança essa popularização da campanha.* Depois não foi exatamente a FM Esperança, porque os próprios veículos que viram ela crescer foram atrás. E aí foram atrás dela e ela cresceu mais, porque os outros veículos deram suporte. *Mas a válvula inicial foi a FM Esperança, e ela reconhece isso. Na época, reconheceu a mim, tanto é que o culto de ações de graças pela posse dela foi feita no Templo Central da Assembleia de Deus em São Luís e eu pregador dessa noite, com a presença de Jackson Lago, Conceição de Andrade, Tadeu Palácio e um monte de outros vereadores, tá, que estiveram lá na posse dela. A posse dela aconteceu e o culto de ação de graças foi na Assembleia de Deus em São Luís.*³⁶ (grifos nosso)

Esse exemplo específico mostra a abertura da Rádio Esperança para campanhas políticas e conseqüentemente ajudando na projeção de lideranças políticas, direta ou indiretamente, pois dava visibilidade e respaldo necessários aos candidatos que compareciam à emissora. Ainda sobre os programas de jornalismo na Esperança, o “Clube da Notícia”, apresentado durante cinco anos pelo André Martins, tinha muita audiência e repercussão, pois era um espaço em que ele

abria o verbo para falar inclusive da família Sarney, apontar os desmandos da família Sarney, para o desespero do pai de Benjamim, o pastor Estevam que era um aliado histórico da família Sarney. Só para você ver o grau de ousadia que Benjamin teve nessa época.³⁷

Mas, ao que parece, o jornalismo da Rádio Esperança, ainda que tivesse influência na cidade, não tinha explicitamente uma posição política partidária, pois se desenrolava sob o argumento de que todos tinham vez e voz na emissora. É notório que a emissora não ficava isolada da sociedade, dado que “queria expandir e mostrar para a população que além de proclamar o Evangelho, ela participava da sociedade, né, discutindo.”³⁸

³⁶ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 28 jun. 2017.

³⁷ VIANNA, Jonas. Entrevista concedida à autora [por e-mail]. Austrália, 13 set. 2017.

³⁸ MARTINS, André. Entrevista concedida à autora. São Luís, 26 set. 2017.

Por esse motivo, a direção da Rádio tinha o cuidado de não apresentar uma programação que fosse direcionada somente para o público interno da Igreja, pois:

*Era fundamental que a Rádio atuasse na cidade, para que a cidade pudesse conhecer também do Evangelho, tanto que a gente trabalhava com uma programação que era, era muito, muito mesclada entre o pop, entre o popular e o clássico. Exatamente, para que isso? Para que os evangélicos... A gente tinha aquela ideia assim: o evangélico ele ouve a Rádio Esperança por osmose, naturalmente. Então, a gente precisa alcançar novos públicos para que esse movimento cresça, a Rádio ganhe audiência, cresça.*³⁹ (grifo nosso)

Sobre a audiência, foi comum os entrevistados comentarem que a Rádio Esperança, no início da década de 1990, disputava entre o segundo e o terceiro lugar, com as diferentes emissoras populares ou seculares que eram estabelecidas na Ilha de São Luís.⁴⁰ Na realidade, os enfoques das programações desdobravam-se na “atuação da Rádio no jornalismo para a cidade, a mensagem de Deus para a cidade, a mensagem de Deus para dentro da Igreja, os próprios pastores ministrando para suas igrejas em particular e para cidade como um todo”⁴¹. Kim Lopes, ex-apresentador complementa:

*E qual era o nosso grande cuidado, assim: era que a rádio não fosse uma rádio só para crentes, só para evangélicos. Era uma rádio que tinha que atingir a mensagem de fé e salvação do ouvinte. [...] Tinha a preocupação de fugir da padronização das igrejas. Por quê? Qual é a visão do primeiro momento? Era que fosse uma rádio que atingisse um público que não está na Igreja. É claro, que o público da Igreja, a gente sabia que iria nos ouvir. Iria nos ouvir, por quê? Porque era uma rádio gospel, era uma rádio que ia tocar aquilo que gente gosta de ouvir, ia falar de Deus como nós falamos na Igreja, mas a gente precisava chegar ao público que não vai... que para atingir tu tem que fazer: distribuir folhetos, tu tem que ir para praça pregar para chegar nesse público e outros que não estão lá. Então, a Rádio procurava no começo, a ideia era essa do primeiro grupo: de não nos prendermos a nenhum modelo de igreja ou de denominação de igreja religiosa ou qualquer que seja. Ah, porque tem que seguir um modelo batista, um modelo pentecostal ou modelo assembleiano, presbiteriano... Então, a gente queria fugir de tudo isso e formar um próprio modelo da Rádio chegar ao povo.*⁴² (grifos nosso)

Noutras palavras, o projeto inicial da Rádio Esperança tinha um direcionamento amplo que não se restringia na defesa de sua “bandeira ou filosofia”. Ela buscava estar presente na cidade, nas diversas denominações e classes sociais, isto é, tinha a vocação de servir a Igreja e a sociedade. Esse modo do Benjamin gerenciar a Rádio Esperança dava autonomia aos apresentadores que se utilizavam de uma linguagem mais jovem e coloquial para que

³⁹ D’EÇA, Marco Aurélio. Entrevista concedida à autora. São Luís, 20 set. 2017.

⁴⁰ Sobre a audiência atual das Rádios na Ilha de São Luís, sobretudo da Rádio Esperança, ver a **Tabela 8**, p. 110.

⁴¹ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 28 jun. 2017.

⁴² LOPES, Kim. Entrevista concedida à autora. São Luís, 06 set. 2017.

pudessem ser entendidos pelos diferentes públicos e, de certa forma, distanciando-se da linguagem eclesial ou litúrgica que era conhecida pelo público da Igreja. Todavia,

isso desagradava extremamente a liderança arcaica e radical da Assembleia de Deus que achava que a Rádio sempre deveria ser aquela rádio de tocar, entre aspas, os hinos. [...] *Benjamin sofreu uma pressão muito grande dos pastores por conta de coisas que os locutores falavam e que os pastores achavam que não era linguagem de crente, esse tipo de coisa.*⁴³ (grifo nosso)

Dentre os apresentadores que se utilizavam de uma “comunicação jovem, alto-astrol e para cima” foi o Ruben Mukama; segundo ele,

A gente tinha sempre na cabeça uma forma de comunicar Jesus que não fosse uma forma igual ao que era da Igreja. Então, a gente preferiu uma linguagem mais coloquial. Queríamos que as pessoas entendessem que as músicas levavam Jesus e as mensagens. *Então, a gente não quis se diferenciar das outras rádios, a gente tinha exatamente o mesmo estilo de locução, de programas que eram das outras rádios. A nossa mensagem que era diferente. [...] A gente tocava música atual para aquela época e a mensagem, era a mensagem da Bíblia.*⁴⁴ (grifo nosso)

O jeito de Rubem Mukama, assim como as músicas que tocava nos programas eram consideradas modernas para época, e gerava desentendimentos com parte das lideranças da Igreja, não exatamente com o pastor Estevam que, muitas vezes, usava o púlpito da Igreja para dizer: “meus irmãos, eu não gosto de algumas músicas que toca na FM Esperança, mas eu não posso censurá-los, porque outros gostam”.⁴⁵ Mukama chegou a ser demitido da Rádio Esperança, por desagradar o grupo majoritário de fiéis tradicionais da Igreja, mas acabou voltando, na segunda vez em que Benjamin assumiu a direção da emissora.

Inclusive, o pai de Benjamin, o pastor Estevam não interferia na forma como era conduzida a Rádio Esperança. Ele permitiu que Benjamin colocasse em prática, o projeto que tinha articulado e estruturado sob a visão de uma rádio mais profissional com informação, conteúdo cristão e prestação de serviço que se encaminhavam para o mercado e comunidade. Embora Benjamin tenha sofrido pressões ou oposições por parte de outras lideranças que acreditavam que pelo fato da Igreja ser proprietária da Rádio Esperança, deveria apenas servi-la. De todo modo, nesse primeiro momento, podemos dizer que os enfoques e objetivos das programações eram amplos e não se direcionavam apenas para a edificação ou informação do público interno da Igreja.

⁴³ VIANNA, Jonas. Entrevista concedida à autora [por e-mail]. Austrália, 13 set. 2017.

⁴⁴ MUKAMA, Ruben. Entrevista concedida à autora. São Luís, 10 jul. 2017.

⁴⁵ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 28 jun. 2017.

- As programações na liderança do pastor Coutinho

Quando o pastor Estevam era presidente da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís*, o pastor José Guimarães Coutinho era o vice-presidente. Com seu falecimento – de certo modo, inesperado, aos 73 anos de idade, em um acidente automobilístico no interior do Maranhão, em 14 de fevereiro de 1996 –, o pastor Coutinho assumiu interinamente a direção dos trabalhos pastorais em São Luís. Depois, foi eleito como presidente da Igreja, numa eleição que teve o pastor Elienai Cabral, como seu concorrente. Todavia, pela “tradição” ou “regra” quem deveria ocupar a presidência da Igreja, era o pastor Benjamin Lima de Souza, filho do pastor Estevam. Isso porque, uma das marcas da AD no Brasil é que:

quem substitui o pastor-presidente geralmente é o próprio filho. Vimos isso, por exemplo, com José Wellington Bezerra da Costa Júnior, que sucedeu seu pai José Wellington Bezerra da Costa na presidência da CGADB e Samuel Ferreira que substituiu seu pai Manoel Ferreira na presidência da CONAMAD [Convenção Nacional das Assembleias de Deus Madureira]. Na *AD em São Luís*, esta regra não foi seguida (CONCEIÇÃO, 2018, p. 55, grifo nosso).

Além dessa questão que necessita de um estudo sistematizado e aprofundado, cabe destacar que, basicamente, a coesão da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís* perdurou até na presidência do pastor Estevam. Após seu falecimento, a Igreja fragmentou-se pela divisão de *campos*, em toda Ilha de São Luís.

Assim, o pastor Coutinho que, frequentemente, é considerado presidente da AD em toda São Luís, lidera somente a *Assembleia de Deus - Campo São Luís*, que reúne parte das congregações de São Luís, Raposa, São José de Ribamar e Paço do Lumiar. Além dele, há outros nove pastores-presidentes que têm seus *campos*, tanto na capital quanto nos municípios da Ilha. Ou melhor, o pastor Coutinho é responsável pela Igreja-Mãe, onde todas as congregações da Ilha eram vinculadas antes, mas não significa que seja o único pastor-presidente da AD em São Luís ou da Ilha de São Luís, como afirmam Conceição (2018) e Mota (2013).

Mas voltando à questão fundamental, os relatos relevaram que, naquele primeiro momento da Rádio Esperança, as programações eram formatadas sob o padrão de atingir não evangélicos e que não fosse estritamente direcionada a Igreja. No entanto, os relatos indicam que, depois do falecimento do pastor Estevam, em 1996, a Rádio tomou novas direções e a visão inicial da Rádio Esperança foi transformada. Melhor dizendo, após o período de

lamentação do falecimento do pastor Estevam, e que o pastor Coutinho assumiu automaticamente a Rádio Esperança,

ficou claro que a Igreja iria tomar as rédeas da emissora. E, mais ou menos, não ficou claro, mas para todos nós que estavam naquela reunião, eles iriam destruir o que se entendia por rádio profissional, para fazer uma coisa “igrejeiro”; e esse momento passa a ser um momento de extrema tensão entre a programação da Rádio, a forma que a Rádio funciona e a liderança da Assembleia de Deus, de uma forma ainda mais intensificada que aquela que Benjamin havia enfrentado durante o seu mandato ou a sua direção, eu devo dizer.⁴⁶ (grifos nosso)

Pelo que fala nosso entrevistado, observamos o prosseguimento do conflito em torno do destino que deveria ter a Rádio Esperança. Fica evidente que o projeto que o Benjamin tinha estruturado para Rádio Esperança – e que de certa forma foi mantido pelos demais diretores que o sucederam até a morte de seu pai – seria modificado na liderança do pastor Coutinho. Ao que parece, a disputa era sobre uma nova visão que a emissora passaria a apresentar, que conflitava e era objeto de oposições com os diretores, os quais, de certa forma, convergiam com aquelas que Benjamin lidou por causa de seu projeto mais amplo de servir a cidade.

A gestão do Reinaldo Gama, aquele que ocupa o cargo de direção da Rádio, depois da Helena de Oliveira, e que teve início em junho de 1996, foi, segundo Jonas Vianna:

Marcada por uma pressão muito grande da Igreja, uma pressão maior, eu diria, pelo fato dele ser pastor e lá estar mais ou menos tendo o apoio de todos eles, o que Benjamin e a Helena não tinha, porque as circunstâncias eram outras, evidentemente. Mas a Rádio viveu em Reinaldo, começou a viver uma fase de extrema crise de identidade. O quê, que a gente vai fazer? Porque falar música não pode, tem que falar hino, não pode anunciar show, tem que anunciar musical. Não pode trazer outras igrejas para cá, porque a Assembleia de Deus tem que ter muito mais espaço e a Rádio naquela pendenga de grana o tempo inteiro.⁴⁷ (grifo nosso)

Além das “censuras” que se relacionavam ao “mundo”, a Rádio Esperança passou por uma “crise de identidade” sobre o que fazer e a quem servir. Mas o que podemos perceber é que: se na liderança do pastor Estevam a programação era direcionada para a comunidade em geral; na liderança do pastor Coutinho, a Rádio direcionou “uma programação para a Igreja. Essa foi a diferença fundamental ali introduzida. Naquela época, a gente levava Jesus para cidade. Hoje em dia, a Rádio serve como uma, uma, uma ferramenta para a Igreja se sentir atendida”.⁴⁸ Em complementação, Kim Lopes afirma que:

⁴⁶ VIANNA, Jonas. Entrevista concedida à autora [por e-mail]. Austrália, 13 set. 2017.

⁴⁷ Ibidem.

⁴⁸ MUKAMA, Ruben. Entrevista concedida à autora. São Luís, 10 jul. 2017

[...] A Rádio [Esperança] perdeu o *time* de ser a rádio vanguarda e perdeu seu objetivo maior que era ser uma rádio gospel evangelizadora antes de ser uma rádio para elevo espiritual, para que o evangélico se sentisse bem espiritualmente. Ela tinha aquela visão antes, que era essa a visão do pastor Estevam, de sermos uma rádio que deveria levar o Evangelho a quem ainda não tinha sido tocado pela mão, entendeu, do Salvador. Então, assim, a Esperança nunca foi ou que havia sido projetada para ela.⁴⁹ (grifos nosso)

A mudança da mentalidade ou do estilo da programação da Rádio Esperança foi acentuada pelos nossos entrevistados. No primeiro momento, as programações eram voltadas para entreter, informar, bem como evangelizar e edificar os diferentes públicos e classes sociais da Ilha de São Luís. Na liderança do pastor Coutinho, a Rádio Esperança

*é indispensável e incalculável os seus benefícios, pois através de suas “ondas benditas”, o trabalho do Evangelho pentecostal sob a responsabilidade da IADESL [Assembleia de Deus – Campo São Luís] tem chegado praticamente a todas as demais denominações evangélicas, alcançando milhares e milhares de lares da sociedade ludovicense, maranhense, brasileira, chegando ao exterior, e alcançando muitos corações através da internet. [Na época que assumi a liderança da Igreja, a Rádio Esperança] já era uma bênção. Tais bênçãos, porém, cresceram e foram mais longe, alcançando mais vidas, através das orações, das pregações, da música evangélica que glorifica a Deus, no meio da qual o Senhor habita, e da boa notícia que leva os seus ouvintes a ficarem inteirados dos acontecimentos do Brasil e do mundo. [...] Indiscutivelmente, [a Rádio Esperança] ajudou e continuará ajudando [no crescimento da Igreja] como um “braço-forte” que executa trabalhos em consonância com a Igreja, no campo espiritual, familiar e social, minimizando os males desta vida e socorrendo aos que carecem de Deus na subsistência temporal e eterna.*⁵⁰ (grifos nosso)

Pela fala do pastor Coutinho, podemos entender que a Rádio Esperança ficou sendo uma extensão do púlpito, da Igreja, embora explicita que as “bênçãos” cresceram e foram mais longe; mas, referindo-se ao fato da emissora ter a possibilidade de ser ouvida nos computadores e celulares, em qualquer lugar do mundo, por meio da rede mundial de computadores. Também, como desde o início, a comunicação da Igreja foi marcada pelas formas de ação e interação face a face nos cultos, com os “de dentro” e, no proselitismo, com os “de fora”, a Rádio Esperança não é tomada como um instrumento principal de reprodução da Igreja, mas é considerada como seu “braço-forte”, isto é, que ajuda e divulga os ideais religiosos da Igreja.

Ao que tudo indica, o projeto inicial da Rádio Esperança não vigorou na liderança do pastor o Coutinho, e a emissora tornou-se um projeto eclesialístico. Noutras palavras, se o Benjamin pensava uma rádio de “fora” para “dentro”, ou seja, uma Igreja que estava dentro da

⁴⁹ LOPES, Kim. Entrevista concedida à autora. São Luís, 28 set. 2017.

⁵⁰ COUTINHO, José Guimarães. Questionário respondido à autora. São Luís, 18 out. 2017.

sociedade; o pastor Coutinho pensa a Igreja separada da sociedade. Embora a Rádio Esperança continue abrindo espaços para outras igrejas, o projeto do Benjamin era mais amplo, pois era uma rádio para cidade que tinha a concepção da cidadania. Isso aí, inclusive, era coerente com o momento político que o país vivia, com a Constituição de 1988, que é chamada Constituição Cidadã.

4.4 As relações entre as produções das programações e o financiamento da rádio

Em princípio, a Igreja deveria assumir todas as despesas em relação à Rádio Esperança, pois a publicidade não era suficiente para a Rádio se autossustentar ou se manter, pois ainda existia “um preconceito imenso [por parte dos anunciantes], porque eles diziam que era ‘coisa de crente’, então, ninguém queria anunciar na rádio. Eu tive que provar para eles que crente também era consumidor; e aí, Deus foi abrindo a mente das pessoas e nós fizemos esse trabalho”⁵¹. Por outro lado, alguns anunciantes, embora, tivessem interesse em ganhar o público dessa emissora que não era alcançado por outras rádios seculares e comerciais, a Rádio acabava perdendo, já que alguns anunciantes não se compatibilizavam ou não se adaptavam com o que a Rádio apresentava, pois “nasceu sobre essa égide de que não poderia ter nada que lembrasse o ‘mundo’”⁵². Por consequência, os primeiros anunciantes não tinham espaços dentro da emissora para que pudessem divulgar informações sobre seus estabelecimentos, produtos e serviços.

Na verdade, existia um conflito entre anunciantes – principalmente com alguns de maneira mais específica – e a Rádio (e por extensão com a Igreja). Segundo Marco Aurélio D’Eça,

A ideia sempre foi desde o início que a Rádio sobrevivesse das próprias pernas, com as vendas de anúncios comerciais, com as vendas de espaços publicitários dentro da programação. A gente tinha... A dificuldade nossa era exatamente a restrição que se tinha em relação aos anunciantes. A gente não tinha como anunciar bebidas alcoólicas, cigarros e vários outros tipos de *shows* seculares, casas de *shows*, boates, bares. Não tinha como. Então, nós tínhamos um público muito restrito. Muito dos anunciantes era do próprio segmento evangélico: livrarias, igrejas, *pizzarias* que tinham vínculo com a fé evangélica e alguns outros seculares. Tentávamos buscar de uma forma patrocínios de anúncios públicos, Governo do Estado, prefeitura, até mesmo do próprio Governo Federal para tentar, garantir essa manutenção da Rádio, pagamentos de salários, da estrutura, manutenção de logística de veículos e tudo... [A Rádio Esperança] trabalhava sempre para que atraísse patrocinadores para que pudesse se autossustentar, para evitar exatamente esse vínculo intenso, inteiro, o

⁵¹ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 28 jun. 2017.

⁵² VIANNA, Jonas. Entrevista concedida à autora [por e-mail]. Austrália, 11 set. 2017.

tempo inteiro à Igreja, a Igreja ter que bancar as contas da Rádio. A rádio mantinha essa tentativa de seguir sozinha.⁵³

Geralmente, além da própria Igreja e as contribuições dos fiéis, os colaboradores da Rádio Esperança eram pessoas ligadas à Igreja que tinham empresas na Ilha de São Luís, com produtos e serviços, principalmente voltados para livrarias evangélicas, vestuário, educação, serviços, alimentação, materiais de construção, saúde, comércio em geral. Sobre ainda à questão da publicidade, a ex-apresentadora da Rádio Esperança, Irma Hellen, complementa que:

[...] Tinham as empresas que ajudavam muito como as livrarias evangélicas e outras empresas que eram de evangélicos, eu não saberia te dizer quais, mas também ajudavam, né. A Igreja, a Igreja várias vezes levantou ofertas direcionadas a manutenção da Rádio, quando a Rádio não conseguia atingir os ativos [financeiros] necessários para pagar as despesas naquela época, né, naquele determinado momento. *Então, a Igreja tanto com contribuições dos fiéis quanto com os recursos da própria Igreja mantinha, mantinha a Rádio pagando funcionários, pagando contas de energia, né, e tudo mais que era necessário para Rádio funcionar.*⁵⁴ (grifo nosso)

Em virtude desse aspecto tão específico, pois diferente das outras rádios, a trajetória da Rádio Esperança é marcada por muitas dificuldades, problemas e crises financeiras. Benjamin de Souza chegou a criar um projeto intitulado “Igreja no lar” para amenizar essas situações. Esse plano, além de ter a proposta de levar igrejas que não se encaixavam ao grupo religioso da Igreja, pretendia investir e conseguir também recursos financeiros dessas igrejas à Rádio. De modo que, todos os domingos, algumas e diferentes igrejas evangélicas, em espaços pequenos de “30 minutos”, que compraram na Rádio Esperança, realizavam os programas de suas igrejas. Referindo-se a isso, ele explica que:

[...] A gente resolveu abrir para as igrejas fazerem suas programações no domingo que era chamado “Igreja no lar”. Qualquer igreja que quisesse contratar um horário, meia hora para cada igreja, ninguém podia ter mais de meia hora. Então, domingo, domingo de manhã 6h da manhã até 24h era para quem quisesse contratar o seu horário, da sua igreja e apresentar com seu próprio apresentador. Nós tínhamos apenas lá da FM Esperança o operador. Aí foi uma salada doída porque todo mundo fazia de qualquer jeito. [...] *Isso foi uma revolução para muita gente, porque eles não tinham vez nem voz em lugar nenhum, eles nem podiam pagar uma rádio em lugar nenhum do mundo, nem a FM Esperança eles podiam pagar, mas nós fizemos um trabalho subsidiado, porque nossa intenção era só zerar o custo e, às vezes, nem zerava custo, porque era uma questão mais de, de abrir um espaço para que a igreja tivesse sua voz ouvida em São Luís. [...]. Diga-se de passagem, que qualquer igreja em São Luís sem nenhuma restrição, a única exigência era: pregue o Evangelho.*⁵⁵ (grifo nosso)

⁵³ D’EÇA, Marco Aurélio. Entrevista concedida à autora. São Luís, 20 set. 2017.

⁵⁴ SOUZA, Irma Helenn Ribeiro de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 25 set. 2017.

⁵⁵ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 28 jun. 2017.

A ideia do projeto não deixou, também, de ser uma oportunidade, na qual algumas igrejas tiveram visibilidade pública por intermédio da Esperança que, de forma incipiente, se inseriam nos meios de comunicação. No entanto, a autonomia oferecida aos apresentadores fez com que muitos programas transmitidos não tivessem uma preocupação com a “excelência”, pois eram feitos de forma desorganizada, de “qualquer jeito”. Isso era decorrente da falta de experiência na produção de programas de rádio. Para continuarem na Rádio, os locutores passaram por um processo de formação e capacitação durante um mês para aperfeiçoamento e superar as deficiências que eram visíveis durante os programas, porque eles não tinham formação acadêmica nenhuma. Também, alguns desses locutores tornaram-se, mais tarde, apresentadores oficiais da Rádio, devido aos estilos e às posturas durante as programações reproduzidas.

Além disso, e sob tal contexto, Jonas Vianna considera que:

Benjamin consegue trazer recursos de outras igrejas. [...] Basicamente, o que Benjamin fez foi o seguinte: tirou a programação da Rádio dos finais de semana e vendeu esse final de semana fracionado a várias igrejas. Trouxe receita para dentro da Rádio. Solucionou os problemas da emissora em termos de finanças? De forma nenhuma. A emissora tinha um problema e ainda tem um problema histórico com INSS [Instituto Nacional do Seguro Social], com algumas coisas relacionadas a direitos trabalhistas, como FGTS [Fundo de Garantia do Tempo de Serviço], tributos municipais. Tudo atrasado. Eu me lembro de fases em que a Esperança, em que o diretor Benjamin chamava os funcionários lá e sentava e falava: “vamos orar para que Deus faça alguma coisa, porque está, está complicado”. A gente não tem para pagar folha, não tem para pagar conta de luz. A CEMAR foi várias vezes lá para cortar energia, né. Várias vezes. Eu, eu testemunhei algumas dessas. Aí, sempre se renegociava, enfim... *Mas era uma dificuldade muito grande. A emissora passava por uma dificuldade financeira muito grande. Benjamin consegue amarrar acordo com essas igrejas, dar uma carona mais profissional, [...].* A Rádio vendia publicidade, como ainda vende, tentava tirar mais receitas dessas, desses horários vendidos às igrejas.⁵⁶ (grifo nosso)

A criação do projeto “Igreja no lar”, pelo Benjamin de Souza, nos anos de 1990, ainda perdura até hoje nas programações da Esperança, mas de maneira ampliada. Atualmente, a Esperança abre espaços de sua programação para igrejas pentecostais e históricas, além da própria Igreja que administra a Rádio, como de outros campos pastorais, que se originaram do novo *reordenamento institucional* da Assembleia de Deus, dentre eles, o *campo* Tirirical e o *campo* Vila Brasil. Ambos possuem programas na Rádio, durante a semana.

⁵⁶ VIANNA, Jonas. Entrevista concedida à autora [por e-mail]. Austrália, 13 set. 2017.

Também, dentre outras estratégias, o “Mensageiro do ar” foi outro projeto idealizado pelo Reinaldo Gama para amenizar as dificuldades financeiras da Rádio, que pretendia fazer com que os ouvintes da Rádio sustentassem com suas doações.

[...] O “Mensageiro do ar” foi uma espécie de carnê que o pastor Reinaldo Gama quando estava na direção da Rádio criou juntamente com a diretora comercial Marina Souza, que era da rádio, porque as rádios antigamente eram, eram rádios Clube, lembra? Rádio Clube da Bahia, Rádio Clube de Feira de Santana, Rádio Clube de São Paulo, *porque a ideia do Rádio Clube quando o rádio surgiu no Brasil é que os ouvintes mantinham a rádio através de colaboração dos ouvintes.* [...] Mas não funcionou muito por várias razões, enfim, por uma questão logística, não houve profissionalismo. A ideia era muito boa, mas a execução dela não estava sendo profissional e a Igreja nunca apoiou essa ideia, também. Nunca apoiou.⁵⁷ (grifo nosso)

Essa tentativa de levar investimento financeiro para a Rádio Esperança por meio dos ouvintes não deu resultados positivos. Mas, por outro lado,

A prefeitura passou a colocar dinheiro na Esperança, isso vai se arrastar por muitos anos depois dessa época. A gente está falando de 94 para frente. E de certa forma se vende para um grupo político que estava no poder. Isso aí é triste, porque eu não acho que a rádio de igreja devia ter a publicidade de partido político, de prefeitura ou de governo de Estado, pelo simples fato da Igreja ter a responsabilidade social de sustentá-la.

Corroborando essa opinião, a Rádio Esperança “tinha Costa Ferreira que sempre apoiava a Rádio, também, com coisas ligadas aos governos, né. A Rádio sempre foi muito ligada a Sarney, sempre foi muito ligada a grupo de políticos. Então, ela tinha sempre esse apoio”.⁵⁸ Aqui, volta àquela discussão sobre a contribuição de políticos na construção da Rádio, como tratamos há pouco, principalmente sobre o processo de concessão da emissora. Essa situação não deixa de demonstrar que seu custeio e manutenção estão profundamente ligados aos benefícios de políticos, indicando ainda que a Rádio Esperança tem um posicionamento político, ou seja, não é neutra politicamente. Sua posição pode não ser explícita ideologicamente, mas que tem um determinado tipo de compromisso com o poder local.

Algumas questões colocadas sobre a publicidade da Rádio não mudaram, até hoje, mas ampliaram-se, ganhando novos desdobramentos. A Rádio, em nenhum momento, foi custeada pela Igreja, totalmente. Sua contribuição ocorria de forma mais complementar

⁵⁷ VIANNA, Jonas. Entrevista concedida à autora [por e-mail]. Austrália, 23 out. 2018.

⁵⁸ MUKAMA, Ruben. Entrevista concedida à autora. São Luís, 10 jul. 2017.

quando os recursos eram poucos. Também, continuamente, os diretores elaboravam projetos que procuravam solucionar a manutenção da Rádio, bem como havia uma preocupação pela busca de anunciantes que vai se estender ao longo das diferentes direções e administrações que a Rádio possuiu.

Por esses motivos, durante todo o período de sua existência, a publicidade era “o forte” da Rádio Esperança para mantê-la aberta e funcionando a contento, apesar de algumas objeções da Igreja que, inicialmente, mostrava-se contrária aos investimentos externos, de outras igrejas e do mercado em geral. Hoje, há recursos provenientes da prefeitura, do governo de estado do Maranhão e do governo federal que são voltados geralmente para informações de utilidade pública transmitidas na Rádio.

4.5 Discursos e mecanismos para manutenção e conversão de novos sujeitos

Além das estratégias criadas para contornar o problema financeiro, a Rádio Esperança desenvolvia ações paralelas às programações, que abrangia *shows* com cantores evangélicos e gincanas. A invenção destas ações foi adaptada àquelas produzidas pelas rádios presentes na cidade, pois existiam audiência e participação do público. Na Esperança, avaliamos que se usou como formas de manter, entreter e atrair os jovens da cidade e das diferentes igrejas e, por consequência, apoiar causas sociais, ou entidades carentes, que resultaria em audiência para a emissora. Isto é perceptível na afirmação de Benjamin:

Aí nós fizemos disso uma coisa mais profissional. Começamos a trazer [cantores de música evangélica], não sem a posição de alguns pastores que eram intolerantes, não suportava o fato de que a mocidade podia ter um entretenimento e no entretenimento louvar a Deus. Porque era o que a gente fazia, a gente fazia a coisa acontecer nessa ambiência, tanto de louvor a Deus como também de entretenimento. Os jovens saíam dos porões de suas igrejas e iam para mundo louvar a Deus abertamente em qualquer lugar, qualquer palco, qualquer *show*. Escolhemos a dedo isso tudo. [...] Aí a gente fazia os *shows* e a gente tinha nesses *shows* algumas coisas que a gente começava a fazer *shows* beneficentes para atender algumas entidades carentes.⁵⁹

Em relação à gincana, Marco D’Eça, ex-apresentador da Esperança destaca:

[...] Ela tinha um teor absolutamente evangélico. Ela começava e terminava dentro dos princípios evangélicos, *mas ela era uma forma também de distrair e de atrair jovens tanto que os números de conversões dentro desses eventos promovidos pela rádio eram muito grandes, após as provas, nos dias de apresentação, dos eventos*. Porque, geralmente, tinha umas provas e no final tinha apresentação de *shows* de cantores evangélicos, cantores gospel e tal. *E muitas pessoas se convertiam a partir*

⁵⁹ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 09 nov. 2017.

*daquela experiência que eles viviam ali naquele meio durante alguns dias, geralmente três dias, no final de semana.*⁶⁰ (grifos nosso)

Noutras palavras, existia uma preocupação grande em alcançar o público jovem para à Igreja, na qual resultou em inúmeras conversões, de forma aberta, mais dinâmica, no que diz respeito às ações da Rádio. Isso aí muito tem a ver com o objetivo do presente trabalho: parece que as conversões não se davam precisamente através das programações internas da Rádio, mas de atuações externas e paralelas produzidas pela direção da Rádio, que eram divulgadas e transmitidas pela própria emissora.

Também, os *shows* e as gincanas realizadas geravam recolhimentos de alimentos que eram distribuídos para as diferentes entidades: evangélica, católica, espírita e maçônica. Essas ações e doações, embora tivessem explicitamente a ideia de ajudar aos necessitados, mesmo que com objeções de alguns fiéis, não podemos desconsiderar que eram uma forma de trazer ou aproximar pessoas à Rádio Esperança e, por consequência, à Igreja, visto que: “nós não somos uma emissora só de evangélicos. Somos uma emissora para a cidade”⁶¹.

Dentre algumas ações da Rádio Esperança que teve “repercussão” entre fiéis da Igreja e trouxe ouvintes à Rádio, destaca-se, na direção do Benjamin, a realização de um *show* beneficente, com o cantor Ed Wilson, em prol de uma creche da Legião da Boa Vontade, uma entidade espírita, que ia fechar por falta de mantimentos. Segundo o próprio Benjamin,

E aí, eu me lembro de que, quando gravaram um comercial de chamada dessa, dessa beneficência, colocaram LBA [Legião Brasileira de Assistência], mas a LBA não existia mais, já tinha sido extinta na época de Collor, pós-Collor, Itamar Franco, eu acho... Aí eles vieram a mim, eu disse: é LBV [Legião da Boa Vontade]. Mas pastor, LBV é espírita. Eu disse: qual é o problema? Uma creche, criança não tem religião, criança tem estômago, criança precisa de cuidado, se você não vai cuidar nem eu; deixa os espíritas cuidarem, rapaz. Aí eles ficaram assim: pastor vai ser muita crítica. Eu digo: eu aguento. Eu aguento. E aí, botamos. Eu sei que no dia do *show* foi uma loucura nessa cidade de gente falando mal de mim. Aí a locutora veio quase chorando: pastor o que, que eu faço? Toda hora ligando gente esculhambando o senhor aqui. [...] Eu disse: faça o seguinte, bota no ar. [...] Deixa o povo falar, vai ter alguém que vai me esculhambar, mas vai ter alguém que vai me defender. Deixa o povo falar.⁶²

Isso provocou um debate intenso de uns a favor e outros contra o Benjamin, com duração de duas horas, das 10h da manhã até meio dia. Foi debatido se era certo ou errado ajudar uma creche da Legião da Boa Vontade que atendia crianças carentes.

⁶⁰ D’EÇA, Marco Aurélio. Entrevista concedida à autora. São Luís, 20 set. 2017.

⁶¹ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 09 nov. 2017.

⁶² *Ibidem*.

[...] Quando foi antes de meio-dia, eu fui para o ar e falei: olha, eu estou aqui agora para dar minha resposta. Eu vou levar cinco quilos de alimentos: vou levar um quilo por todos os meus críticos que não vão levar nada, eu vou levar por vocês, tá? Vou levar um quilo por aqueles que estão me defendendo, porque acho que é certo, porque eu espero que vocês vão lá também levar o seu quilo, não só defenda, mas também vá lá. Vou levar outro quilo por essas 250 crianças; vou levar outro quilo por aquele que quando ia para Jerusalém não tinha de reclinar a cabeça, e o último quilo eu vou levar por mim, [...]. Jesus me mandou amar, Jesus me mandou amar até o meu inimigo, por que não posso amar um espírita que não me faz mal algum, por que não posso amar essas crianças? [...] Eu disse: não me preocupa não se você não gosta de mim, não me preocupa se você não me respeita, eu não estou preocupado com isso.⁶³

Essa situação não deixa de mostrar ousadia, tolerância e “mente aberta” do diretor Benjamin frente ao contexto da época, tendo em vista que a Igreja e seu corpo de fiéis ainda não eram tão flexíveis sobre essas questões. Inclusive, não é errado dizer que foi um diretor “além do seu tempo”. Porém, como resultado dessa ação específica, depois que a entidade recebeu os alimentos recolhidos durante *show*,

Sabe o que eles me disseram? Eles disseram: pastor, os espíritas do Maranhão se reuniram no congresso e todo mundo ficou sabendo da sua atitude. Ele disse assim: foi objeto de nossa discussão lá, de nosso encontro lá e nós decidimos que a partir de agora todos os espíritas ouvirão a FM Esperança. É a nossa Rádio, porque ali nós sabemos que tem Evangelho. Aí, eu te pergunto, eu me emociono quando eu me lembro disso, porque eu nunca pensei em ouvir de um espírita um negócio desse: a FM Esperança é a nossa rádio. Nós agora, todos os espíritas sabem o que você fez por nós. Nós vamos ouvir essa Rádio. Quando desses espíritas foram alcançados por Jesus, por causa da minha doideira. Alguém chamou de doideira. Eu sabia que não era. Era normal. Jesus faria o que eu fiz. Então, essas coisas marcantes de, de, de levar alimentos para quem não tinha nada, de ajudar creche, de ajudar jovens, sabe, de ajudar as igrejas a terem voz. *Olha, as igrejas não tinham voz nessa cidade, era muito caro ter um programa de rádio, até na FM Esperança nós demos a eles, nós demos a eles essa voz. Então, esse também foi um lado marcante, de abrir a rádio, abrir o microfone da Rádio para que as igrejas tivessem sua programação mesmo que fosse de meia hora, né.*⁶⁴ (grifo nosso)

Toda essa situação é para ilustrar a forma que a Rádio Esperança atuava por meio de suas ações paralelas que tinha um caráter social, mas, sobretudo, utilizava-se disso, talvez intencionalmente ou não, como um meio de aproximar pessoas de diferentes religiões da Rádio, pois não queria restringe-se tão-somente ao grupo religioso interno da Igreja. Isso não se deu somente através de suas ações sociais, mas quando abriu também espaços para igrejas batistas, presbiterianas, quadrangulares etc., que não pertenciam ao grupo da Igreja para realizar suas programações. Por outras palavras, o público dessas igrejas era atraído de alguma forma para a Rádio Esperança e a emissora não ficava sem ouvintes.

⁶³ SOUZA, Benjamin Lima de. Entrevista concedida à autora. São Luís, 09 nov. 2017

⁶⁴ Ibidem.

4.6 A Rádio Esperança e o atual contexto radiofônico na Ilha de São Luís

A Rádio Esperança entrou em funcionamento, como a mais nova rádio, quando existiam somente seis emissoras FM na Ilha de São Luís: Rádio Difusora, Rádio Mirante, Rádio Cidade, Rádio São Luís e Rádio Universidade; e cinco AM: Rádio Timbira, Rádio Capital, Rádio Difusora, Rádio Mirante e a Rádio Educadora (católica).

Com o surgimento da Rádio Esperança, passou a existir duas emissoras de grupos cristãos diferentes: uma católica e a outra evangélica; mas, ambas com faixas e frequências opostas. Os **Quadro 2** e **Quadro 3** abaixo ilustram o panorama da radiofonia na Ilha de São Luís e indica que surgiram três rádios depois da Esperança.

Quadro 2 – Quantidade de emissoras AM na Ilha de São Luís

Rádios com frequência AM				
Quant.	Nomes	Freq.	Fundação	Segmento
1	Rádio Timbira	1290	1941	-
2	Rádio Capital	1180	1947	-
3	Rádio Difusora	680	1955	-
4	Rádio Educadora	560	1966	Católica Integra a Rede Católica de Rádio no Brasil.
5	Rádio Mirante	600	1988	-
6	Rádio São Luís/Rádio Jovem Pan News	1340	1962/2016	-

Fonte: Elaborada pela autora.

* Neste quadro, não inserimos as rádios comunitárias.

Quadro 3 – Quantidade de emissoras FM na Ilha de São Luís

Rádios com frequência FM				
Quant.	Nomes	Freq.	Fundação	Segmento
1	Rádio Difusora	94,3	1979	-
2	Rádio Mirante	96,1	1981	-
3	Rádio Cidade/ Rádio Deus é Amor	99,1	1983/2015	Evangélica Pertence ao Grupo Vieira da Silva, mas arrendada pela Igreja Deus é Amor.
4	Rádio Universidade	106,9	1986	-
5	Rádio Esperança	100,9	1990	Evangélica Pertence à Fundação Cultural Pastor José Romão de Souza, da AD - Campo São Luís.
6	Rádio São Luís/	102,5	1990/2000	-

Rádio Jovem Pan São Luís				
7	Rádio 105/ Rádio Aleluia	105,5	-	Evangélica Pertence à Fundação Nagib Haickel, mas arrendada pela Igreja Universal do Reino de Deus.
8	Rádio Mais	99,9	2000	-
9	Rádio 92	92,3	2010	Evangélica Fundação Nagib Haickel, mas arrendada pela R&J Comunicações.

Fonte: Elaborada pela autora.

* Neste quadro, não inserimos as rádios comunitárias.

Dentre as rádios apresentadas no quadro acima, há quatro que são voltadas para o grupo evangélico, por assim dizer; mas, somente a *Assembleia de Deus - Campo São Luís* que tem uma programação na sua própria mídia, que é a Rádio Esperança. A Rádio Cidade e a Rádio 105 foram totalmente arrendadas por duas igrejas pentecostais (*deuteropentecostal* e *neopentecostal*), que são donas de redes de rádios em São Paulo. Mais detalhadamente, a Rádio Cidade, que existia no mercado radiofônico, em 2015, foi alugada para a Rádio Deus é Amor, da Igreja Deus é Amor; a Fundação Nagib Haickel, que é proprietária da Rádio 105, também alugou sua emissora para a Rede Aleluia, da IURD. Esses dois aluguéis de rádios foram voltadas para igrejas específicas produzirem ou retransmitirem suas programações. Porém, nesse cenário, surgiu a Rádio 92, que produz programas sem vínculo com denominações ou grupos religiosos específicos. Ela também pertence à Fundação Nagib Haickel que, desde o início, arrendou para R&J Comunicações, dos empresários Ramon Ernandes e Janaína Barros.

Na verdade, o cenário radiofônico em São Luís mudou completamente com a implantação de novas emissoras, sobretudo pelos arrendamentos totais de rádios. A Rádio Esperança, que começou como a única rádio evangélica no Maranhão, disputa dentro do atual mercado o mesmo público que as demais emissoras, principalmente as cristãs. Dentro desse mercado:

[...] A [Rádio] Esperança e a [Rádio] 92,3 disputam a audiência do segmento evangélico de todas as classes sociais. Executam música gospel, nos mais variados gêneros musicais em que estes são gravados pelos artistas do meio. Mas nem sempre essa disputa existiu. A [Rádio] Esperança não teve nenhuma concorrência que significasse perda real de audiência até o ano de 2010, com a chegada da [Rádio] 92,3 (MONTEIRO, PINHEIRO, 2012, p. 15, grifos nosso).

De igual modo, a Rádio 92 e a Rádio Esperança são emissoras que disputam o mesmo público e que produzem programas locais e retransmitem algumas das programações da Rádio Trans Mundial, de São Paulo, de segunda a sexta, das 00h30 às 6h. A Rádio 92, por

exemplo, é uma *mídia empresarial-religiosa*⁶⁵, pois é um veículo de comunicação sem vínculo com denominação religiosa e que ingressou no mercado radiofônico para concorrer com outras rádios. Porém, acaba sendo reconhecida como cristã por circular linguagem e símbolo que são comuns ao público evangélico.

Frente a isso, se no início, a Rádio Esperança funcionava até meia noite e retornava às 6h; atualmente, a Rádio Esperança possui uma programação que se desenrola ao longo de 24 horas todos os dias. Como há pouco falado, ela também faz a transmissão de parte das programações da Rádio Trans Mundial, de São Paulo, das 00h às 6h todos os dias, e das 13h30 às 14h, de segunda a sexta; e da Rádio Melodia, do Rio de Janeiro, o programa “Debate Melodia”, das 12h às 13h, semanalmente. São temas polêmicos discutidos e fundamentados na Bíblia, mas de acordo com a interpretação dos apresentadores.

Ademais, se antes, na Rádio Esperança, a interatividade com os apresentadores ocorria por meio de participações dos ouvintes por cartas e telefonemas, bem como a emissora tinha capacidade de ser ouvida somente pelos aparelhos de som convencionais; no momento atual, as programações da Rádio Esperança são retransmitidas na rede mundial de computadores e, inclusive, a emissora tem seu próprio aplicativo disponível para telefones celulares com sistemas operacionais: *android* e *iOS* que podem ser baixados na *Google Play Store*⁶⁶ e *App Store*⁶⁷, possibilitando a sintonização nos celulares e computadores. Sua presença nos *sites* de redes sociais – *Facebook*, *Instagram* e *WhatsApp* – possibilita novas formas de interação, também. A Rádio Esperança, ainda tem um *site* geral com breves e equivocadas informações sobre seu surgimento, além de notícias diárias e vídeos, bem como da grade de programação que, inclusive, pode ser ouvida por meio desse *site*.

Quadro 4 – Os *links* dos *sites* de redes sociais, aplicativos e *site* geral da Rádio Esperança

Links	
Site geral	< http://esperanca.fm.br/ >
Facebook	< https://www.facebook.com/esperanca100.9 >
Instagram	< https://www.instagram.com/esperanca100.9/ >
WhatsApp	-
Aplicativo na Google Play	< https://play.google.com/store/apps/details?id=com.br.fmesperanca741499 >

⁶⁵ A discussão mais detalhada sobre *mídia empresarial-religiosa* é feita pelo Santana (2005).

⁶⁶ A *Google Play* caracteriza-se como uma loja *online* da Google para distribuição de aplicativos, jogos, filmes, músicas e livros para dispositivos com o sistema *android*.

⁶⁷ A *App Store* é um serviço para o *iPad*, *iPhone* ou *iPod touch* criado pela *Apple*, que permite os usuários navegar e fazer *download* de diversos aplicativos. Dependendo da aplicação, ela pode ser grátis ou paga.

<i>Store</i>	
Aplicativo na App Store	< https://itunes.apple.com/br/app/esperan%C3%A7a-fm/id1122541253?mt=8 >

Fonte: Elaborado pela autora.

Na realidade, essas possibilidades e diferentes formas de ouvir e acompanhar os programas da Rádio Esperança ocorreram e complementaram-se, desde 2016, com a direção do pastor Jackson Douglas Pires, na qual fez com que a Rádio entrasse na era digital, para ter uma maior abrangência, dinâmica e poder de comunicação. Correspondendo ao contexto atual, onde as pessoas interagem constantemente com a mídia, que é uma ferramenta das relações sociais e cotidianas.

De igual modo, mesmo que a Rádio Esperança tenha encontrando na rede mundial de computadores bases para reinventar-se, como uma forma de estar presente na vida das pessoas, isto é, na tentativa de garantir uma interatividade com público e continuar ou conquistar audiência, a **Tabela 8** aponta ainda que, no âmbito digital, isto é, pela estatística da *RádiosNet*, a Rádio Esperança é uma emissora com baixo índice de audiência e com pouca repercussão e penetração. No total, das rádios na Ilha de São Luís – sem contar com as rádios comunitárias – a Rádio Esperança é uma das últimas colocadas.

Tabela 8 – Audiência das Rádios na Ilha de São Luís pela rede mundial de computadores

Posição/Rádios		Audiência na Ilha de São Luís por ano					
		2012	2013	2014	2016	2017	Total
1ª	Rádio Mirante (AM)	18019	24274	100661	414851	515747	1073552
2ª	Rádio Difusora (AM)	11527	37613	74812	173197	159363	456512
3ª	Rádio Mais (FM)	9917	9127	38914	100869	149922	308749
4ª	Rádio Timbira (AM)	8595	11524	15617	87983	140881	264600
5ª	Rádio Difusora (FM)	14728	7790	35904	102031	57014	217467
6ª	Rádio 92 (FM)	5079	4229	32612	80294	85544	207758
7ª	Rádio Cidade/Rádio Deus é Amor (FM)	33920	32983	84330	-	10244	161477
8ª	Rádio Educadora (AM)	13128	6298	3887	36185	100069	159567
9ª	Rádio Capital (AM)	-	308	46321	35097	68082	149808
10ª	Rádio Mirante (FM)	4401	4394	20513	51605	61062	141975
11ª	Rádio São Luís/Rádio Jovem Pan News (AM)	4479	7496	14141	51529	45149	122794
12ª	Rádio São Luís/ Rádio Jovem Pan São Luís (FM)	2774	3569	9310	36372	31964	83989

13 ^a	Rádio Esperança (FM)	2626	2168	801	23432	29748	58775
14 ^a	Rádio Universidade (FM)	2534	2017	6622	19453	21883	52509
15 ^a	Rádio 105/Rádio Aleluia (FM)	-	-	-	-	-	-

Fonte: RadiosNet. Elaborada pela autora.

* O ano de 2015 não consta na tabela, porque foi um dos períodos em que a Rádio Esperança não estava na rede mundial de computadores.

Diante do exposto, foi perceptível que a Rádio Esperança passou por inúmeras mudanças tanto em termos de visão, direção e administração, quanto de adaptação ou reinvenção dentro do ambiente digital e do mercado radiofônico, formado principalmente de programações voltadas para o público cristão. Também, a Rádio Esperança marcou histórica e socialmente a presença da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís*, visto que representou sua inserção numa mídia de forma definitiva, como a proprietária de seu próprio meio de comunicação. Inclusive, a Igreja acompanhou as transformações da religião no restante do país, isto é, da necessidade de que toda religião tem que adaptar-se às exigências contemporâneas para reproduzir-se.

Ademais, a Esperança foi não só a primeira concessão, permissão e autorização de radiodifusão sonora a uma igreja no Brasil, em 1988; como igualmente, em 1990, época de seu funcionamento, foi notabilizada e inaugurada no mercado radiofônico em São Luís, como a única emissora evangélica do estado. Seguramente, a emissora concedida pelo Poder Executivo Federal, isto é, pelo então presidente da República, José Sarney, concretizou uma das aspirações, revelações divinas e um dos projetos “fundadores” do então pastor-presidente da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís*, Estevam Ângelo de Souza.

5 “COM VOCÊ EM TODO LUGAR”: Assembleia de Deus e Mídia na Ilha de São Luís

Neste último capítulo, discutiremos a relação dos fiéis da ADISL com a mídia, sobretudo com a Rádio Esperança. Tentamos fazer uma análise dos dados obtidos na pesquisa utilizando toda discussão anterior, tanto do ponto de vista teórico, como histórico da rádio. A análise foi baseada nas informações coletadas através do *survey* realizado com fiéis da ADISL, no qual se buscou captar os traços centrais das atitudes, percepções, opiniões dos fiéis sobre suas condições socioeconômicas e práticas religiosas e midiáticas por meio de um conjunto de questões que julgamos relevantes. Isso permitirá, de modo geral, verificarmos se existe alguma relação entre a Rádio Esperança e o crescimento da ADISL, a partir de seus agentes e ouvintes.

Para este capítulo, utilizamos os métodos de pesquisa *survey* para entender a população maior dos fiéis da ADISL. Selecionamos e estudamos uma amostra particular de 92 fiéis da população, isto é, da totalidade do corpo de fiéis. O questionário elaborado para obter as informações relevantes do tema investigado foi aplicado à amostra de fiéis através de entrevistas pessoais nos três maiores campos da ADISL: Campo São Luís, Campo Tirirical e Campo São José de Ribamar. Os entrevistados responderam a um questionário de 34 perguntas. As respostas de cada fiel da amostra foram codificadas de forma padronizada e registrada, a maioria de forma quantitativa e, poucas, de forma qualitativa.

Além disso, as respostas dos fiéis foram submetidas a uma análise agregada, para fornecer descrições dos fiéis da amostra e determinar correlações entre diferentes respostas. Assim, as conclusões descritivas e explicativas obtidas pela análise foram generalizadas para a população da qual a amostra foi selecionada, neste caso, todo o corpo de fiéis que compõem a ADISL.

5.1 Informações sobre o perfil do universo estudado

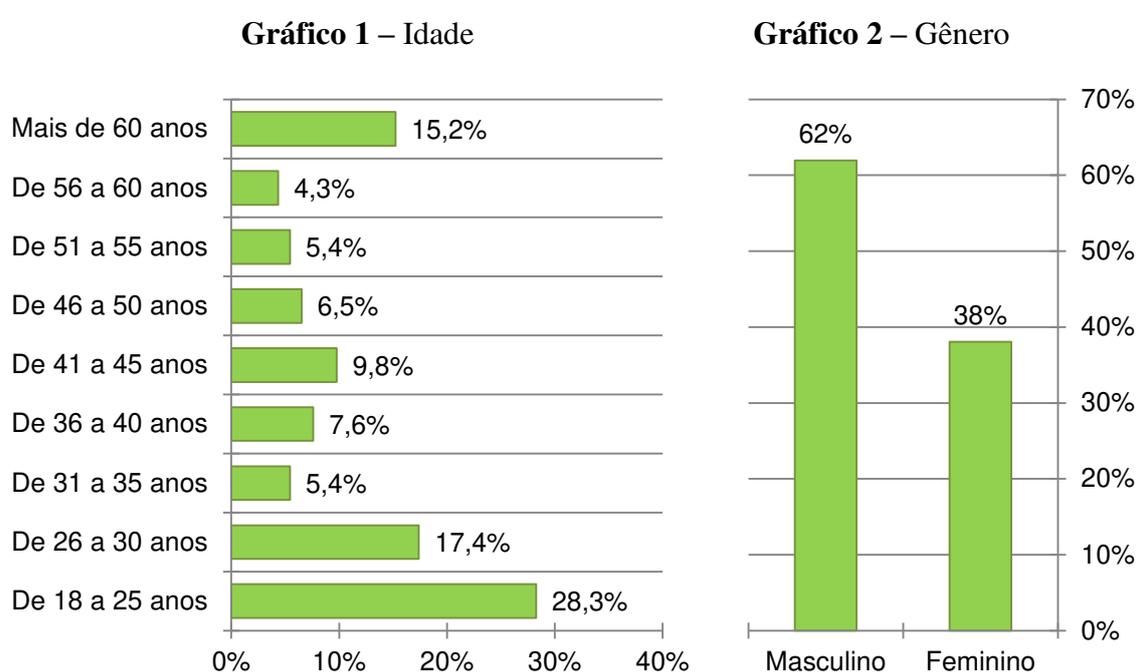
Nesta primeira parte do texto, apresentamos os dados sobre a representação do universo estudado, com descrição do perfil socioeconômico e do perfil religioso dos fiéis.

5.1.1 Perfil socioeconômico

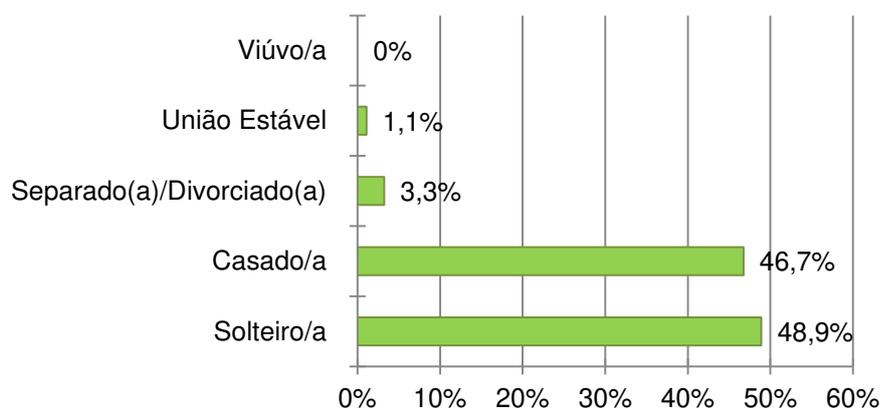
O público da ADISL é composto, de forma majoritária, de fiéis jovens e adultos que perfazem 68,5% da população, com idade abaixo de 45 anos; e de fiéis idosos que

compreende 19,5%, com idade acima de 56 anos. Em relação ao gênero, a pesquisa mostra que há uma predominância do sexo masculino (62%) comparada ao sexo feminino (38%). Mas, nesse último aspecto, não significa que reflita de forma fidedigna o universo pesquisado, isto é, que tenha mais um ou outro, pois essa diferença no quantitativo das entrevistas é explicada por um, dentre os diversos critérios de seleção da amostra: não foi definido um número de entrevistas para homens e mulheres.

As proporções da idade e do gênero podem ser acompanhadas nos **Gráfico 1** e **Gráfico 2**:

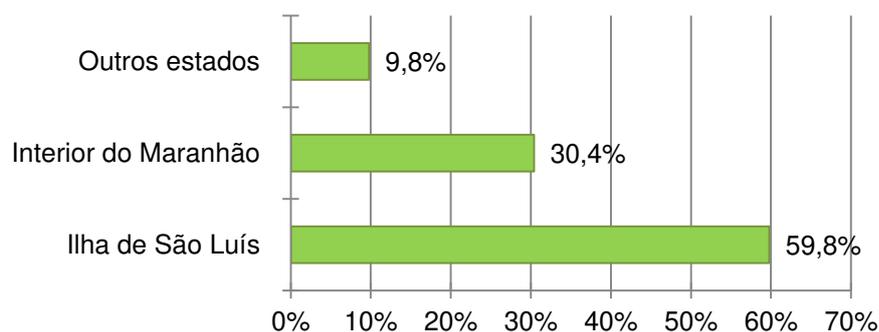


Dito isso, e pelas análises dos dados, o **Gráfico 3** aponta que o público jovem e adulto bastante significativo da ADISL é constituído de fiéis solteiros (48,9%) e casados (46,7%) com quase uma mesma proporção. Também, a maioria dos fiéis (59,8%) é nativa do lugar, como apresenta o **Gráfico 4**.

Gráfico 3 – Estado civil

Inclusive, o dado sobre a naturalidade contrasta com a teoria da modernização sobre o crescimento dos pentecostais no Brasil, durante o século XX – apresentada, de forma concisa, por Mariano (2001, 2011b), Rolim (1985), além de Carreiro (2011)⁶⁸. Essa teoria interpreta o fluxo migratório e a modernização como processos que favoreceram os migrantes e pobres optarem pela religião pentecostal, considerada como “uma ‘resposta’ a problemas macroestruturais derivados das transições rural-urbano, tradicional-moderno” (MARIANO, 2011b, p. 12-13). Ou ainda, como a modernidade criou inúmeros e inevitáveis processos de *desencaixe* (GIDDENS, 1991), a religião foi considerada como uma forma de *reencaixe* que ajudava os indivíduos a perceberem-se como membro de um grupo, pois incluía e dava sentido à vida, bem como respostas à desestruturação do espaço e tempo (DOMINGUES, 2005). Em suma: a tese estabelece uma relação entre os intensos processos de mudanças sociais, culturais e econômicas, ocorridos a partir da década de 1930 – representados pela rápida industrialização, urbanização e migração – e a expansão do pentecostalismo. Associa migração rural-urbana, modernização, anomia e conversão.

⁶⁸ Sobre os teóricos do crescimento do pentecostalismo no Brasil e da América Latina, Mariano (2001, 2011b) apresenta *Christian Lalive d'Épinay* (O refúgio das massas, de 1970), *Emílio Willems* (*Followers of the new faith: culture change and rise of protestantism in Brasil and Chile*, 1967), *Cândido Procópio Ferreira de Camargo* (Católicos, protestantes, espíritas, de 1973) e *Beatriz Muniz de Souza* (A experiência da salvação: pentecostais em São Paulo, de 1969). Rolim (1985) acrescenta *Waldo Aranha Cesar* (Urbanização e religiosidade popular: um estudo da doutrina pentecostal na sociedade urbana, 1974; Situação social e crescimento do protestante na Americana Latina, 1968). Carreiro (2011) também complementa com *Francisco Cartaxo Rolim* (Religião e classe popular, de 1980; Pentecostais no Brasil: uma interpretação sócio-religiosa, de 1985), *Peter Henry Fry e Gay Nigel Howe* (Duas Respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo, de 1975) e *William Read, Victor Monterroso e Harmon Johnson* (O crescimento da igreja na América Latina, de 1969).

Gráfico 4 – Naturalidade

Não se questiona que, com a migração campo-cidade, o pentecostalismo se torna majoritariamente urbano, em 1970, mas o argumento que “seu público continuou majoritariamente composto de gente vinda do mundo rural, com mentalidade, práticas e visão de mundo rural” (CARREIRO, 2012, p. 237). A partir dos dados levantados, esta avaliação não se confirma no contexto maranhense, pois o público da ADISL não é constituído de pessoas migradas das áreas rurais, mas, principalmente, de cidadãos, de nascidos no ambiente urbano.

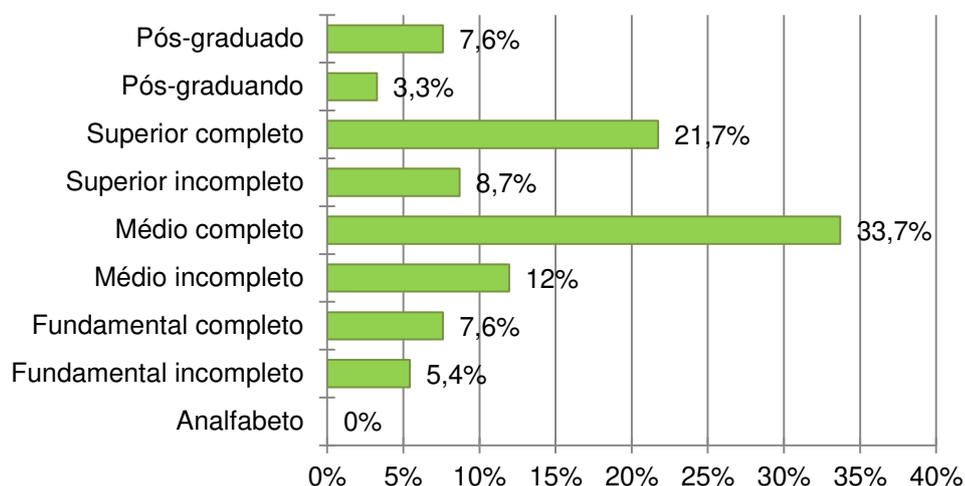
Sobre o nível educacional, o **Gráfico 5** indica que a maioria dos fiéis da ADISL (41,3%) apresenta inserção no Ensino Superior, estando distribuídos na graduação e pós-graduação, e 33,7% terminaram a etapa da Educação Básica. Entre os fiéis da ADISL somente 12% não concluíram o Ensino Médio, e 13% têm o Ensino Fundamental (sendo 7,6% completo e 5,4% incompleto). Somente uma minoria mostrou um baixo nível de escolaridade, mas que não é constituída por analfabetos.

Esses dados indicam ainda que a interpretação sobre a relação entre baixo nível educacional e pertencimento ao pentecostalismo, sobretudo à AD, ou de que “quanto maior o nível educacional, menor é a probabilidade de pertencimento à denominação” (BOHN, 2004, p. 301), não se comprova no Maranhão. No caso dos fiéis da ADISL, por exemplo, verifica-se a proeminente proporção deles na educação superior, decorrente da universalização ou das possibilidades de acesso à educação no país.

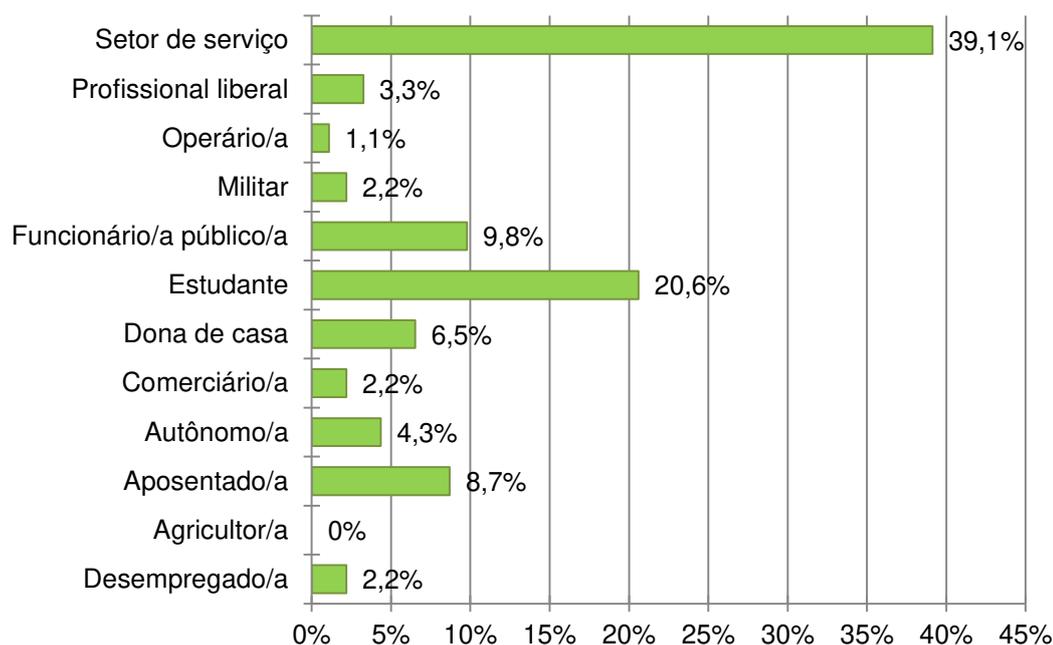
Também, e considerando que o nível educacional da população é “um importante indicador do padrão de vida de uma sociedade” (SCALON, 2009, p. 21), é possível prognosticar que a qualidade de vida dos fiéis da ADISL melhorou no transcorrer dos anos. Esse aspecto é perceptível, por exemplo, na porta dos templos com a quantidade de carros do lado de fora, o que sugere que está mudando o perfil dos fiéis inversamente aos estigmas atribuídos relativos às condições socioeconômicas dos fiéis da ADISL, sobretudo da

representação dos anos de 1970, de que “não é uma igreja que optou pelos pobres; ela é uma igreja dos pobres” (CARREIRO, 2012, p. 237).

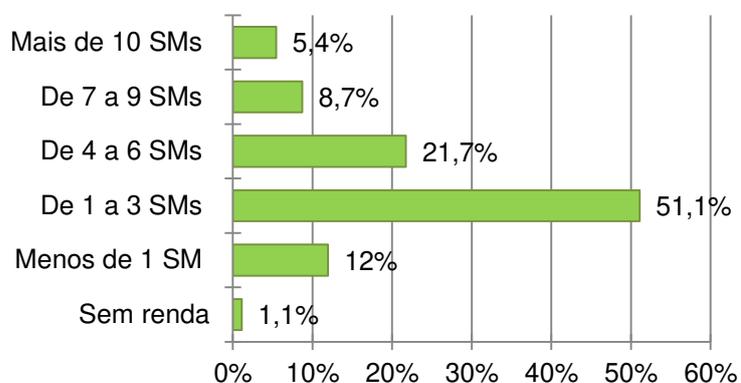
Gráfico 5 – Escolaridade



O **Gráfico 6** quantifica a ocupação dos fiéis. Da totalidade, 62% exercem atividades remuneradas, dentre informais ou formais, sendo 39,1% com inserção e permanência nos setores de serviços, e 22,9% que se dividem pelos demais setores (9,8% funcionários público, 4,3% autônomos, 3,3% profissionais liberais, 2,2% militares, 2,2% comerciários e 1,1% operário). Por outro lado, 38% dos fiéis são economicamente inativos, constituídos de 20,6% estudantes, 8,7% aposentados, 6,5% donas de casa e 2,2% desempregados.

Gráfico 6 – Profissão

Em relação à renda, a composição acentuada é de uma classe média para baixo, ou de fiéis abaixo da classe média. Isso é perceptível na proporção de 72,8% fiéis que tem rendimento mensal entre um a três e quatro a seis salários mínimos. Já o percentual de fiéis que se enquadra na classe média para cima é baixo, soma somente 14,1%. Embora a predominância (51,1%) seja de quem recebe até três salários mínimos – indicando que são de famílias mais pobres –, as demais alternativas demonstram uma mudança acerca dos rendimentos mensais dos fiéis.

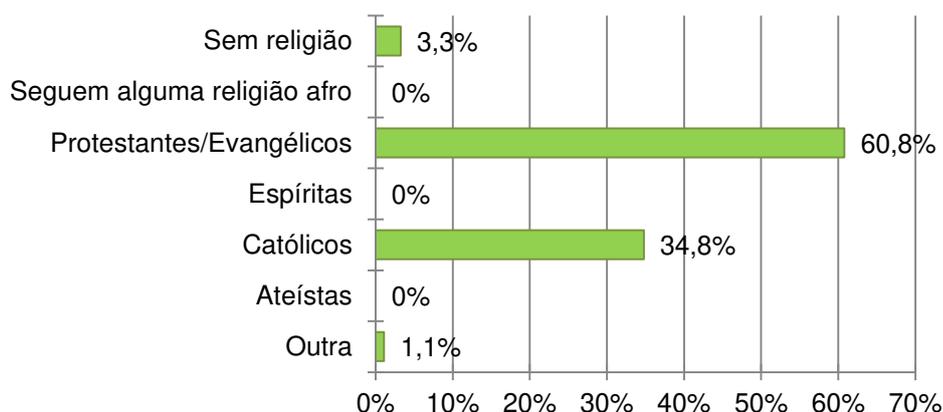
Gráfico 7 – Renda familiar

Aqui, parte dos dados analisados não sustentam algumas interpretações, dentre muitas, que emergem na literatura especializada (ALMEIDA, MONTERO, 2001; BONH, 2004; MARIANO, 2013; NOVAES, 2001; PIERUCCI, PRANDI, 1995; ROLIM, 1985) e que, de modo geral, explicitam que o pertencimento à religião evangélica, sobretudo à pentecostal, é uma opção dos segmentos sociais desprovidos de recursos financeiros; ou de que existe uma relação entre a expansão pentecostal e as baixas condições socioeconômicas e as vulnerabilidades sociais e pessoais dela derivadas. Parece que estabelecer uma associação direta entre essa filiação religiosa e precárias condições socioeconômicas não deixa de ser problemática e questionável, tendo em vista que a realidade não se apresenta de forma única ou homogênea todo tempo, ou em toda localidade.

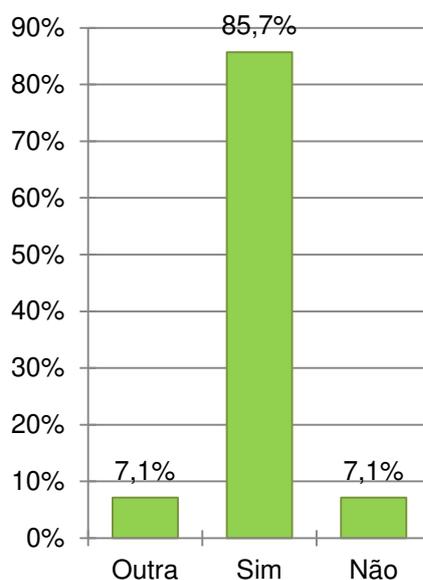
Com isso, não se pode “afirmar categoricamente que a religiosidade, no Brasil, seja um fenômeno próprio aos segmentos menos privilegiados e que os grupos sociais mais abastados sejam maciçamente sem religião” (BOHN, 2004, p. 298). Pois, um dado específico que precisa ser ressaltado é da *Assembleia de Deus - Campo Calhau*, em São Luís, liderada pelo pastor Misael Mendes da Rocha. Embora esse campo ministerial seja o menor em termos de números de congregações e fiéis, é representativo ou demonstra a entrada e reprodução da Igreja ou das suas lideranças dentro de uma classe média ou alta, tendo em conta que o bairro Calhau é considerado como uma das áreas nobres da cidade de São Luís, que se caracteriza pela presença do grupo social denominado “elite”, pois com perfil socioeconômico (renda e escolaridade) superior.

5.1.2 Perfil religioso

Além desses aspectos, na ADISL, 60,8% dos pais dos fiéis pertencem à religião evangélica (**Gráfico 8**). Contudo, como estamos analisando os fiéis da ADISL, argumenta-se ainda que 39,2% não reproduziu a religião dos pais, cujo percentual é ilustrado por 34,8% católicos, 3,3% sem religião e 1,1% constituído de mãe sem religião e pai católico, esta última, subentendida pela alternativa “outra”. Dentro dos 34,8%, não significa que o catolicismo perdeu fiéis, mas demonstra que os filhos não reproduziram os pais rigorosamente, quando mudaram através do processo de conversão à ADISL.

Gráfico 8 – Qual é a religião de seus pais?

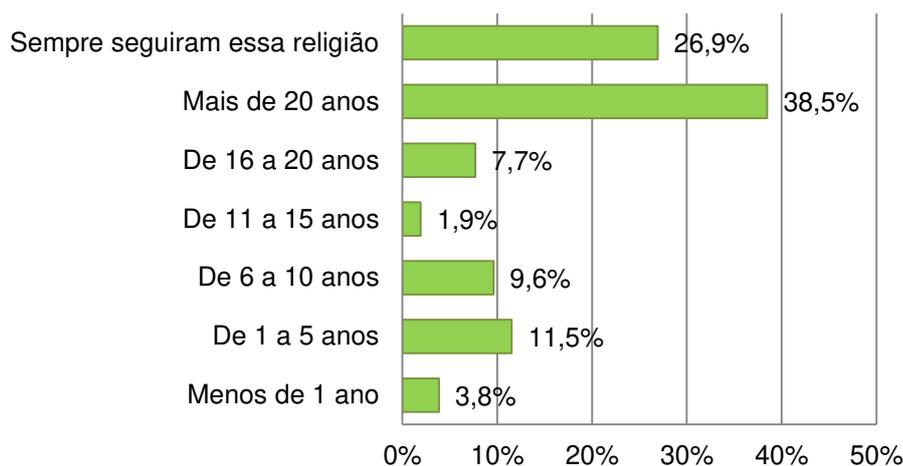
O **Gráfico 9** sugere que no universo dos pais evangélicos, 92,8% pertencem a ADISL, somado pelo casal (pai e mãe) que totalizam 85,7% e pela opção “outra”, em que algum dos dois genitores vincula-se à Igreja, com proporção de 7,1% pela mãe (ADIL) e pai (sem religião), pai (ADIL) e mãe (Igreja Batista), mãe (ADIL) e pai (católico), e pai (ADIL) e mãe (católica). Inclusive, sobre este último dado, parece que a liberdade de crença (e descrença), certamente, redefiniu o modo de como uma família se estrutura religiosamente, visto que os parentes não partilham da mesma religião em todo tempo. Assim, no corpo geral, mesmo com a variação nas respostas, a quantidade de pais que não fazem parte da ADISL é baixa, incluindo apenas 7,1%.

Gráfico 9 – Seus pais fazem parte da ADISL?

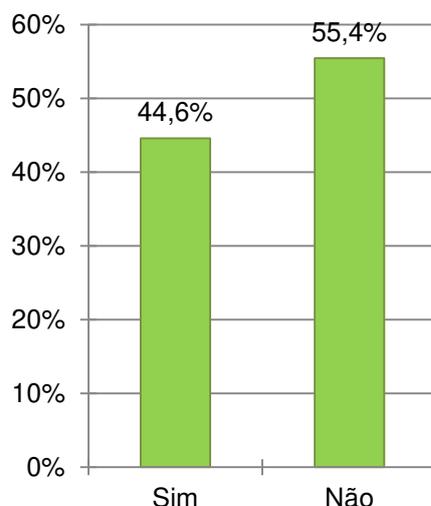
Ainda dentro dessa análise, 69,2% dos pais que não eram da ADISL se converteram nos últimos 20 anos, como especifica o **Gráfico 10**; em contraposição, àqueles que sempre pertenceram à Igreja, a taxa é pequena, incluem 26,9%. O público da ADISL não é constituído de fiéis natos, no sentido de que se originam de uma “tradição religiosa familiar” ou de uma “herança religiosa”; embora, tenham uma trajetória marcada por mais de duas décadas na Igreja. Isso, de certa forma, ratifica as taxas de crescimento da AD pelos dados do IBGE, entre 1991-2010 (conforme as **Tabela 3, Tabela 4, Tabela 5 e Tabela 6**, p. 23-25).

Também, tendo em vista a quantidade de pais que nem sempre foram da ADISL, tudo indica ainda que a causa principal da reprodução ou crescimento da Igreja deu-se pela “mudança de filiação” da religião que os fiéis pertenciam em determinada etapa da vida, mas que foram conversos pelas ações proselitistas da Igreja.

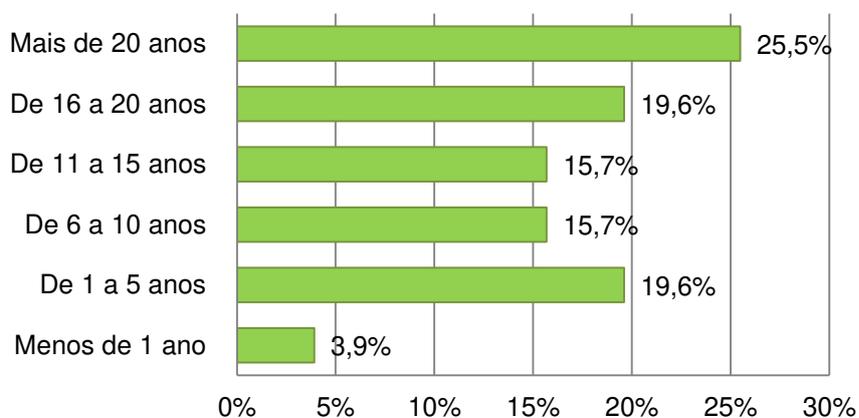
Gráfico 10 – Há quanto tempo eles seguem a ADISL?



Algo semelhante acontece com 55,4% dos fiéis que não eram da ADISL; em oposição aos 44,6% que herdaram a religião dos pais, ou permaneceram na Igreja e não migraram para outras religiões (**Gráfico 11**). Por sua vez, o **Gráfico 12** indica que a quase totalidade dos filhos (96,1%) se converteram nos últimos 20 anos, também. Numa análise comparativa, os **Gráfico 10 e Gráfico 11** sugerem que a conversão ocorreu pelos dois lados, tanto da parte dos pais quanto dos filhos. Isso porque, a taxa daqueles que são fiéis natos é inferior comparativamente aos que mudaram de religião.

Gráfico 11 – Você sempre pertenceu à ADISL?

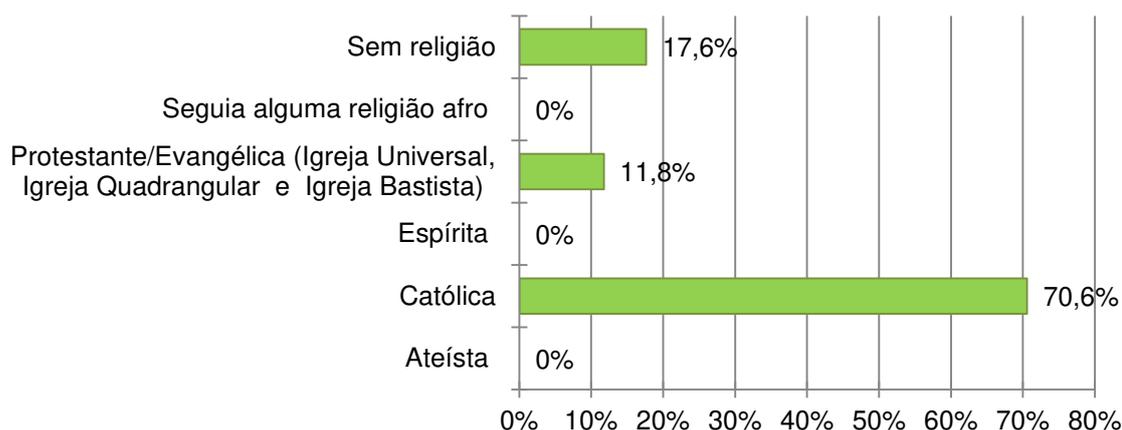
Outro dado importante sobressaiu no **Gráfico 12**, quando expressa claramente a perda de fiéis do catolicismo para a religião pentecostal. Mais da metade dos fiéis da ADISL pesquisados (70,6%) afirmou ter sido católica. Esse percentual ratifica o argumento de que os católicos “funcionam como uma espécie de ‘doador universal’, de onde todos os segmentos arregimentam boa parte dos seus fiéis” (ALMEIDA, MONTERO, 2001, p. 97), da mesma maneira que relevam o modo como fiéis fizeram parte do “movimento de *transição demográfica-religiosa*” (PIERUCCI, 2011, 472-473), no sentido de terem migrado da Igreja Católica para outras religiões.

Gráfico 12 – Há quanto tempo você segue a ADISL?

Ademais, conquanto tenham sido os católicos os que mais perderam fiéis para a população da ADISL, os dados demonstram uma mudança de filiação religiosa, entre igrejas

evangélicas, marcada pela proporção de 11,8% dos fiéis que mudaram das igrejas protestantes históricas, deuteropentecostais e neopentecostais. Também 17,6% que aderiram à ADISL não pertenciam ou não se identificavam anteriormente com nenhuma religião específica.

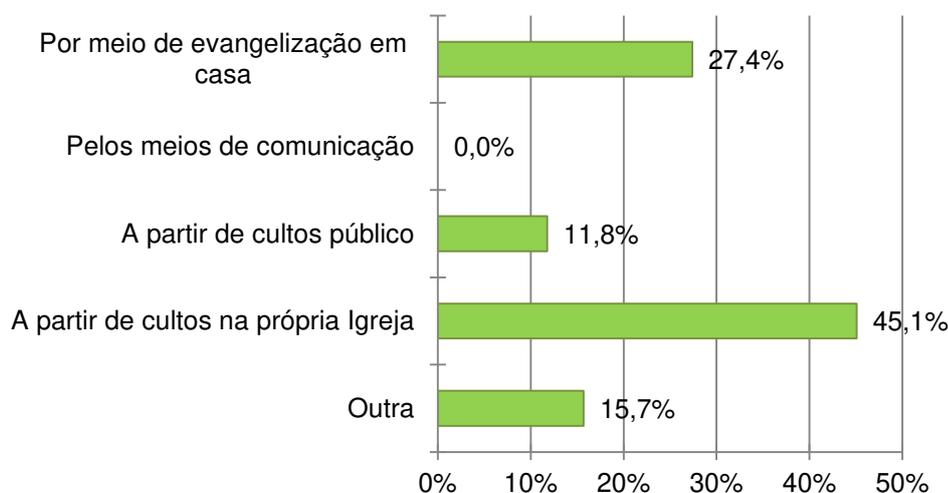
Gráfico 13 – Qual era sua religião anteriormente?



Assim, os dados demonstram que a maior parte dos fiéis da ADISL não veio de uma religião herdada, ou duma tradição, em que os fiéis receberam a religião dos pais. Isso pode ser justificado tanto por da parte daqueles fiéis em que o catolicismo foi a principal religião de origem (**Gráfico 13**), como daqueles que, paradoxalmente, não reproduziram a religião católica dos pais (**Gráfico 8**).

Dito isso, e considerando os dados do **Gráfico 14**, a quantidade de fiéis da ADISL é resultado das ações proselitistas ou conversionistas da Igreja, pois apresenta que a conversão da maioria dos seus fiéis (45,1%) se deu a partir de cultos na própria Igreja, 27,4% por meio de evangelização em casa, 11,8% a partir de cultos públicos, e uma variação nas respostas respondida pela opção “outra”, na qual 15,7% dos fiéis assegurou que sua conversão ocorreu pelos seguintes motivos:

1. Por meio do tio.
2. Por causa do meu esposo e do culto de ação de graça.
3. Pelo meu namorado que era da Igreja e só namorava se congregasse na Igreja.
4. Em razão de um milagre.
5. Mudei de igreja por causa do meu marido. Eu da Igreja Batista.
6. Convite de um amigo.
7. Pelos meus familiares.
8. Por causa do meu pai que é dirigente da AD.

Gráfico 14 – Como você se tornou fiel da ADISL?

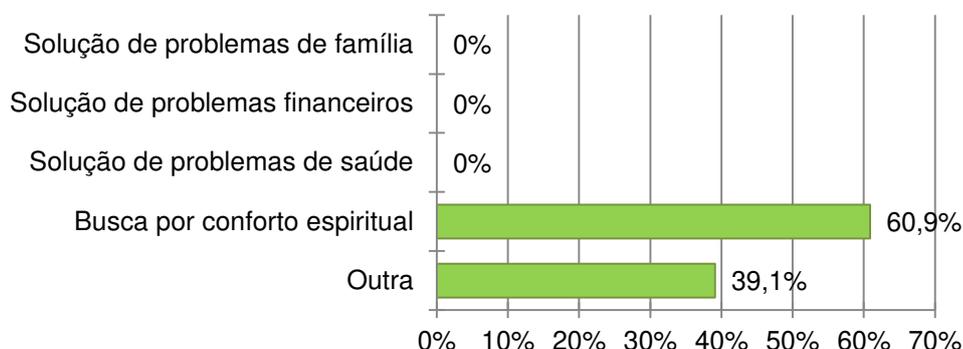
Aqui, também, destaca-se o fato de que nenhum fiel atribuiu os meios de comunicação como responsável pela sua conversão. As conversões dos fiéis têm a ver com o proselitismo “corpo a corpo” dentro dos espaços da Igreja e nos ambientes públicos, bem como pelas sociabilidades ou relações sociais, pessoais e cotidianas que as pessoas estabeleceram antes da entrada na Igreja. Isto é, a questão principal da conversão deles não está relacionada com a mídia ou pelas suas programações religiosas transmitidas. Inclusive, esse aspecto é demonstrado pelos dados, pois não houve resposta que indicava simbiose entre mídia e fiéis, no sentido de ter influenciado a mudança ou conversão religiosa dos fiéis à Igreja.

De modo específico ainda, como a *Assembleia de Deus - Campo São Luís* tem a Rádio Esperança, uma mídia própria da Igreja que inclusive abre espaços para os demais campos da Ilha de São Luís realizar suas programações – como discutido no capítulo anterior –, esperava-se que os fiéis mencionassem algum dado relativo à Igreja e à Rádio, uma vez que o período que a emissora entrou em funcionamento, coincide com o tempo em que os fiéis se converteram ou que permanecem na ADISL (**Gráfico 12**), tal como as taxas de crescimento da AD na Ilha de São Luís, apresentadas pelos dados do IBGE (conforme as **Tabela 3**, **Tabela 4**, **Tabela 5** e **Tabela 6**, p. 23-25). Quer dizer, mesmo diante da sincronia dos fatos, a mídia, sobretudo a Rádio Esperança, não foi citada em nenhum momento como responsável pela conversão dos fiéis.

Ressaltamos que, embora se tenha uma dimensão mais ampla que a ADISL investe ou tem sua própria mídia, as conversões dos fiéis funcionaram em outra dinâmica. Inclusive, o **Gráfico 15** apresenta que a maioria dos fiéis (60,9%) permanece na ADISL pela

busca por conforto espiritual; em complementação, com a alternativa “outra”, na qual 39,1% dos entrevistados destacaram diferentes motivos.

Gráfico 15 – O que o/a mantém fiel da ADISL?



As respostas dos entrevistados que preferiram discorrer com suas próprias palavras as razões da sua permanência na Igreja, enquadrámos em três vertentes: vida eterna; *Palavra de Deus* e sociabilidade; tradição, usos e costumes. Eis as respostas:

[Vida eterna] 1. Salvação. 2. Questão de salvação. 3. É a certeza de Salvação. 4. Salvação e vida eterna. 5. Pelo amor a Deus e salvação. 6. Salvação. 7. Porque sirvo a Jesus e espero morar no céu de glória. 8. É a certeza de morar no céu. 9. A fé e a certeza que estou no caminho certo. 10. Porque espero ver Jesus. 11. Salvação. 12. Por causa de Deus. Jesus é o foco. 13. Adorar a Deus. 14. Minha fé em Cristo. 15. Vontade de servir a Deus. 16. Ser fiel a Deus. 17. Adorar a Deus. 18. Servir a Jesus e ser fiel a Ele. 19. Jesus Cristo na minha vida. A minha maior motivação é Jesus Cristo.

[Palavra de Deus e sociabilidade] 1. Palavra de Deus. 2. Doutrina e ensinamento da Palavra. 3. Conhecimento de Deus, da sua Palavra. Vivenciar a teoria na prática. 4. Conhecimento da Palavra. 5. A Palavra de Deus. 6. O Ensino. 7. Buscar a Deus e interagir com as pessoas. 8. O coral, as danças e EBD [Escola Bíblica Dominical]. 9. A Palavra de Deus.

[Tradição, usos e costumes] 1. Tradição familiar e por causa dos usos e costumes. 2. Porque eu gosto e acho diferente das outras igrejas. 3. É a denominação que segue a Bíblia na íntegra. 4. Porque tenho afinidade. 5. Porque eu gosto, simpatizo. Porque comecei aqui, então, tenho que ficar aqui mesmo. 6. Tenho afinidade com a Palavra. 7. Porque gosto e se fosse para mudar para outra igreja não mudaria. 8. Vontade de estar aqui. Não tenho vontade de sair.

O gráfico acima não mostra somente os motivos para a permanência dos fiéis na Igreja, mas, também, os enfoques dos discursos de suas lideranças. De modo que a maior parte dos fiéis mantém uma vida religiosa pelo fato de acreditar que a Igreja, como “representante direta de Deus na Terra” (AUBRÉE, 2013, p. 26), é uma força que os impulsiona a agir e ajuda a viver; e funciona como uma “disciplina espiritual” que ainda

auxilia os fiéis a “enfrentar o mundo com mais confiança”. Cada fiel sente que “pode mais” tendo uma vida religiosa na Igreja e comungando com Deus, isto é,

sente em si força maior para suportar as dificuldades da existência e para vencê-las. Está como que elevado acima das misérias humanas, porque está elevado acima de sua condição de homem; acredita-se salvo do mal, aliás, sob qualquer forma que se conceba o mal (DURKHEIM, 2008, p. 493, grifos nosso).

Dentre as outras respostas que subdividimos, umas dizem respeito à vida eterna, onde os fiéis procuram a salvação de suas almas no futuro pós-morte e além-vida e, ao mesmo tempo, acreditam que se submetendo e cumprindo a vontade de Deus terão as “bênçãos ou tesouros espirituais”. Ao que parece, a Igreja não se volta inteiramente para este “mundo” e esta vida, deixando ver elementos de que seu discurso distancia-se das igrejas neopentecostais que romperam com a ideia da busca de salvação e os tradicionais costumes e hábitos de santidade pentecostal. Isso é enfatizado da seguinte forma:

Em contraste, sobretudo, com pentecostalismo clássico que enfatiza a salvação celestial e exorta constantemente o fiel a permanecer firme na fé diante da proximidade do Juízo Final, a preocupação primordial que transparece na mensagem neopentecostal é com esta vida e com este mundo. O que interessa é o aqui e o agora (MARIANO, 2005, p. 44).

Pelos dados, vimos que a ADISL não abdicou da interpretação escatológica pré-milenarista, que defende a segunda vinda de Cristo, pois nas respostas dos entrevistados transparecem que os enfoques dos discursos das lideranças são voltados para as preocupações apocalípticas e a salvação.

Em continuidade, os fiéis ainda ressaltaram que *Palavra de Deus* e sociabilidade que a ADISL interpreta e estabelece, respectivamente, são motivos para permanência na Igreja. Tão coerente que, segundo os fiéis, é a Igreja que cumpre fiel e literalmente a Bíblia. Isso é justificado pelo fato de que suas lideranças articulam um conjunto de convicções e opiniões a partir de práticas religiosas e rituais que contribuem, inclusive, para fortalecer os vínculos entre os fiéis. Noutras palavras, a ADISL tem seus “discursos e enunciados estabelecidos [que] cumprem a função de normatização dos comportamentos e de transmissão de valores que visam à perpetuação da identidade, da tradição e dos ideais utópicos comumente aceitos e confessados” (SANTOS, 2011, p. 26).

A tradição e usos e costumes apontados pelos fiéis é uma das marcas da identidade da Igreja, ou com suas características teológicas, doutrinárias, comportamentais e estéticas específicas que, ao que parece, ainda são reproduzidas e transmitidas aos fiéis, pois

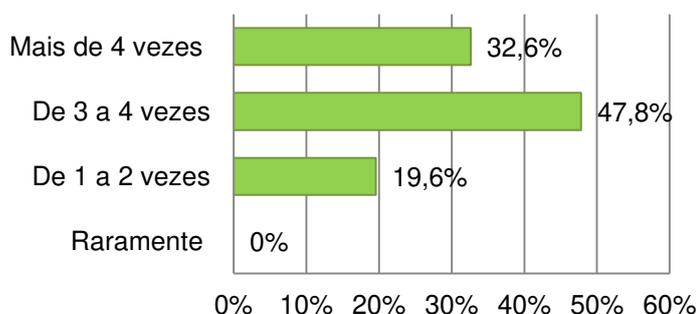
se constituíram como forma de diferenciação das outras pessoas, na qual a Igreja passa a ser vista como a mais sagrada e os fiéis como mais santificados devido, sobretudo, às distinções ascéticas na aparência. Mas, isso não significa dizer, é certo, que a ADISL ainda mantém uma rigorosidade para o cumprimento dos “usos e costumes”, ou que seja totalmente sectária em sua relação com o “mundo”; pois, nos *Templos Sedes* da ADISL, verificamos mudanças nos vestuários e padrões estéticos dos fiéis; isto é, não denota que os usos e costumes “foram abandonados de forma absoluta, apenas ressignificados dentro da pluralidade dos assembleianismos” (ALENCAR, 2012, p. 229).

Assinala-se ainda o fato dos fiéis não terem marcado nenhuma das alternativas referentes à Teologia da Prosperidade – pregada pelos neopentecostais – que:

defende que o crente está destinado a ser próspero, saudável e feliz neste mundo. [...] Além de possuir uma fé inabalável e de observar as regras bíblicas de como tornar-se herdeiros das bênçãos divinas, *o principal sacrifício que Deus exige de seus servos, [...], é de natureza financeira: ser fiel nos dízimos e dar generosas ofertas com alegria, amor e desprendimento* (MARIANO, 2005, p. 44, grifo nosso).

Tudo indica que as motivações da permanência dos fiéis na Igreja não se voltam para o alcance de riquezas e sucessos materiais; ou que a Igreja se configura como um conjunto de crenças mágicas. Todavia, há uma característica coletiva, por assim dizer, dentre as razões para a continuação dos fiéis na ADISL que, de modo geral, tem relação com a manutenção das crenças, cumprimentos de práticas religiosas e participação de ritos por meio da ida à Igreja. Isso é perceptível, por exemplo, na taxa de 80,4% dos fiéis que frequentam mais de três vezes por semana os cultos da Igreja, contra uma minoria que participa até duas vezes, com percentual de 19,6%. Eis os dados do **Gráfico 16**:

Gráfico 16 – Quantas vezes por semana você frequenta os cultos da ADISL?



Esse dado que aparenta irrelevância, desvela duas características imprescindíveis para o entendimento da ADISL, principalmente sobre a vida religiosa ativa dos fiéis. A primeira diz respeito às lideranças que fixaram identidades como meio de manutenção e reprodução da Igreja, quando transmitiram, desde a conversão dos fiéis, “rituais, textos sagrados, tradições orais, costumes, doutrinas e ações coletivas [que] agem de forma a inculcar nos adeptos comportamentos que se tornam parte das subjetividades dos indivíduos, fortalecendo, assim as identidades sociais no campo religioso” (SANTOS, 2011, p. 27). A segunda tem a ver com a existência de uma ligação orgânica, produzida pela assídua participação dos fiéis nos cultos. Ambas não deixam de ser convergentes, pois estão relacionadas com a forma de funcionamento e organização eclesial da ADISL.

Nesse último aspecto, a propósito da assídua participação dos fiéis nos cultos, detemos a nossa atenção, pois releva certa organicidade. Tal organicidade se dá pelo fato do vínculo dos fiéis com a Igreja não ser efêmero, mas contínuo. Teoricamente, isso tem uma fundamentação em Durkheim (2008), sobretudo de a religião ser inseparável da ideia de *Igreja*. Nas palavras do sociólogo,

Os indivíduos que compõem [essa coletividade] se sentem ligados uns aos outros pelo simples fato de terem uma fé comum. Uma sociedade cujos membros estão unidos pelo fato de conceber, da mesma maneira, o mundo sagrado e suas relações com o mundo profano, e de traduzir essa concepção comum em práticas idênticas é o que se chama de igreja (DURKHEIM, 2008, p. 75-76, grifo nosso).

Diante disso, e considerando que a ADISL é uma comunidade religiosa formada pelas lideranças e fiéis com a mesma fé, cujo o aspecto principal tem ainda relação com os argumentos de Durkheim, quando este explica:

Culto, com efeito, não é simplesmente um conjunto de cuidados rituais que o homem é obrigado a tomar em certas circunstâncias; é sistema de ritos, de festas, de cerimônias diversas que *apresentam todas este caráter de retorno periódico*. Respondem à necessidade que o fiel sente de estreitar e de reafirmar, em intervalos regulares de tempo, o laço que o une com os outros seres sagrados de que depende (Ibidem, p. 96-97, grifo do autor).

Ou ainda pela complementação de que:

[O culto] suscita aquelas impressões de alegria, de paz interior, de serenidade, de entusiasmo, que são, para o fiel, como que a prova experimental de suas crenças. O culto não é simplesmente um sistema de signos pelos quais a fé se traduz exteriormente, é a coleção de meios pelos quais ela se cria e se recria periodicamente (Ibidem, p. 494, grifo nosso).

A ligação orgânica (ou coletividade) da ADISL acontece durante os principais cultos da Igreja realizados, conforme delineados abaixo:

- *Assembleia geral/culto administrativo* é realizada em todos os campos que compõem a ADISL. Em dia específico da semana, cada *Templo Sede* reúne e liga fiéis de diferentes congregações filiadas ao campo para realização do culto. Como tem campo com muitas áreas, geralmente, o *Templo Sede* não comporta todos. Numa assembleia geral, por exemplo, o *Templo Sede* agrega entre três, cinco ou mais subsedes.

- *Cultos de doutrina/ensinamento* acontecem à noite, em todas as congregações da ADISL, direcionados aos fiéis.

- *Cultos de ensaios gerais*, também, acontece em dias específicos da semana. Geralmente, funciona como um preparativo de atividades religiosas, sobretudo voltadas para músicas, mensagens e coreografias, em que os fiéis são treinados para cantar, pregar e apresentar em cultos gerais ou cultos festivos posteriores. Esses ensaios são em dias diferentes e alternados para os grupos das crianças, dos adolescentes, dos jovens e das senhoras/res, e ocorrem em todas as congregações da ADISL. Já o ensaio do *coral geral*, que reúne fiéis de diferentes congregações filiadas ao campo, acontece somente no *Templo Sede*.

- *Escola Bíblica Dominical* é uma reunião de culto que, de modo geral, acontece aos domingos pela manhã, em todas as congregações da AD do Brasil, inclusive na ADISL. Funciona como escola de ensino bíblico da Igreja, de maneira pedagógica e metódica, onde os fiéis (crianças, adolescentes, jovens e adultos) são organizados em classes e departamentos, de acordo suas idades. A única diferença entre a EBD e as outras escolas seculares, pode-se dizer, relaciona-se com o ensinamento religioso, pois:

[...] A Escola [Bíblica] Dominical, [...], é de fato a agência de formação religiosa popular das igrejas evangélicas. É aí que as crianças desde a mais tenra idade, os adolescentes, e os adultos, ao receberem o ensino sadio e inspirador das Escrituras, são todos beneficiados: (1) as crianças recebem formação moral e espiritual, (2) os adolescentes formam sua personalidade cristã e os (3) [jovens e] adultos renovam suas forças morais e espirituais para uma vida cristã sempre frutífera e abundante (SILVA, A., 1998, p. 127).

Na verdade, essa reunião tornar-se um “momento de formação da consciência religiosa dos fiéis leigos e de inculcação dos fundamentos elementares da doutrina eclesiástica” (SOUSA, 2010, p. 104). A EBD, inclusive, tem como apoio as *Lições Bíblicas*, produzida pela CPAD editora da CGADB. Elas são organizadas a cada trimestre por temas e faixas etárias específicas. As lições são destinadas aos fiéis que, hierarquicamente, uns passam a serem professores e outros alunos. Cada grupo tem suas lições específicas, com exceção dos jovens

e adultos que têm os mesmos conteúdos, ainda que, no momento das instruções dominicais, os primeiros sejam separados dos segundos. Inclusive, essas lições são exemplos de uma “leitura fundamentalista da Bíblia” (Ibidem, p. 104), bem como “cumpram uma importante função dentro do aparato institucional assembleiano, pois representam a matriz doutrinária da denominação, estabelecendo o que será dito e ensinado nas EBDs de todo o país” (FAJARDO, M., 2015, p. 149).

- *Cultos de Santa Ceia* são reuniões que acontecem a cada mês, no *Templo Central*, com participação das áreas. Na celebração os “membros” devem participar do pão e do vinho que representam o corpo e o sangue de Cristo. É considerado como um momento de comunhão da Igreja e fortalecimento espiritual. Mas, nem todos os fiéis são considerados “membros”, somente aqueles que participaram do *batismo nas águas*, em que todo o corpo é submerso em água. Esse batismo – avaliado como um mandamento de Deus – é um sinal de compromisso de seguir Cristo por toda vida. Só participam diretamente da Ceia aqueles fiéis que descem nas águas, onde representa o sepultamento de Jesus, e a subida, representa a ressurreição. Os demais fiéis são nomeados de “congregados”, mas, não são impedidos de participarem dos cultos de Santa Ceia, a única restrição é que não podem comer o pão ou beber o cálice.

- *Retiros espirituais ou culturais* que ocorrem durante o período do carnaval, em locais afastados ou isolados dos centros urbanos (chácaras, sítios, fazenda etc.) que reúnem fiéis da Igreja, principalmente os jovens. É uma opção religiosa *sagrada* em contraste com o período do carnaval (*profano*), na qual há toda uma programação religiosa, louvores, meditações, pregações que os fiéis se dedicam, e não deixa de ser uma opção de lazer, onde esse recolhimento possibilita uma convivência e um fortalecimento dos vínculos entre eles.

- *Festividades* são comemorações que acontecem anualmente que, dentre as principais, destacam-se: congressos (de crianças, jovens e senhoras), aniversários das lideranças, fundação da Igreja, de corais, até mesmo da Rádio Esperança. Reúnem lideranças e fiéis de vários locais e campos, e de inúmeras denominações e congregações, bem como vários visitantes e convidados que não são evangélicos. Esses eventos são realizados na Igreja ou podem ser em espaços públicos, como ginásios, estádios e praças. Chama atenção que, durante as festividades na Igreja, o número significativo de conversões devido ao seu caráter evangelizador que, também, é confirmado pelos percentuais do **Gráfico 14**.

Essas atividades da Igreja possibilitam a coesão e sociabilidade entre os fiéis, constituindo-se ainda como momentos centrais para a manutenção das crenças e hábitos sectários diante do pluralismo religioso. Além disso, como a ADISL trata-se de uma Igreja

que tem fiéis permanentes e não tem fiéis flutuantes, na organicidade da Igreja formada pela adesão e prática dos rituais pelos fiéis, também identificamos dois aspectos. Primeiro, os fiéis que compõem a Igreja se reúnem e agem em comum; isto é, os fiéis vivenciam a Igreja no seu dia-a-dia. Segundo, não há uma relação clientelista ou utilitarista, na qual os fiéis deslocam-se atrás de um produto e, em seguida, retiram-se; tem mais a ver com os deveres que fiéis prestam ao seu Deus, do qual dependem. Isso aí, como vimos, foi evidenciado pelos percentuais do **Gráfico 15**, em que os fiéis não responderam nenhuma das alternativas que correspondia à Teologia da Prosperidade como causas da permanência na comunidade religiosa ou de que se vincula com as aspirações práticas e utilitárias para satisfazer as exigências da vida material.

De modo geral, as cerimônias religiosas da ADISL mobilizam uma vida orgânica, pois os fiéis se reúnem para celebrá-las. Na celebração dos ritos regulares, os cultos ligam e unem de maneira regular e durável os fiéis no mesmo grupo, isto é, numa mesma vida, sendo indispensável ao funcionamento da Igreja, pois cada fiel mantém relacionamentos que não são acidentais e passageiros. Os vínculos são duráveis e aproximam os fiéis, bem como multiplicam seus contatos e os tornam mais íntimos, estabelecidos pelo fato de terem fé em Deus e praticar as mesmas liturgias.

5.2 Comportamento midiático

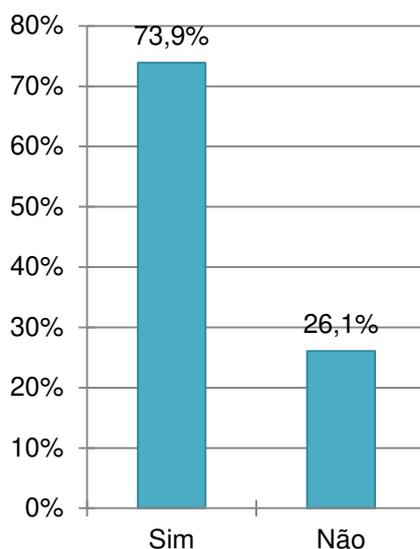
Nesta segunda e última parte, tratamos do comportamento midiático, explicando a relação geral dos fiéis com a mídia, especificamente do alcance e limites da Rádio Esperança.

5.2.1 A relação geral dos fiéis com a mídia

Atualmente, os fiéis da ADISL estabelecem uma relação intensa com a mídia. Da totalidade dos fiéis pesquisados, 73,9% utiliza os meios de comunicação, sobretudo para conectar-se com a Igreja, contra uma proporção de 26,1%, como indica o **Gráfico 17**. Esses dados denotam uma mudança significativa no comportamento dos fiéis que eram proibidos de terem aparelhos de rádio e televisão em suas casas – em cada período que surgiram e se estabeleceram como meios de comunicação no Brasil. As proibições eram legitimadas pelas

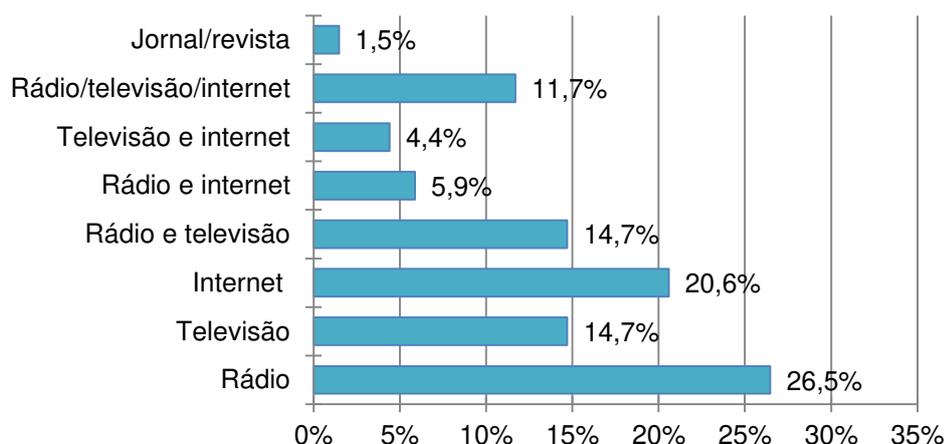
resoluções emitidas da CGADB para as ADs de todo o país, cujo descumprimento resultaria na “disciplina”⁶⁹ dos fiéis.

Gráfico 17 – Você utiliza mídias em sua relação com ADISL?



A mudança no comportamento dos fiéis e das lideranças tem muito a ver com a necessidade, em geral, das religiões adaptarem-se às mudanças relacionais e materiais da vida social. Na contemporaneidade, o consumo da mídia é uma das atividades que faz parte do cotidiano dos fiéis da ADISL, conforme indica o **Gráfico 18**. Os fiéis estabelecem relações com os diferentes meios de comunicação que transmitem informações e conteúdos diversificados. Da totalidade dos fiéis, 55,9% utiliza rádio e televisão, 42,6% rádio, televisão e internet, e 1,5% jornal/revista. Especifica e decrescentemente, os dados revelam que o rádio (26,5%) continua sendo o meio de comunicação mais usado pelos fiéis, seguido da internet (20,6%) e da televisão (14,7%).

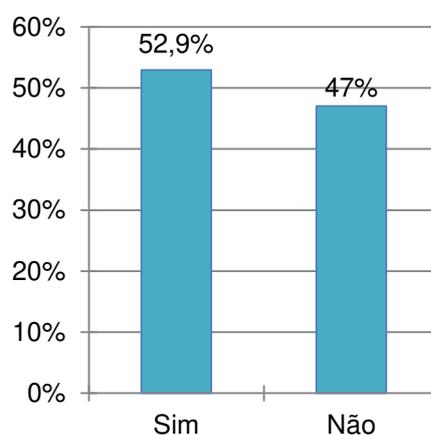
⁶⁹ No contexto da AD, o termo “disciplina” exemplifica que o fiel foi afastado pela sua liderança por determinado período de participar das práticas litúrgicas da Igreja em decorrência do descumprimento das normas estabelecidas.

Gráfico 18 – Quais mídias você utiliza?

Ainda sobre os dados do **Gráfico 18**, ressalta-se o fato de que 42,6% dos fiéis tem acesso à internet, mas, ao que tudo indica, não ouvem a Rádio Esperança; pois, como analisamos no capítulo anterior (**Tabela 8**, p. 110), é uma emissora com baixo índice de audiência e pouca penetração na rede mundial de computadores, conforme os dados da *RadioNet*.

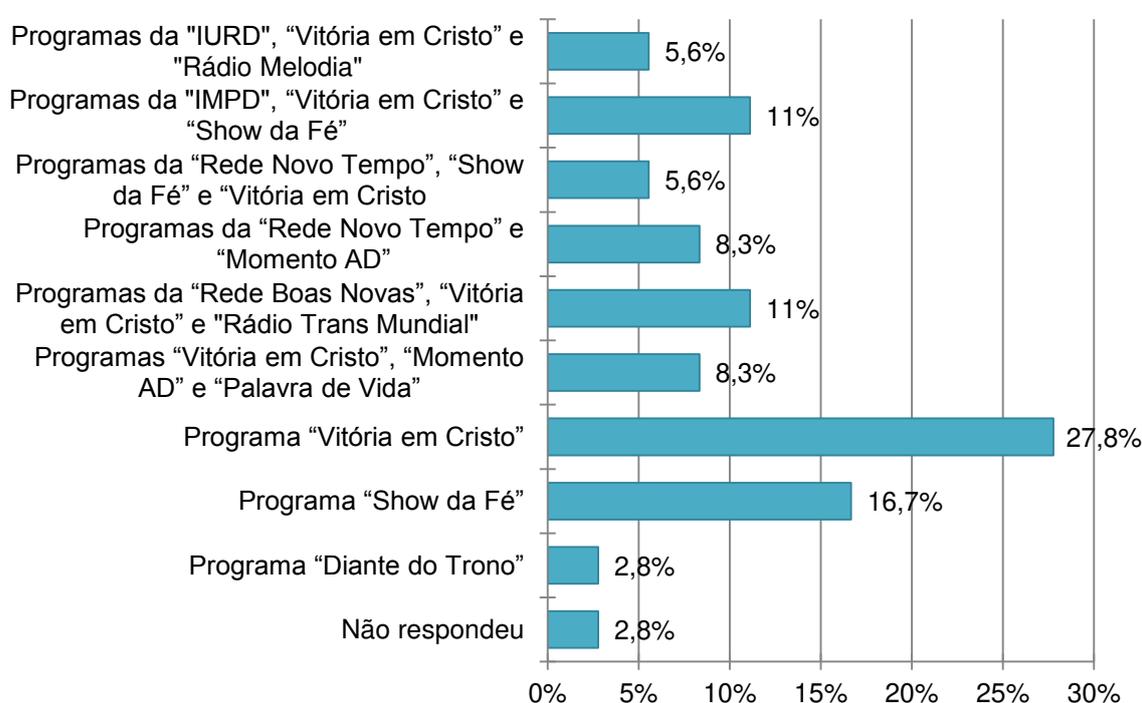
Em continuidade, os dois últimos dados – **Gráfico 17** e **Gráfico 18** – evidenciaram que a mídia se faz presente no cotidiano dos fiéis da ADISL pelos diferentes meios de comunicação utilizados. Assim, os gráficos seguintes disponibilizam informações sobre as formas de utilização desses diferentes meios e comunicação.

O **Gráfico 19** indica que 52,9% dos fiéis assistem/ouvem programas religiosos nacionais, em contraste com 47%.

Gráfico 19 – Você ouve ou assiste programas evangélicos nacionais?

O **Gráfico 20**, por sua vez, especifica quais as programações assistidas/ouvidas, em rede nacional. Conquanto os percentuais mostrarem haver uma diversidade e pluralidade, sobressaem-se dois programas de televisão mais assistidos: *Vitória em Cristo* (27,8%) e *Show da Fé* (16,7%). Esses dois se destacaram praticamente em todas as respostas dos fiéis. Têm fiéis que acompanham somente esses dois programas (44,5%), e outros fiéis (41,5%) que complementam com as outras diversas programações religiosas disponíveis na mídia. Não assistem somente essas duas citadas, como se pode acompanhar no gráfico abaixo:

Gráfico 20 – Quais programas *nacionais* você ouve/assiste?



O programa *Vitória em Cristo* é apresentado pelo pastor Silas Malafaia, presidente da Igreja Assembleia de Deus - Vitória em Cristo, bem como da editora *Central Gospel* e da gravadora *Central Gospel Music*. Malafaia era filiado à CGADB. Em 2010, com o falecimento do pastor José Santos, seu sogro, "herdou" a presidência da Igreja Assembleia de Deus - Penha do Rio de Janeiro, e se desligou da CGADB. Com a cisão ministerial, formou seu próprio ministério, e a Igreja passou a ter o nome do programa, assim como atuar de forma autônoma no campo religioso, sem nenhuma filiação as convenções nacionais.

O programa começou em 1982, em rede nacional. Está há trinta e seis anos no ar, sem interrupção. Antes de ser denominado de *Vitória em Cristo*, o programa foi veiculado com os nomes de "Impacto" e "Renascer". Também, teve momentos que foi transmitido por

três emissoras no país: aos sábados, na Rede Bandeirantes e Rede TV, das 12h às 13h, 09h às 10h, respectivamente; e de segunda a sexta, na Central Nacional de Televisão, às 16h. No entanto, em 2014, o programa perdeu seu espaço da Central Nacional Televisão, quando a IURD arrendou 22 horas diárias da emissora; dois anos depois, em 2016, o pastor Silas Malafaia cancelou o contrato com Rede TV, segundo ele, em razão de dívidas⁷⁰. Desde janeiro de 2018, o programa está sendo veiculado somente pela Rede Bandeirantes, das 12h às 12h30, todos os sábados. Todos os vídeos dos programas, também, podem ser acessados pelo canal do pastor Malafaia no *YouTube*⁷¹.

O pastor Silas Malafaia é conhecido nacionalmente. É caracterizado como tendo um “temperamento explosivo e ‘rasgado’” (FONSECA, Alexandre, 2003, p. 138) e, também, considerado como:

um orador persuasivo e eloquente que sabe movimentar os ânimos de sua plateia. Tem um forte sotaque carioca e modula a voz indo dos gritos às imitações humorísticas para marcar a sua fala. É dinâmico, gesticula com as mãos e caminha de um lado para o outro durante as pregações e quase não usa o púlpito. Ele não lê seus sermões e parece falar sempre de improviso. Possui uma bíblia que o acompanha seja no púlpito, seja no estúdio, mas também recita passagens bíblicas inteiras de cor. Seu semblante é fechado na maior parte do tempo, vez por outra esboça sorrisos, porém tem um senso de humor satírico (PREUSS, 2015, p. 89).

Ademais, Brandão (2018), Dias (2012), Ferraz (2014), Rezende (2010), Sousa (2011) e Gideane Souza (2016) apontam que o pastor Malafaia introduziu em seu discurso teológico, desde o início de 2000, a Teologia da Prosperidade, ainda que negue a adesão. Seus enunciados durante as duas décadas anteriores contrários à teologia não se sustentaram. Ele tem como modelos ou referências principais, Morris Cerullo e Mike Murdock, televangelistas norte-americanos da cura e da prosperidade que, ainda, participam de seus programas ajudando-o com discursos e projetos que influenciam os telespectadores fazerem doações financeiras consideráveis.

Durante seus programas são transmitidos ainda comerciais dos produtos/serviços, especificamente de ofertas e promoções de Bíblias, CDs, DVDs e livros da sua editora e gravadora, bem como cursos de teologia e de liderança, da Escola de Líderes da Associação

⁷⁰ CHAGAS, Tiago. Universal aluga espaço do Vitória em Cristo na CNT e programa sai do ar após 32 anos. **Gospel+.** Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/universal-cnt-programa-vitoria-cristo-sai-32-anos-67632.html>>. Acesso em: 08 jul. 2018. Idem. Com dívidas de R\$ 1,8 milhão, Malafaia cancela contrato com a RedeTV! e pede ajuda a fiéis. **Gospel+.** Disponível em: <<https://noticias.gospelmais.com.br/dividas-18-milhao-malafaia-cancela-contrato-redetv-85268.html>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

⁷¹ O canal do *YouTube* do pastor Silas Malafaia tem 395.681 inscritos. Nesse espaço são compartilhados vídeos para qualquer pessoa que tenha acesso à internet assistir. O *link* para acesso é este: <<https://www.youtube.com/user/SilasMalafaiaOficial/videos>>.

Vitória em Cristo e, ainda, sua agenda profissional. Também faz parte do programa, comentar os contextos e as circunstâncias políticas e sociais do país quando, inclusive, recorre à Bíblia para sustentar suas opiniões. “Ao defender seus pontos de vista, fala de maneira virulenta, mas ao pedir dinheiro ou vender seus produtos é ameno e não adota a estratégia do pé na porta”⁷².

Geralmente, com posições inflexíveis acerca de diversos assuntos contemporâneos, o pastor Silas Malafaia se coloca como “representante” ou “porta-voz” dos evangélicos, embora não agrade a todos. Inclusive, nos seus *sites* de redes sociais tem certa popularidade: *Facebook* com 2.083.572 curtidas, *Twitter* com 1.342.451 seguidores e, ainda, no *Instagram* com 1.135.795 seguidores⁷³. Uma quantidade significativa de pessoas acompanham o pastor e apresentador nos ambientes digitais.

O *Show da Fé* é apresentado pelo missionário Romildo Ribeiro Soares, conhecido como R.R. Soares, cunhado do bispo Edir Macedo. Foi um dos fundadores da IURD, mas, com uma dissensão entre eles, em 1980, constituiu nos moldes de sua precursora, a IIGD. R.R. Soares tem diversas empresas midiáticas: *Nossa TV*, *Nossa Rádio*, *Rede Internacional de Televisão*, *Jornal Show da Fé*, *Revista Show da Fé*, bem como gravadora *Graça Music*, editora *Graça Editorial* e produtora e distribuidora de filmes *Graça Filmes*.

O programa *Show da Fé* deu projeção nacional ao missionário R.R. Soares. Começou sua transmissão no mês de janeiro de 2003, em rede nacional, em horário nobre, na Rede Bandeirantes. Atualmente, além do programa está sendo veiculado nessa emissora, também, tem transmissão na Rede TV⁷⁴, bem como na sua própria *Rede Internacional de Televisão*⁷⁵, que entrou em funcionamento em 2002. Durante suas programações, apresenta-se:

sempre com trajes formais (de terno), e o formato do seu programa é o de um culto com ênfase na cura, no sucesso econômico financeiro e nas longas pregações. É dado espaço para depoimentos sobre curas e outras “bênçãos” alcançadas pelos adeptos, na maior parte das vezes durante o próprio programa. Há tradução simultânea para a linguagem gestual a fim de atingir os surdos-mudos. A coleta de ofertas para o programa, a venda de publicações e o convite para participar de cultos na Igreja [Internacional] da Graça são outros ingredientes da programação, que

⁷² PINNHEIRO, Daniela. Vitória em Cristo. *Revista Piauí*. São Paulo, n. 60, set. 2011. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/vitoria-em-cristo/>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

⁷³ *Sites* das redes sociais do pastor Silas Malafaia: *Twitter* <<https://twitter.com/pastormalafaia>>; *Facebook* <<https://www.facebook.com/SilasMalafaia/>>; *Instagram* <<https://www.instagram.com/pastormalafaiaoficial/?hl=pt-br>>.

⁷⁴ Sobre as programações da IIGD, sobretudo o *Show da Fé* na Rede Bandeirante e Rede TV ver o **Apêndice E** e **Apêndice F**, p. 180.

⁷⁵ Canal no *YouTube* da Rede Internacional de Televisão (RIT TV): <<https://www.youtube.com/channel/UCA0bOG0NUfJ855eDtHSxOkw/videos>>.

recentemente vem-se rendendo ao mercado evangélico, e cedendo espaço à apresentação de cantores em evidência nas principais gravadoras *gospel* (CUNHA, 2004, p. 98-99).

Ou ainda, mostrar-se:

sempre de maneira sóbria, com uma prédica monótona (num único tom), onde ele é capaz de pregar sobre os mais altos poderes do sagrado, dominar e repreender os mais temíveis demônios e com a mesma tonalidade de voz vender o seu último CD de músicas evangélicas. Isso faz parte de uma estratégia “clean”, onde não pode haver exageros e onde transparece muito equilíbrio (MORAES, 2008, p. 129).

Moraes (2008) ainda considera que R.R. Soares não é rotulado e nem detestado como o bispo Edir Macedo, da IURD; pois, pela forma que construiu sua trajetória sem envolver-se com escândalos de repercussão nacional, a sua imagem na televisão é um símbolo apreciado por parte dos evangélicos. Noutras palavras, “ele conseguiu, antes de vender seu produto religioso, vender a si mesmo como um homem que merece no mínimo não ser odiado por aquilo que faz e isso já é uma grande coisa quando se trata de campo religioso” (Ibidem, p. 217).

No ambiente midiático, os vídeos do programa *Show da Fé* são disponíveis no canal do *YouTube* do missionário R.R. Soares⁷⁶. Ele tem *Twitter* com 188.071 seguidores, *Facebook* com 2.849.425 curtidas e *Instagram* com 154.341 seguidores. Em termos de popularidade nos *sites* de redes sociais, R.R. Soares ganha de Silas Malafaia somente na quantidade de pessoas que o acompanham na sua página do *Facebook* que é superior.

Já o programa *Momento Assembleia de Deus*, da AD em São Paulo - Ministério do Belém, sob a liderança do pastor José Wellington Bezerra da Costa, presidente da CGADB, estreou em abril de 2016, aos sábados, das 8h às 8h30 e, depois, das 12h às 12h30, aos domingos, na Rede TV, e foi até fevereiro de 2018 com esse nome. Com o término das eleições para presidência da CGADB, na qual o pastor José Wellington da Costa Júnior foi eleito, em março de 2018, o programa voltou ar, intitulado *Movimento Pentecostal*, aos sábados, das 8h às 9h, sendo uma realização da CPAD e da CGADB, cujo apresentador é o pastor João Barbosa da Silva. Todos os programas são disponibilizados no *YouTube*, também.⁷⁷

⁷⁶ Canal no *YouTube*: Missionário R. R Soares: <<https://www.youtube.com/user/MissionarioSoares/videos>>. O programa, também, possui este *site* <<http://www.canalshowdafe.com.br/programacao>>.

⁷⁷ *Links* dos programas no *YouTube*: Momento Assembleia de Deus: <<https://www.youtube.com/channel/UCXCCzER7Wb0V09hf630-myA/videos>>. Programa Movimento Pentecostal CPAD: <<https://www.youtube.com/user/canalcpad/videos>>.

Na verdade, exibido a partir de outubro de 1996, o *Movimento Pentecostal* caracterizou uma significativa mudança em relação aos meios de comunicação por parte da CGADB, que, desde 1957, tinha proibido oficialmente o uso da televisão pelos fiéis devido os “conteúdos da programação quase sempre estar recheado de cenas de sensualidade e violência”, e entendia que isso “contribuía para conflitar o desenvolvimento sócio-educativo e comportamental principalmente das crianças e adolescentes e dos jovens” (ARAÚJO, 2014, p. 849).

Além disso, o *Movimento Pentecostal*, entre 1996-2013, sem manter uma regularidade no ar, foi transmitido pela Rede Manchete (extinta), Rede TV e Rede Bandeirantes. Sua programação geral constituía-se de “louvor e mensagens, atualidades, doutrinas bíblicas, milagres e testemunhos evangelísticos” (Ibidem, p. 850), bem como de mensagem do presidente da CGADB, o pastor José Wellington Bezerra, além de músicas religiosas dos cantores da atual *CPAD Music*, entrevistas, reportagens e divulgação dos livros e produtos da CPAD. Atualmente, além de novos quadros inseridos, mantém seu tradicional espaço para pregações, doutrinas bíblicas, músicas evangélicas, EBD, reportagens de milagres e eventos da AD em todo o país⁷⁸.

O *Palavra de Vida* é transmitido, aos sábados, às 12h, na Rede TV. Apresentado pelo bispo Samuel Ferreira, presidente da AD no Brás e presidente Executivo da Convenção Nacional das Assembleias de Deus no Brasil - Ministério de Madureira (CONAMAD). Esse ministério foi resultado do primeiro desligamento da CGADB, ocorrida em 1989. O programa “difunde em larga escala a ideologia da denominação e sua programação disponibiliza as contas da igreja, no banco Bradesco, para as contribuições voluntárias” (OLIVEIRA, 2017, p. 197).

Os fiéis também ouvem os programas da *Rádio Melodia*, do Rio de Janeiro, e da *Rádio Trans Mundial*, de São Paulo. Ambas não são explicitamente ligadas a nenhum grupo religioso, mas tem seu conteúdo cristão. As audiências nessas emissoras, certamente, é dada pela internet através de acesso aos *sites*⁷⁹, bem como ao *site* e aplicativo da *RadioNet*, na qual estão inseridas ou, até mesmo, pelas transmissões de determinados programas pelas Rádio Esperança e Rádio 92, ambas em São Luís.

⁷⁸ PROGRAMA Movimento Pentecostal reestreia no dia 10 de março. **CPADNews**. Disponível em: <<http://www.cpadnews.com.br/assembleia-de-deus/43171/programa-movimento-pentecostal-reestreia-no-dia-10-de-marco-.html>>. Acesso em: 08 jul. 2018.

⁷⁹ Links dos *sites* das emissoras de rádio: Rádio Melodia: <<https://www.transmundial.com.br/>>. Rádio Trans Mundial: <<https://www.melodia.com.br/inicio>>.

Outra programação mencionada foi a da *Rede Novo Tempo*, emissora que pertence à Igreja Adventista do Sétimo Dia, do Rio de Janeiro. Os programas da *TV Novo Tempo* são transmitidos, desde 2010, por meio do aluguel que a Igreja Adventista de São Luís fez do canal 44 e, desde 2015, pelo próprio canal de televisão que adquiriu⁸⁰. Com a quantidade de fiéis que tem acesso à internet (**Gráfico 17**), não se exclui a possibilidade de que também assistem aos conteúdos da emissora pelo canal no *YouTube*⁸¹.

A *Rede Boas Novas*, emissora direcionada para o público evangélico, que pertence ao pastor Samuel Câmara – presidente da AD em Belém do Pará – foi igualmente assinalado pelos fiéis. Sobre essa rede de rádio e televisão, falamos anteriormente. O referido religioso, que era filiado à CGADB, em novembro de 2017 desligou-se, e fundou uma nova convenção, denominada de Convenção da Assembleia de Deus no Brasil. Esse desligamento aconteceu depois que perdeu as eleições à presidência da CGADB, onde o pastor José Wellington Costa Junior foi eleito.

Os programas diários da IURD, liderada pelo bispo Edir Macedo, são transmitidos na Rede Record, Rede TV e Rede Bandeirantes, em diferentes horários⁸². Já as programações da IMPD, do apóstolo Valdemiro Santiago, ultimamente são veiculadas em dois canais de televisão: um aberto e outro a cabo. Ele, que já ocupou diversos horários de televisão na grade das programações das redes nacionais, vem perdendo esses espaços para a IURD, sua principal concorrente.

O programa *Diante do Trono* foi apresentado por Ana Paula Valadão do Ministério de Louvor Diante do Trono⁸³, bem como veiculado em diversas emissoras, Rede TV, Rede Gênese e Rede Super. Esta última, desde 2002, pertence à Igreja Batista da Lagoinha, de Belo Horizonte, Minas Gerais. O programa estreou em 2002, na Rede TV, mas terminou cinco anos depois; desde 2010, não foi mais exibido na Rede Gênese, cuja detentora é a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, de Brasília. No *site* da Rede Super, por exemplo, a última publicação acerca do programa data setembro de 2015. Quer dizer, embora,

⁸⁰ TV Novo Tempo agora tem canal próprio em São Luís. **Adventistas.org**. Disponível em: <<https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/comunicacao/tv-novo-tempo-agora-tem-canal-proprio-em-sao-luis/>>. Acesso em: 08 jul. 2018. NOVO Tempo chega a São Luís, no Maranhão. **NovoTempo.com**. Disponível em: <<http://novotempo.com/tv/2010/06/23/novo-tempo-chega-a-sao-luis-no-maranhao/>>. Disponível em: 08 jul. 2018.

⁸¹ Canal no *YouTube* da Rede Novo Tempo: <<https://www.youtube.com/user/RedeNovoTempo/videos>>.

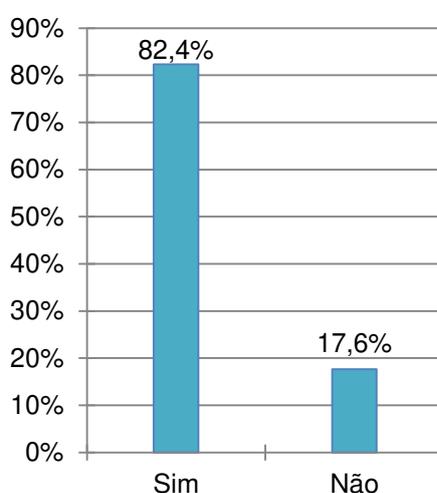
⁸² Sobre as programações da IURD na Rede Bandeirante, Rede TV e Rede Record ver o **Apêndice E**, **Apêndice F** e **Apêndice G**, p. 180.

⁸³ O Ministério “Diante do Trono” constitui-se como um dos cem grupos de trabalho da Igreja Batista da Lagoinha voltado para a produção musical. Esse Ministério é ancorado pela família Valadão, que também lidera a igreja e possui expressiva discografia com produção independente: produz DVDs e vídeos das apresentações realizadas na igreja e espaços públicos, bem como edita livros com a marca “Diante do Trono”, todos comercializados em lojas da igreja e pelo Portal Lagoinha (CUNHA, 2004).

tenha sido mencionado, o programa não é mais transmitido nessas redes de televisão. Não identificamos a programação nos *sites* em nenhuma dessas emissoras. Supõe-se, portanto, que assistem pelo canal do *YouTube* e *site* da Rede Super⁸⁴, uma vez que os programas gravados estão disponibilizados e reproduzidos nesses espaços

Além desses programas nacionais, o **Gráfico 21** aponta que os diferentes meios de comunicação presentes no cotidiano dos fiéis também são usados por 82,4% para assistirem/ouvirem programas religiosos locais, ao contrário de uma minoria de 17,6%.

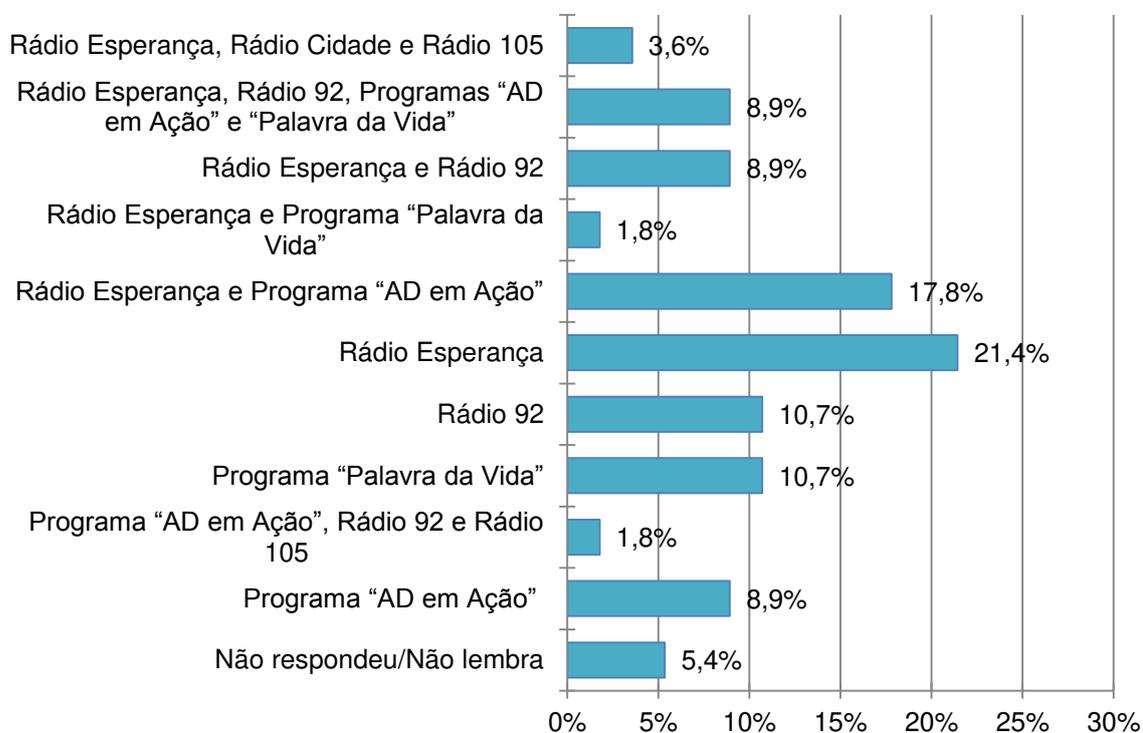
Gráfico 21 – Você ouve ou assiste programas evangélicos *locais*?



Dentre os programas religiosos mencionados, como aponta o **Gráfico 22**, a maior audiência dos fiéis da ADISL é dada às programações da *Rádio Esperança* e ao programa de televisão *AD em Ação*, da *Assembleia de Deus - Campo São Luís*. Esses programas foram citados pela maior parte dos fiéis pesquisados. Têm fiéis que assistem/ouvem somente essas duas programações (48,1%), e outros fiéis (25%) que acrescentam outras disponíveis nas emissoras de rádio e televisão local.

Sobre a *Rádio Esperança*, fizemos uma longa discussão no capítulo anterior. Por sua vez, a programação da *AD em Ação*, basicamente, trata-se da transmissão do culto de assembleia geral, realizado no *Templo-Sede*, sem as práticas litúrgicas da Igreja serem alteradas. A programação, que começou em 2008, além da pregação e músicas, divulga o endereço do campo, nome do pastor-presidente, e anúncios e informações acerca dos eventos que foram realizados e daqueles que estão programados pela Igreja.

⁸⁴ Os programas no *YouTube* estão disponibilizados no canal do Diante do Trono: <<https://www.youtube.com/user/DTOFICIAL/videos>>. Rede Super - Programa Diante do Trono: <<http://redesuper.com.br/programadiantedotrono/>>.

Gráfico 22 – Quais programas *locais* você ouve/assiste?

Além desses, o *Palavra da Vida* foi também mencionado pelos fiéis. É um programa de televisão, ligado à *Assembleia de Deus - Campo Tirirical*⁸⁵. Ao que parece, começou, em 2014, com transmissão pela TV Maranhense, aos domingos, das 10h45 às 11h15. Na grade da programação dessa emissora não encontramos informações relativas à continuidade da transmissão do programa. Por outro lado, esse campo procura está presente em diversos *sites* de redes sociais: *Instagram* com 1.533 seguidores, *Facebook* 7.340 curtidas, *YouTube* com 1.504 inscritos, *Twitter* com 15 seguidores e *Google+* com 10 inscritos, também⁸⁶. No *YouTube*, por exemplo, há várias pregações do pastor Osiel Gomes, presidente do campo.

A *Rádio 92*, sem vínculo denominacional, principal concorrente da *Rádio Esperança*, é também ouvida pelos fiéis, assim como a *Radio Cidade* e *Rádio 105*, que transmitem programas produzidos pelas igrejas deuteropentecostais e neopentecostais. Além disso, cabe ressaltar que, as *Rádio 92* e *Rádio Cidade* são emissoras com conteúdos religiosos

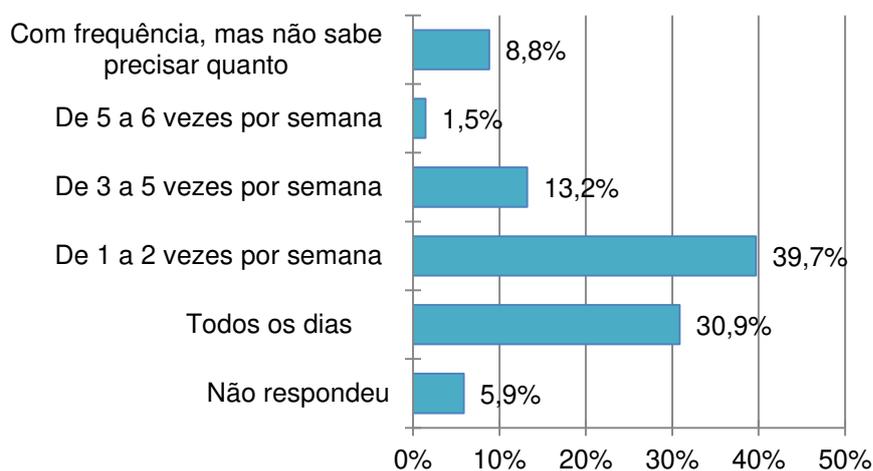
⁸⁵ Site da AD - Campo Tirirical: <<https://www.adtirirical.com.br/>>.

⁸⁶ *Instagram*: https://www.instagram.com/ad_tiriricaloficial/; *Google+*: <<https://plus.google.com/+ADTirirical/>>; *Twitter*: <https://twitter.com/ad_tirirical>; *YouTube*: <<https://www.youtube.com/adtirirical/videos>>; *Facebook*: <<https://www.facebook.com/adtirirical>>.

mais ouvidas pela rede mundial de computadores (**Tabela 8**, p. 110). Quanto à audiência da Rádio 105, não foi encontrada qualquer menção no *site da RadioNet*.

Por outro lado, a audiência nessas programações é baixa, comparativamente à assídua participação dos fiéis nos cultos da ADISL. Se, no **Gráfico 16**, vimos uma proporção de 80,4% dos fiéis que participam mais de três vezes por semana dos cultos, o **Gráfico 23**, por sua vez, apresenta que a maior parte, 39,7% dos fiéis ouvem/assistem as programações nacionais e locais, entre uma e duas vezes por semana. Entre os dois gráficos, fica evidente que a prioridade é dada aos cultos da ADISL, isto é, os programas nas mídias não substituem as relações que estabelecem com o sagrado e seus *irmãos*⁸⁷ nos espaços físicos da Igreja.

Gráfico 23 – Com que frequência você ouve/assiste programas religiosos?



Até aqui, foi discutido que os fiéis assistem diversos programas nacionais e locais. Como vimos, com a variedade de programas religiosos que se apresentam na mídia, não se restringem somente às programações que levam o nome AD, embora sejam as preferidas, tendo em vista os programas do Silas Malafaia e da Rádio Esperança serem os mais citados. Não só. As audiências são também dadas aos diferentes programas das igrejas evangélicas que possuem discursos que são convergentes e até divergentes à ADISL. Sem esquecer as emissoras que têm uma programação religiosa, mas sem vínculo com nenhuma denominação religiosa e com fins puramente mercadológicos.

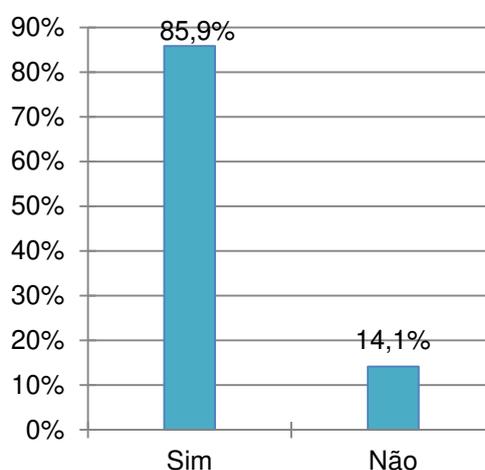
Ressalta-se ainda que o fato dos fiéis assistirem os programas das igrejas neopentecostais não significa que buscam prosperidade material, pois, como disse uma das

⁸⁷ O termo “irmão” e “irmã” são utilizados entre os fiéis da ADISL, indicando que fazem parte de uma família unida pela mesma fé e propósito.

entrevistadas, “tiram só o principal”, referindo-se o fato de não concordarem com a Teologia da Prosperidade. O “principal”, segundo ela, seria pregação e música religiosa. Também, podemos inferir que os fiéis não são influenciados pelas programações das igrejas neopentecostais, tendo em vista os dados dos **Gráfico 13** e **Gráfico 15**, em que uns deixaram as igrejas neopentecostais para vincular-se à ADISL, e outros que estão nela por aquilo que as demais igrejas não oferecem em seus discursos religiosos.

No entanto, o **Gráfico 24** mostra que para 85,9% os programas nacionais e locais são importantes para suas crenças religiosas, com uma taxa de 14,1% contrária.

Gráfico 24 – Os programas evangélicos são importantes para sua fé?



Ainda sobre o **Gráfico 24**, mas voltando a atenção nos fiéis que responderam positivamente sobre a importância dos programas religiosos nas suas crenças, foi perguntado o motivo dessa afirmação. As 85,9% de respostas apresentaram opiniões opostas e análogas. Todas essas razões relatadas pelos fiéis, para melhor entendimento e organização das ideias, estruturamos em três eixos.

No primeiro, os diferentes programas assistidos/ouvidos por parte dos fiéis são tomados como canais que oferecem *mais* conhecimentos relativos à Bíblia, informações e avisos necessários aos fiéis. As expressões “ajuda”, “acrescenta”, “aumenta”, “aprende mais”, “aprofundamento”, “complemento” e “reforço” sobressaíram nas respostas de nossos entrevistados e, ao mesmo tempo, corroboram os argumentos de que as programações religiosas na mídia são secundárias na vida dos fiéis, no sentido de que, primeiramente, todos os ensinamentos são transmitidos ou apreendidos na Igreja. Essas programações funcionam ou seriam mais complementares e opcionais e, às vezes, funcionando como um meio que

amenizam a distância física se os fiéis têm dificuldades de deslocar-se à Igreja, conforme podemos acompanhar abaixo:

[Aprendizagem e informação - programação como complementação] 1. Porque a gente aprende. São informações que a gente agrega. 2. Devido aos ensinamentos e a própria fé. 3. Porque tiro minhas dúvidas. Vejo testemunhos. Ajuda nas informações. Vejo felicidades das pessoas. As pessoas que não podem ir à igreja, assistem/ ouvem em casa. Também ajuda pessoas doentes a ouvirem/assistirem. 4. Aumenta o conhecimento da Palavra de Deus relacionado ao texto que a gente a ler. Deus fala de diversas formas, o mesmo texto fala de diversas formas. 5. Pelos avisos, informações, pela Palavra e louvor. 6. Porque neles a gente ouve e aprende aquilo que eles têm a ensinar para a gente. Aprendo a honrar a Deus e amar ao próximo. 7. Pelas informações sobre a Palavra de Deus. 8. Informa sobre a Palavra de Deus. 9. Eles servem para acrescentar o conhecimento e manter informado com as coisas que acontecem na Igreja. 10. Porque nos instruem, nos ensinam alguma coisa que a gente precisa. 11. Porque aprende mais, aumenta mais o conhecimento. Ouve na Igreja e televisão. 12. Onde se aprende muita coisa. 13. Porque aprende mais de Jesus. 14. Porque aprende mais, chama atenção da gente. Eu gosto. 15. Aprende mais da Bíblia. É aprendizagem, também. 16. Para o aprofundamento do conhecimento bíblico. 17. Informa. 18. Porque a gente aprende algo novo a cada dia. 19. Porque eles ensinam alguma coisa, e porque nem sempre estou na igreja. Pelas pregações, louvores... 20. Para ver se estão pregando a Palavra de acordo com a Bíblia. 21. Porque eles falam, aconselham como deve fazer, se comportar. 22. Ensinam a Palavra. 23. Porque mostram os ensinamentos e a gente aprende mais. 24. Ouve a explicação da Palavra de Deus; entende melhor. 25. Informa. 26. Há algo de ensinamento que reforça o que é dito na Igreja. 27. Porque a gente conhece mais de Deus. Porque sei que Deus dá sabedoria. 28. Porque eles gostam de explicar a Palavra de Deus, bem explicado para gente. 29. Porque é um complementar porque trazem a mensagem, a palavra da igreja. 30. Porque é um reforço, um referencial cristão. 31. Porque acrescenta. 32. Complemento. 33. Em certos momentos necessito da Palavra. 34. Acrescenta alguma coisa da Palavra. 35. Contribui e fortalece. 36. Porque vai aprendendo mais, faz e é um diferencial na vida de um cristão. Aumenta a fé. 37. Porque fala de salvação. 38. Porque simplesmente tudo está na Bíblia. Mostra a verdade. 39. Aproximação de Deus. 40. Ajudam com as palavras, músicas e os discursos.

No segundo eixo, outros fiéis apontaram que os programas funcionam como canais para edificação espiritual em suas casas. As programações seriam alternativas religiosas frente às programações seculares transmitidas diariamente nos meios de comunicação nacionais e locais. Tanto que os termos como “fortalece”, “incentiva”, “reanima”, “edifica”, “sustenta”, “alimenta”, “renova”, “reforça a fé”, “desperta”, “impulsiona”, “ajuda espiritualmente” e “coisas boas com fundamento”, usadas nas respostas de nossos entrevistados trazem à memória, por exemplo, o período em que os fiéis eram proibidos de terem aparelhos de rádio e televisão em suas residências que, segundo a CGADB, “prejudicava a espiritualidade” dos fiéis. Implicitamente, na visão dos fiéis, assistir/ouvir os programas evangélicos tornar-se importante para a fé porque vão em contramão às programações não religiosas, no sentido de que são canais que edificam a vida espiritual e aproximam mais de sua crença religiosa.

Nessa parte que acabamos de analisar, por exemplo, os fiéis, com suas próprias palavras, explicitaram suas posições sobre os programas evangélicos da seguinte forma:

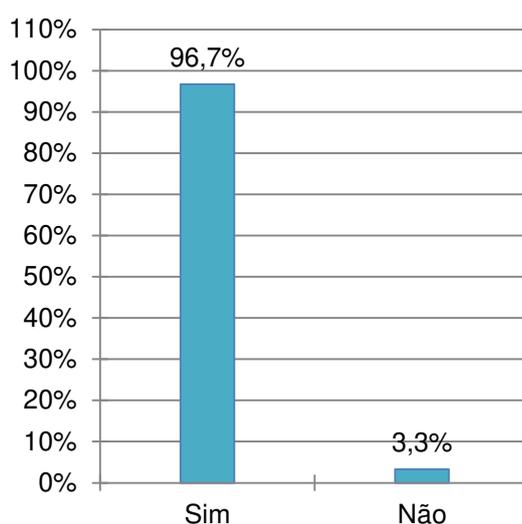
[Edificação espiritual] 1. Como modo de edificação. 2. A pregação fortalece e incentiva, reanima a fé, porque a vida da gente é cheia de problemas. 3. Porque edifica mais. 4. Porque me desperta buscar mais a Deus. 5. Porque todos eles trazem a mensagem de Deus. Isso é importante. 6. Porque dá mais sustentação. Abre mais a mente, porque tudo é mais voltado para Deus. Alimenta-nos, nos fortalece, dá sabedoria e nos capacitam. Pelos louvores que fortalece meus dias. Você ouviu a Palavra e tem o louvor. 7. Porque é edificante. 8. Acrescenta, além do conforto espiritual, palavras edificantes. Ouve coisas boas com fundamento, palavras de ânimo. 9. É uma forma de edificação em casa. 10. Nos edifica melhor. Para edificação. 11. Tem a pregação. São diferentes. Elas nos renovam, sempre. 12. Reanima o espírito. 13. Fortalece a fé. 14. Pela Palavra, edificação. 15. Porque fortalece a fé. Ajuda. 16. Porque ensina o cotidiano. Mantém a vida espiritual ativa. 17. Reforça a fé. 18. Ajuda. Impulsiona. 19. Porque mantém ela [a fé] sempre perto de mim e da minha família. 20. Para educação espiritual. 21. Edifica a vida espiritual. 22. Porque fortalece. 23. Desenvolvem o conforto espiritual. 24. Porque edifica, as mensagens, os testemunhos. A palavra edifica mais. 25. Ajuda espiritualmente. 26. Reforça a fé. 27. Ajuda a entender a fé. 28. Porque me incentiva a frequentar ainda mais. 29. Por causa das músicas que acalmam a alma. 30. Porque escuto testemunho, gosto de ouvir os hinos, adoração e pastor pregar, de tudo... 31. É uma forma de entretenimento, quando trabalho. 32. Porque os programas são diferentes.

No terceiro e último eixo, embora alguns fiéis tenham respondido positivamente sobre a importância dos programas religiosos nas suas crenças, suas justificativas voltaram-se para os benefícios que os programas podem trazer para outras pessoas que não fazem parte do grupo religioso do qual estão inseridos, pois seriam mais evangelizadoras, bem como para divulgação da Igreja. Segundo os fiéis, os programas religiosos nos meios de comunicação são produzidos para atingir os não evangélicos e não pessoas que já fazem parte da Igreja; pois, ao que parece, a Igreja já cumpriu a função na vida deles, no sentido de que já foram alcançados com suas ações proselitistas. Essas respostas ainda têm muito a ver com a questão do rádio e da televisão, quando se estabeleceram no país, que eram liberados somente para evangelização. Essas opiniões são apresentadas deste modo pelos fiéis:

[Programação evangelizadora e divulgação da Igreja] 1. Porque as mensagens são um canal de evangelização, através deles outras pessoas são evangelizadas; aqueles que não podem ir ao culto assistem a televisão. Através de um programa sério. São canais para atingir pessoas que não conhecem Jesus como seu único Salvador. 2. Pela divulgação do Evangelho. Divulga a Igreja. 3. Porque às vezes evangeliza outras pessoas que não podem frequentar a Igreja. 4. Porque tem a pregação do Evangelho. 5. Reforça a Palavra de Deus, leva a Palavra de Deus mais longe. 6. Porque através do programa muito gente se converte. 7. Porque muitas pessoas se convertem.

Além disso, e ainda complementando o último eixo que acabamos de tratar, o **Gráfico 25** indica que 96,7% dos fiéis acreditam que a existência e uso dos meios de comunicação contribuem para a conversão de pessoas, mas, como indicou o **Gráfico 17**, 26,1% não assistem/ouvem nenhuma mídia em sua relação com a Igreja. Isso não deixa de ser uma afirmação contraditória. Supõe-se, portanto, que a afirmativa majoritária do poder da mídia na conversão das pessoas baseia-se nas programações que assistem/ouvem das igrejas neopentecostais (**Gráfico 20 e Gráfico 22**), as quais exibem/apresentam testemunhos de como os fiéis foram atraídos para os templos em decorrência da mídia, bem como na crença compartilhada ou reprodução do senso comum.

Gráfico 25 – Em sua opinião, a existência e o uso de redes de rádio/televisão contribui na conversão das pessoas?

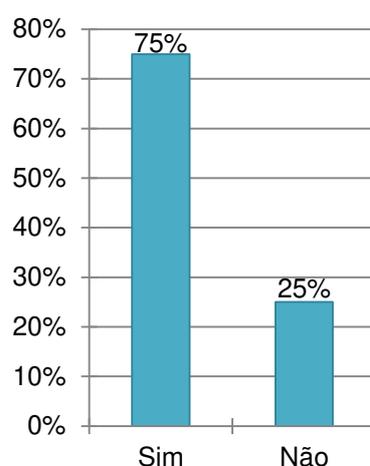


5.2.2 Alcances e limites da Rádio Esperança

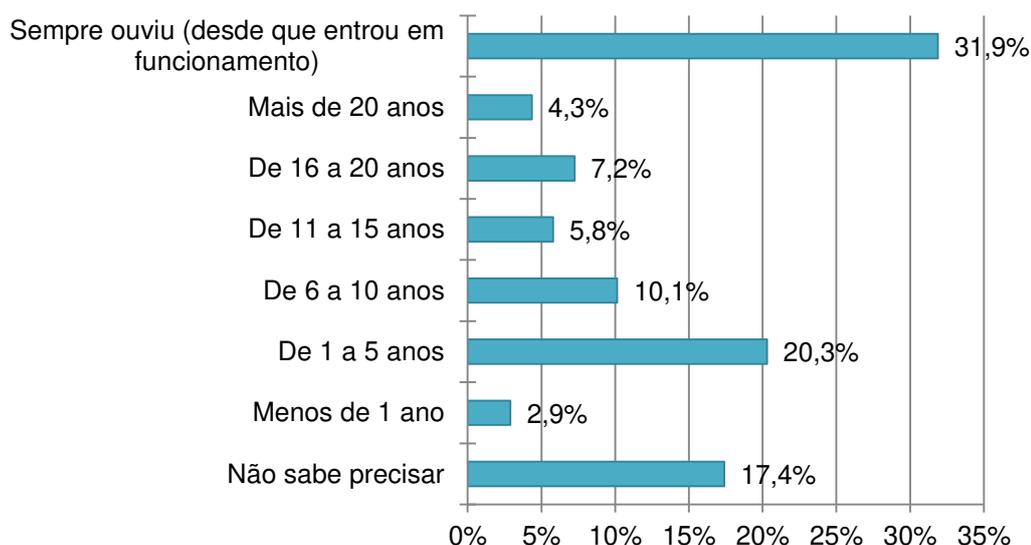
As últimas informações apresentadas demonstraram que a maioria dos fiéis da ADISL estabelece uma relação com a mídia, e o uso que faz dos diferentes meios de comunicação revela não só como se comporta em relação à mídia geral, mas, por outro lado, como grupos evangélicos buscam ter presença e visibilidade nesses ambientes midiáticos, cada um ao seu modo, tanto com a compra/arrendamento de horários, quanto pela aquisição de seus próprios canais de rádio e televisão e, ainda, com a reprodução de seus conteúdos nos mais diversos *sites* de redes sociais.

Assim, continuando com análises anteriores, a Rádio Esperança, que foi citada pelos nossos entrevistados juntamente com outras programações locais, a partir dos gráficos seguintes terá uma análise particular, tendo em vista que faz parte do objetivo principal da pesquisa. Nesse sentido, os dados do **Gráfico 26** especificam que, no corpo geral dos fiéis da ADISL, nem todos ouvem a Rádio Esperança, sendo 75% que responderam de forma positiva e 25% negativa.

Gráfico 26 – Você ouve a Rádio Esperança?

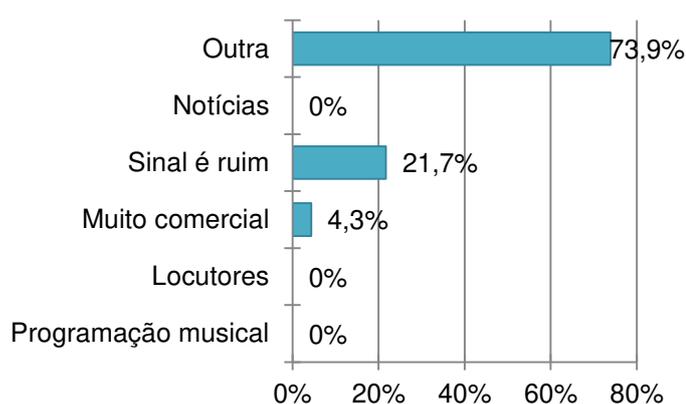


Aos fiéis que responderam positivamente o questionamento do **Gráfico 26**, os dados do **Gráfico 27** indicam que 31,9% ouvem a Rádio Esperança, desde que entrou em funcionamento, em 1990. Nessa proporção específica, parece que os incentivos iniciais da liderança da Igreja para os fiéis ouvirem a Rádio foram internalizados, pois mantiveram uma “audiência fiel” na emissora, mesmo diante das mudanças de administrações e direções, bem como do surgimento de outras rádios na Ilha de São Luís. Dos demais fiéis, 4,3% ouvem mais de 20 anos, 2,9% há menos de um ano e 17,4% não souberam precisar.

Gráfico 27 – Desde quando ouve a Rádio Esperança?

Com relação aos fiéis que responderam negativamente a pergunta do **Gráfico 26**, o **Gráfico 28** complementa e apresenta que 21,7% não escutam a Rádio Esperança por conta do sinal que é ruim e 4,3% por transmitir muitos comerciais e propagandas. Já os 73,9% restantes dos fiéis, preferiram a opção “outra”, na qual responderam com suas próprias palavras que os motivos são estes:

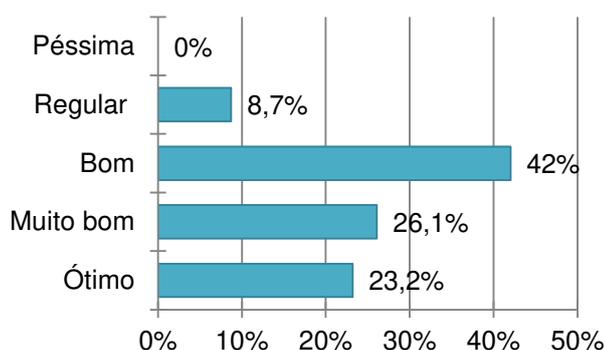
1. Porque não uso rádio. 2. Não tenho tempo. 3. Porque não tenho costume mesmo. 4. Porque não tenho costume de ouvir rádio. 5. Porque não tem [aparelho] de som. 6. Porque ouço outra rádio. 7. Porque não sou de escutar rádio. 8. Porque não tenho costume de ouvir rádio. 9. Porque não tenho vontade. 10. Falta de tempo. 11. Porque não utiliza rádio. 12. Programação geral. 13. Não tenho tempo 14. Porque trabalha e não tem [aparelho de] rádio. 15. Porque prefiro e já me acostumei com a Rádio 92. 16. Tenho outras ocupações (estudar) e não tenho costume de ouvir rádio. 17. Não tenho tempo e não tenho rádio.

Gráfico 28 – Por que você *não* ouve a Rádio Esperança?

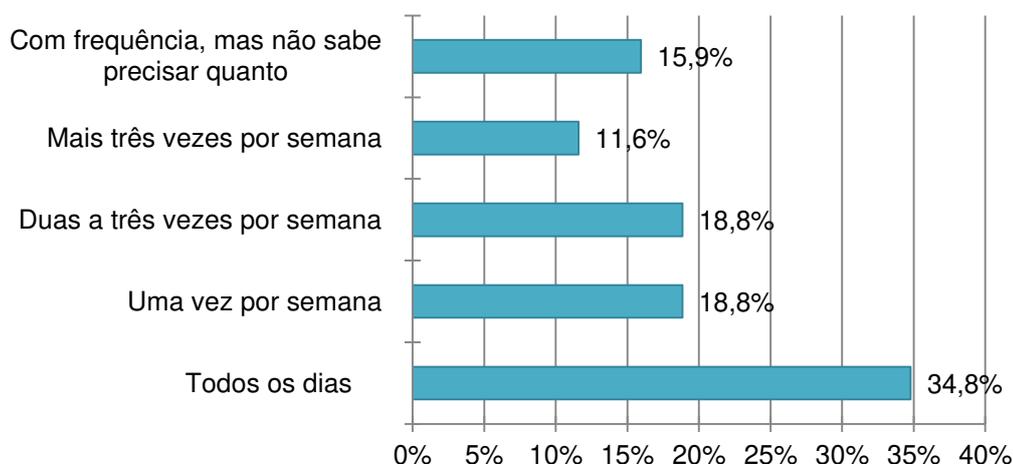
Sobre os dados do gráfico acima, é importante fazer algumas observações, no sentido de que as declarações parecem contraditórias, pois, como discutimos, a Rádio Esperança pode ser ouvida pela internet (celulares e computadores) e, ainda, o **Gráfico 18** indicou que 42,6% dos fiéis têm acesso à internet. Outro aspecto, também, é que o rádio caracteriza-se como um meio de comunicação que permite as pessoas realizarem outras tarefas enquanto escutam os programas, sem necessariamente ter que interrompê-las. Ademais, os fiéis que não possuem o costume de ouvir rádio, evidencia-se a perda da sua centralidade para esse público específico e, ao que parece, vivem no contexto marcado pelo uso da televisão e internet. Quer dizer, mesmo que a Rádio Esperança esteja se reinventando não obteve êxito com esse percentual de fiéis.

Além disso, os fiéis que ouvem a Rádio Esperança tem uma avaliação positiva da emissora, conforme o **Gráfico 29**. A proporção de 42% considera a programação boa, 26,1% muito boa, 23,2% ótima e 8,7% regular. Essas opiniões favoráveis por parte de nossos entrevistados acerca da Rádio Esperança não tem a ver com o conteúdo religioso em si, mas porque carrega o nome de rádio evangélica e que pertence a uma determinada Igreja e, assim, acaba diferenciando-se, em termos de filosofia, das rádios seculares presentes na Ilha de São Luís.

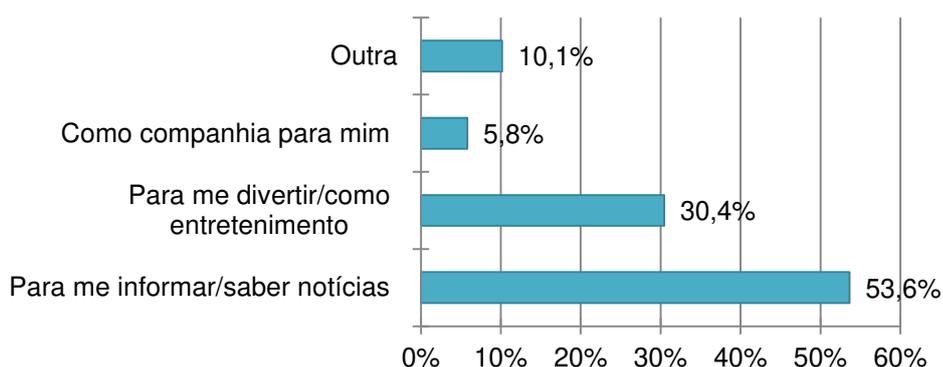
Gráfico 29 – O que você acha da programação apresentada pela Rádio Esperança?



Por sua vez, o **Gráfico 30** apresenta a quantidade de dias por semana que os fiéis ouvem as programações da Rádio Esperança. Os dados indicam que a frequência não é baixa, pois 34,8% ouvem todos os dias da semana, 18,8% uma vez, 18,8% duas a três vezes, 11,6% mais três por semana, e 15,9% ouvem com frequência, mas não souberam precisar.

Gráfico 30 – Quantas vezes por semana você ouve a Rádio Esperança?

Com relação aos principais motivos de ouvir a Rádio Esperança, o **Gráfico 31** sugere que 53,6% dos fiéis pesquisados sintonizam na emissora para obter de informações e saber notícias, 30,4% em razão do divertimento e entretenimento, 5,8% como companhia e 10,1% preferiram a opção “outra”, em que apresentaram estes motivos: “edificação e ouvir a mensagem”, “pregação”, “conforto”, “fortalecer a fé”, “saber a Palavra do Senhor”, “louvores” e “louvor e pregação”.

Gráfico 31 – Por quais motivos costuma ouvir a Rádio Esperança?

Noutras palavras, esses motivos pelos quais os fiéis costumam ouvir a Rádio Esperança podem ser mais bem explicados pelos aspectos “religioso” e “não religioso”:

- O aspecto “religioso” relaciona-se ao fato de somente 10,1% dos fiéis ouvirem as programações pelo conteúdo propriamente religioso, que consiste no fortalecimento da fé. E, ainda, 36,2% fiéis que ouvem a Rádio Esperança pela razão dela ser propriedade de uma determinada igreja evangélica, especificamente do grupo religioso geral, da qual estão

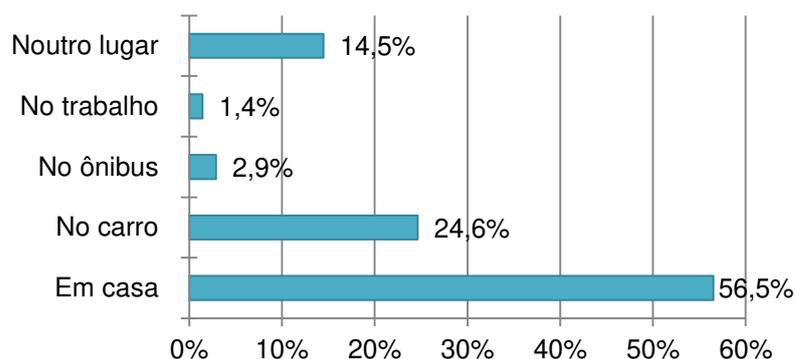
inseridos. Melhor explicando: mesmo que os fiéis digam que a emissora funciona como formas de entretenimento/divertimento e companhia, implicitamente ou não, tais motivos têm relação direta com a Igreja. Isso porque, como os fiéis têm vínculos com a ADISL, eles ouvem as programações da Rádio Esperança de forma constante e automática devido ao seu pertencimento a um determinado campo e abrirem espaços para outros campos. Quer dizer, a Rádio Esperança cumpre a função de ser uma escolha religiosa frente às rádios seculares ou, então, uma “socialização *sectária*”, no sentido de ter “atividades culturais paralelas às ‘mundanas’ com o intuito de proteger e reforçar a fé” (FREESTON, 1993, p. 136).

- O aspecto “*não religioso*” corresponde o fato de 53,6% dos fiéis entrevistados que ouvem a Rádio Esperança, não pelo seu conteúdo e ideal religiosos ou da propagação da fé, mas com a finalidade de saber notícias e informações, tanto do jornalismo, quanto dos avisos diversos transmitidos pela emissora. Fica evidente que a Rádio Esperança não é ouvida como elemento de fortalecimento, consolidação e renovação das crenças religiosas dos fiéis da ADISL. Esse último aspecto sobre os motivos pelos quais os fiéis costumam ouvir a Rádio Esperança, claramente, corrobora o que discutimos no **Gráfico 16**, de que o fortalecimento da fé ocorre pela vida orgânica na ADISL, com a participação ativa dos fiéis nos cultos, durante a semana; pois, são nos cultos que as lideranças ensinam como permanecer na Igreja, criando vínculos e proximidades com aqueles que partilham das mesmas crenças e convicções religiosas.

Ademais, é perceptível que os fiéis não substituem os cultos da Igreja pelas programações da Rádio Esperança, pois continuam sendo necessários e cruciais para os fiéis da ADISL se comunicarem com o sagrado, com sua divindade, com seus *irmãos da fé*. Fica mais claro ainda que a introdução da emissora, desde 1990, não alterou as práticas religiosas ou litúrgicas dos fiéis, no sentido de que são elas que suprem à frequência diária aos cultos. Aqui, tudo indica que há duas relações diferentes: a relação que os fiéis estabelecem com a ADISL, não é a mesma que têm com a Rádio Esperança. São experiências e participações distintas, onde uma não substitui a outra.

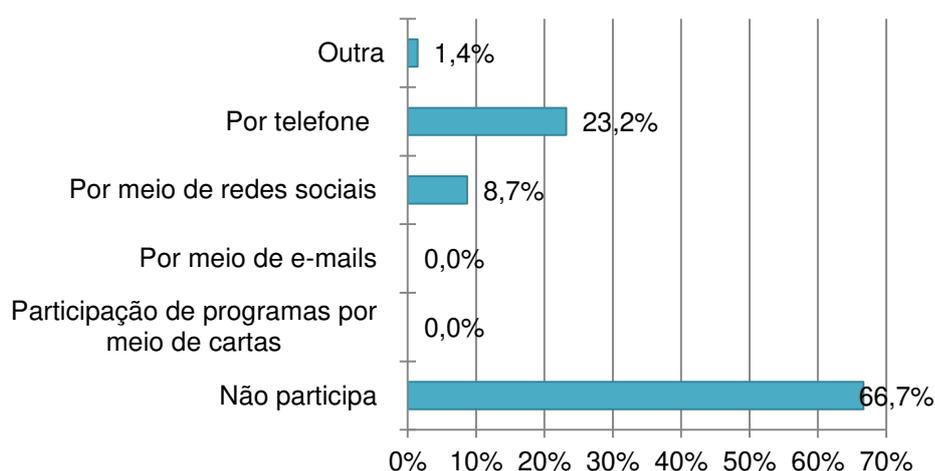
Outro aspecto que chama atenção é o percentual de 56,5% dos fiéis entrevistados que ouvem a Rádio Esperança em casa, 24,6% no carro, 1,4% no trabalho e 14,5% que sintonizam em outros lugares, alternando entre casa e trabalho, casa e carro. Estes dados explicam a razão da baixa audiência da rádio na internet – apresentada na **Tabela 8**, p. 110 –, já que os fiéis a ouvem em suas residências por meio de aparelhos convencionais. Eis os dados do **Gráfico 32**:

Gráfico 32 – Em geral, onde você costuma ouvir a programação da Rádio Esperança?



O **Gráfico 33** apresenta que, embora, a Rádio Esperança tenha encontrado na internet bases para reinventar-se, na tentativa de garantir uma interatividade com público e continuar ou conquistar audiência, mais da metade dos fiéis entrevistados (66,7%) são indiferentes às programações. Do restante, 33,3% dos fiéis que participam, verifica-se uma distribuição entre aqueles que preferem utilizar-se do telefone (23,2%), outros (8,7%) dos *sites* de redes sociais da emissora, bem como alguns (1,4%) que alternam entre o uso do telefone e dos *sites* de redes sociais, este último, explicitada pela alternativa “outra”.

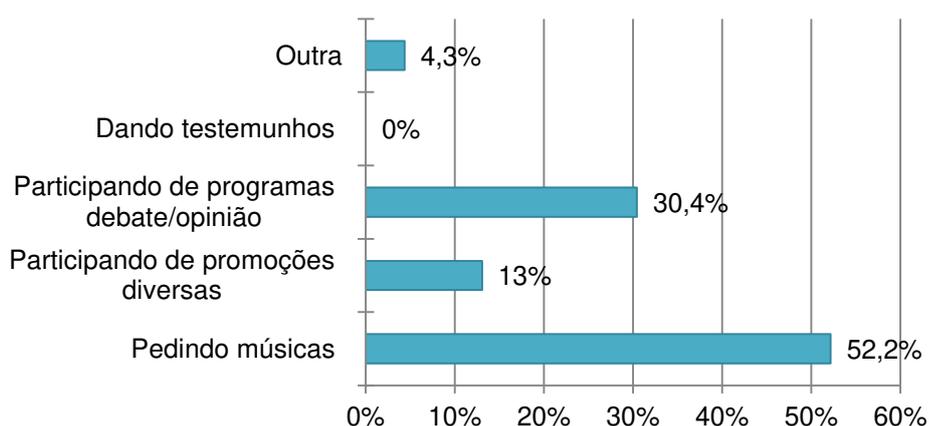
Gráfico 33 – Quais os tipos de participação você tem na Rádio Esperança?



Vimos que a maior parte da comunidade da ADISL não participa das programações. Mas, voltando-se à atenção aqueles que participam, o **Gráfico 34** indica que a interação da maior parte (52,2%) dos fiéis entrevistados ocorre pedindo músicas, 30,4% participando de debate/opinião, 13% de promoções, e 4,3% preferiram a opção “outra”, afirmando fazer “homenagem e oferecimentos”. Sobre a maior porcentagem – 52,2% – pode

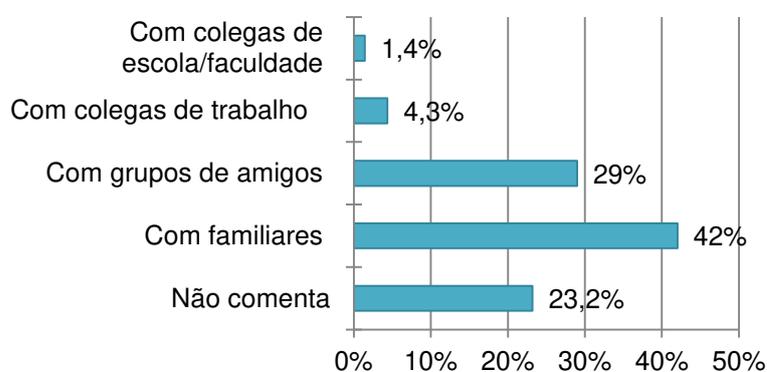
ser explicada em razão dos fiéis reforçarem a fé ouvindo as músicas evangélicas. Mas, mesmo assim, são poucos os fiéis que mantêm uma interatividade, tendo em vista que o **Gráfico 33** indicou que 66,7% não participam ou não interagem com a Rádio Esperança.

Gráfico 34 – A sua participação ocorre de que forma?



Além disso, a maior parte dos fiéis pesquisados (42%) comenta as programações da Rádio Esperança com seus familiares, isto é, a divulgação não circula amplamente entre os diversos círculos de sociabilidade que os fiéis estabelecem. Ou ainda, os comentários em outros grupos são baixos e consistem em 34% que divulga com amigos, colegas de trabalho, bem como colegas da escola e faculdade. Também, 23,2% não comentam, apenas sintonizam.

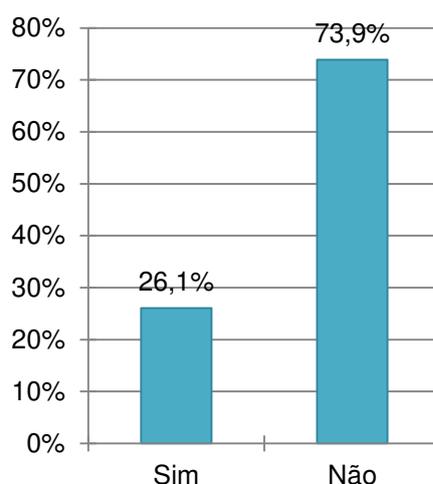
Gráfico 35 – Você comenta os programas da Rádio Esperança junto aos seus familiares, grupos de amigos ou colegas de trabalho?



Outro aspecto a considerar, também, conforme o **Gráfico 32**, é que a Rádio Esperança parece não ter ascendência comercial sobre seus ouvintes. Mais da metade dos fiéis

pesquisados (73,9%) não tomam os comerciais como referências para as suas transações comerciais. O restante dos fiéis (26,1%) demonstrou que os produtos que costumam adquirir a partir das propagandas da Rádio Esperança estão relacionados com os serviços, comércio em geral, educação, livros, panfletos, músicas, óticas, *shows* e moveis.

Gráfico 36 – Você costuma adquirir produtos e/ou serviços anunciados pela Rádio Esperança?



A partir das análises dos gráficos, vimos que a Rádio Esperança serve como um divulgador da Igreja e de suas atividades e eventos, sobretudo da *Assembleia de Deus - Campo São Luís*, mas não indica ser efetiva na transmissão de conteúdo religioso. Não só: parece que a Rádio Esperança conferiu/confere poder e prestígio social à ADISL, sobretudo às suas lideranças, bem como “*legitimação de seu ‘status’*” (MERTON, LAZARSELD, 1978, p. 236), no sentido de que a Igreja passa a ser reconhecida como importante dentro de um campo religioso diversificado e dinâmico, em que é maior igreja pentecostal. Até porque, qualquer instituição

necessita [de] reconhecimento social de sua existência e de suas atividades. O grau de legitimidade de uma instituição, num determinado universo social, depende do grau desse reconhecimento. A legitimidade institucional depende não só do reconhecimento interno, dos membros da instituição, como também daqueles que a ela pertencem. (MARTINO, 2003, p. 23).

Assim, embora as programações sejam direcionadas para o público interno da ADISL, os programas proporcionados aos fiéis não têm preponderantemente conteúdos religiosos, no sentido de reforçar as crenças dos nossos entrevistados. Todavia, pode ser que

isso aconteça através das demais programações religiosas locais e nacionais – de outras emissoras de rádio e televisão – que assistem/ouvem como demonstradas nos **Gráfico 20** e **Gráfico 22**.

No entanto, o crescimento da ADISL nos últimos anos, ao que tudo indica, ocorreu principalmente através das atividades religiosas que a Igreja faz e realiza, conforme o **Gráfico 16**. A Rádio Esperança não substituiu e não foi tão eficaz quanto ao evangelismo e ao proselitismo pessoal, como evidenciado pelo **Gráfico 14**. Quer dizer, mesmo tendo uma mídia própria, as lideranças mantiveram suas formas tradicionais de vivência de religiosidade, como celebrações, rituais, doutrinas e práticas comunitárias, sobretudo para alcançar fiéis.

A ADISL tem um comportamento particular em relação à mídia que, inclusive, difere das igrejas neopentecostais, dado que o surgimento da Rádio Esperança não mudou ou mudou muito pouco suas práticas e tradições religiosas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação, fundamentada em uma pesquisa que abrangeu levantamentos de dados, entrevistas e aplicação de questionários, procuramos analisar o uso da Rádio Esperança pela ADISL e sua influência no seu crescimento institucional e, principalmente, no seu número de fiéis entre 1990 e 2017. Isso porque, o período em que a Rádio Esperança entra em funcionamento, no início de 1990, coincide com o momento que inúmeras igrejas evangélicas, sobretudo AD, alteraram suas formas de comunicação com seu público, pois que se inseriram nos meios de comunicação, umas pelas compras de emissoras, outras pela compra e aluguel de horários nas grades de programações de rádio e televisão e algumas pelo recebimento de concessão pública do Governo Federal, objetivando a conquista de posições dentro do campo religioso.

Assim, a partir de toda a pesquisa mencionada, bem como das análises feitas ao longo da dissertação, foi possível mostrar que não existe uma relação direta entre o crescimento dos fiéis da ADISL e os meios e comunicação, sobretudo a Rádio Esperança. Quer dizer, para a ADISL, enquadrada dentro do *pentecostalismo clássico*, a causa do crescimento e da permanência dos fiéis parece se encontrar noutro lugar. Nesse sentido, os novos processos de socialização da sociedade brasileira e global parecem conter a resposta para a expansão do número de fiéis evangélicos. A competitividade da sociedade, o hiper-individualismo, a incerteza quanto ao futuro, o desamparo, o consumismo compulsivo e sem sentido etc., são fenômenos que talvez possam explicar o crescimento contínuo nas últimas décadas do número de fiéis da Igreja⁸⁸.

Isto porque, como vimos, a comunicação entre os fiéis e seus líderes é marcada pelas formas de ação e interação face a face com cultos presenciais na Igreja e ambientes públicos, na qual tempo e espaço coincidem, não desapareceu com a introdução da Rádio Esperança, ela permanece; dado que os fiéis da ADISL não deixaram os cultos da Igreja pelos programas da Rádio Esperança, no sentido de que uma supre a outra. Constatamos dois tipos de relações particulares e majoritárias: os fiéis na Igreja buscam conforto espiritual, e na emissora procuram obter informações variadas dos acontecimentos, eventos e circunstâncias gerais e específicas, locais e nacionais.

Também, cabe ressaltar que, apesar de termos partido da hipótese que a criação da Rádio Esperança teve como objetivo não só propagar o discurso religioso, mas principalmente

⁸⁸ Estas ponderações, apesar de baseadas nos dados aqui levantados, não são conclusivas, apontam para a necessidade de novos estudos e pesquisas.

fazer crescer a ADISL, foi constatado ainda que as práticas religiosas da Igreja ali desenvolvidas, alinhadas nacional e localmente com grupos de comunicação, não tiveram influência decisiva na conversão dos fiéis. Quer dizer, embora se tenha uma dimensão mais ampla que a ADISL investe ou tem sua própria *mídia evangélica*, as conversões dos fiéis aconteceram por outras vias, isto é, os fiéis não foram atraídos e alcançados pelas programações religiosas da emissora.

Na verdade, os discursos e mecanismos para manutenção fiéis e conversão de novos fiéis, frente ao número de outras igrejas existentes, não se deram diretamente pela Rádio Esperança, no sentido de que foram atraídos pelas programações radiofônicas para a Igreja. Por outras palavras, a manutenção ou permanência dos fiéis na Igreja ocorre pela vida orgânica que têm com a ADISL, onde compartilham da mesma fé e dos mesmos rituais, com presença ativa e constante nos cultos durante a semana. Já no que concerne à conversão de pessoas que não fazem parte do grupo religioso, podemos afirmar que os cultos realizados na própria Igreja e nos ambientes públicos, com finalidades de evangelização, são responsáveis pela conquista de novos fiéis que, em geral, são pessoas não evangélicas atraídas por vínculos familiares e pessoais de fiéis pertencentes à ADISL; embora, como mostramos, a Rádio Esperança faça divulgação das programações ou eventos realizados pela Igreja.

Desta forma, a afirmação de que a mídia influencia no crescimento das igrejas pentecostais não é segura. É problemática também. Pode ser que essa realidade seja específica das igrejas neopentecostais, sobretudo da IURD, IIGD e IMPD que têm visibilidades, presenças nacionais e seus proselitismos são midiáticos. Inclusive, a fundação delas coincide com o desenvolvimento dos meios de comunicação no país a partir dos anos de 1970. Essas igrejas neopentecostais nascem no contexto moderno, favorecidas pela integração de sistema eficaz de telecomunicações no Brasil.

Diversamente, a realidade da ADISL parece ser outra, mesmo que coincida o tempo do incremento no número de fiéis que se converteram/permaneceram na Igreja e o período de funcionamento da Rádio Esperança. Ou seja, os dados do IBGE, entre 1991-2010, demonstram que a AD cresceu nos últimos anos, mas as informações desta pesquisa mostraram que não têm relação direta com as mídias, sobretudo com a Rádio Esperança. Talvez isto se explique pelo fato de que, no momento em que a Rádio Esperança surge, a Igreja-Mãe de São Luís tinha cerca de sete décadas de existência dentro campo religioso maranhense. Quer dizer, a criação da emissora não aconteceu de forma paralela à fundação da Igreja, como aconteceu com as igrejas neopentecostais.

Além disso, vimos ainda que, embora a Rádio Esperança seja da *AD - Campo São Luís*, em nenhum momento foi custeada totalmente pela Igreja. Sua contribuição sempre ocorreu de forma mais complementar, quando os recursos são insuficientes para os pagamentos necessários à manutenção da emissora em funcionamento. Tanto que a preocupação pela busca de anunciantes se estendeu ao longo das diferentes direções e administrações da Rádio Esperança. Isto é, a Rádio Esperança é mantida principalmente pela publicidade e com a ajuda secundária da Igreja.

Também, verificamos que durante quase 30 anos de existência, o único diretor com formação em Comunicação Social –, foi o pastor Benjamin Lima de Souza, aquele que estruturou e gerenciou a Rádio Esperança com programações diversificadas e diferenciadas, direcionadas principalmente para a cidade. Depois que deixou a direção da emissora, os parâmetros, pontos de vista e objetivos em que as programações foram concebidas, construídas e organizadas foram modificados.

Por esses aspectos, chega até ser difícil sistematizar qual a função da Rádio Esperança. Contudo, vimos que a administração e direção da Rádio Esperança passaram por dois momentos diferentes. Se até na liderança do pastor Estevam as programações da Rádio Esperança eram construídas em formatos que atingisse o público interno e principalmente o público externo; na liderança do pastor Coutinho elas têm um direcionamento para os fiéis da ADISL, no sentido de ser o “braço-forte” da Igreja, isto é, reproduzir os mesmos ideais da Igreja; isto, no entanto, não redundou num maior poder de conversão religiosa da emissora.

Atualmente, a Rádio Esperança age e planeja suas programações dentro do mercado radiofônico no Maranhão bastante religioso e secular, no sentido de que já não é mais a única emissora evangélica do estado, tendo que conviver com outras emissoras de rádios presentes na Ilha de São Luís que disputam os mesmos públicos e audiências. A Rádio Esperança nasce concretizando um dos “projetos fundadores” do pastor Estevam Ângelo de Souza e colocando definitivamente a Igreja na mídia, como a proprietária de seu próprio veículo de comunicação, mas seu o projeto inicial de ser uma rádio direcionada principalmente para sociedade parece não ter vigorado com as novas direções e administrações. Chega até ser contraditório, uma vez que as programações são direcionadas sobretudo para a Igreja, mas os fiéis não ouvem por causa do conteúdo religioso oferecido.

Assim, as mídias em geral, à medida que são de eficácias duvidosas no que tange ao crescimento dos evangélicos, têm por papel não só reafirmarem a “Palavra de Deus” pelos diversos programas religiosos, mas, também, ao fazerem isso, servirem de instrumento de legitimação das lideranças ou das igrejas. Neste sentido, o uso de um meio de comunicação

como a Rádio Esperança, ao tornar visível a ADISL, cria um reconhecimento da sociedade em que ela está inserida. Portanto, não podemos afirmar que a Rádio Esperança não tem importância na história da ADISL, uma vez que a emissora marca social e historicamente a sua presença numa mídia, principalmente para sua legitimidade e reconhecimento externo.

Em síntese: a partir da presente dissertação, baseada na pesquisa aqui exposta, podemos afirmar que o sagrado, a crença, os louvores, etc., mesmo difundidos por um meio de comunicação, não conseguem ser propagados e reproduzidos de maneira profícua pelas ondas radiofônicas; aqui, especificamente, pela Rádio Esperança. Por esta via, nosso estudo mostrou que o resultado indica ser quase nulo. A fé, o compartilhamento de determinadas crenças e cultos, os vínculos entre os fiéis, etc., parecem ser de fato alcançados quando da existência de uma recorrente e intensa vida orgânica no interior da Igreja. Ou seja, o crescimento institucional e a significativa ampliação do número de fiéis da ADISL nas últimas décadas, esta inserida num mundo social muito específico, foram assegurados por essa prática religiosa cotidiana, cuja força e efetividade revelaram e ainda revelam-se incontestes.

REFERÊNCIAS

ABREU, J. S. **O crescimento da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Pinheiro-MA e sua relação com mídia radiofônica e televisiva local (1990-2014)**. 2014. 80 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)-Universidade Federal do Maranhão, Curso de Licenciatura em Ciências Humanas - História, Pinheiro, 2014.

ALENCAR, Gedeon Freire de. **Todo poder aos pastores, todo trabalho ao povo, todo louvor a Deus: Assembléia de Deus: origem, implantação e militância (1911-1946)**. 2000. 149 f. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais e Religião)-Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, São Paulo, 2000.

_____. **Assembleias Brasileiras de Deus: teorização, história e tipologia - 1911- 2011**. 2012. 285 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

ALMEIDA, Adroaldo José Silva. **“Pelo Senhor, marchamos”**: Os evangélicos e a ditadura militar no Brasil (1964-1985). 2016. 310 f. Tese (Doutorado em História)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Niterói, Rio de Janeiro, 2016.

ALMEIDA, Ronaldo de. Pluralismo religioso e espaço metropolitano. In: MAFRA, Clara; AMEILDA, Ronaldo de. (Orgs.). **Religiões e cidades: Rio de Janeiro e São Paulo**. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p. 29-50.

ALMEIDA, Ronaldo de; MONTERO, Paula. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.15, n.3, p. 92-101, jul./set. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300012>. Acesso em: 21 jun. 2014.

ALVES, Joemerson Carlos Botelho. **Regência coral e direção musical nos grupos vocais da Assembleia de Deus em Vila Kiola: da importância da prática à performance de resultados**. 2016. 70 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)-Universidade Federal do Maranhão, Curso de Música, São Luís, 2016.

ARAÚJO, Isael de. **Dicionário do Movimento Pentecostal**. 3. imp. Rio de Janeiro: CPAD, 2014.

AUBRÉE, Marion. Gênese e atualidade na noção durkeimiana de efervescência. **Revista Pós Ciências Sociais**, v. 10, n. 19, p. 15-29, 2013. São Luís: EDUFMA, 2013.

BABIE, Earl. **Métodos de Pesquisa de Survey**. Tradução de Guilherme Cezarino. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BARBETTA, Pedro Alberto. **Estatística aplicada às Ciências Sociais**. 5. ed. Florianópolis: UFSC, 2002.

BAPTISTA, Saulo de Tarso Cerqueira. **Cultura política brasileira, práticas pentecostais e neopentecostais: A presença da Assembleia de Deus e da Igreja Universal do Reino de Deus no Congresso Nacional (1999-2006)**. 2007. 562 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)- Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2007.

BELLOTTI, Karina Kosicki. **Uma luz para o seu caminho: A mídia presbiteriana no Brasil no caso de “Luz para o caminho” (1976-2001)**. 270 f. 2003. Dissertação (Mestrado em História Cultural)- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2003.

_____. Mídia, religião e história cultural. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, p. 96-115, 2004. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2004/p_bellotti.pdf>. Acesso em: 07 jun. 2014.

_____. A participação dos evangélicos na mídia. In: SILVA, Elizete da; SANTOS, Lyndon Araújo dos; ALMEIDA, Vasni de. (Orgs.). **“Fiel é a palavra”**: Leituras históricas dos evangélicos protestantes no Brasil. Feira de Santana: UEFS Editora, 2011.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. Tradução de José Carlos Barcellos. São Paulo: Paulus, 1985.

BITUN, Ricardo; SOUZA NETO, João Clemente de. Formas elementares da vida religiosa: apontamentos de uma abordagem durkheimiana para compreensão da atualidade do fenômeno neopentecostal no Brasil. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo/SP, v. 26, n. 42, p. 63-82, jan./jun. 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/3428/3217>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BOHN, Simone R. Evangélicos no Brasil. Perfil socioeconômico, afinidades ideológicas e determinantes do comportamento eleitoral. **Opinião Pública**, Campinas, v. 10, n. 2, p. 288-338, out.2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762004000200006>. Acesso em: 19 maio 2014.

BORELLI, Viviane. Mídia, dispositivo e os novos contratos de leitura geram uma outra religião. **BOCC - Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação**, p. 1-15, 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/borelli-viviane.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

_____. Os sentidos do religioso e do midiático por fiéis da Igreja Internacional da Graça de Deus. **Revista Líbero**, São Paulo, v. 15, p. 125-134, 2012. Disponível em: <<http://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/311/285>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

BORGES JUNIOR, Jerônimo Rodrigues. **A participação política da Igreja Evangélica Assembleia de Deus no estado do Maranhão pós-1986**. 2010. 118 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) - Universidade Federal do Piauí, Piauí, 2010.

BOURDIEU, Pierre. Introdução a uma sociologia reflexiva. In: _____. **O poder simbólico**. 2. ed. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

_____. Sociólogos da crença e crenças de sociólogos. In: BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. 6. ed. Tradução de São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRANDÃO, Mateus de Fátima. **Uma análise da Teologia da Prosperidade no discurso religioso do pastor Silas Malafaia**. 92 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)- Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2018.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2015: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014. Disponível em: <<http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2015.pdf>>. Acesso em: 18 jan.2017.

CALABRE, Lia. **A era do rádio**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

CAMPOS, Leonildo Silveira. **Teatro, templo e mercado: organização e marketing um empreendimento neopentecostal**. Petrópolis, RJ: Vozes; São Paulo: Simpósio e UMESP, 1997.

_____. Evangélicos, pentecostais e carismáticos na mídia radiofônica e televisiva. **Revista USP**, São Paulo, p. 146-163, mar./maio 2004. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/61/15-leonildo.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

_____. Evangélicos e mídia no Brasil - uma história de acertos e desacertos. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 1-26, set. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_campos.htm>. Acesso em: 26 ago. 2012.

CARREIRO, Gamaliel da Silva. **Análise sócio-desenvolvimental do crescimento dos evangélicos no Brasil**. 2007. 323 f. Tese (Sociologia)-Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais, Brasília, 2007.

_____. Evangélicos urbanos: rememorando e reinterpretando a presença evangélica no Brasil. CARREIRO, Gamaliel da Silva; SANTOS, Lyndon de Araújo; FERRETTI, Sérgio Figueiredo. (Orgs.). **Religião & religiosidades no Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2011. p. 117-149.

_____. Democracia epidérmica: declínio do congregacionalismo e ascensão do episcopado nas igrejas evangélicas brasileiras. In: CARREIRO, Gamaliel da Silva; SANTOS, Lyndon de Araújo; FERRETTI, Sérgio Figueiredo. (Orgs.). **Missa, culto, tambor: os espaços das religiões no Brasil**. São Luís: EDUFMA, FAPEMA, 2012. p. 211-253.

CAMURÇA, Marcelo. Da boa e da “má vontade” para com a Religião nos Cientistas Sociais da Religião brasileiros (Comentários a propósito do balanço realizado por Antônio Flávio

Pierucci sobre a produção acadêmica da Sociologia da Religião no Brasil, nos últimos 25 anos). **Revista Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p: 67-86, abr., 2000.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 6. ed. Tradução de Roneide Venancio Majer e Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CÉSAR, Cyro. **Como falar no rádio: prática de locução AM e FM**. 10.ed. São Paulo: Summus, 2009.

COLLINS, Carlos Eduardo da Silva. **Manuel da Conceição, um camponês pentecostal subversivo: memória da luta camponesa no Maranhão (1950-1970)**. 2009. 61 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)-Universidade Federal do Maranhão, Curso de História, São Luís, 2009.

CONCEIÇÃO, Antoniano Azevedo da. **A experiência pentecostal no Brasil e no Maranhão: A Assembleia de Deus em São Luís na transição de 1996**. 2018. 66 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)- Universidade Federal do Maranhão, Curso de História, São Luís, 2018.

CONDE, Emílio. **História da Assembléias de Deus no Brasil**. 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

CORREA, Marina Aparecida Oliveira dos Santos. **A operação do carisma e o exercício do poder: A lógica dos ministérios das igrejas Assembleias de Deus no Brasil**. 2012. 351 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

_____. **Alteração das Características Tradicionais da Igreja Assembléia de Deus: Um estudo a partir da igreja do bairro Bom Retiro em São Paulo**. 2006. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

CUNHA, Magali do Nascimento. **“Vinho novo em odres velhos”**: Um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário no Brasil. 2004. 347 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

_____. Casos de família: um olhar sobre o contexto da disputa “Igreja Universal do Reino de Deus x Igreja Mundial do Poder de Deus” nas mídias. **Revista de Estudos da Religião**, v. 12, p. 101-110, 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/14567/10592>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

_____. “A Serviço do Rei”. Uma análise dos discursos cristãos midiáticos. **Revista de Estudos da Religião**, p. 46-68, 2008. Disponível em: <www.pucsp.br/rever/rv3_2008/t_cunha.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2017.

D’AVILA, Edson. **Assembléia de Deus no Brasil e a Política: uma leitura a partir do Mensageiro da paz**. 2006. 189 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)-Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Filosofia e Ciências da Religião, São Bernardo do Campo, 2006.

DELGADO, Jaime Silva. **Nem terno nem gravata: As mudanças na identidade pentecostal assembleiana**. 2008. 174 f. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais)-Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, Pará, 2008.

DIAS, Júlio César Tavares. **As religiões afro-brasileiras no discurso da Igreja Universal do Reino de Deus: a reinvenção do demônio**. 2012. 131 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)- Universidade Católica de Pernambuco, Recife, 2012.

DIETRICH, Pascale; LOISON, Marie; ROUPNEL, Manuella. Articular as abordagens quantitativa e qualitativa. In: PAUGAM, Serge (Org.). **A pesquisa sociológica**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.171-182.

DOMINGUES, José Maurício. Mídia e religião, cultura e civilização. In: _____. **Sociologia e modernidade: Para entender a sociedade contemporânea**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 116-144.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa** (o sistema totêmico na Austrália). 3. ed. Tradução de Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. Regras relativas à explicação dos fatos sociais. In: BOTELHO, André (Org.). **Essencial Sociologia**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

FAJARDO, Alexander. **A atuação dos evangélicos no rádio brasileiro: origem e expansão**. 2011. 170 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)-Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Humanidades e Direito, São Bernardo do Campo, 2011.

FAJARDO, Maxwell Pinheiro. **“Onde a luta se travar”**: A expansão das Assembleias de Deus no Brasil urbano (1946-1980). 2015. 358 f. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2015.

_____. Contribuições das *Formas elementares de vida religiosa* de Émile Durkheim para o estudo do pentecostalismo brasileiro. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo/SP, v. 26, n. 42, 172-185, jan./jun., 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/3416/3225>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

FERRAZ, Sarah Menoya. **Discurso e argumentação no programa televisivo Vitória em Cristo de Silas Malafaia**. 2014. 135 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2014.

FERNANDES, Rubeneide Oliveira Lima. **Movimento Pentecostal, Assembléia de Deus e o estabelecimento da Educação Formal**. 2006. 158 f. Dissertação (Mestrado em Educação)-Universidade Metodista de Piracicaba, Faculdade de Ciências Humanas, Piracicaba, São Paulo, 2006.

FRESTON, Paul. **Protestantismo e política no Brasil: da constituinte ao impeachment**. 1993. 307 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais)-Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 1993.

FONSECA, Alexandre Brasil. **Evangélicos e Mídia no Brasil**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Curitiba: Faculdade São Boaventura, 2003.

FONSECA, André Dioneu. Os impressos institucionais como fonte de estudo do pentecostalismo: uma análise a partir do livro “História da Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil”. **Revista História em Reflexão**, Dourados/MS, vol. 3, n. 5, p.1-21, jan/jun. 2009. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/viewFile/206/183>>. Acesso em: 17 jul. 2017.

FONTELES, Heinrich Araújo. A ascensão da mídia evangélica: pelo uso do tripé político, econômico e tecnológico. **VOOS Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade Guairacá**, Guairacá/PR, vol. 2, p. 03-16, jul. 2010. Disponível em: <http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/76/01_Vol2_VOOS2010_C L1>. Acesso em: 09 jan. 2013.

_____. **Fé na mídia**: um estudo das imagens técnicas (TV Record) como estratégia de comunicação e sobrevivência da Igreja Universal do Reino de Deus. 2012. 484 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica)-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GERHARDT et al. Estrutura do projeto de pesquisa. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 65-88.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

GOMES, Edlaine de Campos. Ser única e universal: materializando a autenticidade na cidade do Rio de Janeiro. In: MAFRA, Clara; AMEILDA, Ronaldo de (Orgs.). **Religiões e cidades**: Rio de Janeiro e São Paulo. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p. 111-132.

GUERRIERO, Silas. A atualidade da teoria da religião de Durkheim e sua aplicabilidade no estudo das novas espiritualidades. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo/SP, v. 26, n. 42, p. 11-26, jan./jun., 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/3409/3210>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAME, Jean- Paul. Introdução. In: HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAME, Jean- Paul. **Sociologia e religião**: abordagens clássicas. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Ideias & Letras, 2009. p. 9-15.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Émile Durkheim (1858-1917). In: HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAME, Jean- Paul. **Sociologia e religião**: abordagens clássicas. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Ideias & Letras, 2009. p. 163-213.

_____. Georg Simmel (1858-1918). In: HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAME, Jean- Paul. **Sociologia e religião**: abordagens clássicas. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Ideias & Letras, 2009. p. 125-162.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico - 2000. Características Gerais da População: Resultados da Amostra. **Tabela 1.3.1 - População residente, por sexo e situação do domicílio, segundo a religião - Brasil**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2000/default_populacao.shtm>. Acesso em: 22 jul. 2017.

_____. Censo Demográfico - 2010. Características Gerais da População - Resultados da Amostra. **Tabela 1.4.1 - População residente, por situação do domicílio e sexo, segundo os grupos de religião - Brasil - 2010**. Disponível: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_xls.shtm>. Acesso em: 22 jul. 2017.

LAZARFELD, Paul F.; MERTON, Robert K. Comunicação de massa, gosto popular e ação social organizada. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural: leituras de análise dos meios de comunicação na sociedade contemporânea e das manifestações de opinião pública, propaganda e cultura de massa nessa sociedade**. São Paulo. Nacional, 1978. p. 230-253.

MAJEWSKI, Rodrigo Gonçalves. **Assembleia de Deus e teologia pública: o discurso Pentecostal no espaço público**. 93f. 2010. Dissertação (Mestrado em Teologia)-Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2010.

MARIANO, Ricardo. Igreja Universal do Reino de Deus: a magia institucionalizada. **Revista USP**, São Paulo, p.120-131, set./ nov., 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26006>>. Acesso em: 26 dez. 2012.

_____. Balanço da teoria sociológica clássica sobre o crescimento pentecostal. III SIMPÓSIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES/ SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA DAS RELIGIÕES, 2001, Recife, PE. **Anais eletrônicos...** Recife, PE: ABHR. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/publicacoes/anais-dos-simposios/anais-do-iii-simposio-da-abhr-seminario-internacional-de-historia-das-religioes-2001>>. Acesso em: 08 jun. 2018.

_____. Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 111-125, jun. 2003. Disponível: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/112/108>>. Acesso em: 01 maio 2014.

_____. Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.18, n.52, p.121-138, set./dez. 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2012.

_____. **Neopentecostais: Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. Crescimento pentecostal no Brasil: fatores internos. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.18, n.52, p. 68-95, set./dez. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.htm>. Acesso em: 26 dez. 2012.

_____. Laicidade à brasileira: católicos, pentecostais e laicos em disputa na esfera pública. **Revista Civitas**, Porto Alegre, v. 11, n. 2, p. 238-258 maio/ago. 2011a. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/civitas/article/view/9647/0>>. Acesso em: 08 jan. 2013.

_____. Sociologia do crescimento pentecostal no Brasil: um balanço. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, ano 43, n. 119, p. 11-36, jan./abr. 2011b. Disponível em: <<http://faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/1028/1449>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

_____. Mudanças no campo religioso brasileiro no Censo 2010. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 119-137, jul./dez. 2013. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/debatesdoner/article/view/43696>>. Acesso em: 08 jun. 2014.

MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 67-93.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Mídia, religião e sociedade: das palavras às redes digitais**. São Paulo: Paulus, 2016.

_____. **Poder e poder simbólico: um ensaio sobre comunicação e campo religioso**. São Paulo: Paulus, 2003.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. Evolução histórica e configuração atual do protestantismo no Brasil. In: MENDONÇA, Antônio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Loyola, 2002.

MENESES, Jonatas Silva. Igreja Evangélica Assembleia de Deus: movimento, continuidade e mudanças. **Revista Lusófona de Ciência das Religiões**, Lisboa, v. 18-19, p. 155-164, 2013. Disponível em: <<http://revistas.ulusofona.pt/index.php/cienciareligioes/article/view/4486/3019>>. Acesso em: 08 dez. 2015.

MINA, Andréia Mendes de Souza. **Nós e o mundo. A construção do “outro”**: alteridade e pertencimento no material de divulgação brasileiro da Igreja Assembléia de deus (AD) e Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) na década de 1990. 2004. 126f. Dissertação (Mestrado em História Cultural)-Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Florianópolis, Santa Catarina, 2004.

MORAES, Gerson Leite de. **A força midiática da Igreja Internacional da Graça de Deus**. 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião)- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

MONTEIRO, Márcio; PINHEIRO, Carlos Eduardo. A programação musical das emissoras de rádio em São Luís: notas sobre formatos de programas, gêneros musicais e participação do público. In: XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 2012, Recife - PE. **Anais eletrônicos...** Recife - PE: Intercom. Disponível em:

<www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R32-0731-1.pdf>. Acesso em: 30 set. 2014.

MOTA, Elba Fernando Marques. **Poder, subjetividade e condição feminina no pentecostalismo maranhense: o caso da Igreja Assembleia de Deus (1940-1990)**. 2009. 105f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)-Universidade Federal do Maranhão, Curso de História, São Luís, 2009.

_____. **Representações de si e prática da escrita na religião: a produção de Estevam Ângelo de Souza na Assembleia de Deus no Maranhão (1957-1996)**. 2013. 167f. Dissertação (Mestrado em História Social) - UERJ, Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2013.

NOVAES, Regina Reyes. A divina política: Notas sobre as relações delicadas entre religião e política. **Revista USP**, São Paulo, n. 49, p. 60-81, mar./maio 2001. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/32908/35478>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

OLIVEIRA, Eliezer Cardoso de. **Marketing Palavra de Vida: A lógica mercadológica da Assembleia de Deus no Brás**. 2017. 228 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)-Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.

ORO, Ari Pedro. O “neopentecostalismo macumbeiro”. **Revista USP**, São Paulo, n.68, p. 319-332, dez./fev. 2006. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13505/15323>>. Acesso em: 20 fev. 2014.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PARIZOT, Isabelle. A pesquisa por questionário. In: PAUGAM, Serge (Org.). **A pesquisa sociológica**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. p.85-101.

PEREIRA, Walter Nei. **Temas bíblicos na escola dominical da Igreja Assembléia de Deus (2000-2009): avaliação teológica e perspectivas**. 2011. 84f. Dissertação (Mestrado em Teologia)-Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, Rio Grande do Sul, 2011.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. Religiões e voto: a eleição presidencial de 1994. **Opinião Pública**, Campinas, vol. 3, n. 1, p.32-63, maio 1995. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/op/article/view/8640991/0>>. Acesso em: 08 jan. 2017.

PIERUCCI, Antônio Flávio. “Bye bye, Brasil”: o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, vol.18, n. 52, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a03v1852.pdf>>. Acesso: 28 dez. 2012.

_____. Religiões no Brasil. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). **Agenda brasileira: Temas de uma sociedade em mudança**. São Paulo: Cia das Letras, 2011. p. 471- 479.

_____. Sociologia da religião: Área impuramente acadêmica. MICELI, Sergio (Org.). **O que ler na ciência social brasileira (1970-1995)**. 2. ed. São Paulo: Sumaré& ANPOCS; Brasília: CAPES, 1999a. 2 v. p. 237-286.

_____. Interesses religiosos dos sociólogos da religião. In: STEIL, Carlos Alberto; ORO, Ari Pedro (Orgs.). **Globalização e religião**. 2ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes; Porto Alegre, RS: UFRGS, 1999b.

PINEZI, Ana Keila Mosca; JORGE, Érica Ferreira da Cunha. Revisitando dicotomias clássicas em *As formas elementares da vida religiosa*: sagrado x profano e religião x magia. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo/SP, v. 26, n. 42, p.83-98, jan./jun., 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/3418/3220>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, v. 05, n. 10, p. 200-215, Rio de Janeiro, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1941>>. Acesso em: 12 mar. 2014.

PREUSS, Larissa Pothin. **As telereleigiões no teleespaço público**: O programa Vitória em Cristo e a estratégia de mesclar evangelização e pregação política. 212 f. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação)- Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

QUEIROZ, José Benevides. As Formas Elementares: ponto de redefinição da sociologia durkheimiana? **Revista Sociologias** [online], Porto Alegre, ano 19, n. 44, p. 72-91, jan./abr., 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v19n44/1517-4522-soc-19-44-00072.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REZENDE, Elaine. Marketing Pentecostal: inovação e inspiração para conquistar o Brasil. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 20-41, jun. 2010. Disponível em: <https://www.pucsp.br/rever/rv2_2010/t_rezende.pdf>. Acesso em: 10 jun.2018.

RIBEIRO, Jorge Claudio. Georg Simmel, pensador da religiosidade moderna. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p. 109-126, 2006. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_ribeiro.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2018.

RIDENTI, Marcelo. Indústria cultural: da era do rádio à era da informática no Brasil. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Orgs.). **Agenda brasileira**: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RIUTORT, Philippie. **Compêndio de Sociologia**. Tradução de Márcio Anatóle de Souza Romeiro. São Paulo: Paulus, 2008.

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa**: Sociologia do protestantismo contemporâneo na América Latina. São Paulo: Olho d'Água, 2001.

RODRIGUES, Vinicius Emanuel. **“Venha o teu reino”**: representações do tempo na Igreja Evangélica Assembleia de Deus do Brasil (1995-2005). 2012. 150f. Dissertação (Mestrado em História Social)-Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

RODRIGUES, Elisa. *Insights* teóricos a partir de dois clássicos das Ciências Sociais da Religião: Durkheim e Weber. **Estudos de Religião**, São Bernardo do Campo/SP, v. 26, n. 42,

p. 156-171, jan./jun., 2012. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/3364/3224>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

ROLIM, Francisco Cartaxo. **Pentecostais no Brasil: Uma interpretação sócio-religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985.

SANCHIS, Pierre. A contribuição de Émile Durkheim. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). **Sociologia da religião: enfoques teóricos**. 4ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SANTANA, Luther King de Andrade. Religião e Mercado: a mídia empresarial religiosa. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, p. 54-67, 2005. Disponível em: <http://www.pucsp.br/rever/rv1_2005/p_santana.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2014.

SANTOS, Lyndon de Araújo. Protestantismo e pentecostalismo no Maranhão - séculos XIX e XX. In: SIEPIERSKI, Paulo D. ; GIL, Benedito M. (Orgs.). **Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens**. São Paulo: Paulinas, 2003. p. 141-153.

_____. O gospel, a prosperidade e o poder: uma análise da presença da religião evangélica no espaço público maranhense (1960-2010). CARREIRO, Gamaliel da Silva; SANTOS, Lyndon de Araújo; FERRETTI, Sérgio Figueiredo. (Orgs.). **Religião & religiosidades no Maranhão**. São Luís: EDUFMA, 2011. p. 17-37.

SANTOS, Suzy; CAPPARELLI, Sérgio. Crescei e multiplicai-vos: a explosão religiosa na televisão brasileira. **InTexto**, Porto Alegre, v. 11, p. 1-23, 2004. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/4071/4446>>. Acesso em: Acesso em: 20 fev. 2014.

SCALON, Celi. Estrutura social e mobilidade: uma análise da década de 90. In: SCALON, Celi. **Ensaio de estratificação**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvw, 2009. p. 17-41.

SCHWIKART, GEORG. **Dicionário ilustrado das religiões**. Tradução Clóvis Bovo. Aparecida, SP: Santuário, 2001. Disponível em: <<http://www.panib.org.br/pdf/Dicionario%20Ilustrado%20das%20Religi%C3%B5es.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 2015.

SILVA, Antonio Gilberto da. **Manual da Escola Dominical: um curso de treinamento para professores iniciantes e de atualização de professores veteranos da Escola Dominical**. 17. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

SILVA, Cláudio José da. **A doutrina dos usos e costumes na Assembléia de Deus**. 2003. 139 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)-Universidade católica de Goiás, Departamento de Filosofia e Teologia, Goiânia, 2003.

SILVA, Pekelman Halo Pereira. **As primeiras décadas do pentecostalismo assembleiano em São Luís (1921 a 1957)**. 72 f [155 f]. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)-Universidade Federal do Maranhão, Curso de História, São Luís, 2006.

SILVA, Rayfran Batista da. **A História da Assembleia de Deus no Maranhão: Assembleia de Deus em São Luís - 80 anos de pentecostes e evangelização**. São Luís: Edigraf, 2001.

_____. **História da Assembleia de Deus em São Luís**. São Luís: Shalom, 2012.

SIMMEL, Georg. **Religião: ensaios volume 2/2**. São Paulo: Olho d'Água, 2011.

SISTEMA IBGE DE RECUPERAÇÃO AUTOMÁTICA (SIDRA): Banco de tabelas estatísticas. Acervo. **Tabela 135 - População residente por religião, cor ou raça e sexo [1991]**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/135#resultado>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

_____. Acervo. **Tabela 137 - População residente, por religião [1991, 2000, 2010]**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/137#resultado>>. Acesso em: 22 jul. 2017.

SOUSA, Bertone de Oliveira. **Uma perspectiva histórica sobre construções de identidades religiosas - A Assembleia de Deus em Imperatriz-MA (1986-2009)**. 2010.166 f. Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2010.

_____. A Teologia da Prosperidade e a redefinição do protestantismo brasileiro: uma abordagem à luz da análise do discurso. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Maringá/PR, ano 4, n. 11, p. 221-245, set. 2011. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/30407/15991>> Acesso em: 24 mar. 2018.

SOUZA, Estevam Ângelo de Souza. **Os rastros de um Servo**. São Luís, [s. n]: 1994. Não publicado.

SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá. Prefácio: A compreensão de um paradoxo. In: SOUZA, Beatriz Muniz de; MARTINO, Luís Mauro Sá (Orgs.). **Sociologia da religião e mudança social: católicos, protestantes e novos movimentos religiosos no Brasil**. São Paulo: Paulus, 2004. p. 8-10.

SOUZA, Benjamin Ângelo de. **Luz, Câmera... Milagre!** A história da Rede Boas Novas. 2. ed. Manaus, AM: Fundação Boas Novas, 2007.

SOUZA, Gideane Moraes de. **Silas Malafaia: Seus desejos e modelos - Um estudo a partir da teoria do desejo mimético de René Girard**. 2016. 119 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião)- Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2016.

STEIL, Carlos Alberto. Pluralismo, modernidade e tradição. Transformações do campo religioso. **Ciencias Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, ano 3, n. 3, p. 115-129, out. 2001. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/CienciasSociaisReligiao/article/download/2172/892>. Acesso: 12 out. 2015.

TOMÁZ, Gilmar Caetano. **A conflituosa relação das Assembleias de Deus brasileiras e a televisão: da proibição à aceitabilidade**. 2015. 194 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social)-Universidade Metodista de São Paulo, Faculdade de Comunicação, São Bernardo Do Campo, São Paulo, 2015.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 13. ed. Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

VANDENBERGHE, Frédéric. Prefácio: Misticismo sem Deus. IN: SIMMEL, Georg. **Religião**: ensaios volume 1/2. São Paulo: Olho d'Água, 2010. p. v-xxxvi

VAZ, José Augusto Borges. **Conversão, visão e missão**: Um estudo biográfico do Pastor Estevam Ângelo de Souza da Igreja Assembleia de Deus no Maranhão (1957-2008). 79 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação)-Universidade Federal do Maranhão, Curso de História, São Luís, 2008.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 5. ed. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Pioneira, 1987.

_____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília, DF: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 1999a. 1 v.

_____. **Economia e sociedade**: fundamentos da sociologia compreensiva. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; Revisão técnica de Gabriel Cohn. Brasília, DF: UnB; São Paulo: Imprensa Oficial, 1999b. 2 v.

WEISS, Raquel. Alguns elementos da sociologia da religião de Max Weber. [S.L.], p. 1-16, dez., 2005. Disponível em: <https://www.academia.edu/2296287/Alguns_Elementos_da_Sociologia_da_Religi%C3%A3o_de_Max_Weber>. Acesso em: 05 maio 2018.

WILLAIME, Jean-Paul. **Sociologia das religiões**. São Paulo: UNESP, 2012.

_____. Max Weber (1864-1920). In: HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAME, Jean- Paul. **Sociologia e religião**: abordagens clássicas. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Ideias & Letras, 2009. p. 71-124.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Roteiro de entrevista com o pastor- presidente da AD - *Campo São Luís*



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Roteiro de entrevista – Pastor-presidente da *AD - Campo São Luís*

1. Pr. Coutinho, conte um pouco sobre sua história de vida (onde nasceu, como foi sua conversão, como foi seu chamado para ministério...).
2. Desde 1996, o Sr. foi eleito presidente da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís*. Conte um pouco como foi o processo de escolha, das suas eleições...
3. Como o Sr. tem conduzido a *AD - Campo São Luís*?
4. Quais foram as mudanças e transformações depois que assumiu a presidência da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís*?
5. A Rádio Esperança é um órgão da Igreja. Qual a importância da Rádio Esperança para a *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís*?
6. Como era a Rádio Esperança na época que assumiu como a liderança da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís*?
7. Pr. Coutinho, a Rádio Esperança passou por mudanças depois que assumiu a presidência da *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís*? Mudou seus enfoques e objetivos?
8. Por fim, atualmente, a Assembleia de Deus é maior igreja pentecostal de São Luís. No seu ponto de vista, quais foram ou são os fatores do crescimento da AD?
9. O Sr. acredita que a Rádio Esperança ajudou no crescimento da Igreja. Se “sim”, como e de que forma?

Muito obrigada!

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com o primeiro diretor da Rádio Esperança



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Roteiro de entrevista – Primeiro diretor da Rádio Esperança

1. Pr. Benjamin, o Sr. é filho do Pr. Estevam Ângelo de Souza, o principal líder evangélico do Estado do Maranhão. Com qual objetivo a Rádio Esperança foi fundada? Qual era o papel/ função que a rádio tinha/desempenhava para a *Igreja Evangélica Assembleia de Deus em São Luís*?
2. O Sr. foi o primeiro diretor da Rádio Esperança e idealizador das primeiras programações. O Sr. conseguiria fazer um panorama, no período que esteve na rádio, como era a Esperança e sua estrutura geral:
 - grade de programação
 - quantos programas
 - quantos apresentadores
 - quantos mulheres e quantos homens,
 - quais programas eram mais populares
 - a rádio funcionava manhã, tarde e noite
 - programação era mais ouvida
 - formação dos apresentadores etc.
3. Pr. Benjamin, quais eram as ênfases e enfoques das programações? Ou mais: de que modo, as programações eram construídas, organizadas, sob que parâmetros, pontos de vista, objetivos etc.
4. Qual era o discurso da Rádio Esperança? Como a rádio organizava suas mensagens?
5. Os objetivos das programações da Rádio Esperança objetivavam o crescimento da Igreja? Se “sim”, o Sr. acredita que a rádio contribuiu ou contribui para esse crescimento? Como? De que forma?
6. A “história oficial” da AD em São Luís não o coloca como primeiro diretor da Rádio Esperança. Como ficou sua relação com a Igreja depois do falecimento do Pr. Estevam Ângelo de Souza?
7. Pr. Benjamin havia alguma relação da Rádio Esperança com a política? Se “sim” de que forma se dava essa relação?
8. Pr. Benjamin, o Sr. era líder da juventude da AD nos 90. Conte um pouco sobre esses momentos... O que era a UNILIDER?
9. O Sr. poderia falar sobre a AEvB- Associação Brasileira Evangélica do Brasil ?
10. Pr. Benjamin, o Sr. poderia falar sobre o processo de eleições que aconteceram após o falecimento do seu pai, na qual José Guimarães Coutinho foi eleito?
11. Que situações/momentos marcantes o Sr. gostaria de comentar sobre a rádio?
12. O Sr. gostaria de acrescentar algo que não foi perguntado e acha importante?

Muito obrigada!

APÊNDICE C - Roteiro de entrevista com os apresentadores (as) da Rádio FM Esperança



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Roteiro de entrevista – Apresentador (a)

1. Primeiramente, queria agradecer pela solicitude em conceder entrevista. Conte um pouco sua história de vida (onde nasceu, se a família já frequentava igreja, começo na igreja, se era evangélico (a) da Assembleia de Deus, quanto tempo de evangélico (a), sua formação...).
2. O (a) Sr. (a) foi pioneiro (a) na Rádio Esperança. Qual (is) cargo (s) ocupou? Como chegou ao (s) cargo(s)? Tinha experiência profissional?
3. Na Rádio Esperança, qual (is) programa (s) apresentava? Era(m) de quantas horas, qual (is) o(s) dia(s) da semana, qual (is) o(s) horário(s)?
4. Quando tempo ficou na rádio. Por que saiu? Ficou como apresentador em qual época e em qual direção?
5. O (a) Sr. (a) conseguiria fazer um panorama, no período que esteve na emissora, como era a Rádio Esperança e sua estrutura geral:
 - grade de programação
 - quantos programas
 - quantos apresentadores
 - quantos mulheres e quantos homens,
 - quais programas eram mais populares
 - a rádio funcionava manhã, tarde e noite
 - programação era mais ouvida
 - formação dos apresentadores etc.
6. O (a) Sr. (a) foi um dos primeiros apresentadores das programações da Esperança. Conseguiria falar, quais os aspectos, pontos de vistas, objetivos eram levados em consideração na construção dessas programações?
7. As programações da Rádio Esperança seguiam o padrão dos cultos da Assembleia de Deus em São Luís? Era mais evangelizadora, doutrinária, proselitista? Ou tinha uma programação voltada para entreter os ouvintes em geral, sem muito teor teológico, bíblico?
8. Qual era a preocupação da Rádio Esperança nesse período? Quero dizer, a visão da rádio, o que ela pretendia?
9. De que forma se dava a comunicação entre apresentadores e ouvintes?
10. Havia alguma forma e/ou meio, digamos assim, para aumentar a interação com o público? Por exemplo, sorteios, premiação etc.?
11. A AD - Campo São Luís é proprietária da Rádio Esperança. Saberia/poderia falar como a Igreja investia nessa rádio?
12. As programações tinham colaboradores, patrocinadores, financiadores...? Se “sim”, quem eram seus financiadores, quem a ajudava na manutenção das programações?
13. A rádio tinha uma preocupação na busca de patrocinadores?

14. Como a Rádio Esperança se situava dentro do mercado radiofônico em São Luís? Pergunto: como se situava frente às outras rádios comerciais na capital? Ou ainda: como a rádio agia e planejava financeiramente a sua atuação dentro do mercado radiofônico secular maranhense?
15. A rádio teve dificuldade de se manter no mercado frente às outras emissoras? Seus programas e anúncios eram diferentes? Se “sim”, em quais sentidos e aspectos?
16. No período da rádio tinha uma preocupação com os *shows* gospel, gincanas, ações da rádio... Qual era o propósito desses eventos e a relação com a rádio?
17. O (a) Sr. (a) saberia, se antes da AD adquirir a rádio, a igreja tinha oportunidades e dificuldades na aquisição de tempo e espaço nas emissoras em São Luís? Era fácil a Igreja adquirir espaço? Os donos de rádio concediam espaços para a Igreja com facilidade?
18. Por fim, atualmente, a AD é maior igreja pentecostal de São Luís. O (a) Sr. (a) acredita que a Rádio Esperança e suas programações teve/tiveram alguma influência no crescimento?
19. Que situações/momentos marcantes o (a) Sr. (a) gostaria de comentar sobre a rádio?
20. O (a) Sr. (a) gostaria de acrescentar algo que não foi perguntado e acha importante?

Muito obrigada.

APÊNDICE D - Questionário aplicado com os fiéis da ADISL



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

Questionário aplicado aos fiéis da ADISL

DIMENSÃO: PERFIL

1. Idade do entrevistado:		
1.1. De 18 a 25 ()	1.4. De 36 a 40 ()	1.7. De 51 a 55 ()
1.2. De 26 a 30 ()	1.5. De 41 a 45 ()	1.8. De 56 a 60 ()
1.3. De 31 a 35 ()	1.6. De 46 a 50 ()	1.9. Mais de 60 ()
2. Profissão:		
2.1. Comerciante/a ()	2.5. Funcionário/a público/a ()	2.9. Profissional liberal ()
2.2. Operário/a ()	2.6. Dona de casa ()	2.10. Militar ()
2.3. Autônomo/a	2.7. Setor de serviço ()	2.11. Aposentado/a ()
2.4. Agricultor /a ()	2.8. Estudante ()	2.12. Desempregado
3. Sexo:		
3.1. Feminino ()	3.2. Masculino ()	
4. Naturalidade:		
4.1. Ilha de São Luís ()	4.3. Outros estados ()	4.2. Interior do Maranhão ()
5. Estado Civil:		
5.1. Solteiro/a ()	5.3. União Estável ()	5.5. Separado(a)/Divorciado(a) ()
5.2. Casado/a ()	5.4. Viúvo/a ()	
6. Grau de Escolaridade:		
6.1. Analfabeto ()	6.4. Médio incompleto ()	6.7. Superior completo ()
6.2. Fundamental incompleto ()	6.5. Médio completo ()	6.8. Pós-graduando ()
6.3. Fundamental completo ()	6.6. Superior incompleto ()	6.9. Pós-graduado ()
7. Renda Familiar:		
7.1. Menos de 1 SM ()	7.3. De 4 a 6 SMs ()	7.5. Mais de 10 SMs ()
7.2. De 1 a 3 SMs ()	7.4. De 7 a 9 SMs ()	
8. Qual é a religião de seus pais?		
8.1. Católicos ()	8.4. Ateístas ()	8.7. Outra: _____
8.2. Protestantes/Evangélicos ()	8.5. Espíritas ()	
8.3. Seguem alguma religião afro ()	8.6. Sem religião ()	
OBS: Caso a resposta não seja "protestantes/evangélicos", pular para a questão 11.		
9. Seus pais fazem parte de AD?		
9.1. Sim ()	9.2. Não ()	
OBS.: Caso a resposta seja "não", pular para a questão 11.		
10. Há quanto tempo eles seguem a AD?		
10.1. Menos de 1 ano ()	10.5. De 16 a 20 anos ()	
10.2. De 1 a 5 anos ()	10.6. Mais de 20 anos ()	
10.3. De 6 a 10 anos ()	10.7. Sempre seguiram essa religião ()	
10.4. De 11 a 15 anos ()		
11. Você sempre pertenceu à AD?		
11.1. Sim ()	11.2. Não ()	
OBS.: Caso a resposta seja "sim", pular para a questão 15.		
12. Qual era sua religião anteriormente?		
12.1. Católica ()	12.5. Ateísta ()	
12.2. Protestante/Evangélica ()	12.6. Sem religião ()	
12.3. Seguia alguma religião afro ()	12.7. Outra: _____	
12.4. Espírita ()		

13. Como você se tornou fiel da AD?	
13.1. A partir de cultos na própria Igreja ()	13.4. Pelos meios de comunicação ()
13.2. A partir de cultos públicos ()	13.5. Outro: _____
13.3. Por meio de evangelização em casa ()	
14. Há quanto tempo você segue a AD?	
14.1. Menos de 1 ano ()	14.5. De 16 a 20 anos ()
14.2. De 1 a 5 anos ()	14.6. Mais de 20 anos ()
14.3. De 6 a 10 anos ()	14.7. Sempre seguiu essa religião ()
14.4. De 11 a 15 anos ()	
15. O que o/a mantém fiel da AD?	
15.1. Busca por conforto espiritual ()	15.4. Problemas de família ()
15.2. Problemas de saúde ()	15.5. Outro: _____
15.3. Problemas financeiros ()	
16. Quantas vezes por semana você frequenta os cultos da AD?	
16.1. De 1 a 2 vezes ()	16.4. Mais de 4 vezes ()
16.2. De 3 a 4 vezes ()	16.5. Raramente ()

DIMENSÃO: MÍDIA

17. Você utiliza mídias em sua relação com AD?		
17.1. Sim ()	17.2. Não ()	
- OBS: Se a resposta for "não", pular para a <i>questão 22</i> .		
18. Quais mídias você utiliza?		
18.1. Rádio ()	18.4. Rádio e televisão ()	18.7. Rádio/televisão/internet ()
18.2. Televisão ()	18.5. Rádio e internet ()	18.8. Jornal/revista ()
18.3. Internet ()	18.6. Televisão e internet ()	
19. Você ouve ou assiste programas evangélicos nacionais?		
19.1. Sim () Quais: _____		

19.2. Não ()		
20. Você ouve ou assiste programas evangélicos locais?		
20.1. Sim () Quais: _____		

20.2. Não ()		
21. Com que frequência você ouve/assiste programas religiosos?		
21.1. Todos os dias ()	21.3. De 3 a 5 vezes por semana ()	
21.2. De 1 a 2 vezes por semana ()	21.4. De 5 a 6 vezes por semana ()	
21.5. Com frequência, mas não sabe precisar quanto ()		
22. Os programas evangélicos são importantes para sua fé?		
22.1. Sim () Por quê? _____		

22.2. Não () Por quê? _____		

23. Em sua opinião, a existência e o uso de redes de rádio/televisão contribui na conversão das pessoas?		

23.1. Sim ()	23.2. Não ()	
24. Você ouve a Rádio Esperança?		
24.1. Sim ()	24.2. Não ()	
- Se "sim", desde quando: _____		
-OBS.: Se a resposta for "sim", pular para a <i>questão 26</i> .		
25. Por que você não ouve a Rádio Esperança?		
25.1. Programação musical ()	25.4. Muito comercial ()	
25.2. Locutores ()	25.5. Sinal é ruim ()	
25.3. Notícias ()	25.6. Outra: _____	
-OBS.: Se a resposta da <i>questão anterior (24)</i> for "não", a entrevista se encerra.		
26. O que você acha da programação apresentada pela Rádio Esperança?		
26.1. Ótimo ()	26.3. Bom ()	26.5. Péssimo ()
26.2. Muito bom ()	26.4 Regular ()	
27. Por quais motivos costuma ouvir a Esperança?		
27.1. Para me informar/saber notícias ()	27.5. Para estudar ()	
27.2. Para me divertir/como entretenimento ()	27.6. Outro: _____	
27.4. Como companhia para mim ()		
28. Você costuma adquirir produtos e/ou serviços anunciados pela Rádio Esperança?		
28.1. Sim ()	28.2. Não ()	
-OBS.: Se a resposta for "não", pular para a <i>questão 30</i> .		
29. Quais produtos e/ou serviços você costuma adquirir a partir das propagandas da Rádio Esperança?		
29.1. Serviços ()	29.5. Saúde ()	
29.2. Vestuário ()	29.6. Material de construção ()	
29.3. Educação	29.7. Comércio em geral ()	
29.4. Alimentação ()		
30. Quantas vezes por semana você ouve a Rádio Esperança?		
30.1. Todos os dias ()	30.3. Duas a três vezes por semana ()	
30.2. Uma vez por semana ()	30.4. Mais de três vezes por semana ()	
30.5. Com frequência, mas não sabe precisar quanto ()		
31. Quais os tipos de participação você tem na Rádio Esperança?		
31.1. Participação de programas por meio de cartas ()	31.5. Por telefone ()	
31.2. Por meio de e-mails ()	31.6. Por telefone ()	
31.3. Por meio de redes sociais ()	31.7 Não participa ()	
31.4 Por meio de redes sociais ()		
OBS.: Se a resposta for "não participa", pular a <i>questão 33</i> .		
32. A sua participação ocorre de que forma?		
32.1 Pedindo músicas ()	32.4 Dando testemunhos ()	
32.2 Participando de promoções diversas ()	32.5 Outra:	
32.3 Participando de programas debate/opinião ()		
33. Em geral, onde você costuma ouvir programação da Esperança?		
33.1. Em casa ()	33.3. No ônibus ()	33.5. Noutro lugar ()
33.2. No carro ()	33.4. No trabalho ()	
34. Você comenta os programas da Esperança junto aos seus familiares, grupos de amigos ou colegas de trabalho?		
34.1 Com familiares ()	34.3 Com colegas de trabalho ()	
34.2. Com grupos de amigos ()	34.4. Com colegas de escola/faculdade ()	
34.5 Não comenta ()		

APÊNDICE E – Programas da IIGD e IURD na Rede Bandeirantes

Emissora	Programação da IIGD						
Rede Bandeirantes	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
	21h10	21h10	21h10	21h05	21h10	21h10	-
	Programação da IURD						
	3h45	3h	3h15	3h50	3h	-	3h

Disponível em: <<https://www.band.uol.com.br/tv/rn/programacao.asp>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

APÊNDICE F – Programas da IIGD e IURD na Rede TV

Emissora	Programação da IIGD						
Rede TV	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
	5h 20h30	3h 5h 20h30	3h 5h 20h30	3h 5h 20h30	3h 5h 20h30	3h 20h30	3h
	Programação da IURD						
	12h 17h	2h 12h 17h	1h30 12h 17h	2h 12h 17h	1h30 12h 17h	1h30 11h	8h

Disponível em: <<http://www2.redeTV.uol.com.br/programacao/>>. Acesso em: 06 jul. 2018.

APÊNDICE G – Programas da IURD na Rede Record

Emissora	Programação da IURD						
Rede Record	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
	2h	1h15 2h	1h15 2h	1h15 2h	1h15 2h	6h30	1h15 2h 6h 7h

Disponível em: <<http://recordtv.r7.com/programacao/>>. Acesso em: 06 jul. 2018.